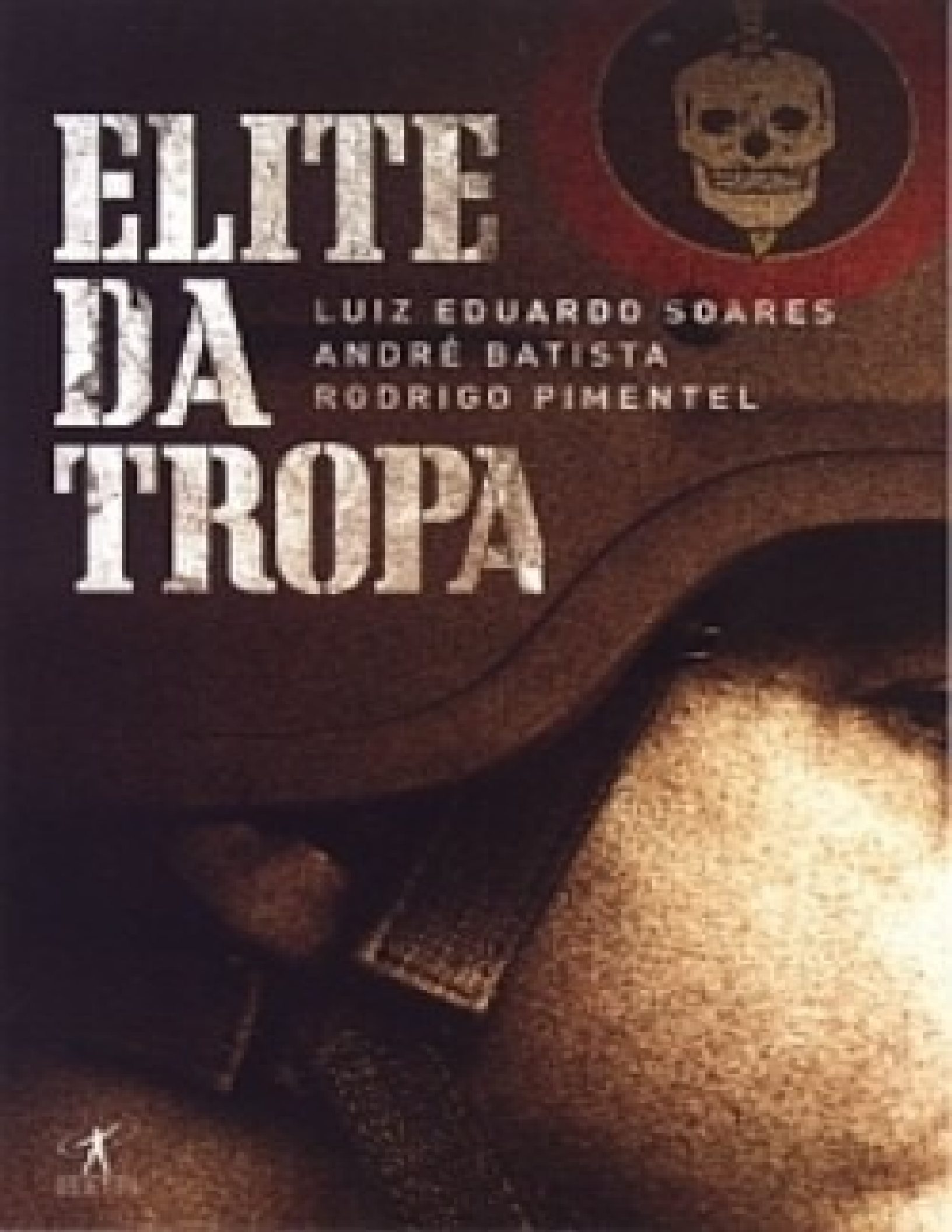
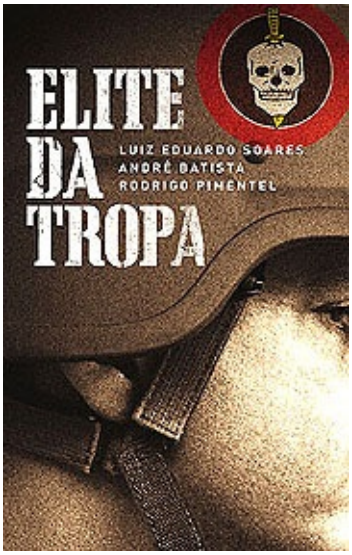
ELITE DA TROPA

LUIZ EDUARDO SOARES
ANDRÉ BATISTA
RODRIGO PIMENTEL





http://br.groups.yahoo.com/group/digital_source/

ELITE

DA

TROPA

LUIZ EDUARDO SOARES

ANDRÉ

BATISTA

RODRIGO PIMENTEL

Prefácio

Há quem pense que as pessoas se corrompem porque ganham pouco. Raciocínio estranho. Afinal, há milhões de pobres, no Brasil: gente séria e honesta. Por outro lado, os crimes de colarinho branco multiplicam-se feito epidemia. E há o próprio caso do Batalhão de Operações Policiais Especiais, o BOPE, da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro, que até

recentemente era um grupo pequeno e fechado, composto por 150 homens treinados para ser a melhor guerra urbana do mundo. Eles recebiam o mesmo salário de seus colegas da polícia convencional, mas eram incorruptíveis. Foram acusados de brutalidade desmedida, mas sua honestidade foi amplamente reconhecida.

Qual o antídoto para a corrupção? Na história do BOPE, a resposta foi uma só: orgulho. Orgulho pessoal e profissional. Respeito ao uniforme negro. Antes a morte que a desonra. O processo de seleção era tão difícil e doloroso, o ritual de passagem era tão difícil e doloroso, o ritual de passagem era tão dramático, que o pertencimento passou a ser o bem mais precioso. Ser membro do BOPE, partilhar dessa identidade, converteu-se no patrimônio mais valioso. A auto-estima não tem preço. Portanto, não se negocia.

Quem escala o Himalaia não se agarra ao dinheiro. O maratonista não corre atrás do lucro. O guerreiro, que estende o risco ao limite extremo, não mira o pagamento. O alvo é a glória, recompensa muito maior que os bens materiais. O monge que fustiga o corpo não quer levar vantagem. A ambição é mais elevada: o contato com o sagrado.

As emoções são labirintos complicados. Pode ocorrer, na contramão do bom senso, o encontro inusitado entre honra e desonra, numa dobra improvável da alma humana, ou numa esquina obscura da cidade. Sob a forma, por exemplo, da mistura de violência com fidelidade, desrespeito e lealdade. Era aí que morava o maior perigo para o BOPE, em sua época

áurea, isto é, antes de se tornar o Batalhão que é hoje, formado por quatrocentos homens e mais parecido — em todos os sentidos — com os demais batalhões da polícia convencional do que jamais se permitira ser no passado.

O embrião do BOPE — o Núcleo da Companhia de Operações Especiais da PMRJ — foi criado em 19 de janeiro de 1978, sob inspiração do então capitão PM Paulo César Amêndola de Souza, mas apenas em 1991 foi batizado com o nome atual. O BOPE não foi preparado para enfrentar os desafios da segurança pública. Foi concebido e adestrado para ser máquina de guerra. Não foi treinado para lidar com cidadãos e controlar infratores, mas para invadir territórios inimigos. Tropas similares servem-se de profissionais maduros. O BOPE acelerava meninos de 20 e poucos anos até

a velocidade de cruzeiro do combate bélico. Vamos cobrar a loucura da guerra a quem foi treinado para matar?

Nos exercícios diários, os soldados do BOPE aprendem a entoar seus cantos de guerra:

"Homem

de

preto,

qual é sua missão?

É invadir favela

e deixar corpo no chão."

"Você sabe quem eu sou?

Sou o maldito cão de guerra.

Sou

treinado

para

matar.

Mesmo que custe minha vida,

a missão será cumprida,

seja ela onde for

— espalhando a violência, a morte e o terror."

"Sou

aquele

combatente,

que tem o rosto mascarado;

uma tarja negra e amarela,

4

que ostento em meus braços

me faz ser incomum:

um mensageiro da morte.

Posso provar que sou um forte,

isso se você viver. Eu sou... herói da nação."

"Alegria,

alegria,

sinto no meu coração,

pois já raiou um novo dia,

já vou cumprir minha missão.

Vou me infiltrar numa favela

com meu fuzil na mão,

vou combater o inimigo,

provocar

destruição."

Se perguntas de onde venho

e qual é minha missão:

trago a morte e o desespero,

e a total destruição."

"Sangue frio em minhas veias,

congelou

meu

coração,

nós não temos sentimentos,

nem

tampouco

compaixão,

nós amamos os cursados

e

odiamos

pés-de-cão.*

"Comandos,

comandos,

e o que mais vocês são?

Somos apenas

* Cursados são os membros do BOPE; pés-de-cão são os policiais militares convencionais.

5

malditos cães de guerra,

somos

apenas

selvagens cães de guerra."

O BOPE é a principal referência deste livro — diretamente na primeira parte, e indiretamente, na segunda. Mas a polícia não se resume ao Batalhão de Operações Policiais Especiais. E os dramas cotidianos da violência não envolvem apenas a elite da tropa. Todos os dias, no estado do Rio de Janeiro, um grande número de policiais arrisca a vida no cumprimento de seu dever constitucional, com dignidade e coragem. Eles recebem salários desproporcionais às ameaças que enfrentam e à

importância de sua função. Muitos sofrem danos físicos e mentais. As baixas fatais contam-se às centenas. Trabalham freqüentemente, em condições precárias e incompatíveis com a complexidade de sua missão, tanto preventiva, quanto investigativa e repressiva. Além disso, têm visto sua imagem pública degradar. Casos sucessivos de corrupção e brutalidade feriram de morte, no Rio, a confiança da sociedade em suas polícias, as quais, por sua vez, nem sempre souberam compreender a natureza de seu papel, numa república como a brasileira, regida pelo Estado Democrático de Direito.

Este livro foi escrito com o propósito de enriquecer o processo de reflexão dos policiais e da opinião pública. Seu objetivo não é depreciar os profissionais da

segurança, mas valorizá-los; não é atingir as instituições, mas promover seu aperfeiçoamento. Não há democracia sem polícia. Se desejamos construir uma sociedade justa e democrática não podemos deixar as polícias à margem e à deriva — quando falamos de polícias, estamos nos referindo a um universo de cerca de 45 mil profissionais, no Rio, e 550 mil, no Brasil.

Os três autores sonhamos com o dia em que poderemos celebrar, no Rio de Janeiro, a reconciliação entre a sociedade e as instituições policiais, entre os membros de cada comunidade e os policiais. Para que esse

momento se realize, é preciso, no entanto, como ensinou Nelson Mandela, olhar nos olhos a verdade e reconhecê-la, sem meias palavras e subterfúgios, sem hipocrisia e retórica política. Nua e crua. Mesmo que seja dolorosa e disforme. Mesmo que a encontremos apenas pelas mediações da ficção.

"Verdade e reconciliação", ele dizia, quando derrotou o apartheid. Só se alcança a reconciliação, atravessando-se o duro momento da verdade. A psicanálise também demonstra que o luto é uma etapa necessária à

superação do sofrimento. O luto supõe o reconhecimento das perdas. Elite da Tropa é dedicado aos que trabalham, nas polícias e fora delas, para que a reconciliação seja um dia possível. Os relatos que compõem este livro são ficcionais, no sentido de que todos os cenários, fatos e personagens foram alterados, recombinados e tiveram seus nomes trocados. Se, por acaso, nossa imaginação se equiparar ao que efetivamente acontece, talvez isso decorra do fato de termos escrito este livro a partir das nossas experiências, e de termos vivido, cada um à sua maneira, a realidade da segurança pública do Rio de Janeiro.

Luiz Eduardo Soares,

André Batista e

Rodrigo Pimentel

Diário da Guerra

8

Tiro Amigo

A notícia sobre o Amâncio me pegou de surpresa. Talvez seja uma bobagem dizer isso. Claro que foi uma surpresa. Quem é que poderia estar preparado para saber, de uma hora para outra, que um de seus melhores amigos levou um tiro de fuzil nas costas e está entre a vida e a morte, num Centro de Tratamento Intensivo hospital militar? Mais que surpresa; foi quase um tiro que eu levei. Ele era policial também, ex-sargento do BOPE. Deu baixa quando nasceu o primeiro filho. A mulher pediu e ele achou que a preocupação dela fazia sentido. Engraçado. Quando a gente está no BOPE, praticamente não pensa no perigo. Mas o perigo é nosso companheiro permanente. Tanto que nunca deveria soar surpreendente a notícia de que algum colega foi ferido e está entre a vida e a morte em um CTI. Talvez o caso do Amâncio seja tão chocante justamente por ele já ter saído do BOPE e pelas razões que o haviam levado a sair. Era uma puta ironia que ele tivesse sobrevivido a tantas dezenas de incursões do BOPE

nas favelas mais perigosas e acabasse alvejado daquele jeito, numa tarde de domingo, quando se preparava para voltar para casa, no final de um plantão de 24 horas, provavelmente louco para rever a mulher e o filho. Ele estava lotado na P2 do 2o. Batalhão. P2 é o setor responsável pelo serviço de inteligência. Segundo as leis, a P2 deveria voltar-se exclusivamente para os desvios de conduta dos colegas do próprio Batalhão. Mas não é nada disso o que acontece. Como a Polícia Civil, com raras exceções, não investiga porra nenhuma, é a P2 que faz campana* na entrada das favelas, grampeia os

* No vocabulário policial, fazer campana significa vigiar, espreitar sem ser visto. (N. dos A.)

9

telefones dos traficantes e segue os suspeitos pela cidade. Por isso, os policiais lotados nas P2 andam em carros civis, com chapa fria. Há várias vantagens em ser policial. Uma delas é conhecer todo mundo no hospital militar. Na guerra urbana, há sempre o que fazer por lá. A gente passa levando gente, visitando, telefonando para saber notícias. Portanto, você pode entender por que não foi difícil entrar no CTI, contrariando prescrições médicas. Sentei ao lado do Amâncio, todo plugado, e segurei sua mão. Ele abriu os olhos, ensaiou um meio

sorriso, fechou os olhos e sussurrou: "Não foi nas costas porra nenhuma. Foi na barriga. Tiro na barriga." Senti um tremor que me atravessa o corpo quando estou prestes a explodir. Falando assim, dou até a impressão de que sou uma arma. Quem explode é granada. Mas tem situações em que eu me sinto uma arma. Mais especificamente, uma granada. Nesse caso, a metáfora é bem apropriada. Amando apertou minha mão e brincou: "Lembra da granada?"

"Claro, porra, quem é que poderia esquecer?", eu disse. "Ávida de toda a turma esteve em sua mão. Literalmente."

UMA CLAREIRA NA SERRA DO MAR, INVERNO, TRÊS DA MANHÃ, ALGUNS ANOS

ANTES

Para você não perder o fio da meada, é importante conhecer a história da granada. Mas para isso, é preciso que a gente deixe o hospital, um momento, e volte no tempo, até as provas de ingresso no BOPE. Depois de cavalgar 100 quilômetros, sem arreio e sem descanso, mortos de fome e sede, completamente devastados pelo esgotamento com as coxas e a bunda em carne viva, nós tínhamos a opção de sentar ou não na bacia com salmoura. A experiência mostrou que valia a pena sentar, mesmo ao preço de uma dor lancinante. Alguns desmaiavam de dor. Ainda assim, era melhor. Quem se poupava, no dia seguinte não conseguia nem se mexer: as feridas inflamadas, cobertas de pus; a coxa, o saco e a bunda inchados. Resultado: imobilizados, eram reprovados. E o pior era o ritual de

humilhação do desligamento: tinham de cavar a sepultura e simular a própria morte, deitando-se no fundo da cova.

Vamos saltar a salmoura, porque depois é que vem o melhor — ou o pior, depende do ponto de vista. Enquanto alguns cavalos morrem de fadiga

— não estou exagerando, morrem mesmo —, a comida é servida. Mas se você

está pensando em um farto e saboroso bandejão, engana-se. A comida é

jogada sobre uma lona, estendida no chão — lembre-se de que estamos em pleno

campo e que é noite de inverno. Temos dois minutos para comer. Eu disse "dois minutos". Com as mãos. Coma o que puder, como puder — é o lema. Vale tudo. Nessas horas é que a gente vê que, reduzido ao nosso mínimo denominador comum fisiológico, somos todos, os humanos, entre nós parecidos, e semelhantes aos mamíferos inferiores. A briga pela sobrevivência é um troço feio de ver e pior ainda de sentir. Mas depois da tempestade vem a bonança, assim como depois da experiência física extrema, vem a contemplação, a abstração e o adestramento intelectual. Agora, procure imaginar o seguinte: um bando de marmanjos sujos, enlameados, fedendo a cavalo, com o saco esfolado, a bunda e as coxas queimando, exauridos até a última gota de energia, ainda cheios de fome e sede, com as unhas negras repletas de vestígios do jantar, as mãos ensebadas, obrigados a assistir a uma longa aula teórica e entediante sobre táticas antiguerrilha, em que não há referência a ações, apenas aos conceitos fundamentais.

Adicione o seguinte ingrediente: a aula era lida, em tom propositalmente hipnótico. Éramos um bando de enfermos, sonâmbulos, espectros. Arregalávamos os olhos, sabendo que um cochilo custaria muito caro. Amâncio não resistiu e bateu a cabeça, embriagado de sono. O

professor se ergueu devagar. Dirigiu-se até ele. Mandou que ficasse de cócoras sobre um tronco, tirou do cinto uma granada, puxou o pino e colocou-a na mão direita do aluno relapso. Um deslize seria o fim daquela simpática e brava matilha. Dali em diante, ninguém tirou os olhos do

Amâncio — todos vigiando a vigília do colega. O pavor nos despertou como não faria o melhor café quente e amargo.

DE VOLTA AO CTI

"Nós estávamos na sua mão", repeti. Amâncio mantinha o meio sorriso armado, como uma tenda no acampamento da tropa. O combate agora era dele, só dele. Ele estava só, com a granada amarrada à mão. Apertei sua mão para ele saber que eu continuava a seu lado. "Sabe o que aconteceu? O que realmente aconteceu?", perguntou com um fio de voz. Eu lhe disse que era melhor não falar, ele precisaria de toda energia disponível para resistir àquela batalha e vencê-la. Não quis fazer drama e falar assim, com imagens de guerra pela vida e

essas coisas que ficam bonitas num livro, mas fazem um mal danado quando ditas ao pé do leito de morte de quem sabe que não há batalha porra nenhuma; o que há é um massacre sem comiseração.

Mas ele insistiu. Foi assim que fiquei sabendo o que se passou na tarde daquele domingo.

SANTA TERESA, DOMINGO, QUATRO DA TARDE

Este é o relato fiel do que Amâncio contou: "Eu e meu parceiro voltávamos para o 2o. Batalhão no Gol descaracterizado que a gente usava em algumas missões. Estávamos na rua Almirante Alexandrino, em Santa Teresa, porque tínhamos seguido um cara que fazia a ligação entre os traficantes do morro Santa Marta e os vagabundos do Tabajara. Mas perdemos o cara e, como já tinham passado as 24 horas de nosso plantão, resolvemos voltar. Ali em cima, perto da favela do Balé, tem uma bifurcação. Queríamos descer para o Cosme Velho e Laranjeiras, mas o meu parceiro, que dirigia o carro, pegou o lado errado. Quando a gente viu, estava num declive muito íngreme que nos levava direto para o miolo da favela.

Não dava para recuar, nem para frear, abandonar o carro e correr a pé, de volta. A gente praticamente deslizava para o meio da favela. Nosso carro era uma bandeira só. Porra, dois homens, num Gol daqueles, ou a gente era bandido ou polícia. Nos dois casos iríamos tomar tiro. O carro seguiu devagar, ladeira abaixo, e já dava pra ver que os traficantes estavam reunidos bem no meio da rua. Estavam distribuindo as cargas e as armas. Tive a intuição de que a gente só tinha uma saída, acelerar.

"Gritei: acelera, pisa até o fundo e abaixa a cabeça. Parecia um strike no jogo de boliche. O carro disparou ladeira abaixo e nós pegamos uns três ou quatro. Foi uma puta porrada; voou moleque pra todo lado; o carro capotou algumas vezes. Consegui escapar, no meio uma chuva de bala. Corri atirando e buscando uma cobertura. Não o que aconteceu com o Amílcar. Não pude mais olhar pra trás. Só fiz correr pelos becos na direção oposta à

da entrada. Você deve se lembrar da favela. Ela fica num vale, entre a ladeira que desce de Santa Teresa e a escadaria que sobe, na outra ponta. Fugi pra escadaria. Eles não me seguiram. Devem ter ficado cuidando dos feridos. Vai ver que o chefe estava entre os atropelados. Corri com todas as minhas forças e subi a escadaria pulando os degraus. Quando estava mais ou menos na metade, apareceram uns colegas do 1o. Batalhão no alto da escadaria. Fiz um sinal e me senti salvo pelo gongo.

"De repente me apontam o fuzil lá de cima e eu só sinto aquele coice na barriga. Ficou tudo preto. Acordei aqui, depois da cirurgia. I oi tiro amigo, meu irmão.

Tiro amigo. Agora, eu te pergunto: por quê? Está certo que sou negro e que estava armado e sem uniforme, mas, porra, para quê atirar antes de identificar o camarada?"

Amâncio não passou daquele dia. No enterro, na salva de tiros tive vontade de mandar pararem aquela farsa, aquela palhaçada. Mas pensei na viúva, no filho, ponderei um pouco e achei que o melhor mesmo seria colocar uma pedra no caso. Melhor ter um pai herói, morto pelos inimigos, do que vítima de um mal-entendido. Digo malentendido para manter um certo nível de sobriedade, em homenagem à

memória de um amigo querido, um homem de valor. O que senti mesmo foi vontade de chorar e de vomitar as verdades sobre essa merda toda.

Mil e uma Noites

O Batalhão de Operações Policiais Especiais, BOPE para os íntimos, chega à

praça de guerra. Estamos com gana de invadir favela, um puta tesão. Desculpe falar assim, mas é para contar verdade ou não é? Você vai logo descobrir que sou um cara bem formado, com uma educação que pouca gente tem no Brasil. Talvez você até se espante quando souber que estudo na PUC, falo inglês e li Foucault. Mas isso fica para depois. Vou tomar a liberdade de falar com toda franqueza, e, você sabe, quando a gente é

sincero, solta o verbo e nem sempre as palavras são as mais sóbrias e elegantes.

Se você está esperando um depoimento bem educadinho, pode esquecer. Melhor fechar o livro agora mesmo. Desculpe, mas me irrito com as pessoas que querem ao mesmo tempo a verdade um discurso de cavalheiro. A verdade tem de ser convocada a comparecer, e ela só baixa no cavalo desbocado, que se recusa a filtrar a voz que vem do coração. Por isso, a verdade está mais para discurso de cavaleiro e de cavalo, do que para os salamaleques da corte. Esse depoimento é como se fosse minha casa. Ele vai ser belo, sublime e horrendo, como eu sou, como tem sido a minha vida. E

como é a sua vida também, com toda certeza. Entre, fique à vontade. A casa é sua. No início você vai estranhar um pouco algumas coisas, mas depois vai se

acostumar. Eu também estranhei no começo. Quando entrei pra polícia, estranhei muita coisa. Mas logo me acostumei. A gente se acostuma. Portanto, meu caro amigo, caríssima amiga — posso chamá-los assim? —, apertem o cinto e vamos em frente.

14

A primeira história acontece na favela do Jacaré.

Foi mais ou menos assim. A gente está chegando ao Jacaré cheio de amor pra dar — se é que você me entende —, com uma puta disposição. Mal descemos da viatura, dois viciados dão de cara com a gente — porque a viatura parou justamente depois da quebrada da ladeira principal. Eu era tenente, na ocasião, e comandava a patrulha. Eles não tiveram nem tempo de disfarçar ou tentar uma fuga. Peguei o mais alto pelo braço e dei umas sacudidas, para o filho da puta acordar e perceber que tinha caído na ratoeira. Estava desarmado e trazia uns papelotes de cocaína no bolso.

— Quer dizer que o veadinho veio curtir um branco, não é? Vai ver a boneca também curte fazer passeata vestidinho de branco, pedindo paz, hein? Fala aí, mané.

— Não, senhor.

— Não senhor o quê, porra? Não comprou pó ou não gosta de passeata pela paz?

— Eu não vendo não, senhor. Vim comprar só mesmo pro meu consumo pessoal...

— Ah! É pro consumo pessoal, então tá.

Arranquei um extintor de uma de nossas viaturas e descarreguei nas narinas do sujeito. Parecia um pastelão:

— Quer pó? Quer do branco? Então toma pó, animal...

Bem, nesse ponto devo admitir que me subiu um calor e não me contive. Mas dei só umas porradas, porque tive uma idéia luminosa. Mandei o Rocha parar de bater no outro viciado.

— Venham cá, os dois. De pé, olhando pra mim. Tá, aqui, meu celular. Vocês têm três opções: ligar para o papai e pedir pra ele vir buscar vocês, é a primeira; comer uma dúzia de ovos cozidos, cada um, em beber água, é a segunda; entrar na porrada é a terceira. E aí?

Os dois escolheram os ovos. Eu sabia. A última coisa que viciado quer é que o pai descubra. O que eles não sabiam é que os ovos estavam na viatura desde a véspera, por causa de uma ocupação que o BOPE estava

fazendo. Naquele calorzinho carioca gostoso, de janeiro, os ovos certamente correspondiam a uma boa surra. Deus escreve certo por linhas tortas. O

livre-arbítrio foi respeitado. Mesmo assim, cumpriu-se o desígnio divino. Cuidado, não pense que sou evangélico. Isso é puro preconceito seu. Nem todo policial ou bandido que fala em Deus é evangélico. Está vendo só? Não é

só o policial que é preconceituoso, afinal de contas. Por falar em preconceito, assinale aí em sua agenda que sou negro. Negro na acepção politicamente correta da palavra, porque, do ponto de vista meramente físico, sou mulato, moreno, na verdade. Mas faço questão de deixar claro — sem trocadilho —

que sou negro e prefiro que você pense em mim como negro, ok?

O diabo é que só havia uma dúzia de ovos, o que me obrigou a improvisar. Mas eu até que sou bem criativo, modéstia à parte. Tanto que a solução foi engenhosa. Enquanto o viciado baixinho engolia os ovos, para os aplausos vibrantes de meus comandados, o outro se enterrava até o pescoço na caçamba de lixo. Confessa... não foi uma sentença interessante? Se, nesse momento, você ficou horrorizado e evocou os direitos humanos, acho melhor fechar logo esse livro, cara, porque está arriscado a ter uma síncope daqui a pouco.

Bem, na verdade, não quero que você feche o livro, nem gostaria que você ficasse com má impressão de mim. Não leve tão a sério o que eu digo. Às vezes, falo o que me vem à cabeça e acabo passando uma imagem falsa de mim mesmo, como se fosse um desalmado, um perverso, ou coisa assim. Mas não é nada disso. Quando você me conhecer melhor, vai ver que não é

nada disso. Só fiz questão de contar essa história porque o final dela é muito

engraçado. Aconteceu assim: eu descia a favela no bagaço; tinha sido uma noite daquelas. Mais de três horas caçando vagabundo, sem resultado. Dois soldados da minha unidade já esperavam na viatura. De longe dava para ouvir a gargalhada deles. Quando me aproximei, apontaram a lanterna pra caçamba de lixo, de onde despontava a cabeça do viciado, enterrado naquela merda até o pescoço.

— O que é que você está fazendo aí, cara? — perguntei.

— O senhor mandou eu ficar aqui.

— Pode sair, porra.

Juro por Deus que tinha esquecido. Se não fosse pelo barulho dos ratos, os rapazes não teriam visto. E se não tivessem visto, era capaz de ele estar lá até hoje.

Tarja Preta e Fitinha Azul

Não sou comédia, quero que você saiba. O caso do Tuiuti é interessante. Quer dizer, é útil para você me conhecer um pouco melhor. E conhecer minha turma do BOPE. A história anterior pode induzir a erro. Sobretudo porque, hoje em dia, a gente fala em polícia todo mundo pensa logo em zorra, bateção de cabeça e corrupção. O episódio da lixeira acaba soando meio ambíguo e você pode ter tido com a impressão de que, se os pais dos viciados aparecessem, eu e meus colegas teríamos cobrado propina para liberá-los. Vou deixar claro desde já: isso não existe no BOPE e nunca existiu. Na verdade, houve um caso ou outro, mas os próprios companheiros deram um jeito de expulsar os responsáveis, antes que nossa honra fosse conspurcada.

Porrada em vagabundo, execução de marginal, esse departamento é

com a gente mesmo. Mas não tem negócio, não. Conosco não existe essa coisa de arrego. É engraçado — engraçado e triste ao mesmo tempo — que até a linguagem dos bandidos e dos policiais corruptos vai ficando cada vez mais parecida. No final, a gente vai ciliar mais de perto, o dinheiro é um só, a motivação é a mesma e tudo acaba sendo um único embrulho: a polícia vende as armas para os traficantes, vai buscá-las no morro para o espetáculo das exibições

políticas na mídia. No dia seguinte, devolve todas elas e ainda cobra uma taxa aos traficantes. Essas armas são usadas contra a própria polícia, mas essa cambada não está nem aí para as conseqüências.

17

No dia a dia, se o BOPE não age, a turma da boquinha dos batalhões negocia um percentual da venda do tóxico e faz arrecadação diária. De vez em quando, alguém rompe o acordo e o tiroteio come solto. Por isso mesmo, é importante que eu seja inteiramente transparente, para que você separe o joio do trigo. Com o BOPE não tem acerto, não tem negócio. E não é para me gabar não, mas nós somos a melhor tropa de guerra urbana do mundo, a mais técnica, a mais bem preparada, a mais forte. Não sou eu quem está

dizendo; os israelenses vêm aqui, aprender com a gente; os americanos, também. Essa qualidade se deve a muitos fatores, um dos quais é o seguinte: em nenhum lugar do mundo se pode praticar todos os dias. Somos uns 150 homens, aproximadamente. Sempre que se quis aumentar esse número, deu merda. Não é fácil ingressar no BOPE. Isso eu posso garantir. Não é para qualquer um. Temos um puta orgulho do uniforme preto e do nosso símbolo: a faca cravada na caveira. Os marginais tremem diante de nós. Não vou iludir você: com os marginais, não tem apelação. A noite, por exemplo, não fazemos prisioneiros. Nas incursões noturnas, se toparmos com vagabundo, ele vai pra vala. Sei que essa política não foi correta. Agora, não tem mais jeito. A gente mata ou morre. Antes da implantação dessa política, há muitos anos, o marginal se rendia, quando se via inferiorizado. A ordem de atirar para matar, não admitindo rendição de bandido, acabou provocando um efeito paradoxal: aumentou a resistência deles e a violência contra a polícia. Claro, o sujeito sabe que não adianta se render, então luta até a morte. Pelo menos adia a morte e leva alguém junto. Com isso, cresceu muito o número dos autos de resistência seguidos de morte, que são os registros das mortes de civis em confrontos com a polícia. Por outro lado, multiplicaram-se os assassinatos cometidos contra policiais. Por vingança. Essa espécie de vingança ainda mais doentia, dirigida a toda uma corporação. Espelho da vingança que nós mesmos praticávamos, às vezes contra uma favela inteira. O sangue é um veneno. Quanto mais se derrama, mais fertiliza o ódio. E a roda não pára de girar. No final, todos pagamos a conta, a começar pela sociedade. Foi uma insanidade, aquela política. E agora? Os herdeiros da loucura somos nós. O jeito é atirar

mais rápido para não morrer. Os políticos e os acadêmicos que discutam o sexo dos anjos.

TUIUTI, AGOSTO, ÀS SETE DA MANHÃ

.

Esse caso ocorreu em um ano já distante. Descíamos do morro do Salseiro, na Tijuca, onde passamos uma noite pesada. Em frente ao antigo estádio do América, na Campos Sales, um carro estava parado no meio da rua, com a porta do motorista aberta, ao lado de um carro-forte. Uma senhora aflita fazia sinal. Paramos atrás do carro. Éramos cinco. Encontramos o corpo de uma mulher, debruçada sobre o volante, com um tiro de fuzil na cabeça. Você pode imaginar o quadro. Não vou lhe dar os detalhes chocantes. Dá para entender por que a tal senhora, mãe da vítima, se recusava a aceitar a morte e insistia na remoção do cadáver para atendimento médico, por mais que o óbito fosse evidente. Se lhe contasse como estava o console e o pára-brisa, você entenderia por que falo em óbito evidente.

Deixamos com ela o cabo Ronaldo, para as providências, e partimos no encalço dos assassinos. Eles tinham assaltado o carro-forte e levado 6

milhões de reais. A moça, assustada com a correria à sua frente, tentou manter o carro imóvel, atendendo à ordem do bandido, mas tirou o pé da embreagem, por nervosismo, provocando o solavanco que assustou o marginal. Ele disparou um tiro seco e preciso. Para você ter idéia do estrago, um tiro de fuzil, no interior do corpo humano, danifica uma área correspondente a cinqüenta vezes o diâmetro do projétil. Ronaldo respeitou o auto-engano da mãe. O desespero materno se manifesta por linguagens estranhas. Sentou praça a seu lado como sentinela de sua dor e foi, aos poucos, lançando pontes entre a loucura e a realidade. A mãe da morta atravessou o abismo, lentamente. Até hoje, todo fim de ano, ela se lembra da

gente, telefona, manda cartões. A gratidão que brota em situações extremas não se apaga.

Deixamos Ronaldo e disparamos. A 1 quilômetro dali, na praça da Bandeira, havia um ajuntamento. Abrimos passagem no bolo de gente. Um sargento gordo, no chão, olhos esbugalhados, estava morto numa poça de sangue. Tiro de fuzil no pescoço. Depois de uma noite tensa, aquilo foi demais para nós. O sangue subiu à cabeça, e dois dos nossos homens gritaram um bocado com o povo que se amontoava para espiar o cadáver.

"Vocês reclamam da polícia, falam da gente... esse homem era um pai de família, a mulher dele está esperando em casa, os filhos também, ele estava trabalhando", disse o soldado Castro. O cabo Álvaro continuou: "Vocês querem que a gente prenda os filhos da puta que fizeram isso? Pra eles voltarem pra rua, rindo da nossa cara? Os filhos da puta mataram uma menina, roubaram um carro forte, assassinaram um trabalhador. O que é

que vocês dizem agora? Algum filho da puta vai falar em direitos humanos?

E os direitos desse homem que sangrou até morrer, feito um porco no curtume?" Castro recomeçou: "Vocês querem o sangue dos assassinos?

Querem que a gente vá à caça? E depois? E depois, porra? Vocês vão depor a nosso favor, na frente do juiz? Vão arrebentar as grades da jaula em que nós estaremos apodrecendo?"

Duvido que alguém tenha ouvido aqueles gritos, no meio daquela confusão toda. A morte do guarda de trânsito deu um nó no tráfego e tive de deixar outro de nossos homens para cuidar da remoção do cadáver e pôr ordem no caos. A cidade tinha de continuar sua jornada para dentro da fumaça, do mormaço estilhaçado na lataria dos ônibus, do cheiro de sangue e gasolina. Mais um dia igual aos outros. Afinal, no estado do Rio de Janeiro, 18 pessoas são assassinadas diariamente. E isso se repete feito um mantra há mais de vinte anos. Aprendemos a conviver com essa maldição. Sobretudo nós, policiais, que estamos mais expostos aos riscos e à miséria em que os bandidos germinam como plantas selvagens. Somos as feras da selva. Feras profissionais.

20

Voltamos à viatura. Havia duas possibilidades: os marginais poderiam ter ido em frente, à direita, seguindo para o Rio Comprido, pela avenida Paulo de Frontin, ou retornado à esquerda, em direção à estrada de ferro, São Cristóvão e Maracanã. Decidi tomar a esquerda. Quando passávamos debaixo do Tuiuti,

pedestres nos fizeram sinal, indicando a favela. Acho que o próprio tráfico do Tuiuti não gostou da visita incômoda de assaltantes de carro-forte, que subiram o morro com homicídios qualificados nas costas para dividir responsabilidades e riscos. Embicamos ladeira acima. Não foi difícil localizar a casa em que se esconderam. Os moradores colaboravam abertamente. Sinal de que os bandidos não eram dali. Eles não ousariam desafiar a lei do silêncio que o tráfico impõe. Éramos quatro. Posicionamos nossas armas, avisamos que a casa estava cercada e mandamos os bandidos sair, um a um, com as mãos na nuca. Nada. Fuzilamos a casa, dispostos a derrubá-la. Foram uns quatrocentos tiros. Ficou de pé, vazada feito paliteiro. Um vagabundo avisou que ia sair. Deu os primeiros passos para fora. Delgado fez a mira e apertou o gatilho. O cartucho estava vazio. Ele ainda teve tempo de recarregar, enquanto o bandido aguardava, de pé, com as mãos na nuca, trêmulo e pálido. Agora, sim, deflagrou o tiro no peito do vagabundo. Nenhum sinal de vida no interior da casa. Era hora de invadir.

Encontramos dois corpos entre os escombros e um sobrevivente. O cara estava desfigurado, mas vivo. A cena ficaria por muito tempo conosco, revirando o estômago e assombrando o sono. Cada homem da tropa a digeriu como pôde. Dois de nós acabaram recebendo o apelido tarja-preta por causa disso — esse apelido é dado a quem toma esse tipo de remédio. Mesmo para quem vê a morte todo dia, não foi fácil encarar a vida sob aquela forma. O infeliz perdera o queixo. Não tente imaginar. Você não conseguiria. Aliás, melhor mesmo que não consiga.

"Ela está morta; ela está morta" — um senhor negro trazia uma menina no colo, banhada cm sangue. Vinha dos fundos da casa. "Os bandidos mataram minha neta" — e nos mostrava a criança. "Foram os tiros dos bandidos", repetia. O soldado Délio tirou a menina dos braços do avô e

correu para a viatura. "Vamos salvar a criança, vamos salvar a criança." Corri com ele, segurei-o pelo braço e lhe disse, olho no olho: "Délio, a criança morreu. Ouviu? Ela está morta." Ele permaneceu imóvel, olhando em frente, a criança no colo. Depois de alguns minutos, veio até mim: "Capitão, fomos nós que matamos a menina. Ela estava nos fundos. Os marginais estavam de costas pra ela, atirando na gente. Era impossível atingir a menina. Nós atiramos de frente, em direção à casa. O tiro foi nosso." Olhei de novo para os olhos dele, bem no fundo: "Esquece isso." "Nós matamos a menina, tenente", ele insistiu. "Esquece,

porra. Esquece. O avô dela está convencido de que foram os bandidos; então, foram os bandidos, porra. Esquece. Acabou."

O vagabundo sem queixo morreu a caminho do hospital.

No final da manhã, fui conferir as ocorrências no Instituto Médico Legal. Contei sete corpos, lado a lado, no galpão gelado. Eu me senti numa gruta sombria, estuário secreto dos rios que fluem no subterrâneo da cidade

— ela continua a fazer barulho, alheia ao subsolo. Délio era só um dente na engrenagem; eu era outro. Nós mal conhecíamos o funcionamento dos aparelhos que estavam em movimento. Além disso, àquela hora, tínhamos sido vencidos pela mais profunda exaustão.

Vidal ficou no Tuiuti, guardando as sacolas com dinheiro. As aves de rapina da Polícia Civil têm excelente olfato. Chegaram em equipe e decididos, mandando a PM se afastar. Tomariam conta do caso. Vidal subiu nas sacolas e girou 360 graus, apontando o fuzil em todas as direções: "Quem puser a mão na grana, leva chumbo. Não estou brincando, não. Eu atiro mesmo. Vou atirar. Estou avisando. Vou atirar." Os coleguinhas preferiram não brincar com fogo. Depois de 24 horas no ar e das guerras em que nos havíamos metido ao longo daquela jornada, Vidal seria bem capaz de atirar mesmo.

A relação dos policiais do BOPE com o comandante varia muito. Quando o cara passou por tudo o que nós passamos, no treinamento e no exame de seleção, e quando tem colhão para defender a nossa honra diante das sacanagens da política, tudo bem. Tem a nossa lealdade. Mas quando o

sujeito é um oportunista e sacrifica tudo para agradar o comandante geral da PM e o governador, aí fodeu. Me desculpe ser assim direto, mas fodeu. Foi o que aconteceu no último capítulo desse caso do Tuiuti. O comandante foi procurado pelo banco cujo dinheiro nós havíamos resgatado. A seguradora pagaria 5% aos policiais que se empenharam na recuperação dos 6 milhões. Ou seja, 300 mil reais migrariam da conta biliardária da seguradora para minha poupança de meus modestos colegas de farda. Nenhuma fortuna, mas nada desprezível: dividida por cinco — ou oito, se quiséssemos homenagear todo o pessoal que compõe a unidade sob meu comando, independentemente de ter ou não participado daquela operação (aliás, imprevista — tivesse sido planejada, os oito teriam

estado presentes) a grana engordaria em 60 mil ou em 37 mil e 500 reais as nossas contas. O comandante resolveu enviar uma lista, digamos, mais generosa, fazendo caridade com o dinheiro alheio: incluiu-se a si próprio, mais uns cinco ou seis amiguinhos do peito. Resolvemos melar a festa. Conversamos com a seguradora, explicamos as dificuldades sugerimos uma solução salomônica: que a doação fosse feita em equipamentos para a unidade, sobretudo em coletes à prova de bala. Os nossos eram velhos, pesados e frágeis. Acabou sendo muito útil. E a indignação do comandante funcionou como um prêmio suplementar. Lavamos a alma.

Por falar em alma, chegou o dia das condecorações. Muitos meses já

haviam passado, mas a ferida continuava aberta. Délio não se conformava com a morte da menina e o espectro do marginal desfigurado ainda assombrava alguns de nós. Perdemos sono e sossego, por um longo tempo. O

ritual de condecoração faria com que revivêssemos a experiência, porque os registros da ocorrência, com todos os detalhes, seriam lidos na cerimônia. Revolver esse passado era a última coisa que poderíamos desejar. Se nos quisessem premiar, que nos deixassem em paz, nos esquecessem e nos permitissem esquecer. A memória, às vezes, parece um cofre em que a gente é enterrado vivo.

Não houve jeito. Prenderam no nosso peito aquele fato, envolto numa fitinha azul.

23

Emergência

Nem todo mundo que chega ferido à linha de montagem do hospital da PM

sai para receber as honrarias fúnebres. Alguns se salvam. Às vezes, salva-se até mesmo quem se acha muito vivo. Ainda que a esperteza lhe custe caro. Foi o que aconteceu com o tenente Ricardo, um rapaz, que gostava de valorizar o próprio passe. Antes do relato, algumas notas técnicas. Elas teriam sido muito úteis ao tenente.

Os médicos que se especializaram no atendimento às vítimas de armas de fogo, no Rio de Janeiro, tornaram-se referências internacionais —

como aconteceu com o BOPE, modéstia à parte. Eles têm contado com a colaboração da polícia e dos bandidos, cuja produtividade mórbida tem-se aperfeiçoado ao longo dos anos. Não tem faltado osso estilhaçado, músculo destroçado, órgão rompido, membro mutilado em escala industrial. Da plástica à ortopedia, os médicos brasileiros estão entre os melhores do mundo. Quando se trata de medicina de guerra, especializada em lesões por arma de fogo, como já disse, não tem pra ninguém. No início, nossos especialistas visitavam cirurgiões americanos que atuaram no Vietnã. Agora, são os gringos que nos procuram.

Uma lição que aprendemos com eles salvou várias vidas: quando o projétil é de grosso calibre, melhor sacrificar tecidos e órgãos, até o limite do possível, do que tentar preservá-los. A experiência demonstrou que a

preservação acaba sendo contraproducente. Em resumo: se o tiro é de fuzil, abre-se a vítima de cima a baixo e só não se remove o que for vital. Por isso, abriram o sargento Romero de alto a baixo, quando levou um tiro de fuzil lateral na bunda, que entrou numa nádega e saiu pela outra. Aparentemente, eram só dois furos, um de entrada, outro de saída, com uma trajetória reta intramuscular. Nada que o tempo não cicatrizasse. Tanto que o primeiro atendimento, aos cuidados de um profissional não especializado, não envolveu nem uma sutura. Só dois curativos e um antiinflamatório. Mal sentou na viatura que o levaria para casa, Romero esvaiu-se em sangue. A hemorragia era drenada pelo ânus. Entrou em choque e quase morreu. Foi reconduzido às pressas à sala de emergência. Sofreu, enfim, a cirurgia que lhe extraiu não sei quantos metros de intestino e lhe salvou a vida. Pena que o tenente Ricardo não soubesse disso quando chegou à sala de emergência, posando de durão. Ele levara um tiro amigo de uma pistola, na viatura. Não foi o único, aliás. Muita gente teve a mesma sorte — ou melhor, o mesmo azar. Alguns não sobreviveram. Ricardo vinha sentado na frente, e o colega, desatento, sentado no banco de trás, não tomou as medidas de segurança necessárias. A arma sem protetor, inadvertidamente, disparou, atingindo o ombro do tenente, por trás. Para driblar a corregedoria e impressionar as enfermeiras, Ricardo entrou avisando: "Não foi nada. Uma bobagem. Um bando de traficantes me armou uma cilada, mas dei um jeito neles. Foi só um tiro de fuzil no ombro." Antes que contasse a próxima vantagem, deram-lhe um sossega-leão na veia, entubaram-no e chamaram os cirurgiões especialistas, que o abriram do umbigo ao i pescoço, adotando o procedimento padrão. O tenente sobreviveu, mas aprendeu que nem sempre vale a pena bancar o machão, exagerando o

calibre do heroísmo.

25

Golfinhos de Miami

Minha mulher, que tem mania de psicanálise, costuma dizer que quando a gente passa determinada impressão é porque ela expressa pelo menos um lado nosso. Se minha mulher tem razão, o que você percebeu não está

inteiramente errado. Mas, de todo modo, parcial. Em português claro: eu não sou inteiramente isso que você está pensando. Ainda que não seja totalmente o que eu mesmo gostaria de ser. Como prefiro o português claro às frescuras psicológicas, vou direto ao ponto. Eu digo que faço e aconteço, afirmo que sou direto, chamo de frescuras a visão crítica de minha esposa, mas acabo dando mil voltas, mil e uma piruetas em torno do assunto que quero comentar. É que o tema é espinhoso, é cabeludo. O assunto é violência. Quer dizer, a violência que a gente comete. Alguns chamam tortura. Eu não gosto da palavra, porque ela carrega uma conotação diabólica. Acho que há casos e casos, e que nem toda tortura é

tortura, na acepção mais comum do conceito. Está entendendo? Não? Pois é, a coisa é bem complicada. Eu próprio também não sei se compreendo direito. O que quero dizer é que não me envergonho de não me envergonhar de ter dado muita porrada em vagabundo. Primeiro, porque só bati em vagabundo, só matei vagabundo. Isso eu posso afirmar com toda certeza. Sinto minha alma limpa e tenho a consciência leve, porque só executei bandido. E, para mim, bandido é bandido, seja ele moleque ou homem feito.

26

Vagabundo é vagabundo. E tem mais — essa não é uma regra do BOPE, é

minha mesmo, mas eu sigo à risca: não espanco nem mato mulher. A menos que seja em legítima defesa. Mas aí não tem jeito, é matar ou morrer. Fora disso, respeito mulher. Até porque não é preciso fazer diferente. Mulher se assusta logo e entrega até a mãe. Nem é preciso bater. Homem, não. Tem cara que é tão safado que agüenta firme uma noite de porrada e não entrega. Talvez porque saiba que a vingança dos comparsas seria ainda pior do que o castigo do BOPE.

Bem, essa questão toda é muito enrolada e eu, por mim, saltaria essa parte, mas me sinto obrigado a contar algumas coisas, já que o acordo foi não esconder nada. Depois você avalia, faz seu próprio balanço e me diz se eu sou um covarde ou se fiz a coisa certa — ou, pelo menos, o que você teria feito em meu lugar. Vai me dizer que não obrigaria um seqüestrador a falar, mesmo que tivesse de usar a força? Se sua filha estivesse seqüestrada, correndo risco de vida, nas mãos de uns doentes, vai me dizer que você não espancaria o filho da puta até a morte pra tirar dele a informação? Pois é, a única diferença é que você não saberia como bater direito e acabaria desperdiçando energia, acertando os pontos menos sensíveis e empregando mais ódio e desespero do que técnica. Nós somos pura técnica. Hoje, olhando para trás, me sinto meio inibido em narrar fatos, mas no calor dos acontecimentos, confesso que não tinha nenhum problema com isso. A verdade é a seguinte: eu e meus colegas nos divertimos bastante. Portanto, não é bem verdade essa história de "pura técnica". Somos técnica, diversão e arte... como diria o Arnaldo Antunes.

Lembro-me, por exemplo, de um marginal que pescamos meio por acaso, logo que chegamos ao morro da Providência, num mês de março. Nossa equipe estava completa. Éramos oito. Primeiro, demos uma coça regulamentar para que ele desse as peças — esse é o nome que os traficantes cariocas dão às armas e o verbo "dar", nesse contexto, a gente emprega com o sentido de entregar. Ele portava um revolver fuleiro e jurava que só tinha aquilo mesmo e que era só assaltante, não estava metido com tráfico de drogas. Nesse momento, minorada dele passou, viu o tumulto, se

aproximou e o chamou pelo nome. Foi quando as fichas caíram. A gente se deu conta de que o cara era simplesmente o dono do lugar. Já pensou que sorte? De repente, sem mais nem menos, o dono, o gerentão cai na nossa rede. Era tudo o que a gente poderia pedir a papai do céu. Daí em diante, intensificamos o trabalho.

O verbo é trabalhar. Quando o subordinado chama o comandante pelo rádio e pergunta, "chefe, posso trabalhar o meliante?", está pedindo autorização para fazê-lo cantar, ou seja, para fazê-lo contar o que sabe. Da mesma forma que o governador autoriza o secretário de segurança a autorizar o comandante da PM, a autorizar o policial, quando lhe diz: "Faça o que for necessário para resolver o problema". O governador dorme o sono dos justos; o secretário descansa em

berço esplêndido; o comandante repousa como um cristão; e o soldado, lá ponta, suja as mãos de sangue. Se der merda, o bagulho estoura no elo mais fraco, é claro. Quem paga o pato é

o soldado. Quem vai a juízo é o soldado. Quem freqüenta as listas das entidades internacionais de direitos humanos é o soldado. O governador é

ambíguo para descansar em paz; o secretário é sutil para preservar a consciência; o comandante cultiva os eufemismos e opta pelo vocabulário enviesado para proteger a honra e o emprego. Sobra para o soldado, que bota pra foder por dever de ofício. É curioso: a ambigüidade só pode ser cultivada nos ambientes solenes do Palácio do Governo, onde a impostura e a violência são adocicadas pela coreografia elegante da política. Quando a arena é a favela, os rituais são outros, menos sofisticados. Na praça de guerra não há espaço nem tempo para a solenidade e as ambivalências. O

que era doce fica amargo, azeda e cai de podre. A gente, que atua lá na ponta da cadeia de decisões, colhe o fruto podre e faz o que pode para digerir. Por isso, talvez seja mentira dizer que só há ambivalências nos salões da corte. Elas estão por toda a parte. E estão aqui entre nós. E dentro de nós, em mim e em você.

Um modo de adaptar a ambigüidade ao terreno do combate é divertirse com a dor alheia. Desconfio das nossas risadas. Até hoje escuto aquelas gargalhadas que a gente dava e elas me soam um pouco estranhas. Não sei

mais com tanta certeza se a gente gostava daquilo e achava mesmo tanta graça. Mas a gente ria, ia fazer o quê? E procurava curtir as tarefas práticas com o máximo de criatividade. Eu, por exemplo, me orgulhava de inventar modalidades novas. Tinha noite de gala, com estréia e tudo. Um show que foi o maior barato eu denominei "Golfinhos de Miami". A estréia aconteceu justamente naquela noite. Aproveitamos a resistência do Juninho para testar a eficiência e a beleza do novo espetáculo. A idéia era amolecer aquela macheza toda com água.

Água é um ótimo condutor de energia. A idéia foi um desenvolvimento mais ou menos natural das torturas tradicionais com saco plástico e água: sufocamento e afogamento. Todo policial do BOPE sai do quartel com seu saquinho plástico, peça que já foi integrada ao kit básico. O saco serve para pôr na cabeça do

marginal, apertando bem na base, que fica amarrada no pescoço. O sujeito sufoca, vomita e desmaia. É o momento de afrouxar. É

meio nojento, mas eficaz. Trabalhamos o Juninho com afinco, horas a fio. Primeiro porrada, a velha e boa porrada, que costuma bastar. Nada. Enfiamos fiapos de madeira debaixo das unhas. O animal urrava, mas não abria o bico. Foi então que me ocorreu estrear os Golfinhos. Fomos até uma caixa d'água. Retiramos dois fios da rede de iluminação pública. Mandamos o Juninho entrar na caixa e mergulhamos as pontas dos fios, uma em cada lado. Que beleza! Você precisava ver aquilo. Ele saltava com leveza e graça. Só faltava trilha sonora e um jogo de luzes. Mesmo assim, o filho da puta não cantava. Mergulhei os fios n'água muitas vezes. Acho que o marginal chegou perto do óbito, como a gente dizia.

Fui ficando nervoso e irritado. Você há de convir, já eram horas, e nada. O sangue me subiu à cabeça e comecei a atirar na caixa, até ser contido pelos colegas. Fiquei fora de mim. Por sorte do vagabundo, a trajetória da bala sofre uma refração no meio líquido. Se não fosse isso, ele estava fodido. Salvou-se por pouco. Não sou de errar tiro. Bati um rádio para o comandante. Contei que estávamos trabalhando o marginal havia bastante tempo, sem sucesso. Queria eliminar o vagabundo, mas tinha de ouvir meu superior, dadas as condições especiais

que cercavam o caso. Ele mandou conduzir o sujeito à delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA), que lida com menores. O jeito foi levá-lo. O cara estava branco feito uma folha de papel. Tinhoso. Diante da delegada, ele resmungou: "Os policiais do BOPE me torturaram", e mostrou os dedinhos roxinhos, com as unhinhas levantadas. A doutora delegada era uma profissional escolada e não nos decepcionou. Encarou o sujeito e emendou de primeira: "Ah, é? Coitadinho... Tá doendo, tá, filhinho? Quer que chame a mamãe, seu filho da puta?"

Se não fosse a cooperação entre os profissionais das polícias seria impossível fazer o serviço que nos compete com um mínimo de eficiência. A população reclama da gente porque acha que é muito fácil manter a ordem na cidade. Mal sabe que, enquanto o jantar está sendo saboreado em família, na frente da televisão, no conforto do lar, do outro lado, no submundo, muito sangue está

correndo, o nosso e o dos vagabundos.

30

Olho por Olho

Força máxima: rápida, devastadora e eficaz. Esse é o lema do BOPE. Se você fosse governador ou governadora do estado do Rio, dispensaria nossos serviços ou, mesmo que não usasse nossa tropa, preferiria mantê-la disponível para pronto emprego, preparada para atuar, a qualquer momento, mesmo que fosse apenas em alguma emergência crítica? Na verdade, não me interessa sua resposta. Até porque não tenho como saber o que você está

pensando nesse exato momento, mas aposto, de olhos fechados, que lá no fundo, bem no fundo, você gostaria de contar com a mão forte do BOPE para esmagar o vandalismo e toda essa praga.

Por falar em olhos fechados, acabo de me lembrar de uma história que tem a ver com isso, nas premissas táticas e nas conseqüências práticas. Era mais uma noite daquelas. Aliás, como são todas as noites da nossa tropa. O capitão Ângelo comandava a equipe, Dessa vez, o soldado Marques era o ponta — o ponta é o policial que vai à frente do grupo de assalto, abrindo passagem, indicando o caminho e passando informações por sinais. O comandante é sempre o terceiro. A favela estava quieta. Já era tarde. O

plano era surpreender o grupo do Fabinho, no morro do Limão. Tínhamos o mapa do lugar. Graças às incursões anteriores e a algumas informações elementares obtidas no interrogatório de um traficante, sabíamos onde estavam as armas e onde os bandidos costumavam se reunir para organizar o bonde, que descia para a Tijuca barbarizando.

31

O morro era margeado por um muro alto e longo. Nossa intenção era descer em absoluto silêncio, colados à face externa do muro e penetrar na favela pela parte baixa, a mais vigiada pelos falcões do tráfico e, portanto, a menos propícia a uma ação policial. Mas esse era justamente o motivo da escolha: sendo menos propício, o ponto seria a opção menos provável, o que significava que poderia ser, paradoxalmente, o mais vulnerável. Descíamos o morro no breu mais cerrado, pisando com cuidado, quase sem respirar. Aquele tipo de formação em

fila indiana era muito arriscado. Uma falha qualquer e estaríamos fodidos. Se jogassem uma granada por cima do muro não sobraria nada do lado de cá. Os movimentos eram dirigidos pelos sinais do Marques: permanecer imóvel, avançar, acelerar, estancar. Nesses casos, o ponta age como um cão farejador. A audição também tem de estar atiladíssima. Os oito homens se movem obedecendo a uma coreografia rigorosa. A disciplina é a de uma orquestra. Com uma diferença: o mais leve deslize não desafina, mata.

Quando a gente mergulha numa procissão desse tipo, companheiro atrás de companheiro, a confiança mútua é tão importante a autoconfiança. Nada disso faltava, graças a Deus. Eu me orgulhava da destreza do coletivo e tinha fé em mim e na minha arma. Só fui descobrir o que era medo de morrer bem mais tarde, quando tive meu primeiro filho. O pavor estampado no olhar do inimigo era nosso combustível. Na verdade, era mais que isso; era nossa droga. A farda negra com a caveira atravessada pelo punhal era privilégio de poucos. Não era fácil resistir aos testes para ser admitido no BOPE, não era para qualquer um enfrentar o treinamento; assim como não era mole, depois de aprovado e admitido no Batalhão de Operações Policiais Especiais, tomar o ônibus iodos os dias como um cidadão comum, chegar ao quartel como simples mortal, vestir o uniforme negro que era nosso orgulho

— mas também significava uma puta responsabilidade — e transportar-se para outra dimensão, onde a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro saía de cena e era substituída pelo inferno da guerra. A faixa de Gaza convivia conosco; Bagdá era aqui: 18 mortos por dia, há vinte anos.

32

A cidade só tangenciava essa outra dimensão, essa outra versão de si mesma, quando uma bala perdida atravessava as fronteiras. No mais, carregava sua sombra como o peregrino traz no ombro a sua cruz, sentindolhe o peso e intuindo-lhe o tamanho, sem olhá-la de frente para conhecer sua forma e compreender sua natureza.

Você deve ter reparado no que eu disse: "chegar ao quartel como simples mortal". Deve ter achado meio bizarro, talvez até engraçado: "Porra, será que esse maluco está se achando um deus imortal?" Relendo o que escrevi, confesso que também achei estranho, mas resolvi deixar como está, porque saiu tão espontâneo, que retrata bem os meus sentimentos. E como o propósito é você me

conhecer melhor, decidi manter. Não, não me acho nada disso; nem meus companheiros do BOPE são malucos. Mas o fato é que, quando você convive com a morte todo dia, toda noite, quando sabe que é

matar ou morrer, enquanto você sobrevive, a sensação é de vitória sobre a morte, uma espécie de vôo rasante sobre o precipício. Se você quiser chamar isso de onipotência, tudo bem. Eu queria ver você passar por essa experiência. Seria interessante verificar se seus conceitos não mudariam um pouquinho. Mas tudo bem. Pode pensar o que quiser. Não vai mesmo fazer diferença. Vamos voltar à história do muro.

Seguíamos, passo a passo, evitando o barulho dos galhos secos e do mato alto, temendo cruzar com um cão vadio, fora de rota. A subida da polícia nas favelas é marcada por três sons típicos: tiros, fogos dos olheiros do tráfico e latido dos cães. Essa é a trilha sonora das incursões policiais. Em geral, a gente vai subindo e vai calando os animais. Quando o tiro é

certeiro ele não sofre. Naquela noite não poderíamos calar os cães, porque não queríamos dar bandeira de nossa presença. Mas, se não o fizéssemos, os latidos dariam uma bandeira suficientemente ostensiva. Era um puta dilema. Portanto, só nos restava contar com a sorte. É óbvio que contemplamos esse risco quando planejamos a operação. Não somos tão imprevidentes quanto você está imaginando. O fato é que apostávamos que não haveria cães por ali. Nunca os víramos daquele lado. E, realmente, eles

não apareceram. Confesso que não pensava nisso, quando descia margeando o muro.

Quando a gente se concentra numa operação de guerra, tudo muda, todos os sentidos ficam alterados. A gente não ouve praticamente nada e só

enxerga o que está no foco da atenção. É o que a gente chama visão de túnel. O nome é bastante preciso. É como se a pessoa estivesse num túnel, com um único ponto de luz. O tempo gira em torno daquele ponto e fica como que congelado, talvez porque que se confunda com o espaço, quer dizer, com a imagem. Não sei. Só posso lhe dizer que a gente sai desse mundo e viaja. O universo passa a deslocar-se em câmera lenta. É como se toda velocidade do mundo fosse absorvida pelos músculos e as sinapses que mantêm o cérebro alerta. O resultado

é que, no final de um tiroteio, a gente tem a impressão de que passou meia hora. Vai olhar no relógio, passaram dois, três, cinco minutos.

Algumas coisas extraordinárias acontecem, num momento como esse. Uma vez, por exemplo, eu comandava uma invasão a uma favela em Copacabana. O ponta se perdeu do resto da equipe e eu determinei que esperássemos. Estávamos numa subida estreita. Não havia viva alma. Adiante, a ruela dobrava à esquerda. Não era comum aquele silêncio, aquela quietude. Nem os cachorros latiam. Nenhum logo explodia. Eu estava determinado a avançar, Com cautela, mas avançar. Quando o cérebro já

disparava o comando para as pernas, uma velhinha surgiu na esquina e desceu em nossa direção. Ela trazia uma dessas bolsas de pano, boa para fazer feira. Andava com firmeza, apesar da idade, e não mostrou nenhuma surpresa quando nos viu, encostados à parede. Ao passar por mim, sem me olhar, cochichou: "Meu filho, não sobe não. Se subir vão matar você". Não respondi. Aprendi a respeitar esse tipo de comunicação, nas favelas. É

preciso ter o máximo cuidado e não manifestar qualquer reação, para que os vagabundos não percebam e se vinguem da pessoa que tenta nos ajudar. Por isso, contei até vinte e, em vez de avançar, joguei uma granada na boca da ruela, só para atrair a resposta dos traficantes e identificar sua localização e

poder de fogo. A imediata e intensa fuzilaria mostrou que os bandidos estavam preparados, à nossa espera.

Comentei com o sargento Aguinaldo, a meu lado: "A velhinha salvou nossa vida. Era uma emboscada." "Que velhinha?", ele perguntou. "Como, que velhinha? A velhinha, ora bolas. Aquela senhora que passou por nós com a bolsa e sussurrou a mensagem pra mim". "Tenente", ele disse,

"tenente, não teve senhora nenhuma, não teve velhinha nenhuma. Ninguém passou por aqui desde que nós chegamos. O senhor acha que uma velhinha ia passear entre dois fogos, assim, sem mais nem menos? E que, além de tudo, eu não ia ver?" Fiquei gelado. Aliás, até hoje fico arrepiado quando conto essa história.

Na visão de túnel, tudo é possível: encontros inusitados de terceiro grau com

personagens irreais ou até mesmo delírios — dependendo da interpretação de cada um, posso ter ficado maluco, temporariamente, ou posso ter mantido perfeito estado mental; neste caso, fantástica não seria minha imaginação, mas a realidade. Bem, há também a hipótese de que meu parceiro é que tenha ficado momentaneamente cego pela tensão. Cego e surdo. Mas esse assunto transcende meu entendimento. Melhor voltar à

favela do Turano, ao grande muro.

Pois é, estávamos ali, colados ao foco, pregados à missão pela adrenalina, passo a passo, muro abaixo, agarrados aos fuzis, prendendo a respiração. Foi uma longa caminhada. Prefiro o confronto aberto do que a expectativa. Às vezes torço para que a bomba arrebente de uma vez. Tenho a sensação de que a lenta antecipação coagula o sangue e me sufoca. A explosão do confronto fluidifica o corpo e a mente. O sangue lava o espírito. Mais um passo, e outro, mais um, em silêncio, morro abaixo, margeando o muro. O soldado Marques levantou o braço direito. Paramos. Chegara à

ponta inferior do muro. Hora de virar e começar a subir pelo outro lado, onde estaríamos muito mais expostos. Quando Marques saltou para o outro lado, deu de cara com um grupo de traficantes descendo, também margeando o muro. Eles estavam relaxados e desatentos, ainda que armados até os dentes. Não esperavam aquele encontro. Nosso ponta só precisou

apertar o gatilho. Corremos para apoiá-lo, enquanto os vagabundos se dispersavam em desespero, fugindo morro acima, procurando escapar à

linha de tiro. Não tiveram tempo de reagir. Tínhamos de ter acertado alguém. Não era possível que todos tivessem sobrevivido.

Subimos atrás dos marginais, atirando.

De fato, acertáramos pelo menos um deles: descobrimos um rastro de sangue e seguimos a pista. Bem acima, já na parte superior do muro, num platô, um vagabundo se arrastava. Ele correra até ali, mas as forças se extinguiam. Um de nós atirou para completar o serviço. O tiro atravessou as têmporas, de um lado a outro, em linha reta, e jogou no chão os dois globos oculares, que rolaram como bolas de bilhar. Eu me lembrei de uma cena famosa do Rei Lear, de Shakespeare,

que tive de ler na faculdade. Aquele negócio de geléia viscosa saltando fora da órbita sempre me provocou náusea. Por isso, reconheço que na hora não pensei em Shakespeare porra nenhuma.

Na verdade, olhei para outro lado, sob pretexto de dar cobertura à

equipe. Fiquei um pouco nervoso e pedi para executar o marginal de uma vez. Ele já estava mesmo virando monstro.

O cara vira monstro quando vai partindo desta para a melhor — no caso dos bandidos, a rota deve ser inversa; deve ser desta para a pior. Nesse momento de passagem, acontece uma espécie de metamorfose com o moribundo — para você ver que eu não sou nenhuma besta, devo lhe dizer que isso me lembra um conto do Kafka com este nome e que conta a história de um sujeito chamado Gregor Samsa, que vira barata. Não falo para me gabar, não. Seria ridículo. Falo para que você faça um juízo correto sobre mim e não se iluda com os próprios preconceitos. Na metamorfose em que o vagabundo vira monstro — como a gente diz no BOPE —, o filho da puta parece que regride, volta a ser criança e começa a chamar pela mãe. É de lascar. Assim, escrevendo, parece cômico, não é? Mas lá na favela, no teatro de operações — as narinas repletas de pólvora, pedaços de corpo espalhados pelo chão —, não tem graça nenhuma.

36

Foi aí que me surpreendi. Eu, não; todo nosso grupo. Capitão Ângelo não autorizou a execução. Levantou o braço. Era a ordem para não atirar. Aproximou-se do vagabundo, abaixou-se e lhe perguntou, ao pé do ouvido:

"Aceita Jesus?" Repetiu, elevando a voz: "Aceita Jesus?" O infeliz disse que sim, aceitava. Fazer o quê? Até eu. Pois é isso mesmo que você está

pensando: o capitão era evangélico e levava a religião tão a sério, que, quando subia as favelas em nossas incursões, dificilmente passava por uma imagem de santo sem atirar. Ele mirava, arrebentava a criatura de louça e resmungava: "Idolatria, blasfêmia." Fazia outras imprecações, mas a gente não ouvia direito.

— Capitão, porra, capitão, assim os moradores vão odiar a gente mais ainda — um de nós ousava dizer, quando ele estourava os santos.

— Não tem problema. Melhor ser odiado do que admitir o culto das imagens.

Isso é coisa do demônio. Por isso é que o crime não pára de crescer.

Antes de conhecer o Ângelo, eu já tinha visto de tudo: tiro em ratazana, no quartel, tiro em cachorro, tiro em vagabundo, tiro em caixa de som de baile funk, tiro em caixa de luz — quando a gente tem visor noturno

—, mas tiro em santo... era novidade.

O diabo é que a gente queria executar o vagabundo e saltar fora da favela. Era tarde e os bandidos poderiam estar se reorganizando, preparando um contra-ataque. Nós não íamos mesmo descer com o cadáver favela abaixo muito menos com um sujeito agonizante, mas ainda com força suficiente para gritar alguma bobagem, no meio percurso, e nos criar mais dificuldades. O jeito era fazer como de hábito: executar e cair fora. Ponderamos com o capitão, mas ele estava inflexível: "Não vamos matar o rapaz. Ele aceitou Jesus. Vai se recuperar."

Chamamos o helicóptero da Polícia Civil. Esse era um procedimento raro, raríssimo. Só chamávamos quando estávamos cercados, em condições especialmente sérias. Ou quando um dos nossos se feria com gravidade e a localização impedia a remoção imediata, em segurança. Mais raro ainda era usar a aeronave para remover o corpo de algum bandido. Só mesmo em

situações extremas. Por exemplo, morto fosse importante, na hierarquia do tráfico, e o corpo, caso entregue aos moradores, servisse de bandeira a protestos.

O helicóptero chegou. Não podia aterrissar. Não havia espaço suficiente. As árvores impediam. O terreno era irregular. Os tripulantes jogaram a caçamba. Pensavam que o cara estivesse morto. Quando descobriram que o vagabundo estava vivo, recusaram-se a içá-lo. Eu compreendi. No fundo, concordava com eles. Levar para quê?

Deslocar uma aeronave até ali por quê? Tudo isso para salvar a vida de um marginal e levá-lo a fazer um cursinho de aperfeiçoamento em criminalidade, na penitenciária, com pós-graduação em ressentimento e ódio? Tudo isso para que ele um dia voltasse às ruas para matar e roubar?

Depois de muito bate-boca dos tripulantes do helicóptero, pelo rádio, com Ângelo e depois de algumas ameaças — o capitão parecia possuído por um

espírito subitamente legalista —, levaram o vagabundo. Na noite seguinte, o hospital foi invadido e ele foi resgatado por seus comparsas. De volta à favela, cego, acabou abandonado pelos cúmplices. Já não era útil. Não durou muito. Não sei se a alma foi salva, mas o corpo não tinha mesmo muitas chances.

38

Justiça em Domicílio

Cássio era uma figura. Capitão Cássio. Quem não o conhecesse subindo favelas, comandando equipes do BOPE, empunhando com coragem um fuzil e se arriscando pelos companheiros, poderia ter uma impressão errada dele. A primeira vista, parecia meio arrogante, metido a intelectual, olhando todo mundo do segundo andar, com um jeitão de David Niven, aquele velho ator de bigodinho, que o Nelson Xavier ou o André Vali imitariam muito bem, se vestissem um fraque e falassem inglês com sotaque britânico. O Cássio passeava seu charme com um certo ar meio biltre, como diria meu avô; meio cafajeste, como diria meu pai. Ele estava mais para Jece Valadão do que para Charles Bronson, mas adorava um final feliz. Só que, para o réu, o final era previsível e sempre infeliz. Exatamente como nos filmes de Bronson, em que os 427 bandidos que mataram e estupraram sua filha vão sendo eliminados, um a um, pelo vingador solitário, o justiceiro das famílias ameaçadas. Vou explicar por que falei em réu.

Cássio queria ser advogado. Até aí, tudo bem. Muita gente boa da polícia sonha com um futuro melhor. Quem não quer mais prestígio, poder e dinheiro? Nada de mais. Isso é natural. Se o cara tiver uma boa base, for inteligente, estudioso, contar com o apoio em casa e não perder a disposição para atingir o objetivo, pode dar certo. Quanta gente boa da polícia não faz

39

prova para o Ministério Público? Por que não a Ordem dos Advogados ou mesmo a Magistratura? Era um sonho legítimo do Cássio. Ninguém discute. Só que ele era uma peça.

O capitão subia as favelas levando uma cadeirinha de armar, aquela que os diretores de cinema usam. Quando chegava ao lugar que planejara ocupar, enquanto esperava que o resto da equipe fizesse uma varredura no morro, mandava os soldados que ficavam com ele fazer um gato e pendurar uma

lâmpada bem em cima da cadeira. Sentava ali, tirava um livro de direito da mochila, abria o diabo do livro e começava a estudar — fazia anotações e tudo, na maior tranqüilidade. Era capaz de passar horas assim. Participei de uma das incursões noturnas comandadas pelo Cássio. Fiquei responsável pela busca de armas e drogas, e pela prisão dos traficantes. Não conseguimos muita coisa. Depois de quase duas horas, levamos só um vagabundo ao capitão, que lia, sentado com aprumo na cadeirinha de diretor, sob a luz improvisada e, claro, devidamente escoltado. O bandido estava com um fuzil, uma pistola mais ou menos um quilo de cocaína. O sujeito tinha sido adotado pelo tráfico local, porque teve de fugir de sua favela, tomada por uma facção rival. Não era dali. Isso facilitava nosso trabalho. Não ia ter choro nem vela. Os moradores não fariam arruaça. Não ia ter irmã chorando, tia se descabelando, mãe desmaiando. Quando apresentei o caso ao capitão, ele aplicou a fórmula com apuro: "Vamos fazer o julgamento do réu." Distribuiu as funções: eu seria o promotor; o réu faria a própria defesa. Determinou que fizéssemos um 360

graus, que significa um círculo completo de proteção, para evitar surpresas e prevenir ataques. Relatei a ocorrência, como se estivesse diante de uma autoridade judiciária. Imitei um promotor e pedi a condenação. Treinando a linguagem empolada e a coreografia do tribunal, o capitão, imitando um juiz, passou a palavra ao réu.

O sujeito não estava entendendo nada. Disse que não era traficante, que tinha ficado com as armas e as drogas, porque a turma do tráfico local, percebendo que a polícia se aproximava, queria queimá-lo, exatamente porque ele sempre se recusam a colaborar. Cássio não gostou nada da cara 40

de-pau do vagabundo. Sentiu que ele estava ofendendo o Judiciário e fazendo o BOPE de bobo. Não demorou muito, disse que estava pronto a prolatar a sentença — isso mesmo, prolatar. E prolatou. O marginal foi sentenciado à pena capital, que deveria cumprir-se, imediatamente. O bandido parecia zonzo, não sabia se a mise-en-scène era a sério. O

capitão há muito encarnara o juiz. Agora, arregaçava, imaginariamente, as longas mangas da toga, porque lhe competia assumir a função de carrasco. O vagabundo tremia e implorava clemência, mas esse comportamento não agradava a Cássio: a sentença já fora proferida e não admitia recursos. O

capitão mandou o soldado Lobo empunhar a arma do próprio traficante, repetiu

solenemente a condenação, autorizou o pobre-diabo a dizer o que quisesse, e determinou que ele fosse calado com um tiro na testa. "Vamos embora", ordenou. Estava encerrada a sessão.

41

Justiça Doméstica

Camargo foi um dos nossos melhores comandantes. Era firme e justo, e não aceitava que o BOPE fosse usado pela política de propaganda do governo, que delega à mídia as decisões sobre nossas prioridades. Graças ao rigor de gente como ele, nosso batalhão resistiu à corrupção, durante muitos e muitos anos. Enquanto o conjunto da polícia se desmoralizava, a gente permanecia como uma ilha de excelência e credibilidade. Não é conversa fiada, não. Sei que isso parece demagogia barata, mas não é. É a pura verdade. Se não fosse isso, nada mais faria sentido. Quem observa de fora, não tem a mínima idéia do que acontece dentro dos quartéis, nas operações e, sobretudo, na cabeça e no coração dos policiais.

Às vezes, é doloroso enfrentar a praga da corrupção, principalmente quando a gente tem de cortar na própria carne para evitar que a doença contagie o corpo inteiro. É como amputar um braço ou uma perna para salvar a vida. A diferença é que, no BOPE, depois de mutilado, o corpo se regenera: outro braço cresce, a perna renasce. A gente volta a ser o que era. Em termos, claro, porque fica a cicatriz, fica a lembrança. Uma cicatriz de que não esquecemos é o Lisboa. Antes de entrar para o BOPE, ele era policial civil e nunca abandonou alguns amigos dos velhos tempos. Eram umas amizades que não faziam bem. Além disso, ele passava

42

por uma dificuldade financeira grave. A família tinha tido algum problema sério. Ninguém sabia o que era, mas ele volta e meia reclamava da vida — o que, aliás, não era incomum, considerando-se os salários que a gente recebia. No caso dele, as coisas pareciam ser mais complicadas do que o habitual. Até que, ao final de uma operação que comandei, ele se aproximou de mim, cabisbaixo, falando baixinho: "Sabe o que é, capitão (eu já era capitão naquela época), estava pensando se não seria possível que o senhor cedesse um fuzil desses que a gente apreendeu. O senhor sabe que eu não sou disso, mas, afinal, não vai fazer falta e,

nesse momento, resolveria a minha vida. Uma arma dessas está valendo uma boa grana e a minha situação..." Eu lhe dei ordem de prisão imediata, abri um procedimento pedindo a expulsão do BOPE e relatei o caso ao coronel Camargo. Dois meses depois do episódio, já de volta ao trabalho, mas restrito a funções burocráticas, enquanto aguardava o julgamento interno, o Lisboa se meteu em outra encrenca. Camargo foi informado pela P2 de que o Lisboa tinha montado, com os antigos companheiros da delegacia, um esquema de tráfico de armas. As evidências não deixavam margem a dúvidas. O comandante Camargo reuniu os oficiais e tivemos de tomar a penosa decisão. Na manhã seguinte, quando chegava do plantão, Lisboa foi morto, na porta de casa, por dois homens, numa motocicleta. A única testemunha do justiçamento relatou à imprensa: "O Lisboa parecia conhecer os dois homens da moto, porque ele parou, tranqüilo, quando foi chamado pelo nome. Aproximou-se como se fossem todos amigos. Estava amanhecendo e eu saio muito cedo, mas a rua estava deserta. Eu nem me preocupei e fui em frente, na direção oposta. De repente, ouvi um tiro seco e o ronco da moto. Me assustei e corri, mas o Lisboa já estava morto. O tiro foi de profissional, bem no meio da testa." Não se tratava propriamente de justiça, mas de interrupção da gangrena institucional e de sinalização aos companheiros. De fato, a indiscutível culpa do Lisboa não era nossa maior preocupação. Se talvez bastasse aplicar as penas previstas no Código Penal e no regimento disciplinar da corporação. A lei não escrita é mais importante quando a

matéria é a honra e o objetivo é a reafirmação da integridade de uma história coletiva. Engana-se quem pensa que o mundo real são os poderes visíveis, as leis escritas e a grana. O mais importante não é dito, nem escrito, nem contabilizado.

A família foi amparada e vacinada contra a verdade. O sepultamento prestou todas as honras à memória de um soldado honrado, que tombou no cumprimento do dever. Zelamos para que os filhos de nosso companheiro herdassem esse legado inspirador.

O Avesso da Vingança

O sargento Juarez já retornava à viatura, na favela da Boa Esperança, na Ilha do Governador, quando um sniper do tráfico lhe arrebentou a cabeça por trás, num tiro de longa distância. A comoção de sua equipe estendeu-se à família e contagiou todo o BOPE, onde ele era um dos veteranos mais queridos.

Nós, oficiais, mal conseguíamos conter os ânimos dos soldados. Na verdade, estávamos tão revoltados quanto eles. Não era só ódio ou indignação; era fúria. Também achávamos que a resposta tinha de ser imediata e radical. Todos tinham sido feridos por aquele tiro covarde. Covarde e humilhante. A honra do Batalhão estava em jogo, além da memória de um companheiro. Era hora de colocar em prática o que aprendemos no curso de operações especiais: "O máximo de, violência, morte e confusão, na retaguarda profunda do inimigo.". Fomos adestrados para nos transformarmos em cães selvagens. Pois, muito bem, tinha chegado o momento feroz.

Formamos um grupo de oficiais para conversar com o comandante em nome do coletivo, depois do sepultamento. Queríamos vingança. O

coronel Camargo disse que sim, claro, a reação era necessária e legítima; ele compartilhava nosso sentimento. Mas achava que era preciso cautela,

porque operações desse tipo já tinham provocado grandes desastres, no passado, envolvendo morte de inocentes e crises políticas de proporções internacionais, com efeitos desastrosos para a imagem da polícia. Preferia uma solução mais racional — foi a palavra que ele usou, não sou eu quem está dizendo. Repetiu aquele velho chavão: "Vingança é um prato que se come frio." E completou, mais ou menos assim: "Não vamos voltar à favela da Boa Esperança, hoje.

Vamos planejar uma bela operação, que se desdobre no tempo, para liquidar todo o grupo, um a um, mas com precisão cirúrgica. Somos guerreiros, não somos açougueiros."

Insistimos, mas não adiantou. Saímos da sala do comandante, inconformados. Sentamos no alojamento de oficiais. Éramos uns nove ou dez. Tínhamos de imaginar uma saída. Com que cara iríamos dizer aos soldados que nada seria feito? Que tínhamos de botar o rabo entre as pernas e que essa era a coisa sensata a fazer; que isso era racional. Convocamos a equipe do Juarez e mais alguns homens que estavam disponíveis. Daríamos um jeito à nossa maneira.

Um de nós tinha um amigo no setor de cautela de armas do Exército. Conseguimos vinte fuzis, munição, granadas, visores noturnos. Combinamos nos reunir à meia-noite, numa escola municipal, perto da favela. Fomos à

paisana, com carros descaracterizados. Tive de ameaçar o vigia para que ele abrisse o portão. Escolhemos uma sala de aula. Gomes abriu o mapa, expôs a localização habitual dos traficantes. Ele conhecia bem o lugar. Discutimos um plano de ação. Éramos 24. Designamos o Gomes para comandar a operação e distribuímos as funções. Invadiríamos a favela com três grupos, ocupando as principais vias internas. Um quarto grupo subiria o morro vizinho imitaria a parte superior da Boa Esperança. Em seguida, pressionaria os vagabundos de cima para baixo, até que caíssem no cerco armado na área inferior da favela. Vestimos os capuzes e rezamos pela alma de nosso companheiro morto.

A estratégia e a tática funcionaram à perfeição. Ninguém escapou, com exceção do assassino do Juarez, que já havia fugido da comunidade,

justamente por temer a retaliação. Ninguém provoca o BOPE impunemente. A caveira tem um nome a zelar. Oito marginais foram executados para que se fizesse justiça.

Descemos a favela em paz, devolvemos as armas e nunca fomos convocados pela corregedoria da PM para tratar do assunto. Às vezes, o silêncio e a inércia são inteligentes. Na prática, nunca houve operação alguma. Nenhuma arma dos policiais do BOPE, mesmo periciada, indicaria qualquer participação. Nossos rostos não foram vistos. O vigia não ousaria testemunhar contra nós. Mesmo assim, os vagabundos não tiveram dúvida sobre quem nós éramos. Eles sempre sabem muito bem quando enfrentam a caveira. Registramos nos nossos caderninhos o nome do rapaz que escapou. Os traficantes o denunciaram. Nós o acharíamos, mais cedo ou mais tarde, onde quer que ele estivesse.

No final da tarde do dia seguinte, coronel Camargo chamou os quatro oficiais mais ligados ao Juarez para uma conversa em seu gabinete. Entramos e cumprimos todas as obrigações que a situação exigia: prestamos continência e permanecemos em posição de senti do diante da mesa do comandante, que mal notara nossa presença, elevando rapidamente os olhos, erguendo e abaixando quase imperceptivelmente a cabeça. Na mesa à

sua frente, estavam uns papéis rabiscados, ao lado das medalhas militares e das fotografias familiares. Parecia um pelotão de fuzilamento, só que, ali, naquele momento, os sentenciados éramos nós. Por mais que se aprenda a criticar e a se

distanciar das formalidades que a hierarquia impõe; por mais que, privadamente, sejamos os primeiros a ridicularizar a religião laica que é

a PM, com os seus ritos, o fato é que, diante da autoridade, tudo muda de figura: quem não tremeria? Você poderia pensar que a causa de meu tremor não era a hierarquia militar, mas a culpa que sentia pela ação da noite anterior. Engano seu. Não havia culpa nenhuma. Culpa, por quê? A memória do Juarez não merecia aquela resposta: A honra da corporação não valia nada? Culpa eu sentiria se tivesse sido covarde, isso sim.

46

— Eu me sinto mal, diante de tudo o que ocorreu. Acho que a culpa foi minha — disse o coronel, com um fio de voz, num tom que não era o seu, numa empostação nada habitual.

Tudo bem que houvesse culpa na história, mas não era minha. Isso é

o que eu queria dizer. Quem estava culpado era o coronel.

— Estou me sentindo muito mal — ele repetiu e se levantou da cadeira. Andou até as estantes, na parede oposta à porta de entrada, e estancou, de costas para nós. Puxou um livro, abriu, virou a cabeça para trás em nossa direção e ordenou que ficássemos à vontade. Folheou o livro e voltou a virar a cabeça.

— Podem se sentar. Sentem-se — apontou o sofá, na lateral da sala, e as cadeiras diante da mesa. — Não estou bem e... — completou, andando em nossa direção — quero falar com cada um de mês de homem para homem. Quem está aqui não é o coronel, muito menos o comandante, é um cristão, um servo de Deus. Vocês acreditam em Deus?

Os quatro policiais convocados pelo coronel para aquela estranha visita ao seu gabinete afundamos no sofá e nas cadeiras. O silêncio prolongado enterrou o gabinete numa atmosfera desconcertante. Tinha a sensação de que mergulhávamos aquém do nível do mar, rumo ao centro da Terra. Nenhum de nós ousou responder. Confesso que comecei a ficar muito mais assustado do que se estivesse recebendo um esporro humilhante ou a descompostura típica, aquela que se recebe quando se faz uma cagada irremediável, ainda que estivesse convencido de que não fizéramos nenhuma cagada. Era lícito vingar um colega executado a sangue-frio por criminosos sanguinários. Ou não era? Lícito talvez

não fosse, mas legítimo era.

— Você — dirigindo-se a mim — acredita? Tem fé?

Quase respondo "obrigado". Sei que não faria sentido. E daí? Nada estava fazendo sentido. Então gaguejei e balbuciei: Ahn, ahn.

— Ahn, ahn, o quê? O que é ahn; ahn? O que é que isso quer dizer?

Acredita ou não acredita?

Eu disse que sim.

47

— Sim, senhor, claro. Por quê?

— Porque o que eu vou contar pra vocês não é coisa desse mundo. Não se pode entender com a lógica desse mundo.

Aturdido, confuso, atônito, eu quase disse: "Ahn, ahn, claro, muito obrigado, sim, senhor."

— Por que é que você está me olhando com essa cara? — O coronel me desafiava. Parecia que ele estava lendo meus pensamentos. Quanto mais eu me atrapalhava, mais o seu radar seguia minha fuga para o fundo da Terra.

— Eu, eu sei sim, senhor.

— Sabe o quê, capitão? — voltou a me provocar.

— Nem todas as coisas desse mundo têm razões... desse mundo; quer dizer, nem tudo é racional.

— Você acredita nos espíritos?

— Sim, senhor.

— Vou repetir: capitão, você acredita nos espíritos?

— Acredito nos espíritos, sim, senhor.

— Muito bem. Alguém duvida? Alguém, aqui nessa sala, duvida dos espíritos?

Silêncio.

— Tem algum ateu, aqui?

— Não, senhor — respondi.

Acho que minha vontade era só quebrar o silêncio. Tenho uma certa dificuldade de lidar com o silêncio diante de autoridade — me dá a sensação de que uma granada vai explodir a qualquer instante na minha cabeça. Quando me chamava a atenção, meu pai costumava interpretar meu silêncio como sinal de indiferença e desrespeito. O resultado é que o silêncio geralmente era sucedido por um cascudo.

Granada na cabeça.

— Não perguntei a você, capitão. Você já tinha respondido. Quero saber o que pensam seus companheiros.

Felizmente, o capitão Irley não deixou a peteca cair:

— Não tem nenhum ateu, não, coronel. Todo mundo aqui tem fé em Deus e crê nos espíritos. Santos nós não somos, coronel, mas posso garantir ao senhor que ateu ninguém é.

Os outros dois, Paulinho e Miro, balançaram a cabeça, concordando. Estavam sentados lado a lado no sofá, suando em bicas, com o rabo entre as pernas e um letreiro na testa: "Fizemos uma cagada." Mais um pouco, se o coronel insiste um pouco mais, se pressiona mais um pouquinho, aposto que os dois iam derreter e confessar o pecado original. Nem parecia que tinham sido treinados no BOPE e aprovados no teste Charlie-Charlie — a referência, aqui, é CC, sigla que designa "campo de concentração", sobre o qual você vai ler mais adiante. Fuzilei os dois com olhos fixos, esperando que seus olhares colassem no meu, franzindo o cenho para lhes passar a mensagem de que o mínimo que se espera de dois marmanjos é hombridade.

Se não amarelaram no morro, por que se entregariam ao comandante? Tão

importante quanto vingar o Juarez era respeitar o pacto de lealdade entre os parceiros. Me deu vontade de sacudir aqueles dois filhos da puta e gritar: "Porra, caralho!" Encarei o Irley buscando sua cumplicidade, como quem diz: ninguém merece confiança. Não se pode acreditar em ninguém.

— Todos acreditam. Que bom. Assim vai ser mais fácil — disse o Camargo. Andou em volta da mesa com as mãos juntas atrás da cintura, olhos postos no chão. Parecia pensar, enquanto falava. Falar para ganhar tempo, enquanto calculava.

— Muito bem — prosseguiu, sentando-se em sua cadeira, atrás da mesa e nos encarando a todos, um a um. — Eu creio nos espíritos e lhes falo como um servo. Cumpro uma missão. Missão que exige muita energia e, sobretudo, humildade.

Baixou a vista, mexeu nos papéis desalinhados, pôs as duas mãos sobre o tampo da mesa, fechou os olhos, voltou a abri-los e continuou:

49

— Há muitos anos eu faço um trabalho religioso, fora daqui. Não trago para o quartel minha vida privada. Não confundo a carreira na polícia militar com as minhas coisas pessoais, muito menos com as experiências espirituais. Sou médium. O Camargo é médium. Trabalho no centro Luz do Mundo. Vou lá com minha família. Quem dá passe, psicografa, recebe as entidades, não é o coronel, não é o comandante do BOPE. Quem psicografa é

o Camargo, estão entendendo?

— Sim, senhor — me apressei a devolvê-lo à sua narrativa para evitar outro interrogatório. Eu estava aliviado. Quem estava confessando era ele.

— Então, vocês vão compreender que, agora, é o Camargo quem precisa lhes dizer uma coisa. Não é o coronel, é o homem, o servo de Deus, o sujeito que carrega nas costas a cruz de uma missão.

Respirou, hesitou, olhou o tampo da mesa, misturou ou organizou a papelada, voltou a nos encarar, um a um, e prosseguiu:

— Essa noite não consegui dormir. Não preguei os olhos. Virava na cama, pra cá

e pra lá. Minha mulher estranhou, porque eu durmo feito uma pedra. Nunca tive insônia. Não sou sujeito de ter insônia, vocês compreendem? Fui pra sala. Acendi o abajur. Não me sentia bem. De início, pensei que fosse coração, mas não quis preocupar minha mulher. Ela acorda cedo, mais cedo do que eu pra cuidar do neto. Fui percebendo que não era nada físico. Peguei um copo d'água, bebi e senti que o que eu tinha era uma puta angústia.

Tanto que a água lavou o mal-estar. Quando percebi que a água era o remédio, deduzi que o problema não era desse mundo. Era espiritual, entendem? Algum de vocês é kardecista?

Antes que eu preenchesse o vazio com alguma bobagem, o Irley que seu padrinho era leitor assíduo do Chico Xavier, mas o coronel não ouviu. Acho que não ouviu, porque continuou falando:

— O kardecismo é uma ciência. Uma ciência cristã, entenderam?

Claro que tem aspectos religiosos, mas não deixa de ser uma ciência. Não

tem nada a ver com aquelas maluquices da macumba. O espiritualismo é

muito exigente. A gente tem de se preparar, estudar, não é pra qualquer ignorante, não.

— O meu padrinho também dizia isso — o Irley insistia com a história do padrinho, mas o coronel não estava nem um pouco interessado na cultura científica da família de meu colega. Foi logo atropelando os comentários do Irley:

— Bebi um segundo copo d'água e os canais se abriram. Sentei à

mesa da sala com lápis e papel, apertei os olhos, pus a mão direita nos olhos, vocês sabem que sou canhoto... e comecei a rabiscar, escrever, escrever. Quando a gente recebe...

— Meu padrinho leu pra mim o Nosso Lar, do espírito André Luiz, que o Chico Xavier psicografou — interveio de novo o Irley, cada vez mais íntimo do coronel.

— Pois é, o Nosso Lar foi a primeira grande obra... A gente não sabe o que escreve, não vê a mensagem que o espírito transmite. É o espírito que escreve com as mãos humanas. Por isso se diz que quem escreve é o médium.

— O meio — era o Irley, de novo, pontuando o comandante.

— O meio, exatamente. Quando recuperei a consciência, vocês sabem o que encontrei? Sabem o que eu li? Têm idéia de quem era a mensagem?

Camargo não esperou a resposta do Irley:

— Do Juarez.

Confesso que, naquele momento, senti um frio na espinha e não consegui dizer nada para quebrar o gelo. O Irley também se rendeu Por isso, coube ao próprio Camargo romper o silêncio:

— Do Juarez, sim, senhores, do Juarez.

Depois de olhar para cada um de nós, o comandante leu mensagem. Confesso que nunca me senti bem com essas coisas Senti a gravitação do

planeta puxando a sala para baixo. É um modo de dizer que tive de apertar o braço da cadeira e trincar os dentes para controlar uma vontade doida que me deu de desaparecer dali. O Juarez, com palavras bem suas, o seu jeitão típico de falar, pedia aos colegas que não se vingassem por sua morte, que uma desgraça só já bastava, que não era isso que ele desejava, que nós, por favor, fôssemos dormir, esfriar a cabeça, que nós orássemos por ele e apoiássemos sua mulher e seus filhos. E que não acrescentássemos outros cadáveres à história dele.

— Fiz questão de ler pra vocês, porque, no fundo — prosseguiu o coronel —, a mensagem é dirigida a vocês, oficiais que ele admirava, aos quais ele sempre foi fiel, nos quais sempre confiou. Senti que era minha obrigação servir de ponte entre ele, onde quer que esteja, e cada um de vocês. Vamos fazer uma oração à alma de nosso irmão, Juarez. Coronel Camargo pôs-se de pé. Eu, Irley, Paulinho e Miro saltamos, despertando de uma espécie de torpor. O comandante disse umas palavras. Nós fechamos os olhos e abaixamos a cabeça. Repetimos "amém", no final, em voz alta. Ele nos pediu que refletíssemos mil vezes

naquela mensagem, antes de tomarmos qualquer medida impensada. E completou: a melhor homenagem à memória do Juarez será respeitar o seu desejo.

— Vou fazer uma visita à viúva, ainda hoje, mas não vou dizer nada a ela sobre essa mensagem. É melhor que isso fique só entre nós. Confio em vocês. Podem ir.

Camargo fez questão de estender a mão a cada um, como se precisasse selar um pacto entre nós.

Saímos do gabinete em silêncio. No corredor, caminhamos de cabeça baixa. Ninguém conseguia dizer nada. Nunca falamos do assunto. Eu nunca conversei sobre isso com ninguém. Procurei esquecer. Era como se precisasse sepultar o encontro, a psicografia, a mensagem, o gabinete do coronel, talvez porque tudo aquilo tivera o efeito de ressuscitar o Juarez, cuja palavra não parou mais de me assombrar.

52

Dois Andares

O cabo Nestor e o soldado Amparo desciam a favela da Conceição, na Zona Oeste do Rio. O resto da equipe já deixara o morro, transportando um volumoso lote de armas apreendidas, na operação daquela noite. Depois de uma incursão forte do BOPE, sem prisões ou mortes, a comunidade respirava a serenidade de um cartão-postal, Todo mundo sabia que os bandidos ficariam bem longe, por algum tempo. Amanhecia e os trabalhadores saíam dos barracos a caminho do asfalto, apressados para embarcar nas funções do dia. Com o sentimento de missão cumprida, Nestor e Amparo pensavam em café com leite, pão, manteiga e o sono dos justos. Ao fundo, o alarido de marmitas, crianças, bolsas e poeira. Como o faro de policial fica ligado 24 horas por dia — em serviço ou na folga, acho que até dormindo a gente permanece alerta —, os colegas perceberam alguma coisa estranha no jeito de dois rapazes. Para não perder a viagem, revistaram os caras. Eram irmãos Um deles portava uma pistola e jurava que não era traficante:

53

— Não sou do movimento, não, senhor. Sou só assaltante Não tenho outra arma,

não.

Garantia que não sabia nada sobre as armas do tráfico. Amparo insistiu:

— Ou você dá as peças, ou vai pra vala.

O sujeito ficou apavorado: por um lado, sabia muito bem que não se brinca com o BOPE; por outro lado, entregando as armas, talvez se safasse, mas não escaparia dos seus comparsas, na prisão ou na favela. Seria tratado como X-9. O fato é que resistia, negava, jurava era só um ladrãozinho de merda, que não tinha nada, que a arma era só aquela ali mesmo. O irmão tremia e garantia que não tinha nada a ver com o que o outro fazia ou deixava de fazer, que era trabalhador — essa conversa fiada. Nestor decidiu levá-los para casa:

— Vamos ver se vocês vão ou não vão dar as peças. Onde é moram?

Vamos pra lá.

Subiram uma ruela sinuosa e entraram numa casinha de dois andares, próxima a um beco. Sala e cozinha escuras e apertadas, separadas por uma cortina engordurada, azul-marinho. A geladeira ficava na sala, ao lado da televisão. Um sofá rasgado e uma cadeira, sob um tapete de parede com motivos venezianos: gôndolas, pontes, canais. A escada lateral de madeira, íngreme. Um dos irmãos repetia que a mãe era doente, um AVC a deixara paraplégica, passava os dias em casa e morreria se soubesse que os filhos tinham qualquer problema com a polícia. Nestor, paternal e compreensivo, fazia o contraponto a Amparo:

— Se vocês derem as armas, não vai acontecer nada com vocês, nem com sua mãe. A porta rangeu.

— Quem está aí?

A voz feminina vinha do segundo andar. Provavelmente era verdadeira a história da mãe doente.

— Somos nós, mãe. Fica tranqüila. Os polícias só vieram ver se tem alguma coisa errada, aqui --disse o cara da pistola, que era mais alto e um pouco mais velho.

— A senhora fica aí em cima. Não queremos nada com a senhora —

disse o Nestor.

— Agora, deixem de vendagem e passem os fuzis. Onde estão as peças? — Amparo fazia o papel do meganha durão: — Vamos, porra. Não temos a manhã toda não, caralho.

E sentou a mão na cara do mais baixo.

— Porra, seu polícia, não esculacha. Tô dizendo que não sei de arma nenhuma. A única arma era aquela pistola. Estou falando a verdade.

— Não fode — Amparo respondeu com uma coronhada e um chute no joelho.

O rapaz envergou e começou a chorar:

— Não sei de armas, porra; não tenho peça nenhuma. A mulher gritava lá de cima:

— Os meninos são trabalhadores. Nossa família é honesta. Não tem arma nessa casa. Deixem eles em paz.

— Não se mete, porra — Amparo respondeu. E aumentou o tom:

— Cala essa boca, sua puta. Se não fechar essa boca suja, eu vou encher de porrada esses filhos da puta.

— É melhor a senhora ficar na sua; se não, as coisas podem se complicar — ponderou Nestor, a voz hierática de um sacerdote da segurança pública.

— E você, seu vagabundo de merda?

Amparo deu um tapa de mão aberta na cara do menino mais alto. Nelson Rodrigues dizia que tapa não dói, mas o som do estalo humilha. Não sei se não dói. Conhecendo a força do Amparo, não sei não. Agora era Nestor quem entrava na pilha:

— Dá logo as peças, caralho.

— Pô, eu já disse ao senhor que não tenho nada a ver com isso, não sei de nada.

Esse menino era mais baixo e mais frágil. Passou do choro ao soluço feito criança, o que deixou o Amparo fora de si.

— Dá logo, cacete, ou te estouro a cabeça aqui mesmo.

— Não atira, pelo amor de Deus. Meus filhos, pelo amor de Deus. São meus filhos. Nosso Senhor Jesus Cristo.

A mulher entrou num surto histérico. Não ajudou. As orações não ajudaram. Nem os apelos. Ao contrário, os brados da beata, ecoando como se fosse um coro de Igreja, enlouqueceram Amparo. Reagiu na mesma linguagem, vociferando como o Deus do Primeiro Testamento:

— Cala essa boca, sua filha da puta.

Apontou o fuzil para a coluna em que se fixava a escada e disparou para assustar os garotos e a mãe, e restaurar a ordem no recinto. Acontece que, por um desses ardis da sorte ou do azar, a bala ricocheteou na coluna e acertou a nuca do rapaz que chorava. A explosão injetou adrenalina nos personagens, acelerou o tempo, detonou o equilíbrio de Nestor e Amparo, aumentou o volume dos gritos da mulher e paralisou o rapaz mais alto. Ante os vestígios do irmão na parede, ele ficou verde, amarelo, azul e branco.

— Meus filhos, meus filhos, quem atirou? Pelo amor de Deus, Seguiram-se uivos estridentes da mãe que intuiu o pior.

— Eu dou. As peças estão na caixa d'água — o sobrevivente encarando Amparo.

— Agora é tarde. Como é que nós vamos ficar, hein?

Amparo sabia que não tinha saída. Por isso, teve que continuar atirando. Nestor também sabia e pôs-se a disparar. O rapaz corria pela cozinha e a sala como um peru bêbado, em véspera de Natal, implorava, guinchava, subia na pia, deslizava pelo sofá, saltava geladeira, empurrava a

TV, e os ruídos se misturavam à ebulição da mulher, no segundo andar, que

acompanhava a cena pelos sons. Parecia incrível que fossem necessários tantos disparos em um espaço tão pequeno. Imagina dois cavalos, três cavalos incontroláveis condenados a travar uma luta de vida ou morte no interior de uma casa modesta; um confronto arquetípico entre deuses gregos, ciclopes e unicórnios, movendo céus e terra, raios, fogo, ventos e oceanos. Gênesis e apocalipse entre quatro paredes: chão e teto salpicados de sangue, ossos, cacos de vidro, blocos de gesso, pedaços de madeira e pano, fragmentos de tijolos, imagens diluídas na nebulosa de poeira, cheiro de pólvora e carne queimada.

O menino tombou, agarrado à cortina, os olhos arregalados o imóveis.

Quando Nestor e Amparo fecharam a porta, só a voz da mãe se ouvia. Um erro leva a outro. Nesse caso, um golpe de azar exigiu uma ação indesejada: não faria sentido permitir que uma testemunha sobrevivesse. A mulher foi preservada porque não viu ninguém. Às vezes, somos nós ou eles. Nem sempre fazemos o que é certo ou o que gostaríamos de fazer. Nem sempre os resultados são os melhores, Não pense você que Nestor e Amparo eram monstros insensíveis, Tenho certeza de que eles também sofreram com a carnificina. Que tiveram pesadelos. Tomaram tarja preta para dormir. Mas a gente acaba se acostumando.

Botas de Sangue

Lembro-me de uma novela, estilo mexicano, um dramalhão bem ruidoso, com título parecido: bodas de sangue. Ah! Sim, não era novela, não. Era um romance do Nelson Rodrigues, assinado com algum daqueles pseudônimos incríveis que ele inventava, do tipo Suzana Flag. A essa altura você deve estar pensando que eu sou obcecado pelo Nelson. É verdade. Sou mesmo. Aliás, nesse caso, com um pequeno twist e alguma boa vontade, as bodas sangrentas poderiam muito bem ser atribuídas a Garcia Lorca. O bom gosto e o mau gosto se separam e se superpõem, dependendo da perspectiva. Isso tudo é muito relativo. Não é preciso ser doutor em estética para saber. Mas

isso não importa. O que interessa é contar a história, a estranha história das botas do cabo Alves. Ou do soldado Alves, porque na época das botas ele ainda não tinha sido promovido.

Estávamos no fórum, apoiando o deslocamento de um preso perigoso para depoimento à Justiça. Conversávamos do lado de fora da sala de audiências, porque o corredor estava praticamente vazio e a situação, sob controle. Colegas acompanhavam o preso, dentro da sala; outros se postavam na entrada do prédio; havia ainda companheiros nos pontos estratégicos — escadas, saídas de emergência etc. Um sistema de câmeras completava o trabalho de vigilância, a cargo outro colega. Portanto, nenhum problema em trocar algumas palavras. Digo isso para que você não pense que éramos profissionais relapsos, batendo papo em serviço. Por favor, não confunda o BOPE com a polícia que você costuma ver, por aí. Em certo momento, o cabo Alves sussurrou:

— O senhor viu quem passou, capitão?

Eu tinha visto um rapaz empurrado numa cadeira de rodas, de algemas, conduzido por um policial militar.

— E daí? — perguntei.

— Não reconheceu? — insistiu Alves. — Estou pasmo. Como é que aquele filho da puta sobreviveu? Aquele é o Naldinho, das botas.

— O Naldinho? Tem certeza? Não é possível. Parece outra pessoa.

— Claro, capitão, deve estar uns 20 quilos mais magro e pelo menos um ano mais velho.

— Aquela operação já tem um ano?

— Pelo menos. Além do mais, ele deve ter envelhecido vários anos. Não sei como é que o cara sobreviveu.

— Alves, para ser bem sincero, também não.

— Será que ele viu a gente?

— Que nada. Ele passou de cabeça baixa. Parecia anestesiado

— Será que ele ficou abonado?

— Ficou, não, Alves, o Naldinho sempre foi meio débil. Aliás, nunca conheci um traficante que fosse um gênio. Você já?

— Não, capitão. Mas agora fiquei preocupado. Será que ele viu a gente e disfarçou? Só faltava o filho da puta, além de ressuscitar foder a gente.

— Fica frio, Alves. Desliga, porra. É a nossa palavra contra a dele e não se esqueça que a Justiça está sempre do nosso lado. Você algum auto de resistência dar alguma merda?

O cabo Alves teve de concordar. Na verdade, falei com muita ênfase para convencer a mim mesmo. Eu não tinha tanta certeza assim de que o filho da puta não nos tinha visto e reconhecido. Nem que a gente estivesse blindado contra qualquer merda.

O caso do Naldinho aconteceu na favela de Murici, em Niterói. Alves ainda era soldado, se não estou enganado. Ele era o ponta. Eu comandava a operação. Não me lembro bem se ainda era tenente ou se já era capitão. O

fato é que nós oito estávamos incursionando para prender ou eliminar os traficantes, que estavam infernizando as redondezas com seus bondes noturnos, que desciam a favela para fazer falsas blitzes, roubar carros e pertences de motoristas e passageiros, especialmente as armas que encontrassem. E quem estivesse armado era morto, imediatamente, fosse ou não policial. Se fosse policial, o requinte de crueldade era maior. A subida tinha sido bem planejada. Cercamos uma favela próxima, a Coréia, ostensivamente, dando toda bandeira de que invadiríamos com força total. Mas nosso alvo era a Murici. Durante o dia, tínhamos combinado com o 22o. Batalhão uma limpeza no terreno. Não explicamos o motivo, mas pedimos que eles subissem executando todos os cães que achassem pelo caminho. Inventamos uma história meio maluca a propósito de uma suposta epidemia de raiva, na favela, constatada pela Secretaria de Saúde, e sobre a necessidade de não compartilhar a informação com os moradores, para evitar pânico. Não sei se engoliram a besteira, mas aplainaram o caminho para nós, garantindo o silêncio de nossa incursão noturna. Uma longa caminhada morro acima, sem um único latido. Os falcões — garotos do

tráfico responsáveis pela vigilância estavam desativados, porque todas as atenções se voltaram para o morro da Coréia. O campo não poderia ser mais

favorável. Mesmo assim, como sempre, subimos com toda cautela: o ponta avançando até o próximo local estratégico, de onde se pudesse visualizar a próxima etapa da incursão, e assim sucessivamente. Alves fazia o sinal para o segundo e para mim, eu definia a orientação mais adequada, em cada momento, procurando seguir, na medida do possível, o que tínhamos previsto.

Numa dessas situações raras e complicadas — mas, afinal, para isso existe o ponta —, virando a esquina ao fundo de um beco, logo depois de pisar em um bueiro solto e imperceptível naquela penumbra, Alves foi surpreendido por um traficante que descia armado. Alertado pelo barulho, o vagabundo atirou na sombra que mal divisava à distância, porque estava no outro extremo do pátio.

O beco desembocava em um pátio amplo, razoavelmente iluminado, cercado de casas de dois andares, a quadra da escola de samba, postes, fios enrodilhados pelos milhares de gatos e algumas árvores isoladas, que o poder público plantara, provavelmente para que não se dissesse que não falou de flores. Filhos da puta. Eles todos, os traficantes de um lado, os políticos de outro. Nem sei se é mesmo assim, um lado e outro. Às vezes, é o mesmo lado, o bolo é um só. É o crime organizado, aquele que penetra as instituições públicas, como reza a cartilha. Mas deixa isso pra lá, que a guerra já vai começar na frente da quadra da escola.

Alves não foi atingido, mas acertou o vagabundo. Nós corremos para apoiar o ponta, buscamos abrigo nos postes e nas árvores. Os traficantes abriram fogo, cobrindo o bandido designado para resgatar o comparsa ferido. Jogaram uma granada. O soldado Rodrigues saltou para perto do lugar em que a granada caía e não para longe, como faria um amador. Protegeu a cabeça, junto ao chão, e sobreviveu. Sua agilidade o salvou. Foi atingido por estilhaços, mas nada mais grave. Apertamos a pressão e impusemos o recuo aos inimigos.

61

O vagabundo se contorcia, sangrando como um porco. Avançamos e montamos um 360 graus. Os vagabundos se deram conta de que estavam lidando com o BOPE e fugiram. O moribundo era nosso butim. O tiro lhe abrira a barriga e cuspira as vísceras para fora. Aproximei o cano do fuzil do rosto do infeliz e ele ainda teve força pura pedir que eu não esculachasse. Bandido tem pavor de morrer desfigurado, porque assim não pode ser velado com caixão aberto. Quando ia dar o tiro de misericórdia entre os olhos, naquele ângulo que mata mais rápido, uma moradora abriu a janela e começou a me hostilizar:

— Não mata, não mata. A polícia vai matar o rapaz. A polícia vai matar. Assassino.

Se tem uma coisa que me deixa puto, é isso.

— Fecha a janela, sua vaca, ou morre também, sua puta. Gritei e apontei a arma para cima. A mulher fechou a janela, apagou a luz.

Lamento ter de empregar expressões vulgares. Não faria sentido mentir e fingir que, naquela hora, eu tive sangue-frio para dizer: “Minha senhora, se não for incômodo, será que daria pra senhora fazer a gentileza de fechar a janela, porque eu tenho de executar esse cidadão e a senhora está distraindo minha atenção?"

A mulher fechou a janela e apagou a luz, sim, mas quem diz que não continuou olhando e, quem sabe, fotografando e filmando? Não dava mais para completar o serviço. O jeito era descer com o porco sangrando. O

vagabundo, provavelmente, apagaria antes de chegar à viatura. Nossa única preocupação era o Rodrigues. Ele disse que estava bem, só se ferira nas mãos e nos braços, mas, com explosões, nunca se sabe. Há casos em que a pessoa absorve o impacto e sofre uma hemorragia violenta, mas custa a perceber; vai-se esvaindo sem se dar conta. Puxamos o porco ladeira abaixo, sem fazer nenhum esforço para poupar o filho da puta. Lamento ter de escrever desse jeito, mais uma vez. Foi assim. Quando chegamos ao sopé do morro, enquanto aguardávamos a ambulância, o Alves não se conteve e

meteu o pé na massa vermelha, meio esbranquiçada, meio enegrecida, que pendia do ventre aberto do vagabundo. E ainda pronunciou a maldição:

— Pronto, assim o filho da puta não escapa. Tem terra, bosta, bactéria e germe pra caralho. Engole essa merda, seu puto. É ruim isso, eu sei, é de mau gosto, é nojento. É o que eu chamo trabalho sujo. Porra, mas aconteceu. O que é que eu vou fazer? Agora você

entende por que o Alves ficou da cor do papel quando Naldinho cruzou conosco no fórum, um ano depois. O cara sobre viveu. Quando não é a hora, não é a hora, não adianta.

Sniper

Como todas as melhores forças de combate do mundo, o BOPE tem seu sniper, aquele sujeito que é capaz de aparar o bigode de um gato com um tiro, a meio quilômetro de distância, mesmo no tumulto de um seqüestro. Nosso sniper era o Duque, sargento Alceu Duque dos Santos. Naquele fim de tarde, ele subiu a favela de Nazareth conosco, determinado a estrear seu

novo fuzil Remington 7.62, de alta precisão, com cano flutuante e luneta Leopold. Alcançamos o platô lateral superior do morro, de onde tínhamos uma visão ampla da movimentação na favela. A incursão era preventiva. Tínhamos notícia de que os vagabundos que comandavam o tráfico local pretendiam pôr o bonde na rua e barbarizar o bairro. Com BOPE

fungando no cangote, a molecada não seria doida de brincar com fogo. Levamos visores noturnos e nos preparamos para passar a noite por ali mesmo.

Enquanto nos acomodávamos, ocupávamos os pontos estratégicos e planejávamos uma ação saneadora, para nos livrarmos de uma vez dos vagabundos daquela comunidade, o Duque se divertia com seu potente Remington 7.62, lustrado, elegante, girando pra lá e pra cá no bipé que o sustentava. Parecia um menino feliz mijando em direção às estrelas numa noite de verão, depois da primeira transa com a menina mais cobiçada da turma. Lá ia ele, virando para todos os lados a incrível luneta Leopold, acoplada à arma, fazendo pose de herói nacional.

— Duque — eu disse —, acho que você andou assistindo muito filme de guerra, ultimamente. Está querendo brincar de bandido mocinho? Só

falta fazer a trilha sonora, imitando o som dos projéteis que cortam o céu. O

que é que você tanto olha? A favela está tranqüila, não tem ninguém fora de casa. A malandragem já sabe que a gente está aqui. Pode relaxar.

— Eu sei, capitão, eu sei. É que daqui, com a luneta, também: dá pra ver perfeitamente a favela do Bugre.

Tudo bem. Eu tinha mais com que me preocupar. Chamei o Torres e o Vargas

para definir alguns detalhes do plano de ação e me esqueci do nosso sniper.

Não passou muito tempo — uma meia hora, quarenta minutos, talvez

—, o Duque me chama, agarrado à sua arma, o olho direito pregado na luneta:

— Capitão, capitão. Acho que estou com um bandido no alvo.

— Mas você está mirando para fora da favela.

— Pois é, capitão. Acho que identifiquei um vagabundo lá no Bugre.

— No Bugre, rapaz. Mas dá pra você ver que é um bandido. Como é

que você sabe?

— Dá pra saber, sim, capitão. Dá uma espiada o senhor mesmo com seu binóculo. O cara está com um fuzil. Quer dizer, tudo indica que é um fuzil.

— Tudo indica ou é um fuzil?

— Mais ou menos.

— Como mais ou menos? É mais ou menos um fuzil?

— É um fuzil. Um fuzil. Dá pra ver o cano longo, direitinho. É fuzil no duro. Olha, só, capitão. Espia.

Apontei meu binóculo, me abaixei para ficar ao lado do fuzil, busquei a posição mais adequada, grudei os olhos nas lentes, mas não vi porra nenhuma. Nem fuzil, nem pessoa alguma, mal vislumbrava uma bruma leitosa, o mormaço tardio numa nuvem de areia.

— Não estou vendo porra nenhuma, Duque.

— O senhor já vai ver, capitão. Ajeita direitinho. Dá uma olhada naquela pedra. Tá vendo aquela pedra pontiaguda, grande, lá no alto? Agora, desce reto, passa pelas casas, a bicicleta, desce mais, morro abaixo, o verde, a terra e a alça de terra... Pronto. Achou? O senhor tá vendo?

Ele se esticou ao meu lado, meteu a cara, mexeu nos anéis que regulavam o visor e exclamou:

— Pronto. Agora, olha ele lá. Olha lá.

Olhei, fixei a vista com o máximo de intensidade. Via uma forma tênue longilínea que parecia se mover, mas eu nem tinha certeza se o vulto era uma pessoa, se efetivamente se movimentava, muito menos se portava uma arma.

— Você está doido, Duque. Está vendo coisas.

— Não estou não, capitão. É um cara, sim, e está armado.

— Deixa o cara, esquece.

— Pô, capitão, ele está bonitinho, bem na alça de mira. Deixa eu dar um teco. Vai ser um só.

—Que é isso, Duque? Esquece essa bobagem.

— Mas, capitão, o sujeito se mexe feito bandido, eu conheço essa gente. É um vagabundo, sim senhor.

— Esquece, porra.

— Puxa, capitão, ele está bem paradinho, quietinho, parece um passarinho pedindo um teco. É só um. Deixa eu dar uma pancadinha só.

— Duque, você já imaginou a merda que daria se você estivesse enganado? E se não houver fuzil nenhum? Se for uma bengala? Se for um pedaço de pau? Se for qualquer outra merda, cacete? Além do mais, dessa distância dificilmente você acertaria o seu passarinho. Porra, muda o disco. Relaxa. Deixa essa merda pra lá. Estica as pernas. Toma um gole d'água. Vem ajudar a gente a finalizar o plano.

— Puxa, capitão. Seria um tirinho só. Essa arma é a oitava maravilha do mundo. Não tenho como errar. Olha o filho da puta ali, logo ali, tranqüilo, paradinho. Capitão, ele está pedindo.

— Esquece, porra. Não enche o saco, Duque. Pou!

Foi um estampido só.

Duque parecia tomado por uma compulsão. Parecia um drogado.

— Acertei o filho da puta, capitão. Acertei. Está no chão. O cara está

no chão.

— Puta que o pariu, Duque. Quem foi que te deu a ordem, porra? Não ouviu o que eu disse?

— Pô, capitão, é que ele estava pedindo...

— Corre lá, caralho. Eu vou com você.

Chamei alguns soldados para nos acompanharem.

— Vamos ver o que você aprontou.

Descemos a favela de Nazareth, numa carreira desabalada. Atravessamos algumas ruas. Chegamos à base da favela do Bugre, que parecia pacificada, seja porque estávamos ali por perto, seja porque tínhamos leito, uns dias antes, um trabalho do tipo antibiótico tarja-preta:

de amplo espectro. Não deixáramos pedra sobre pedra. Se bem que, se o Duque estava certo, alguma semente talvez tivesse resistido e já começasse a se desenvolver novamente — mas isso era sempre assim. Subimos com cautela, profissionalmente, mas em alta velocidade. Eu já havia suado o equivalente ao índice pluviométrico daquele mês inteirinho. Finalmente, chegamos à área onde o Duque supostamente atingira seu alvo. Um bolo de gente cercava um sujeito estirado. Todo mundo correu, quando nos viu. O

cara estava vivo, chorava e apertava a região pélvica. Alguns metros adiante, os bagos boiavam numa poça de sangue, espalhados, estilhaçados. Ao lado do pobre coitado, o fuzil que só o Duque tinha visto. Visto ou intuído, sei lá. A moral da história parecia ser essa mesmo: para o sniper, mais importante que a

pontaria é a intuição. Pensei que o Duque fosse tirar uma onda e gozar da minha cara — entre nós o companheirismo era muito mais profundo e antigo do que a relação hierárquica. Mas ele estava inconformado:

— Porra, capitão, que merda. Ainda não me acostumei com essa arma. Que merda. Sacanagem com o cara. Olha só que cagada. Não era isso que eu queria fazer. Se eu acerto, o sujeito não ia nem sentir.

Caveira

Quando vejo uma autoridade da área de Segurança Pública de "conversa fiada na televisão, confesso que fico puto. Em geral, esses dirigentes são políticos, uma turma que costuma bater no peito e bradar discursos moralistas, na maior hipocrisia. Quando o problema são os bandidos, o papo é um só: "Vamos apurar e punir com rigor, doa a quem doer." Quando o alvo

somos nós, os policiais, a desconversa é mais ou menos assim: "Vamos afastar imediatamente quem estiver desonrando o uniforme que veste. A integridade e a história da instituição têm de ser preservadas." O pior é que nossos superiores hierárquicos, nas próprias polícias, freqüentemente agem como políticos. E até viram políticos, no final da carreira. Tudo bem, nada contra os políticos. Eles são como os policiais, honestos ou desonestos. Cada caso é um caso. Não dá para generalizar. Mas admito que chego a ficar enojado quando vejo algumas farsas e manipulações demagógicas. O que mais me revolta é a hipocrisia. Ela, às vezes, é fatal. Outro dia, trocava idéia com um amigo, o Franco, e esse assunto veio à baila. Acabamos nos lembrando de um caso revelador. A conversa começou com o Franco me dizendo o seguinte:

— Porra, cara, vai ficar o maior barato. Vou fazer aqui, no braço, perto do ombro.

— Vai ser o quê? Uma sereia? Um coraçãozinho flechado? O da Duília?

— Qual é, meu irmão? Não fode. Vai ser coisa de sujeito homem.

— Uma âncora...

— Que âncora, rapaz. Não sacaneia, porra. Vai ser uma caveira. Claro.

— Esse negócio de tatuagem pra mim não tem sentido. Pra que a caveira?

— Muita gente do BOPE tá tatuando a caveira. Já recebi telefonema de colegas que se tatuaram, no maior orgulho. É importante, cara. É nosso orgulho, nossa honra. Fica pra sempre. Assim como ser membro do BOPE. É

uma coisa que fica pra sempre na gente. É como se fosse uma medalha. É a nossa bandeira. O tempo passa, a gente envelhece, sai do BOPE, sai da polícia, mas a história não se apaga. O orgulho fica. E quando a gente se encontrar, um dia, já reformado, vai se lembrar com orgulho. É o nosso símbolo, porra. A nossa religião.

— E se, de repente, você descobrir que um punhado de filho da puta manipula o seu orgulho? Vai lavar a caveira pra não fazer papel de babaca?

Franco me olhou meio puto, meio curioso. Expliquei:

— Viu o jornal, hoje? — E daí?

— Viu ou não viu?

— Vi.

— O que é que você acha?

— Sobre o quê?

— O tiro, porra. A tragédia. Sei lá como chamar. Lá em Vigário. Não viu aquele menino baleado pela equipe do capitão Plácido, pelos nossos bravos companheiros do BOPE?

— O artista?

— Aquele cara é legal pra caralho.

— Eu sei, conheço ele. Todo mundo admira ele, lá na comunidade. Ele é um super exemplo pra todo mundo. E canta bem paca.

— Então, porra. O que é que você acha?

— Acho triste. Uma coisa horrível. Deve ter sido um acidente, uma fatalidade.

— Fatalidade porra nenhuma. Conversei com o Plácido, hoje de manhã.

— Foi proposital?

— Claro que não. Ele tá arrasado. Mas é como se tivesse sido. No fundo, pode-se dizer que sim, foi intencional.

— Não tô entendendo.

— Você sabe que o pessoal da Secretaria de Segurança está louca atrás do Matias Matagal. A sociedade quer sangue, quer vingança. O

governador cobra a prisão do vagabundo a qualquer custo, de qualquer maneira. Cobra todo dia, toda hora. O secretário diz que vai ficar maluco; que não agüenta mais a pressão. Você pode imaginar o sufoco em que estão o comandante-geral da PM e o chefe da Polícia Civil.

— Posso imaginar.

—Numa hora dessas, neguinho esquece tudo: técnica, lei, metodologia de trabalho, tudo. Quer resultado. Resultado a qualquer preço.

— Depende do resultado, cacete. Arrebentar a perna de um cara que não tem nada a ver com porra nenhuma, e que é um ídolo da comunidade, é

um resultado de merda.

— Aí é que está o ponto. Você matou a charada. O que aconteceu lá

em Vigário, foi, literalmente, um tiro no pé.

SEXTA-FEIRA, NOVE DA NOITE, GABINETE DO COMANDANTE DO BOPE

O telefone vermelho interrompe a reunião do coronel Rubilar com quatro oficiais e o subcomandante. Assistiram juntos à fita do Jornal Nacional e discutiam planos alternativos para uma operação emergencial especialmente

delicada. Metade do noticiário fora ocupado pelo sepultamento do empresário carioca, seqüestrado e assassinado no cativeiro, depois de barbaramente torturado. A comoção tomou conta da cidade, do estado e do país. O Rio virou a capital da violência. Houve até leitura solene de editorial exigindo o fim da impunidade.

— Rubilar, o que é que aconteceu? Fui informado de que o BOPE

ainda não chegou a Vigário Geral. O governador não pára de me ligar. Está

na maior ansiedade. Ele também foi informado pela Polícia Civil de que o Matias está em Vigário. O comandante-geral tinha me garantido que o BOPE

já estava a caminho.

— Secretário, infelizmente, não podemos incursionar na favela a uma hora dessas. Hoje é sexta-feira. Seria uma irresponsabilidade. Tecnicamente, não há condições. Hoje é dia do baile funk. Uma quantidade grande de gente circula na comunidade. Uma invasão nessas condições só pode acabar em desastre.

— Desastre é lavar as mãos, coronel. Para que serve o BOPE?

— Secretário, com todo respeito, o BOPE serve justamente para resolver problemas, não para criar mais um. A gente tem a responsabilidade de servir com competência à segurança pública. A última coisa que o BOPE

quer é lhe dar dor de cabeça. O senhor e o governador já têm problemas

demais. A sociedade não agüenta mais e é claro que a gente tem de agir. O

BOPE não se nega a intervir, nem se furta a arriscar a vida dos nossos homens. Fomos treinados para cumprir as missões mais difíceis. Mas não posso, não podemos ser cúmplices de uma irresponsabilidade. Eu estaria sendo mau conselheiro se lhe dissesse que a ação é viável. Não é, secretário. Lamentavelmente, não é. E o que lhe afirmo se fundamenta no exame estritamente técnico da situação. Estou dizendo ao senhor o que já disse ao comandante-geral da Polícia Militar. Se o senhor julgar pertinente, posso repetir ao próprio governador. Posso explicar tudo, tecnicamente.

— Tecnicamente, Rubilar, tecnicamente? Mas o que é isso? Parece que você está em outro mundo. Será que você não está entendendo a gravidade da situação? Rubilar, o governo está acuado. A população está

desesperada. O governo federal está estudando a hipótese de uma intervenção. Uma intervenção, Rubilar. Você sabe o que isso significa?

— Sei, secretário. Eu compreendo sua angústia...

— Como é que você pode vir com argumentos técnicos? O desespero é

técnico? A intervenção federal é técnica? O assassinato foi técnico? Não quero saber de técnica nenhuma. A única técnica que interessa é o resultado. Quero o vagabundo, o Matias Matagal; quero esse monstro vivo ou morto. É o que o governador determinou. O que a população deseja. Rubilar, eu ordeno o imediato deslocamento do BOPE para Vigário Geral.

— Secretário, por favor, compreenda minha situação. Não se trata de afrontar sua autoridade ou a do governador, nem a do comandante-geral. O

que eu não posso é dar uma ordem que vai provocar um desastre. O

Batalhão de Operações Policiais Especiais é diferenciado, secretário, não só

pela força, mas também pelo treinamento. O que nos distingue não é a força, mas a técnica, porque a força, quando é eficiente, é uma decorrência da técnica. Por isso, o BOPE, em combate, fere menos e mata menos; é menos ferido e morre menos. Sei que o senhor sabe disso tudo, mas estou tomando a liberdade de compartilhar essa reflexão, porque minha resistência a deslocar meus comandados é uma manifestação de responsabilidade.

— É uma manifestação de insubordinação, isso sim. Vamos deixar as coisas em pratos limpos, Rubilar. A rigor, eu não deveria nem estar falando com você. Pela hierarquia, eu só falaria com seu superior, o comandantegeral da Polícia Militar. Telefonei pra você por deferência ao BOPE. Parece que você não compreendeu meu gesto, nem está se dando conta do que é

que está em jogo. Sendo assim, só me resta ser direto: sou eu ou você. O

Matias está em Vigário e é necessário caçá-lo. Se você não for, o BOPE vai com outro comandante. Você tem trinta minutos para invadir Vigário. O secretário desliga. Rubilar pousa o fone no gancho e grunhe alguma coisa inaudível. Os oficiais e o subcomandante continuam em silêncio, esperando as palavras que não vêm. O coronel tira com força o fone do gancho e disca o número do gabinete do comando geral da PM.

— Comandante, sou eu, Rubilar. Ligou. Acabei de falar com ele. É por isso que estou ligando pro senhor. Ele quer o BOPE em Vigário, agora. Eu disse a ele o que já tinha dito ao senhor, mas não teve jeito. Comandante, por favor, isso é muito sério. O senhor quer carregar uma catástrofe em sua biografia? Eu não quero. Meus oficiais estão de acordo comigo. Qualquer profissional sério, comandante, sabe que não faz sentido uma operação improvisada a toque de caixa, de uma hora para outra, em meio ao baile da comunidade, com centenas de pessoas transitando. Não é isso que ensinamos aos recrutas. O BOPE não pode ser instrumento de uma aventura irresponsável, comandante. Por favor, fale com o secretário. Fale, novamente. Diga que é uma questão técnica. Por que o senhor não tenta um contato com o governador?

Rubilar ouve em silêncio. Rosna um último "Sim, senhor", e desliga. Volta-se para os subordinados que acompanham a cena com a respiração quase suspensa e diz:

— Política. O comandante-geral disse que não pode fazer nada. Que a decisão é política, não é técnica. Foda-se a comunidade. Foda-se o BOPE. Po-lí-ti-ca.

72

SÁBADO, 11 DA MANHÃ, CORREDOR DO HOSPITAL

Familiares do cantor se misturam a jornalistas na expectativa de uma notícia do centro cirúrgico. Consternação e revolta. As vozes se confundem. Ouve-se um relato:

— Ele estava no carro quando o blindado do BOPE entrou na favela. Contou que, quando viu aquele farol do blindado focalizando o carro, mandou a namorada ficar imóvel e abriu lentamente a porta, gritando que estava saindo, na boa. Muita gente passava correndo pra tudo que era lado. Quando pôs o pé na rua e começou a descer do carro, veio a rajada. Ele só

sentiu a pancada violenta e o calor úmido do sangue se espalhando debaixo da calça. Ainda teve tempo de avisar à namorada que tinha sido atingido. Ela não acreditava. Se recusava a acreditar. Ele desmaiou antes de sentir dor. Foi um inferno. Se Deus quiser, vai recuperar os movimentos e vai voltar a andar. Mas os outros dois meninos nem chegaram ao hospital. Morreram junto ao alambrado, perto da Casa da Paz.

O noticiário da rádio mais popular da cidade informa: "O comandante do BOPE acaba de ser destituído por determinação do secretário de Segurança. Segundo o porta-voz da secretaria, favelado também é cidadão; a comunidade de Vigário Geral merece o mesmo tratamento que a polícia confere à população do Leblon." Em entrevista por telefone, o secretário afirma: "...faltou técnica aos policiais do BOPE."

Política

O coronel Leme era um político nato. Mais que isso: um diplomata. Seus colegas brincavam, insinuando que ele agia, 24 horas por dia, como o

ministro de relações exteriores de si mesmo. Era polido, afável, prudente e, sobretudo, sagaz nas estratégias de ascensão na carreira. Aprendera a dizer o que o interlocutor quisesse ouvir. O que não é fácil. Freqüentemente, requer agilidade mental e habilidade para antecipar expectativas alheias. Claro que, às vezes, buscando harmonizar o inconciliável, acabava desagradando a todo mundo.

Quando comandava um batalhão da capital do estado, foi chamado a um trailer que a PM fixara na entrada do Maracanã. Domingo de sol, bandeiras em guerra: era um clássico do futebol carioca. A multidão que lotava o estádio nem sempre portava só a camisa do clube e o espírito armado. O magricela detido no trailer era prova disso. Trazia, debaixo da camiseta, uma pistola Taurus, nove milímetros, .99, de uso exclusivo das Forças Armadas.

O cabo e o sargento que o prenderam o entregaram ao major Roger com aquela satisfação de quem acha agulha no palheiro. O homem se chamava César Castro ou Carvalho, uma coisa assim. Nome de gente graúda. Peixe grande. Podia não ser vagabundo fichado ou bandido famoso, mas não era nenhum bagrinho. Os policiais mostravam a si mesmos — e a seus superiores — que seu trabalho eu

importante, sério, honrado e competente. O nome disso é orgulho... E isso não tem preço. César, o magricela, insistiu com o major: precisava telefonar para um amigo que resolveria o problema. Usou o próprio celular. Falou longamente com alguém. Parecia mais enrolado com o interlocutor do que com a polícia. Uns quarenta minutos depois, o trailer recebeu uma visita ilustre: chegou o deputado. Simpático, apertando mãos. Uma celebridade. Bonitão e seguro. Tinha pressa. Não podia perder o jogo. Seus votos vinham do futebol, aquela usina de paixões e interesses, que fervia os nervos das dezenas de milhares de torcedores apinhados nas arquibancadas, gerais e cadeiras do velho e nobre Maracanã. Exigiu a presença do coronel Leme. Precisava falar com o coronel, imediatamente. Um deputado não negocia com majores. Leme entrou esbaforido no trailer:

— Deputado, que honra receber sua visita. Um prazer revê-lo.

O tema era o magricela. "Para que prender uma pessoa de bem", indagava o deputado, em tom de discurso doméstico. Sim, ele garantia que, apesar da arma absolutamente ilegal e inexplicável, o cidadão era um sujeito de bem.

— Mas deputado, por favor, compreenda, o crime está capitulado no Código Penal. É muito grave. Não é uma arma qualquer. Como é que eu vou libertar o homem? Como é que posso não conduzir o caso à delegacia para o registro da ocorrência? Um inquérito tem de ser aberto. O deputado subiu o tom. Insistiu. Repetiu-se. Reiterou cada ponto do argumento: tratava-se de um homem de bem. Ele conhecia o passado do magricela, seus parentes, sua vida. Empenhava nesse testemunho a sua palavra. O que estava em jogo, afinal, era sua palavra, sua credibilidade. Será que o coronel poria em dúvida o depoimento de uma autoridade, que era, além disso, um fraterno amigo da Polícia Militar, um dileto aliado do comandante-geral e até, ousaria afirmar, um amigo e admirador do próprio Leme?

O coronel começou a ponderar, vacilar, gaguejar. Mesmo assim, ainda tentou resistir:

— Deputado, contar com seu apreço é um privilégio para a corporação e para mim mesmo, pessoalmente. Jamais poria em dúvida seu testemunho. No entanto, o fato, o senhor compreende, sendo assim grave, torna o caso um pouco

delicado. O senhor entende que não estamos apenas nós dois, diante desse fato. Meus subordinados cumpriram o dever e detiveram o seu amigo. O senhor pode imaginar o que eles pensariam de mim, da própria instituição a que servem... Sei que o senhor sabe do que estou falando e entende a minha situação. Ninguém mais do que eu deseja atendê-lo, entretanto, minha posição, o senhor entende... O deputado não recuou. Pelo contrário, mostrou-se desconfortável e um pouco irritado. Usou o adjetivo "inflexível", recorreu à expressão "má

vontade" e chegou a admitir que o quadro talvez já começasse a merecer um qualificativo extremo: "ingratidão", diante de tanto que fizera pela PM, na Assembléia Legislativa.

75

O coronel pediu-lhe licença por um instante e chamou Roger.

— Major, estamos ante um caso peculiar que requer tato. Temos de pensar, acima de tudo, na instituição. Ela é mais importante que uma ou outra prisão. Esse varejo não leva a nada mesmo. Eu estaria sendo irresponsável se permitisse que se criasse uma situação constrangedora para a corporação, na Assembléia. Além do mais, o deputado deu a sua palavra. Garantiu que o sujeito não é bandido. Então, major, é melhor o senhor determinar ao sargento e ao cabo que tomem as providências para liberar o sujeito.

Roger, educadamente, pediu ao coronel que passasse a ordem, diretamente. Não concordava com aquele procedimento e não aceitava desmoralizar-se com os subordinados. Claro que não respondeu ao coronel com essas palavras. Mas transmitiu a mensagem, com jeito. Tanto que Leme viu-se obrigado a comunicar ao sargento e ao cabo, diretamente. Engoliu o embaraço em seco, empertigou-se e escondeu a vergonha sob a máscara da autoridade. Os subordinados tiveram uma aula prática de política. Depois da tempestade, a bonança. Por isso, Leme sentiu-se leve quando voltou ao deputado para dar-lhe as boas-novas. Era o momento de colher os frutos. Conquistaria para sempre a simpatia do deputado. Nunca se sabe qual será o futuro. Não é demais precaver-se. Quem sabe, um dia, ele não seria indicado para o comando geral ou mesmo para a secretaria? O

apoio político seria imprescindível.

— Deputado, em homenagem à nossa amizade, à sua integridade pessoal, às suas reconhecidas contribuições à Polícia Militar do estado do Rio de Janeiro,

dei um jeito na situação: o rapaz está livre. Já determinei a mudança do registro. Oficialmente, o episódio não existiu. A arma será

classificada na lista das apreensões e pronto, o senhor já pode aproveitar seu domingo.

O sorriso triunfante do coronel tombou, alvejado pela reação do deputado: Leme não tinha entendido nada. O deputado precisava levar consigo a arma. A arma era tão importante quanto o magricela. O

representante do povo levantou a voz. Classificou a solução que Leme

76

construíra como uma verdadeira desconsideração, um desplante. Quando o deputado descobriu que não havia mais o que fazer, porque a arma já tinha sido despachada para o setor responsável, saiu com rispidez. O magricela seguiu-o, e olhou para trás, antes de bater a porta do trailer. O coronel sofrerá a maior derrota dos últimos anos. Uma derrota que não cabe no Maracanã. Como encarar Roger, o sargento e o cabo? Como evitar que a história se propagasse pela instituição? O que fazer para prevenir o contraataque do deputado? Sentiu-se mais vulnerável, em seu bunker, do que os 100 mil torcedores que lhe cumpria proteger.

0 Destino no Meio da Rua

77

A PM nem sempre foi o BOPE para mim, ainda que nunca tenha tido dúvidas quanto à minha vocação e sempre tenha sonhado com o dia em que seria aprovado no teste e receberia minha caveirinha. Durante vários anos, cumpri minha trajetória como policial militar, em diferentes batalhões no Rio de Janeiro. Um dos momentos mais importantes de minha vida ocorreu na época em que estava lotado no 23o. BPM, responsável pela área que vai do Jardim Botânico à Gávea, passando por Lagoa, Ipanema e Leblon, sem esquecer Rocinha, Vidigal e adjacências. O dia D aconteceu quando o comandante do 23º determinou que eu me deslocasse com urgência para a rua Marquês de São Vicente: "Manifestação de estudantes da PUC bloqueando o trânsito e provocando engarrafamento monstro."

A tropa sob minha responsabilidade não era lá flor que se cheirasse, o que me preocupava, sobretudo porque, do outro lado, estavam as flores da burguesia carioca — aquelas maravilhosas patricinhas da PUC — e os mauricinhos que cheiram pó, no sábado, e fazem passeata pela paz, no domingo.

O comandante me alertou:

— Veja lá, tenente, o que vai me aprontar. Vai devagar. Se você

descer o cacete nos herdeiros da elite carioca, sou eu que vou pagar a conta. Cuidado. Na PUC só tem padre e sobrenome. Segura o seu pessoal. Abre a rua e não faz confusão.

"Sim, senhor", foi o que me ocorreu dizer, enquanto eu pensava na merda que é o nosso país — com o perdão da heresia antipatriótica. Aliás, se meu pai fosse vivo eu não teria coragem de escrever isso, assim, com essa franqueza. Mas, o que fazer? O país é ou não é uma merda? Se os pobres desdentados e negros descem o morro e fecham a avenida, a ordem é botar pra foder, baixar o cacete e, se o tempo fechar, atirar antes e perguntar depois. Agora, se são os filhinhos de papai da Zona Sul, lourinhos, com sobrenome de rua, o tratamento tem de ser cinco estrelas, policiamento vip,

até porque, se o tempo fechar, a corda arrebenta do nosso lado... Naquele caso, do meu lado.

Você pode imaginar meu humor, descendo da viatura e mandando minha tropa se desarmar e ficar à distância. Fui sozinho, andando na direção dos líderes do movimento. Meu propósito era mandar aquele bando de veadinhos e garotas histéricas sair da rua. Porra, aqueles filhos da puta têm casa própria, roupa lavada, futuro garantido, universidade privada de primeira qualidade e ainda querem encher o saco de quem precisa trabalhar, interrompendo o trânsito, se esgoelando para ecoar os slogans mais ridículos. Se ainda fossem subversivos da época da ditadura, se pelo menos arriscassem a vida, sacrificassem o conforto, pegassem em armas... É

verdade que eu continuaria odiando eles todos... Pensar nessas coisas me fazia lembrar que foram aqueles covardes que acabaram com a vida de meu pai e, por tabela, destruíram a vida de minha mãe. Mas não era uma boa hora para pensar

nisso. Tudo tem sua hora e seu lugar. Ali, quanto menos eu pensasse nessas coisas, melhor. Tinha de manter a calma e controlar a arruaça, sem dar um tiro. Não ia ser fácil. Se um de meus policiais erguesse o braço, era certo que um fotógrafo pularia da primeira árvore, bem no meio da cena, e o flagrante da violência policial estaria nas manchetes do dia seguinte — e eu é que ia acabar me fodendo. Eu, o comandante do batalhão e o comandante-geral da PM, nessa ordem. Começando por baixo, é claro —

isto é, por mim. Portanto, era bom esfriar a cabeça.

Andei firme, exorcizando os fantasmas que me azucrinavam a cabeça. Procurei focalizar a mente na missão. A missão. Olhando e caminhando com firmeza, começando a analisar a situação e avaliar as alternativas táticas disponíveis, agora que me aproximava da linha de frente da passeata, minha atenção foi atraída por uma figura que, de relance, parecia familiar. Ele se destacava e desaparecia, engolido pela turba com bandeiras e faixas. Fixei o olhar e identifiquei, entre rostos, panos, letras, gritos e buzinas, uma silhueta definitivamente conhecida: "Peraí, não é o Nelinho? Porra, é o Nelinho. Claro que é ele, pensei. Era. O Nelinho em pessoa, ele mesmo, com aquele sorrisão escrachado e malandro, os dentes separados, o cabelão

escorrido aliás, seu grande trunfo com as meninas do cursinho. "Porra, é o Nelinho". Era ele o líder daquela bosta. Quem sabe, ele quebra meu galho e me ajuda a resolver essa encrenca?

"Caralho, eu devia ter desconfiado. Claro, só podia ser. Ele adora uma sacanagem. Adora uma confusão. Aposto que só se meteu nessa merda de passeata pra comer alguma beldade. Mas como é que eu laço pra abordar um grande amigo, um velho chapa, no meio do exército inimigo, sendo que o amigo não é mais nem menos que o general, o manda-chuva da tribo inimiga? Se eu chamo o líder dos estudantes de Nelinho, me desmoralizo. Se chamo de Nélio, pior ainda. Ele vai se sentir insultado. Vai ficar puto, com razão. Vai deduzir que fiquei besta, não reconheço mais os amigos, mudei, virei autoridade, essas coisas. Se eu disser senhor Nélio Braga, aí eu é que vou me sentir ridículo. Imagina, chamar o Nelinho de seu Nélio Braga. Onde já se viu?"

De repente, ele bateu os olhos em mim e correu em minha direção. Estávamos a

uns 50 metros um do outro. A passeata avançava lentamente, ondulando ao som dos hinos favoritos da juventude, no sentido da Gávea para a praça Santos Dumont, no Jóquei. Eu caminhava em sentido contrário. O trecho inicial da Marques de São Vicente, para onde seguia a multidão, permanecia vazio, porque o trânsito fora desviado lá atrás, no Jardim Botânico. Os carros que seguiam no mesmo rumo da passeata não tinham escolha senão acompanhá-la, a passo de cagado. Por isso, Nelinho não encontrou obstáculos e pôde correr para me abraçar , no espaço deserto. As testemunhas mais próximas se comprimiam nos bares, nas lojas e nas janelas dos prédios. Meus comandados tinham ficado a uns 200 metros, mais ou menos na esquina da rua com a praça.

— Cara, cara, puta que o pariu, não acredito — ele gritou, vindo em minha direção, com a maior alegria. — Puta merda, é você. Que barato! Me dá um abraço.

— Não é bom, Nelinho. Agora, não. Não vai pegar bem nem pra mim nem pra você. Depois a gente toma uma gelada e mata a saudade.

— Porra, cara, que barato, que legal te ver. Como é que você está?

Você sumiu, não dá mais notícias, não freqüenta mais a praia, não vai ao futebol, desapareceu das festas, não responde aos recados. Porra, que saudade. Como é que está a dona Luiza? E o Carlão?

— Tudo na santa paz. Eu ando mesmo meio desaparecido. Muito trabalho, você sabe. Mas você parece que está ótimo. Cercado de mulher bonita, pra variar, nesse cortejo de patricinhas.

— Pô, que é isso, cara? O papo é sério. A luta é justa. Aliás, você

devia tirar o uniforme e aderir... Brincadeira. O cabo Anselmo já fez isso e deu no que deu...

— Quem?

— Deixa pra lá.

— Nelinho, pô, você bem que podia me dar uma força. Já que você

está com a maior moral, você bem que podia me ajudar a liberar um lado da pista. Ficaria tudo resolvido, sem problema nenhum. Eu cumpriria minha missão, numa boa, e você mostraria que é um bom negociador, garantindo a continuidade da manifestação e tudo o mais.

— Deixa eu falar com os caras. Acho que não vai ter problema, não. Mas vê se não some de novo. Promete que vai me ligar. Eu continuo no mesmo lugar, na casa de papai e mamãe, como você costumava dizer... Enquanto conversávamos, a passeata avançava em nossa direção. Quando concluímos nosso acordo, estávamos muito próximos da linha de frente da manifestação. Tanto que Nelinho, que voltou correndo para a linha de frente da passeata, teve de puxar uns três ou quatro pelo braço para a lateral da rua e andar mais rápido do que a massa, os braços abertos, apoiados nos ombros dos parceiros, Era o único jeito de criar uma espécie de concha para a deliberação emergencial.

Quando faltavam poucos metros para a multidão me envolver, virei de costas para a linha de frente e voltei apressado, rumo ao início da rua, onde estava minha tropa. Nelinho me deixara sozinho no meio da pista e, por alguns instantes, minha questão passou a ser estritamente simbólica: se caminho ao lado da liderança, dou a impressão de que estou ajudando a

puxar a manifestação; se continuo parado, sou engolfado pela massa e desapareço, correndo o risco de não merecer um tratamento, digamos, hospitaleiro, no interior da turba; se ando de costas, encarando a primeira fileira, faço um papel patético, além de acrobático — com os riscos de levar um tombo e presentear os fotógrafos com a imagem do dia: a queda hilária da Segurança Pública, aos pés dos estudantes desordeiros. Nelinho encerrou as tratativas e voltou correndo:

— Tenente, tenente.

Parei e girei o corpo. A passeata prosseguia sua marcha. Meu amigo estendeu a mão, fingiu formalismo e encenou para as câmeras da imprensa o que poderia ser interpretado como a celebração de um acordo. Piscou o olho e liberou uma das pistas. Quer dizer, para todos os efeitos, quem liberou fui eu. Os méritos eu acabei capitalizando, porque, afinal, a autoridade era eu e foi minha chegada ao evento que mudou o quadro, em benefício da segurança pública, como disse um

repórter, segundo o relato que minha mãe fez do que ouvira no rádio. Preferi não lhe contar a história do Nelinho, para não desvalorizar o filho de dona Luiza. Quando o trânsito começou a fluir pelo lado esquerdo da pista, um senhor se aproximou de mim com um ar de irmão mais velho.

— Tenente, permita que me apresente. Sou o padre Raul de Matos, pró-reitor da PUC. Parabéns pela condução do conflito. O senhor agiu com grande destreza e sensibilidade.

Juro que ele falou destreza. Não estou exagerando. E continuou:

— Eu percebi que o senhor dialogou com as lideranças do movimento estudantil, ouviu os rapazes e as moças, ponderou, argumentou, negociou uma solução e produziu um resultado eficiente. Na verdade, tenente, o senhor deu uma aula de gerenciamento de crise, uma lição sobre o comportamento justo e eficaz da polícia na democracia. O senhor, tenente, está encarnando a polícia do futuro, a polícia para a cidadania, que garante direitos e liberdades. Que diferença, tenente, que diferença do comportamento que nos habituamos a testemunhar todos os dias no Rio de

Janeiro. Aqui não esteve a repressão do Estado, mas a proteção da cidadania. Parabéns, tenente.

Enquanto ele falava, eu sorria um pouco constrangido, porque é

sempre bom receber elogios. Mas não pense que renunciei ao meu espírito crítico, não. Aquela arenga do padre eu sei muito bem aonde conduz. De todo modo, me surpreendi com o que ele disse, depois de toda a xaropada.

— Tenente. Você está estudando?

— Eu tinha vontade, padre, mas, sabe como é...

— O senhor gostaria de fazer uma faculdade?

— Meu sonho é fazer Direito, padre.

— Então, combinado. Pode me procurar. Toma, aqui, meu cartão. Não deixa de

me procurar. A PUC faz questão de lhe oferecer uma bolsa integral para o curso de Direito.

Agradeci, guardei o cartão e continuei cuidando do trânsito e da ordem pública, na rua Marquês de São Vicente, como se nada tivesse acontecido. Mas minha cabeça voou para longe. Confesso que tive vontade de chorar, sair gritando, abraçar meus companheiros. Não sei se já tinha dito isso. Acho que não. Fazer Direito era meu sonho, Sempre foi. Não era exagero o que disse ao padre. Era a mais pura verdade. Um sonho adiado por falta de grana, os problemas em casa. no meu pai. Imaginei meu pai ouvindo a notícia.

Passei a manga do uniforme no rosto. Muita fumaça, cheiro de gasolina. A poluição irrita os olhos. E deixa a gente emocionado pra caralho.

83

Bom Aluno

Não há guerras só no mundo externo, esse lugar objetivo em que as coisas ocupam espaço e cumprem as leis da natureza, independentemente da nossa vontade. Há também os conflitos internos, que se travam dentro de nós, dividindo a nossa vontade ao meio. O campo de luta é o espírito, ou a mente, tanto faz. Tanto faz em termos, porque justamente o que caracteriza esse jogo íntimo é o balanço das palavras, com seus significados liqüefeitos, esponjosos, vaporosos, fluidos: sua imprecisão e seus ardis. Digo isso porque foi assim que vivi o ingresso na PUC; foi uma batalha campal. A praça de guerra era eu mesmo. De um lado, a vontade de realizar o sonho da universidade, o curso de Direito; de outro, a vontade de adiar a universidade e o curso de Direito. Talvez você compreenda o que eu quero dizer, colocando-se em meu lugar. O dia-a-dia de um policial é pesado. Um corre-corre alucinado. Exercícios físicos, deslocamentos, convocações, sirenes, pressões, riscos, estresse, confrontos, levar esporro de cima, dar esporro pra baixo, fingir sempre que está no comando de tudo. Combinar esse cotidiano de Indiana Jones tupiniquim com a rotina de estudante — a paisagem mental das leituras, o ritmo lento das aulas, a curva sinuosa das divagações, a nebulosa dos conceitos — não é mole.

Por isso, pressionado pelas tarefas de policial, as pequenas tarefas de cada semana, fui adiando, postergando, retardando, empurrando com a barriga o momento tão esperado — e temido — da matrícula, sem nenhuma razão

palpável, um ano se passou entre meu encontro com padre Matos, na rua Marquês de São Vicente, e as providências práticas que, finalmente, transformaram seu convite na formalização de minha matrícula. O que de fato aconteceu foi o seguinte: eu sabia que seria foda fazer o meu trabalho à noite, numa favela; pisar, de madrugada, no fio da navalha entre a vida e a morte; e passar a manhã na PUC, ouvindo neguinho falar

mal da polícia. Eu sabia que aquela não era a minha turma, ainda que meu desejo talvez fosse parecido com o desejo dos futuros colegas. Até chamá-los de colegas soa mal, soa errado. No fundo, pensando na PUC, eu me sentia traindo meus companheiros de corporação.

Sei que não há nada errado em querer estudar, pelo contrário; sei que estudar é a coisa mais normal do mundo, que meu desenvolvimento intelectual e meu aprimoramento cultural e toda essa baboseira poderia ser útil até mesmo para a polícia etc. etc. Não há nada errado, não tem nada de mal, mas alguma coisa não bate bem, não rima, não dá para assimilar. Não sei exatamente o que é. Também não interessa. Vamos deixar isso de lado que já estou dando muitas voltas e vou acabar ficando zonzo; ou você vai achar que no próximo capítulo eu vou fazer psicanálise... Porra, veja lá o que pensa de mim, ok?

A Mulher do Almeida

Copacabana me engana que eu gosto. Difícil resistir ao charme do bairro e aos encantos clandestinos. Os policiais convencionais que se estabelecem no 19º Batalhão, cedo ou tarde, se lambuzam na fartura de mulheres, estrelas, babados, shows, bebidas, strip-teases e línguas estrangeiras, turbinados pelo branco e pelo preto, conforme o gosto do freguês e a disponibilidade dos aviõezinhos, que formam uma rede de apoio mútuo com camelôs, flanelinhas, leões-de-chácara e travestis. Pó e fumo, cocaína e maconha, branco e preto, o bairro alucina à noite. As meninas que trabalham nas boates e saunas costumam manter uma relação ambígua com os policiais. Gostam deles, sobretudo dos mais jovens, porque se sentem atraídas e protegidas; mas temem as chantagens. Sentem-se sob o risco constante de verem-se constrangidas a transar com o policial e não receber o pagamento nunca. Como é que iriam cobrar desses fregueses especiais?

Alguns policiais convencionais — devo admitir que certos caveiras também são assim — têm o espírito fraco, a carne mais fraca ainda, ou são românticos, e se apaixonam pelas prostitutas. Foi o que aconteceu com o sargento Almeida. Gordo, baixinho, muito feio, de meia-idade, conquistou um mulherão. "A mulher do Almeida..."

"Ah! a mulher do Almeida". Esse era o papo no refeitório, no plantão, nas rondas, nas patrulhas. "Que mulher, tem o Almeida!" "Já viu a mulher do Almeida?" A mulher do Almeida desbravou territórios, conquistou espaços, colonizou fronteiras e ocupou, soberana, a fantasia coletiva da tropa.

Almeida não deixava faltar nada ao colosso que trazia na coleira. Todo o dinheiro que ganhava ia direto para as despesas da mulher. Mimava a moça a leite e mel, como uma deusa amestrada. Tudo era ela, ela sempre,

ela antes, ela acima de tudo, ela em primeiro lugar. Comprou um carro decente. Modesto mas decente. Ela não podia trafegar naquele Dodge caindo aos pedaços, que fora a parte que coubera ao sargento, no espólio do primeiro casamento. Um apartamento no nome dela. Bom apartamento. Simples, mas confortável. No Flamengo. Almeida preferia mantê-la afastada de Copacabana tanto quanto possível, pelo menos durante o dia, ainda que seu acordo conjugai garantisse o respeito à vida profissional da amada. De madrugada, atendido o desejo do último cliente, ela telefonava ao Almeida, porque ele fazia questão de buscá-la onde ela estivesse. Tinha prazer, enchia-se de satisfação, dizia sentir-se útil como um marido provedor levando a mulher para casa depois do batente. Ele saía cedo. Ela dormia até

as duas da tarde.

Um dia, Almeida foi chamado às pressas. Estava supervisionando a oficina do seu batalhão, o 19º, quando recebeu o recado. A mulher estava na linha, queria falar com ele. Eram dez horas da manhã. Coisa rara, raríssima. Chegou pálido ao telefone — era um tempo em que os problemas humanos se acomodavam ao ritmo da telefonia fixa. Nada grave, graças a Deus. Ela só

estava precisando do carro, porque tinha marcado hora no salão de beleza e queria fazer umas compras no shopping.

— Imediatamente, querida. Não leva mais que vinte, trinta minutos. Um beijo, coração. Boas compras.

Saiu da recepção acelerado, pensando no Azevedo, o companheiro de todas as horas, na alegria e na dor, na saúde e na doença, como eles gostavam de dizer. Se é que o cabo Azevedo poderia deixar o almoxarifado por quarenta minutos, uma hora. Não podia. Estava cheio de serviço e o auxiliar tinha saído para acompanhar a esposa grávida, num exame. O

maior azar. Almeida também estava enrolado. O comandante lhe encomendara um serviço que não tinha como ser adiado. O jeito foi chamar o Guedes, recém-chegado ao batalhão, que ainda estava se aclimatando na oficina, fazendo de tudo um pouco pra aprender o serviço.

— Meu filho, vem cá. Faz um favorzinho aqui pra mim e eu vou aliviar o seu plantão, tá bem? Pega o meu carro, ali, aquele Siena vermelho,

e leva lá pra minha casa. Entrega a chave pra dona Samantha, no 702. Pode estacionar na garagem. Vai rápido, porque ela está com pressa. Esse é o endereço. Não tem erro. Você se localiza bem no Flamengo?

Onze horas, meio-dia, e nada do Guedes voltar. Almeida foi buscar o Azevedo para almoçarem:

— Essa rapaziada nova é foda. A gente pede um favor e eles se aproveitam. Esse garoto me deixa sozinho, no meio do expediente, sabendo a quantidade de coisa que eu tenho de aprontar ainda hoje. Deve estar na praia, passeando.

— Tem certeza de que ele acertou o caminho? Já ligou pra Samantha?

— Já. Não tem ninguém em casa. Sinal de que o carro já está com ela. Se não, ela teria me ligado ou estaria em casa, esperando.

— É.

Duas, três horas. Nada. Almeida começou a ficar encucado. A noite, em casa, antes do jantar, Almeida olhava a rua pela janela da sala. Samantha fazia uma boquinha com o marido antes de sair para o batente e exigia o ar refrigerado. Era

uma característica pessoal. "Cada pessoa tem o seu jeito", dizia o Almeida. "Ela gosta do ar. Não suporta o calor. Somos muito diferentes. Mas o amor está nessas pequenas coisas, não é? A gente tem de aprender a conviver com as diferenças. Eu tolero bem o frio, tolero perfeitamente. Já me adaptei.".

Almeida estava angustiado. O Guedes não saía de sua cabeça. Detestava desconfiar da mulher, mas a cabeça ia acabar estourando se ele não falasse. Decidiu falar:

— Coração, o rapaz que eu mandei te trazer o carro, ele te tratou bem? Te respeitou? Confesso que fiquei preocupado, porque era pra ele voltar pro batalhão, mas ele não voltou, e aí fiquei pensando, porque... Samantha não gostava de ser controlada. Detestava. Se tinha uma coisa que ela não suportava, era desconfiança. Odiava controle, ciúme, essas coisas. Não admitia. E depois, ela era uma profissional e o próprio Almeida

tinha prometido, tinha jurado nunca se meter no trabalho dela. Além do mais, o rapaz era sadio, educado e se dispôs a pagar adiantado. Almeida dissimulou o mal-estar. Afinal, Samantha tinha razão. Girou a cabeça para o lado, como costumava fazer em certas situações e pensou:

"Se era uma coisa assim, profissional, tudo bem." Cada um com a sua profissão. Ele deu um beijo na testa de Samantha. Não queria que ela fosse para Copacabana com raiva no coração.

Brizola

Matar Brizola?

— Isso mesmo.

—Você está louco?

— Não sou eu. Somos nós. A decisão foi do grupo.

— Vocês estão loucos.

—Loucos mas não covardes.

—Você está me chamando de covarde?

— Querer cumprir a lei é ser louco? Lutar contra o crime é loucura?

Se é, somos loucos, sim.

— Você está maluco. Desde quando matar o governador é cumprir a lei?

— Se o governador é a anti-lei, se impede o cumprimento da lei, se bloqueia a luta contra o crime, se não deixa a polícia agir, se amarra nossas mãos...

— E desde quando o Brizola amarrou as nossas mãos?

— Ele nos impôs a cumplicidade, nos obrigou à passividade. Que policial sou eu? Que policial é você?

— Que é isso, rapaz?

Se estamos proibidos de subir morro, de invadir favela, de prender traficante... Então, não é? Não nos amarrou?

— Claro que não. Esse papo não tem pé nem cabeça.

— Ah, não? Não é verdade?

— Não é isso, cara. Não é nada disso. Você não está entendendo nada.

— Ah, não?

— Não, claro que não. Isso deve ser coisa daqueles seus tios reacionários, nostálgicos de 64, que odeiam o Brizola.

— Está bem. Então me diz uma coisa: podemos ou não podemos, hein? O BOPE está ou não autorizado a entrar nas favelas e prender os vagabundos?

— O que o governo não quer e nós também não deveríamos querer é

ficar subindo favela a toda hora, promovendo aquele banho de sangue, matando e morrendo por nada.

— Como "por nada"? O que você quer dizer com "por nada"? Lutar contra o crime é nada? Defender a lei e a sociedade é nada?

— Será que você não percebe, cara?

— Percebe o quê? Você é que está na estratosfera. Sempre te achei meio esquerdista mesmo. Qualquer hora dessas você vai entrar pra uma ONG e vai começar a falar em direitos humanos.

— Porra, cara, mas que burrice, que pobreza.

— Já comprou sua sunguinha pro verão? E uma camisetinha branca básica, pra caminhada pela paz?

Que caretice. — Ah! Agora, sim, agora você se revelou.

— Como "me revelei"?

— Claro, não viu o que você falou? Pensa que não ouvi?

— Falei o quê, porra?

— Caretice. Me chamou de careta. Que isso, cara. Fala feito homem. Ou já anda dando uns tapinhas, puxando um baseado? Puta que o pariu. Só

faltava essa. Logo você? Um sujeito sério? Viciado?

— Que merda. Não dá pra conversar com você.

— Mas eu não vim aqui conversar com você. Pra falar a verdade, esse papo é uma perda de tempo, uma babaquice. Vim aqui cumprir uma missão.

— Então, desembucha.

— Vamos matar o Brizola.

— Lá vem você de novo com esse desvario.

— Esse o quê?

— Desvario, piração, loucura.

— Que saco, cara. Muda o disco. Só sabe voltar pro mesmo lugar. Não é loucura porra nenhuma. Já levantamos os dados elementares.

— Mesmo que não fosse loucura, que fosse justo e necessário, será

que você não se dá conta de que não é fácil matar um governador de Estado e sair assoviando, na maior?

— Como eu dizia, já levantamos as informações fundamentais. E vou repetir só mais uma vez pra ver se entra na sua cabeça: não sou eu, somos nós. É o BOPE, quer dizer, a nata do BOPE. Somos nós. Você incluído.

— Ah, tá legal, só faltava essa. Vocês piram e ainda querem me levar pro buraco com vocês. Tem graça.

— Não é brincadeira, não. É sério. Eu estou falando sério. Será que você ainda não percebeu? Nós estamos falando sério. E você está envolvido, queira ou não queira. Até porque, meu caro, sendo missão de segurança máxima, quem hesitar, dança. Não vamos recuar nem incitar defecções. Qualquer defecção será tratada como alta traição. Você sabe muito bem o que isso significa.

— Vocês enlouqueceram... Talvez, não. Talvez haja algum grupo político por trás disso. É isso? São os mesmos que quiseram explodir o gasômetro? São aqueles "sinceros mas radicais"? São os que mataram o sargento na porta do Riocentro? Qual vai ser o próximo passo? Explodir banca de revista?

— Já temos o mapa dos deslocamentos diários dele. Descobrimos que ele tem parentes em Santa Teresa. Ele vai lá uma, duas vezes por semana. Como você vê, não é nada impossível. Se for bem planejado e bem executado, o plano é perfeitamente viável.

— Puta que o pariu. Onde é que fui amarrar o meu bode?

O grupo não podia se reunir em qualquer lugar. Era preciso cuidado. Se uma

coisa dessas vazasse, estaríamos fodidos. Eu, inclusive. Na época, eu não passava de mero coadjuvante. Por isso, fui simples testemunha desse diálogo. Quando dei por mim, já estava metido até o pescoço na conspiração. Não tinha muita clareza sobre os argumentos do Mauro e do Olavo. Minha cabeça dava um nó. Tinha a impressão de que os dois tinham razão. Eu

concordava com o que cada um deles dizia, e os neurônios iam virando mingau. Só me restava agir. Fiquei responsável pela identificação de uma sala que servisse de quartel-general. Vetamos conversas telefônicas ou menção ao projeto fora do nosso QG clandestino. As regras eram rígidas: não chegaríamos juntos, nem fardados, não iríamos com nossos carros e nunca repetiríamos o trajeto para chegar ao ponto de encontro. O grupo ficaria restrito ao número mínimo, para reduzir os riscos de sermos delatados ou descobertos pela contra-inteligência.

Os membros do grupo eram policiais da mais absoluta confiança, O

mais frio era o Diego. O mais cerebral era o Sabino. O mais experiente, o Valter. Por isso, cabia ao Sabino o primeiro desenho do plano de ação. Diego ficaria com a execução e Valter supervisionaria o conjunto do trabalho. Eu carregava o piano.

Quando pensávamos no Sabino, pensávamos ao mesmo tempo na mãe do Sabino. Ela estava sempre conosco, indiretamente, espiritualmente. É muito comum compartilharmos intimidades, na trincheira. Às vezes, a gente tem a sensação de que cada palavra pode ser um testamento para a posteridade e o papo furado mais bocó cintila numa espécie de clarão místico. Bem, talvez eu esteja exagerando um pouco. Mas o que quero dizer é

que falamos mais do que devíamos sobre nós mesmos, as namoradas, mulheres e famílias. O personagem inesquecível do Sabino era sua mãe. Dona Rosália era tão evocada, em tantas situações diferentes, que já passara a freqüentar as conversas, mesmo na ausência de Sabino. Seqüestramos dona Rosália para nossas vidas. Já era possível prever o que diria a santa mãe do Sabino em cada nova situação, mesmo nos contextos que nada tinham a ver com os dois. Parte da destreza do Sabino, ele atribuía à mãe. O

equilíbrio e a serenidade que lhe davam um aspecto mais maduro vinham da mãe. Isso ele não dizia; nós deduzíamos. A sabedoria de dona Rosália contagiava

o filho por osmose, pelo DNA ou pela pedagogia cotidiana. Por extensão, em alguma medida, nos tornamos todos seus aprendizes, à

distância. Nunca a encontráramos, mas provavelmente seríamos capazes de

identificá-la a quilômetros. E quantas vezes ela nos salvara? Mesmo que tenha sido através da prudência do filho, ela nos tirou de poucas e boas. Sábado à tarde, lá estávamos nós, o exército de Brancaleone. Debruçados sobre o mapa de Santa Teresa. Um sol abrasador focalizava o litoral efervescente. Ninguém estava interessado num bando de malucos discretos, pais de família em bermudas para as compras da semana. De todo modo, nunca abrimos as cortinas. Para respirar, o ventilador de teto e a água gelada. Sabino chegou atrasado. Isso jamais acontecia. Trouxe más notícias — ele disse.

O silêncio foi tão ativo — engraçado chamar o silêncio de ativo, mas era isso mesmo — e foi tão intensa aquela atividade imóvel do silêncio, que parecia nos projetar para fora de nossas cabeças. Pensei logo no pior: nosso ponto de encontro teria vazado por algum erro meu.

Sabino estalou a língua no palato. Ele costumava fazer isso quando estava nervoso.

— Não vai dar. Vamos ter de abortar.

— Como assim? Por quê? — Não me lembro quem disse o quê em qual ordem, mas todos nos precipitamos sobre o Sabino: como assim, abortar?

— É isso mesmo, abortar a operação. Minha mãe acha muito perigoso. Acha uma maluquice.

De novo, o silêncio. Diego foi quem falou primeiro:

— Você contou pra sua mãe?

Sabino balançou a cabeça pra frente e pra trás, olhando para o chão e elevando o lábio inferior à altura do superior, até cobri-lo inteiramente —

que era outra de suas manias.

— Nesse caso, vamos ter de matar também sua mãe — Diego completou o raciocínio, com aquele espírito prático que o distinguia. A sala convulsionou-se num alvoroço de vozes e braços, todos de pé. Brizola morreu em 2004, de morte natural, sem saber que, no início dos anos 90, dona Rosália salvou-lhe a vida.

94

Sexo é Sexo

Quero dizer o seguinte: sexo, pra mim, é homem com mulher. Tem cara que curte transar com várias mulheres ao mesmo tempo. Isso também existe. Deve ter mulher que prefira o contrário: vários homens ao mesmo tempo. Tudo bem. Problema dela e dos homens dela. Não sou nenhuma freirinha do Sion. Sei de tudo. Sei que o homossexualismo é parte da natureza humana. Não é a minha, mas não condeno ninguém por sua opção sexual. É uma coisa íntima. Entre quatro paredes, tudo é permitido, desde que seja mutuamente consentido. Não vou fazer nenhum discurso moralista sobre isso. Até porque, pelo que tenho visto, os arautos da moral e dos bons costumes são os piores.

Estou dizendo tudo isso por uma razão muito simples: quando o tenente Santiago empalou um vagabundo do Andaraí com uma vassoura pra ele confessar onde estavam as armas, não estava promovendo uma cena de sexo, como muita gente boa da polícia andou dizendo por aí. Não era sexo. Sei lá o que era, mas sexo não era. Aliás, o cara acabou dando as armas. De qualquer modo, acho que o Santiago tinha mesmo uma certa vocação para diretor de filme pornô, um negócio meio perverso: antes de empalar o gerente, ele cercou a boca de fumo e prendeu todo mundo: fogueteiros, aviõezinhos, viciados... Todo mundo. Depois, mandou os rapazes baixarem as calças e determinou que as meninas fizessem boquete em todos eles. Montou uma verdadeira coreografia devassa.

A garotada toda em fila, ombro contra ombro, calça arriada. As garotas foram postas de frente para eles, numa linha paralela. Três, quatro metros de distância entre um gênero e outro. Olhos nos olhos. Tudo muito

95

severo, metódico, simétrico e disciplinado, Elas tiveram de baixar as alças dos vestidos ou arregaçar as blusas para exibir os peitinhos. Algumas foram sorteadas para a tarefa ingrata. Se você pensou que as escolhidas, por uma incrível coincidência, foram as meninas da favela, acertou. As patricinhas

brancas foram poupadas. Só tiveram de assistir. Cabe a você deduzir se houve racismo ou pragmatismo. Ou os dois. Não se brinca com filhinhas de classe média, impunemente. E tem mais. Santiago avisou: os meninos que não ficassem de pau duro iriam entrar na porrada e, ainda por cima, seriam autuados.

Não sei se ele quis inventar, punindo a turma com a pena moral máxima, que é a humilhação, e jogando com as variações do significado da palavra boca. O fato é que deu a maior merda. Ele foi acusado pelos próprios colegas, os oficiais ficaram furiosos, os policiais ficaram indignados. Não pelo rapaz empalado. Isso parecia parte da operação policial. Heterodoxa, mas policial, porque o fim visado não era o prazer. O objetivo era prático e o sofrimento era um método. Mas a sacanagem escrachada, com humilhação e sexo forçado, era demais. Não sou eu quem está dizendo. Como já afirmei antes, não julgo, avalio, denuncio ou critico, nem a mim nem aos outros. Minha missão é relatar o que aconteceu. É uma espécie de trabalho de parto. Só que, nesse caso, é a verdade que se dá à luz. Posta no mundo, cada um que lide com ela como quiser.

O ambiente era de revolta generalizada contra o Santiago. Ainda que ninguém tivesse tomado nenhuma atitude formal contra ele, havia uma tensão no ar, um clima de constrangimento. Nada mais. Pelo menos até o capítulo seguinte, que começou com a visita de três líderes da comunidade ao batalhão. Eles queriam formalizar uma denúncia na corregedoria. Como sempre acontece, a notícia ecoou pelos corredores em alta velocidade. O

Santiago logo ficou sabendo. Para se certificar, tirou o nome do uniforme e foi à ante-sala da corregedoria. Entrou como quem não quer nada e perguntou aos três se estavam esperando atendimento para uma denúncia. Eles disseram que sim. Santiago encarou cada um dos três e respondeu com

frieza profissional, como se fosse o anfitrião, pedindo que aguardassem mais um pouco. O oficial encarregado os receberia em alguns minutos. Saiu do batalhão e postou-se na primeira esquina, em um recuo do terreno, no final do longo muro que cercava a velha construção policial. Uma hora depois, passaram pela esquina os três homens do Andaraí. Um deles era mais alto e caminhava mais devagar. Ia um pouco atrás dos outros. Foi na cabeça desse último que Santiago acertou o tiro fatal. Avisou aos sobreviventes que, da próxima vez, não os pouparia e voltou caminhando para o batalhão. O clima, que já não estava bom, azedou, e o

comandante decidiu punir o Santiago, exemplarmente, como gostam de proclamar as autoridades, quando não sabem o que dizer e o que fazer. Santiago foi chamado ao gabinete do coronel.

A relação entre os dois nunca fora das melhores. Essa é uma longa história, que começara um ano antes, quando Santiago chegou ao batalhão, transferido para a capital por conta de uma briga com o prefeito e outras autoridades municipais. Eu o conhecia porque ele tentara entrar para o BOPE três vezes e estava sempre se voluntariando para operações que envolviam algum tipo de cooperação entre os convencionais e os caveiras. Ele foi reprovado as três vezes no teste de altura. Depois eu conto essa história.

No interior, cidade pequena, ele, tenente novinho, virgem, cheio de amor pra dar, orgulhoso da farda que vestia e do poder que encarnava, centro das atenções femininas, ainda com grandes ilusões sobre a polícia e o sacrossanto combate ao crime, teve o azar de abalroar um apontador do bicho, que fazia anotações, apoiado na mala de uma viatura, ostensivamente.

Santiago sabia que esse era um tema delicado, em qualquer latitude do estado, especialmente nas cidades menores, mas não via saída. Era bola ou búlica; tudo ou nada. Não poderia permitir aquela arrogância despudorada do brutamontes debruçado sobre o carro policial, em plena luz do dia, sob pena de perder toda sua autoridade.

97

— O que é que você está fazendo? Me passe esses papéis. E seus documentos. Quero ver seus documentos.

O sujeito não se mexeu. Levantou os olhos do papel, olhou o jovem tenente de alto a baixo, e continuou anotando.

— Será que eu vou precisar tomar outras providências? Não falei claro? Sai daí imediatamente e me passa os documentos.

— Trabalho para o Eliseu. Sou homem do Eliseu. Se você é novo na cidade, é melhor se informar direitinho pra não fazer besteira.

— Não me interessa saber pra quem você trabalha. Você não percebeu que está falando com um policial?

— Vai te foder, garoto. Meu chefe manda no teu. Se teu negócio é

grana, está agindo errado. O esquema aqui é diferente. Tu não leva nada não. Eliseu não gosta de varejo. Está tudo acertado com teu chefe. Você se entenda lá cora ele. E não enche o saco, se não quiser acordar com a boca cheia de formiga.

Virou-se de costas e voltou às anotações.

Santiago chutou a banquinha e a cadeira que estavam na calçada, e deu uma porrada com o cacetete nos joelhos do infeliz, que desabou sem tempo de reagir. Encostou a arma na cabeça do bicheiro e deixou claro quem é que mandava naquela merda:

— Tá preso, filho da puta. Desacato.

Algemou o sujeito, recolheu as provas, enfiou o malandro na viatura e o despejou na delegacia.

No dia seguinte, ordenou a prisão de todos os apontadores do bicho da circunscrição sob sua responsabilidade.

Como ele já esperava, o comandante do batalhão local o chamou para uma conversa:

— Você compreende, Santiago. As coisas no interior são diferentes.

— Pelo que estou vendo, coronel, não parecem ser muito diferentes, não.

— São sim, tenente. É que você ainda não se ambientou, ainda não conheceu as regras do lugar. Aqui, a política é um pouco diferente. Você vai

logo compreender. Esse pessoalzinho miúdo, da contravenção, não faz nenhum mal à cidade. Na cultura local, eles são respeitados, dão sua contribuição, são ordeiros. De certa forma, indiretamente, pagam seus impostos. Para que você tenha uma idéia, ao contrário do que acontece na capital e nas cidades maiores, eles não querem saber de maquininhas caçaníqueis, nem de drogas ou prostituição de menores. Os apontadores, muitos deles são egressos, ex-apenados, estão aí, fazendo seu trabalho honestamente, tentando sobreviver. O

que é que nós deveríamos fazer?

Empurrá-los de volta para o crime? Fechar portas? Quem se beneficiaria com isso?

— Quando o senhor diz que, de certa forma, eles pagam seus impostos, o senhor quer dizer que esta forma é aquela mesma em que eu estou pensando?

— Tenente, não posso saber em que você está pensando, só posso lhe dizer que sua atitude não está contribuindo para a ordem pública.

— Coronel, se o senhor quer saber, eu nem tinha a intenção de prender o sujeito. Por mim, não quero problema, não quero procurar sarna pra me coçar. Mas o senhor não tem idéia da cena: o sujeito estava todo jogado em cima da viatura, na frente de todo mundo, no meio da rua, à luz do dia. Ali, era eu ou ele.

— Tudo bem, tenente. Mas que isso não se repita. Você não vai ter motivos para se arrepender. Nossos salários não são dignos da importância de nossa função social. Por isso, nada mais justo do que valorizarmos nossa profissão, sem sacrificar a ordem pública, é claro. Você vai ver que a vida no interior tem suas vantagens.

O Santiago não estava preparado para aquela conversa. Ele era o tipo do policial vocacionado. Sabe aquele cara que treina a sério e entra em campo com a corda toda? Tanto que o sonho dele era o BOPE. Estava com todo o gás e com aquelas convicções de noviço. O papo com o comandante foi um balde de água fria.

Ele decidiu se fazer de desentendido e voltou a prender os apontadores. O coronel convocou-o novamente. Recebeu-o com expressão mais carregada, como era previsível.

— Escuta, aqui, tenente. O negócio é o seguinte. Se não vai por bem, vai por mal. O prefeito me chamou. Levei a maior descompostura por sua causa. Só estou na posição que ocupo por conta do acordo político do governo com a prefeitura. Se você quer saber, não sou eu que recebo, não. É

o prefeito, o governo, a secretaria, o comando geral. A minha parte é ínfima. Mesmo porque não sou goelão. Minha fatia, eu divido. Como você preferiu ficar

de fora, vai pagar um preço por isso. Se você quer ser mais realista que o rei, paciência. Problema seu. Só não posso permitir que o problema fique sendo meu. Se você não sabe como é que as coisas funcionam na polícia, já

é hora de aprender. Se não gostou, cai fora enquanto é tempo. Sua transferência sai em 48 horas. Estou colocando você em licença para que não te falte tempo para as providências pessoais. Você vai para a capital. Se eu fosse você, começaria a preparar a mudança. Um dia, no futuro, vamos voltar a conversar. Pode ir.

Santiago me contou que sentiu um travo na garganta. Um misto de angústia, depressão e revolta. Por um lado, ele estava preparado para aquele desfecho. Imaginava mais ou menos aquele resultado. Por outro lado, mantinha uma certa esperança de que o comandante propusesse um acordo que o poupasse e respeitasse sua disposição legalista. No fundo, guardava ainda a expectativa de que o comandante recuasse para uma postura mais moderada, na pior das hipóteses dividindo a cidade e o autorizando a manter uma zona livre do bicho na região sob sua responsabilidade. Seria uma saída razoável — lhe parecia que sim —, uma espécie de solução de compromisso. Pelo menos para manter as aparências.

Vá entender os mistérios da alma humana. Eu não tenho essa pretensão. Por isso, não me deixo impressionar pela veloz metamorfose do Santiago. Ele chegou à capital, devolvido à nossa selva por sua própria resistência à prostituição da polícia. Não sou eu que estou dizendo. Ele é

quem usava essa expressão. A ironia está justamente aí. Seis meses depois

de se estabelecer na capital e dois anos antes de se transferir para o batalhão em cuja esquina matou o tal cara do Andaraí, Santiago já não era o mesmo. Copacabana derreteu o rigor puritano. A praia, as mulheres da noite, os turistas, as oportunidades. Sabe-se lá. No 19º Batalhão, Santiago se converteu no personagem que, nós, do BOPE, chamamos "um convencional típico". Só que pior do que isso, bem pior, como você vai ver daqui a pouco. Uma espécie de conversão ao contrário. Ele se rendeu à fé no deus pagão. Ou se entregou ao panteísmo, ao hedonismo. Sei lá como definir. Melhor dizer claramente: optou pela bandalha, o escracho, a sacanagem. Passou a representar o pior da polícia

convencional. Tudo aquilo que eu e meus companheiros do BOPE mais odiávamos. Resultado: toda sexta-feira, lá estava o Santiago, supervisionando a coleta da propina do bicho e dos pontos especiais.

Os pontos especiais variam conforme as características do bairro. As saunas, boates e casas de massagem são os exemplos mais comuns, sobretudo aquelas que preferem não ser incomodadas com batidas policiais para verificar a idade das meninas de programa, ou dos rapazes que fazem michê. É voz corrente que, na segunda batida, os clientes que têm um nome a zelar desaparecem para sempre e o empreendimento acaba condenado à

falência. As clínicas de aborto e as oficinas mecânicas não autorizadas, que invadem as calçadas e atravancam as ruas, também são boas fontes. Estacionamentos irregulares e postos fixos de camelôs, agenciados por empresários do ramo, rendem uma boa grana. A polícia vive do que é ilegal. Quanto mais desordem houver, maior o lucro dos convencionais. Falando assim, pode parecer engraçado, mas nós, do BOPE, não achávamos a menor graça. Sentíamos nojo disso tudo. Enquanto arriscávamos a vida na guerra noturna, a máquina da corrupção mais semvergonha, mais medíocre, girava, girava, engordando a poliçada, cada vez mais rechonchuda, as panças arredondadas, o espírito amolecido pela gorjeta, a alma literalmente vendida ao diabo.

Em pouco tempo, além desse pequeno varejo da corrupção, Santiago descobriu os filões mais promissores desse campo de negócios: as vans, a

segurança privada ilegal, os grampos telefônicos, as maquininhas de videopôquer e caça-níqueis, o velho mas sempre rentável bicho — no qual ele fora introduzido, traumaticamente — e os arregos, quer dizer, as transações com traficantes. Em certo sentido, eu poderia dizer, sem afetação, que ele progrediu do varejo para o atacado da sacanagem. Virou um expert, um profissional, um mestre na arte de extorquir, chantagear, blefar e manipular. Aprendeu também a mexer os pauzinhos na corporação para conseguir as transferências para os batalhões mais cobiçados, nos momentos mais convenientes. Essa habilidade o levou do 19º ao 23º Batalhão. Ele fez a festa na Zona Sul. Em seguida, se recolheu estrategicamente na área do Andaraí, onde se meteu naquela enrascada do boquete. Como ele não pregava prego sem estopa, cada transferência do Santiago correspondia a um movimento nas peças do xadrez que ele jogava sei

lá com quem. Com os deuses, as fantasias, seus delírios de poder, os traficantes, os políticos, os coronéis, os donos da polícia?

Alguns dias depois de ter assassinado o sujeito que o denunciara, Santiago foi convocado ao gabinete do comandante. Ele permaneceu trancado no gabinete mais de uma hora. Saiu em silêncio. A versão oficial confirmou a primeira hipótese que o porta-voz do comando divulgara para a mídia: os culpados foram os traficantes nus; Santiago era inocente. Em outras palavras, o comunicado formal declarava que a vítima fora surpreendida numa emboscada por traficantes do Andaraí, que se vingaram por terem sido denunciados, O homicida e seus cúmplices seriam presos a qualquer momento. Nunca mais se falou no assunto.

Segurança privada ilegal, o grande negócio de delegados e coronéis; vans e ônibus clandestinos; bingos; grampos, legais e ilegais; as maquininhas dos ovos de ouro, que se multiplicam feito coelhos; o venerável bicho, gasto e antiquado, mas ainda na ativa; e as mil e uma transações com traficantes, em sua exuberante variedade, dos chamados arregos nas favelas — os pagamentos diários ou por turnos de policiais — aos acordos mais ambiciosos e arriscados, ou mais estratégicos, digamos assim. Às vezes, essas teias se embaralham e engatam na política, o que torna tudo mais saboroso — e muito mais explosivo. A história que vou contar, não inventei. Ouvi diretamente de alguns dos principais protagonistas. Na polícia é assim mesmo, tudo se sabe, nada se esconde. Pelo menos, não por muito tempo. É

um tipo de trabalho duro e gratificante, que te enche de orgulho e vergonha, te sufoca com doses maciças de adrenalina e te leva ao céu numa espécie de viagem psicodélica, te mata de medo e te salva — pelo menos isso —, te salva da cadeira da sala, diante da TV, numa tarde de domingo, essa cova rasa que se cava a prazo.

Tá certo, os policiais, sobretudo os do BOPE, são cadáveres adiados. Mas quem não é? É melhor tirar logo as máscaras, aposentar a retórica e os bons sentimentos. Nas trincheiras da nossa guerra santa de todos os dias, os melindres vão caindo de podre, rapidamente. Você fica impregnado do cheiro ácido da urina morna do colega. Tudo circula. Saliva, porra, sangue,

merda, pus e histórias. Nas operações de risco, as melhores e piores emoções saem às golfadas, como vomito. O tempo vira um elástico, que se comprime e estica. As palavras jorram, acontecem. Depois a gente passa o braço pela boca e seca a saliva que escorre. Nada demais, portanto, que tudo se saiba. Tudo se confesse. E tudo repouse no poço escuro do esquecimento com um É assim que as coisas são na polícia, para o bem e para o mal. Santiago se gabava de ter encenado, involuntariamente, um espetáculo digno da Segunda Guerra Mundial, da Coréia, do Vietnã. Era uma das histórias mais sórdidas.

Ele já era um policial cascudo, como a gente diz. Quer dizer, maduro, vivido, velho na carreira. O contrário dos modernos, que são os que entraram para a corporação depois. Como um bom cascudo, dava conselhos. Foi o que fez ou pensou ter feito com um major que foi transferido para o batalhão convencional em que ele, Santiago, estava lotado. Aliás, o major era mais novo do que ele. A hierarquia tem dessas coisas. Ele era capitão. Nessa época, o Santiago já tinha sido promovido a capitão. O outro era superior a ele, era major; mas ele era mais velho. Isso pode acontecer por várias razões. Por exemplo: a idade com que se ingressa na academia e o tempo que se leva para ser promovido, porque as promoções não são automáticas. Entra muita política, nesses processos, e outras "cositas más". O tal major, que se chamava Coelho, veio do interior, igualzinho ao que tinha acontecido com o próprio Santiago. E aterrissou no batalhão da capital com a goela arreganhada, faminto, doido para arrumar a vida, rapidinho. Santiago mudou ou foi mudado pela capital e pela polícia; Coelho, não. A julgar pelo que se sabe de sua trajetória, tinha nascido daquele jeito. Logo percebeu que Santiago era o cara. Num sábado, substituindo o coronel no comando da unidade, Coelho convocou o Santiago.

— Capitão, pode entrar. Entra. Senta aí. Quer um cigarro? Fica à

vontade. Se quiser fumar, eu não me importo.

— Não, obrigado. Não fumo. Quer beber alguma coisa? Não, agora não.

— Eu sou sou um cara muito humano, sabe, capitão. Um homem comum. A hierarquia, é claro que respeito a hierarquia, mas, sabe como é?

Cada coisa a seu tempo e em seu lugar. Também não sou de, sei lá, de achar que só porque eu sou major e você é capitão...

— Não é assim. A vida não é assim. E ela dá voltas. Não sou um cara, quer dizer, não me considero um cara tão vivido assim, mas já deu pra aprender algumas coisas. Tá me entendendo, capitão?

— Claro.

— Então, tá. É isso que eu queria te dizer. Já deu pra aprender algumas coisas. Que hoje a gente está em cima, amanhã está embaixo. Que não adianta dar murro em ponta de faca. Que cão que ladra não morde. Não é? Não é verdade? Pode ser sincero.

— É.

— Então. Por isso é que eu digo: melhor cuidar da própria vida e não ficar por aí bancando o açoite da humanidade, querendo que tudo seja perfeito, impondo a perfeição, cobrando os pecados dos outros, querendo salvar o planeta. É ou não é? Pode dizer. Fala. Seja franco.

— Perfeitamente.

— Então. Por isso é que eu digo: cada um sabe de si. Não vou bancar o que eu não sou. É ou não é? Hein? Pode falar, capitão.

— É.

— Então. Acho que estamos nos entendendo às mil maravilhas, capitão. Não acha? Hein?

— Perfeitamente.

— Também acho. Perfeitamente. Melhor trabalhar assim, não é?

Melhor assim, se entendendo, compartilhando as coisas, cooperando, do que perseguindo, atrapalhando, pressionando, enchendo o saco, humilhando. É

ou não é, hein?

— Isso.

105

— Então. Foi pensando assim que resolvi te chamar pra essa conversa franca, uma conversa amiga, de igual pra igual. Sabe por que te chamei pra uma conversa de igual pra igual? Hein, capitão? Sabe? Pode falar.

— Não, major.

— Chamei você pra um papo franco, de igual pra igual, porque é isso que gostaria que tivesse acontecido comigo, quando eu era capitão, e porque é isso que queria que acontecesse comigo, hoje, entende? Eu gostaria que o coronel me chamasse pra uma conversa assim. Achei que você ia gostar de conversar assim comigo. Acertei? Hein? Fala, capitão, não precisa ficar inibido, não. Acertei ou não acertei?

— Perfeitamente.

— Então. Foi o que eu deduzi. Por isso é que eu te digo, capitão... Tem certeza de que não quer fumar? Se importa que eu fume? Um dia depois do outro. De que adianta prender esses pobres-diabos que a gente prende, hein? Me diz? São uns pobres-diabos. Se somar tudo o que eles roubaram, não dá um milésimo do que os grandes afanam, na surdina, com pompa e circunstância. Esses políticos filhos da puta, hein? É ou não é, capitão?

— Por isso é que eu digo: não se deve pregar prego sem estopa. De que adianta a gente se matar, fazer o dever de casa, tudo nos conformes, entupir as cadeias de gente, entupir as penitenciárias, matar traficante como quem mata mosquito, encher os cemitérios, de que adianta?. Heim, capitão, me diz? Pra quê? Pra quê? Esses meninos que vendem droga, de pé no chão, são uns miseráveis, uns pobres-diabos magricelas, que não têm onde cair mortos. Nem cabelo na cara eles tem. São uns moleques pés-de-chinelo, uns bagrinhos, hein? Pra quê? Me diga, capitão, pode dizer. Pra quê? Hein?

— É.

— Não é verdade? É ou não é? Eles estão lá no morro deles, vendendo droga pra cambada aqui do asfalto. Mas a gente não desce a mão nos filhinhos de papai, ou mete? Hein, capitão? Mete? Não, é claro que não. A gente não é besta. A

sociedade empurra esses bagrinhos da favela pra vala comum e nós somos os carrascos, nós somos os coveiros, capitão. Estou

errado, capitão? Pode falar. Eles são puros, esses filhos da puta da elite e esses políticos. Eles é que cheiram, fumam, gozam, roubam, e a gente mata e morre pra manter as ruas limpas. Uma putaria, capitão. Uma tremenda putaria. A polícia é que faz o trabalho sujo, capitão. Não é verdade? Por acaso estou mentindo? Pode falar.

— É.

— Então, capitão, por isso é que eu digo: mais vale um pássaro na mão do que dois voando. O que é que você me diz? Temos ou não que baixar a bola e tratar do que é nosso? Hein? Pode dizer, seja franco. Eu estou sendo franco. É como estou dizendo, capitão, mais vale um pássaro na mão. Longe de mim julgar os outros. Cada um cuida de si. É ou não é? Se cada um tratasse de si, tudo não seria melhor? Hein? Sinceramente, eu acho que seria. Por isso, pode ficar tranqüilo, capitão. Pode confiar em mim. Você tem aqui um amigo. Não quero chegar impondo, determinando. Sou militar mas sou um democrata, entende? Eu acho que a primeira coisa que um oficial deve fazer quando chega a uma nova unidade e quando chega com responsabilidade de comando, a primeira coisa é, ouvir os subordinados, os companheiros, ouvir com abertura, entende? O que você acha? Acha que estou certo ou não? Pode ser franco.

— Certo.

— Então, já estamos começando a nos entender, não é verdade?

Estamos ou não estamos, capitão? Hein?

— Certo.

— Ótimo. Nesse caso, acho que devo uma demonstração de que sou um democrata. Não acha que seria bom, hein? Hein, capitão? Eu acho que devo à tropa uma prova; uma demonstração de que desejo uma perfeita integração com meus comandados. A mesma relação positiva que pretendo estabelecer com meu superior hierárquico, o coronel Penido, quero construir com meus subordinados. A tropa tem de entender isso. Concorda?

— Perfeitamente.

— Pronto. Então, chegamos a um consenso. Vamos fazer assim. Você

continua fazendo como vem fazendo as coisas que considera necessárias. Eu

não pretendo interferir, certo? Concorda? Não vou interferir. Ao contrário. Não vim para atrapalhar, nem para impor coisa nenhuma. Eu sou uma pessoa tolerante. Não gosto de criar problema, entende? Não quero criar nenhum problema pra ninguém, certo?

— Certo.

— Então, ótimo. Está tudo acertado. Fica tudo acertado. Não quero receber nada que não seja justo. Veja aí o que vocês costumavam passar ao meu antecessor e eu me adapto. Eu me adapto. Posso discutir um ou outro detalhe, mas nada que crie qualquer dificuldade para entrarmos num acordo, certo? Quanto é que vocês fazem aqui, por mês? É por mês ou por semana? Imagino que a maior parte venha do tráfico, porque nessa zona tem muita favela. Coisa boa, né? Mas deve ter muita van, também, bicho, bingo, maquininha, sauna... Tem muita boate por aqui?

— Major, as coisas, aqui, não funcionam assim não. São um pouquinho mais complicadas. O senhor está chegando do interior, onde tudo é mais direto, mais simples, mais organizado: o prefeito indica o comandante do batalhão, o coronel leva sua equipe, o bicheiro local se apresenta, ele ajuda a financiar a campanha do prefeito vitorioso — porque ajuda todos os candidatos, justamente pra não correr riscos —, em geral o pessoal que controla as maquininhas é o mesmo e quando o tráfico se organiza, tem de tomar bênção ao poder estabelecido e negociar o seu lugar. Tudo se encaixa. Acertando com uns, tudo fica acertado. Aqui, não. É bem mais complicado. Pra começo de conversa, o tráfico não dá pra todo mundo. O comandante, por exemplo, não gosta de receber do tráfico. Só recebe da contravenção. Aceita uns biscates, ultimamente as vans têm rendido muito, mas com tráfico não gosta de negociar não. É um cara duro, sabe? Se converteu não faz muito tempo. Está naquela fase puritana, sabe?

— Sei. Eu compreendo.

— Então, o melhor que o senhor tem a fazer é se apresentar. Porque não tem dúvida de que, nessa área do batalhão, o maior potencial está no tráfico mesmo. Mas o senhor tem de se apresentar.

— Quer dizer, eu vou lá, chamo os moleques, reúno os moleques... Não vai ficar meio...

— Não, não é isso. O senhor tem que mostrar o quanto vale. Quer dizer, o senhor tem de justificar o preço que eles vão pagar. Eles vão pagar de acordo com o risco que o senhor representar, tanto pra vida quanto pros negócios. Pra ser mais direto, se o senhor me permite: se eles não avaliarem que o senhor é perigoso, não vão entregar o ouro. Esse pessoal do movimento dessa região é osso duro de roer. Por exemplo, o cabo Mazinho e o sargento Mosca fazem a festa, ficam uma baba. O pessoal já sabe que, no turno deles, se não tiver arrego, o pau vai comer, no alto e embaixo, na boca e na pista. Já o sargento Naves, o Pereba, o Ruizinho, essa turma não dá no couro. Eles gostam de ficar de conversa mole com as meninas do morro, tomam umas geladas nos botecos, comem churrasquinho de gato. Essa turma leva um troco e olhe lá. Por isso é que eu lhe digo, o negócio aqui é

muito individualizado. Cada um tem de mostrar seu valor e vender sua mercadoria. Não basta chegar e mandar a conta Com todo respeito, major, não é assim que funciona.

O major calou-se. Fechou a cara. Parecia emburrado. Despediu-se do Santiago sem aquela rasgação de seda anterior. Tanto que o Santiago chegou a pensar que talvez tivesse exagerado na dose. Mas o que estava feito, estava feito. Paciência. Não havia como mudar. Ele não queria dar a impressão de que não toparia algum acordo com o major, mas, afinal de contas, do ponto de vista dele, que já se achava um profissional do ramo, cooperar não podia significar carregar o outro nas costas.

No domingo à noite, Santiago foi convocado às pressas. O coronel Penido, comandante do batalhão, fora informado pela P2 de que o major Coelho estava entornando o caldo, na maior favela da Ilha do Governador. Queria o Santiago no local, imediatamente. A ordem vinha naquele tom estridente e histérico que era habitual, quando o pescoço do Penido estava a prêmio. Tudo porque corria a

notícia de que a imprensa já havia sido avisada e estava a caminho da Ilha. Penido bradava ao telefone as manchetes

hipotéticas da segunda-feira. Santiago ponderou que as redações já tinham fechado àquela hora.

— Na terça, Santiago, então imagina as manchetes na terça-feira. E

se o Fantástico resolve dar um furo de reportagem, ao vivo?

— O Fantástico não faz matéria ao vivo, coronel. Fica tranqüilo. Vou chegar antes da imprensa.

Profissional da grana, dos trampos, da mídia, da política interna à

corporação, da psicologia militar, o Santiago estava se achando o máximo. Um profissional.

Chegou mesmo antes da mídia. E foi a salvação. Salvação para o Penido, o Coelho e até para ele mesmo, porque uma eventual mudança drástica de peças no tabuleiro do batalhão desorganizaria todos os seus planos.

A população da favela se concentrava num platô largo, longo, que formava um pátio vasto, quase uma aldeia indígena, com casebres em círculo, ou quase, num desenho elíptico. Havia centenas de habitações nas ruelas que sobem e descem, mas aquele era o espaço central, para onde todos os caminhos vicinais convergiam.

As portas e janelas estavam escancaradas, todas elas, e as luzes internas acesas. As famílias, de pijamas e trajes íntimos, tinham sido jogadas para fora das casas. Homens, mulheres, velhos e crianças estavam virados para as paredes frontais das casas, com as mãos levantadas. Policiais vasculhavam gavetas, armários, embrulhos, colchões, fogões e geladeiras, com lanternas, tiros para o alto, chutes e golpes de fuzil nos objetos. As roupas eram atiradas ao chão e pisadas. As fotos, cadernos, livros e revistas iam para um saco preto, antes de serem queimados. Os eletrodomésticos estavam sendo destruídos e os adolescentes, todos eles, conduzidos debaixo de pau para as patamos. Coelho comandava o espetáculo com um megafone, proclamando-se o novo responsável pela lei e

pela ordem naquele pardieiro. Mandava seus comandados punirem os gritos dos moradores com porrada nas costas e nas pernas.

110

Quando, finalmente, conseguiu se esgueirar para perto do Coelho, Santiago passou-lhe a mensagem, quase entre dentes: "O comandante me mandou lhe dizer que o senhor errou a mão. O senhor exagerou. Essa operação tá parecida demais com aquelas ações dos nazistas contra os judeus. Pode dar a maior merda, major. Ê mais eficiente fazer um a um, casa a casa. Mais discretamente. Sem tanto alarido. Não dá manchete, não tem risco e o retorno é imediato."

Política Fiscal

Mas que barbaridade.

Ornelas observava o chefe, que apertava o celular com a mão direita, como se fosse estrangulá-lo, e mexia na cabeleira farta com a mão esquerda.

— Que barbaridade.

Andava de um lado para o outro, na salinha que servia de quartelgeneral para o tráfico da Mangueira, de onde se via o Maracanã e a silhueta das montanhas, na Zona Norte do Rio de Janeiro.

— Bá, você deve estar de sacanagem comigo.

Ornelas balançava a cabeça preocupado e olhava para o Nivaldo. Boa coisa não era. Quando Silas falava assim, boa coisa não era.

— Que barbaridade. Nivaldo não resistiu:

— Porra, Silas, fala português, caralho. Fala feito homem.

— Não enche o saco dele, Nivaldo. Não vê que o cara tá puto?

Ornelas era o braço direito do chefe e achava que tinha o dever de protegê-lo.

Nivaldo olhou pra ele com uma cara, cuja mensagem era: "Vai ser puxa-saco assim na puta que o pariu." Mas foi só a cara. Preferiu não provocar. O ambiente

já estava tenso demais. Melhor não provocar. Desde que namorou uma gaúcha, Silas passou a falar assim. Não tinha jeito.

111

— Mas isso é uma barbaridade, chê. Isso não se faz. É uma sacanagem. Isso vai contra tudo o que ficou acertado entre nós, porra. Tudo. Ornelas permanecia sentado com as pernas abertas em volta do espaldar da cadeira e os braços cruzados sobre ele. Encarava o chefe que lhe fazia caretas enquanto caminhava, ouvindo o interlocutor.

— Com quem o Silas tá falando? — Nivaldo perguntou baixinho a Ornelas.

— Aquele capitão filho da puta. — O que subiu pra acertar o arrego?

— O outro, o mais forte. Aquele metido a durão. Silas voltou a falar:

— Bá, isso é um absurdo, não posso aceitar. Como é que vou aceitar um negócio desses? Se aceitar, tô desmoralizado. E como é que vou confiar no arrego? Se é pra ir pro pau, vamos pro pau. O que não dá é pra ficar de sacanagem. Vocês vieram ontem, aqui, não vieram? O seu parceiro me ligou, do jeito que a gente combinou, e eu aprontei direitinho o paiol pra vocês. Foi ou não foi? Peraí, peraí. Me diga, foi ou não foi? Não fiz o combinado? Vocês subiram, fizeram aquele carnaval todo, levaram os vinte fuzis, montaram aquele teatro bacana pra televisão lá no asfalto. Foi ou não foi? Eu vi tudinho no RJ-TV. Foi o maior sucesso. Espera aí. Espera. Ouve. Eu, te vi lá

no maior caô, dando entrevista e o escambau. Mas, tudo bem. Até aí, tudo certo. Cada um fez a sua parte. Tudo certo. Espera, cara, espera. Mas o que é que eu tenho a ver com isso? Isso é contigo. Eu não tenho nada a ver com isso. Isso já é problema teu. Não, de jeito nenhum. Qual era o acerto? Qual era o acerto, porra? Caralho, assim a gente não vai se entender. Assim vai dar merda. Olha o que eu tô dizendo, porra. Baixa a voz. Baixa você, caralho.

— Ih, cacete, melou. Pode ir preparando a tropa — Ornelas sussurrou para Nivaldo, que não resistiu e declarou guerra à sua maneira:

— Engrossa, Silas. É isso aí. Bota pra foder. Eles que se fodam. Tem de falar grosso mesmo. Eles só entendem a voz da bala, esses porcos.

— Cala a boca, porra. Não vê que o chefe tá apertado? Silas prosseguia:

— Não, de jeito nenhum. Olha, cara. Admite. Admite. Isso é uma baita sacanagem. Não é justo. Não existe mais regra? Ninguém respeita mais

nada? A palavra não vale mais porra nenhuma? Não existe mais justiça, porra? Não se pode mais confiar em ninguém? Claro, só posso pensar assim. O que é que você faria no meu lugar? Tô falando sério, porra. Mas não tenho de entender nada, não. Você é que não tá entendendo, caralho. Será que eu falo grego? Você me telefona, pedindo — ouve bem —, pedindo pra gente juntar vinte fuzis, preparar o paiol, no lugar combinado, que vocês viriam buscar, daquele jeito mesmo que tinha ficado acertado. Não foi assim?

Então. Vocês não vieram? Não encontraram tudo que pediram? Não estava no lugar certo? Não foi tudo feito com toda honestidade?

A gente cumpriu ou não cumpriu a palavra? Pois é, mas é o que tô te dizendo, rapaz. Exatamente. Então? Vocês não entraram e saíram na maior tranqüilidade? A gente não deu os tiros pra cima, respondendo às rajadas de vocês, tudo certo, tudo direito, como manda o figurino? Arrego pra nós é

arrego, porra. Por isso é que a gente está estabelecido, com nome e respeito no pedaço. Você mesmo disse na TV que a operação foi um sucesso. Então, foi ou não foi? Rendeu RJ-TV, manchete nos jornais de hoje, tudo na maior limpeza. Pois então... Agora tá na hora de vocês fazerem a parte de vocês. Conforme o combinado. Como, "não dá"? Como, "deu problema"? E eu com isso? Já pensou se você tivesse entrado ontem na favela e eu tivesse te preparado uma arapuca? Eu sei que ia dar merda. Eu sei. Mas o que você tá

me dizendo também é uma merda, porra.

Ornelas soprou pra Nivaldo:

— O filho da puta não quer devolver.

Nivaldo balançou a cabeça, sentado na beira da cama, e acendeu um cigarro de maconha.

— Quer um tapa? — perguntou a Ornelas, que levantou da cadeira e foi até a cama. Deu uma tragada, enquanto Silas andava em círculos e metia a mão esquerda no bolso da bermuda. Era um gesto habitual, quando ele precisava se concentrar para tomar decisões difíceis. Nivaldo virou-se para Silas:

— O filho da puta não quer devolver? Silas tapou o bocal do telefone e respondeu:

— Quer cobrar.

— Cobrar? — Nivaldo deixou escapar a voz e o verbo cobrar, repetido, ecoou pelo barraco.

Ornelas comentou, baixinho:

— Não acredito, cara. Não acredito nisso, cara. Não se pode confiar em ninguém. Não se pode acreditar em mais nada.

Silas continuava girando, até que estancou e apoiou o pé direito na cadeira em que Ornelas estivera sentado, antes de juntar-se a Nivaldo para fumar o baseado. Era sua vez de falar. Queria dar o assunto por encerrado, restabelecendo sua autoridade:

— Olha, aqui, Santiago. Vamos falar de homem para homem Eu não tenho saída. Vou ter de recomprar as armas de vocês. Não tenho saída. Sei que vocês sabiam que eu ia acabar aceitando, por que vocês sabem que eu sei que, se não revenderem pra gente, vocês venderiam pro pessoal do terceiro comando. E vocês sabem que eu posso até ficar sem esses vinte fuzis, mas não posso dar mole pros caras. Se fosse pra ficar com vocês, eu tava cagando. Não ia recomprar porra nenhuma. Deixava pra lá, só pelo gostinho de não fazer negócio com você. Eram armas perdidas. Tudo bem. Elas iam lá pra Divisão de Fiscalização de Armas e Explosivos (DFAE), aquele cemitério de armas que vocês têm lá na polícia. Mas eu sei que não vai ser assim. E sei que vocês sabem que eu sei que não vai ser assim. Por isso é que você teve a cara-de-pau de me propor esse negócio. Então, tá, Santiago. Negócio fechado. Vou pagar. Vou comprar. E, os vinte. Todos os vinte fuzis. Isso mesmo, topo o preço, sim. É, em dólar, claro. Certo, entendi o cálculo, sim. Mas não me faz de palhaço, porra. Não vem me dizer que é

um preço camarada. Pode mandar trazer. Tá certo. É. Entendi. Certo. Vou dizer aqui pro pessoal. Vou dizer pro pessoal que não é recompra; é só uma taxa pela devolução. Pode deixar que eu digo. Agora, em compensação, você

vai dizer pro seu pessoal que "política fiscal" é a puta que pariu. Silas desligou o telefone, deu um chute na cadeira, tirou o baseado da mão de Nivaldo, deu um tapa e ficou olhando o sol que descia atrás do Maracanã.

114

Traição

Era um pedido especial do coronel Hugo Flores ao BOPE. O comandante determinou que eu visitasse o coronel, me inteirasse da demanda, planejasse a ação solicitada e distribuísse as tarefas, caso cumpri-las ultrapassasse o tempo de meu plantão. Foi uma longa viagem do Centro à Zona Oeste do município, sobretudo no calor carioca. Aliás, como diz um amigo, o Rio só

tem duas estações: o verão e o inferno. Estávamos em pleno inferno — para Dante nenhum botar defeito. Você já deve estar imaginando cumprir esse trajeto em janeiro, cruzando a aridez do subúrbio. Tudo bem, só que nosso carro não tem ar-refrigerado. Deve ser por isso que se chama viatura. Lembre-se que, além do conforto, seu automóvel com ar-refrigerado aciona um upgrading instantâneo em seu status: você ganha o direito de ser um indivíduo e, se bobear, até um cidadão, e não se arrisca a ser chamado de elemento. Tudo isso só vale se você for branco, bem entendido. Não vamos ser cínicos e fingir que vivemos no paraíso da democracia racial. E não estou falando só porque sou negro e vítima do preconceito, não. Milhões de vezes me pego discriminando também. Na hora de mandar descer do ônibus, você acha que escolho o mauricinho louro de olhos azuis, vestidinho para a aula de inglês, ou o negrinho de bermuda e sandália? E

não venha me culpar. Adoto o mesmo critério que rege o medo da classe média. É isso mesmo, a seleção policial segue o padrão do medo, instalado na ideologia dominante, que se difunde na mídia. Não, não é jargão

115

marxista, não. Depois eu conto por que lhe posso assegurar que não tenho nada a ver com marxismo, comunismo, essas coisas. Depois. Cada história há seu tempo.

Agora, tenho de chegar logo à Zona Oeste, que o coronel Flores me espera para encomendar a missão especial. É manhã, cedo, mas planejar uma operação não é fácil. É preciso levantar as informações pertinentes, trabalhar com mapas, topografia, tudo isso demora.

Pensando melhor, vou adiar mais um pouco a chegada à Zona Oeste só para lhe dar um quadro mais realista dessa questão. Vamos deixar o coronel Flores esperando mais um pouco para acompanhar uma patrulha que alguns colegas faziam na Tijuca.

Eles vinham de uma batida na boca de fumo da favela da Galinha, descendo de viatura uma ladeira deserta, os faróis desligados. Um carro subia. Era suspeito. Favelado não tinha carro importado. Enviesaram a viatura num movimento súbito, desembarcaram armados e jogaram o foco das lanternas no interior do carro. Duas aeromoças e dois tripulantes de conhecida companhia aérea, ainda em uniforme de trabalho, certamente chegando de uma viagem e, pelo visto, buscando decolar para outra. Atrapalhadas e nervosas, as moças não demoraram a confessar: iam, sim, comprar droga, mas não eram traficantes. Quem consome prefere o rótulo de viciado, porque tem o dom de converter o crime em doença e o perpetrador em vítima. Tudo bem, estava na cara que não eram mesmo traficantes. Mas nem por isso o tenente Diogo refrescou. Ele ficava furioso com essa cumplicidade hipócrita da classe média com os criminosos. Os maconheiros financiavam os bandidos e depois faziam passeata contra a violência. Mandou todo mundo saltar. Percebeu, com as antenas de policial experiente, que elas eram casadas; eles, não. Dedução: não são pares. Pronto, impôs-se a linha de trabalho. Escolheu a mais graciosa.

— Escuta aqui, sua putinha. Quer dizer que vocês vieram limiar, cheirar e trepar com os garotões. O veado de seu marido vai gostar de saber que o seu vôo está apenas começando. Cadê o celular? Isso, liga aí pro chifrudo que eu quero falar com ele.

A mulher chorava como se estivesse levando uma surra.

— Você também — dirigiu-se à outra. — Pode ir digitando o número. Vamos fazer uma conferência virtual com os chifrudos. Chama o maridão, sua puta.

Os rapazes intervieram, fazendo o tipo "vamos ser razoáveis". O

gênero enfureceu Diogo. Naquele momento, qualquer palavra poderia ser a gota d'água. O problema é que, em vez de vir dos homens, a gota que faltava veio da mulher mais destemida, que resolveu topar a briga, dizendo que o tenente estava fazendo aquela cena para vender mais caro a liberdade. Levou uma porrada que a fez girar sobre o próprio eixo, antes de desabar. Tonta, foi erguida pelos rapazes, enquanto a fraquinha derramava-se toda, em prantos. A equipe de bordo caiu na real, mas o tenente atingiu seu próprio grupo, que achou o sopapo indecoroso, desnecessário, covarde.

— Porra, tenente, numa mulher?

O sargento Ávila traduzia o sentimento geral: "Numa mulher?" Fez esse comentário piedoso depois que os comissários tinham ido embora, liberados por Diogo, que também sentiu que havia exagerado a mão, por assim dizer. Meio culpado, despachou os suspeitos, desistindo dos telefonemas pedagógicos aos esposos cornudos.

Moral da história: não se bate em mulher nem com uma flor?

Negativo. Foi o próprio Diogo quem esclareceu:

— Vocês ficam me olhando com essa cara e resmungando, mas eu queria ver se fosse uma negrinha de cabelo pixaim, mal vestida. Duvido que me viessem com essas delicadezas. Atire em mim a primeira pedra quem jura que não faria galhofa da pobre coitada e não faria questão de contribuir com um pontapé para a surra na negrinha.

Como você vê, a cor da pele é nossa bússola. E, nisso, somos apenas adeptos modestos e fiéis da cultura brasileira. Nunca me esqueci dessa pequena história, porque ela é quase didática. De todo modo, já chega de considerações gerais. Não posso mais adiar a chegada ao batalhão do coronel Hugo Flores. Vamos lá.

117

Saí da viatura, no pátio do Batalhão, e fui recebido pelo ajudante-deordem do comandante, que me conduziu ao Flores, no segundo andar. Sempre achei incrível a organização espacial dos batalhões da PM. Parece mais uma repartição de funcionários públicos, com funções meramente burocráticas. O estado-maior fica longe do gabinete do comandante, que não se comunica com os setores operacionais, que, por sua vez, recebem chamadas como um hospital, como se a

polícia não tivesse nada a ver com o conhecimento das dinâmicas criminais e sua prevenção. É também impressionante o número de policiais em tarefas absurdas. Por exemplo, checando as chamadas telefônicas feitas de dentro para fora do Batalhão. Para não falar do pessoal que conserta as viaturas, das equipes que se ocupam da cozinha, dos grupos da limpeza.

Tem comandante mais agitado, que pega no pesado; mas tem os que convocam as PFEM — policiais femininas — para fazer as unhas dos pés e das mãos, e que passam o tempo articulando seus próprios negócios — em geral são empresas de segurança privada que eles colocam nos nomes das mulheres ou dos parentes. Chega a ser engraçado: na segunda-feira, o superior hierárquico enquadra o inferior, aplicando o regimento disciplinar medieval, duríssimo com o cabelo grande e leniente com o roubo, a extorsão, o assassinato etc. Na terça-feira, ambos se encontram na empresa de segurança, como patrão e empregado, ou seja, como cúmplices de um ilícito

— porque, como você sabe, policial não pode fazer bico na segurança privada.

Na quarta-feira, de volta ao quartel, o soldado já perdeu o respeito pelo superior e vive aquele teatro da ordem militar com ironia e repugnância. E assim vamos ladeira abaixo.

Quando comecei a sacar isso tudo, mergulhei de cabeça na prova de seleção para o BOPE. Não sou bandido, nem tenho vocação para funcionário público. Aliás, para ser sincero, tenho mais nojo do policial bandido do que do bandido assumido. Mas deixa pra lá. Um dia escrevo sobre isso — depois que for expulso da corporação.

118

Entrei no gabinete do coronel Flores, prestei a continência regimental e fui autorizado a sentar-me.

— Capitão, nós não temos conseguido entrar na favela do Cavalo. Os traficantes têm sido hábeis no bloqueio. São muitos e estão bem armados. Temos bons informantes lá, e já sabemos onde estão as armas e quem são os líderes do movimento. Mas enquanto não conseguirmos romper o cerco que montaram na parte baixa do morro, não haverá o que fazer. Assaltar pelo alto exigiria uma força especial, porque o terreno é íngreme e acidentado, e talvez esteja igualmente protegido. Nunca tive tanta dificuldade para uma abordagem policial.

A ordem do comando geral da PM é para que ocupemos a favela. Mas, nas condições atuais, é impossível. Por isso, precisamos de vocês.

Flores foi direto, educado, didático e profissional. Estive próximo de rever a imagem que tinha dele. O coronel, digamos, não gozava de boa reputação. Corriam muitos boatos. Diziam que ele era homem ligado a um famoso traficante, que liderava uma das facções criminosas do Rio de Janeiro. Você pode imaginar o que isso significa, mas, se não consegue, vou dar uma dica: partilha com os criminosos do lucro obtido pelo tráfico, em troca de certo direcionamento das incursões policiais, de acordo com os interesses da facção criminosa com a qual se negocia. Não é incomum esse tipo de aliança: a polícia é usada por uma facção contra a outra. Uma tática conhecida é a provocação de uma crise artificial numa favela dominada por determinada facção, para justificar operações que a enfraqueçam ou mesmo a expulsem do território, abrindo espaço para novos negócios, mantidos os antigos ideais... A facção beneficiada aproveita o momento para invadir a favela, dominá-la, apropriar-se da boca e da correspondente fatia do mercado de drogas. E assim caminha a humanidade. Se você está se sentindo revoltado, imagina o que eu e meus colegas sérios sentimos, quando descobrimos que estamos sendo manipulados e que nossas vidas não valem porra nenhuma. Infelizmente, nem todos os companheiros entendem o processo com clareza. Às vezes, culpam os políticos, sem compreender que, antes das manobras dos políticos, são os nossos

camaradas e nossos superiores, muitos deles, alguns deles — vá lá —, os principais responsáveis. E a mídia bate palmas, fazendo papel de trouxa, enganando os otários que pagam impostos, inclusive os nossos miseráveis salários. Mas não se apresse a tirar conclusões simplistas: "Coitados, eles se vendem por causa dos baixos salários." Bullshit. Porra nenhuma. Fosse por isso a Polícia Federal seria imune a esses probleminhas. E não é, como você

deve saber. A maioria da população brasileira é miserável e não se corrompe. A primeira intervenção do Flores quase fez uma faxina na imagem que eu tinha dele. Eu disse quase. Confesso que esperava encontrar um personagem de gibi, um pequeno ditador de fancaria, um títere de opereta. Mas ele, à primeira vista, não se parecia com as caricaturas — eu nunca tinha estado com o Flores, pessoalmente. Ele era menos baixinho do que eu imaginava. Menos barrigudo do que supunha. Menos grosseiro do que diziam.

Pena, a compostura derreteu logo.

— Major — dirigia-se a um auxiliar —, mostre ao capitão o que sabemos e dê a ele aquele mapa. E vá testando o nosso herói, pra ver se ele é

sujeito macho mesmo.

Deu uma risada de desenho animado e saiu, batendo a porta. Fingi que não era comigo e fui estudar o mapa e os dados reunidos pela P2. Uma hora e meia depois, mais ou menos, o comandante voltou. Esperou que eu terminasse de lhe apresentar o primeiro esboço do plano e alertou:

— Escuta aqui, capitão. Nós vamos aproveitar a limpeza que faremos hoje à noite, na favela do Cavalo, para acertar umas contas atrasadas com um traidor, ok? Então, vê se segura a onda, entendeu?

Voltando-se para o major:

— Amarildo, arma tudo direitinho que é a hora de passar o cerol no Múcio.

— O sargento Múcio? — perguntou o oficial.

— É, porra. Não se faz de idiota.

Levei um susto, mas preferi não registrar o que só a posteriori assumiu foros de realidade. Naquele ambiente e no meio daquele diálogo, parecia que o Flores queria me confundir só pelo prazer infantil de me sacanear. Brincadeirinha de macho, entende? A polícia é um vestiário de futebol permanente. Ou você adere à linguagem, verbal e corporal, ou vira veado. É como na escola, com o agravante das armas e da autoridade. Repassei o plano com o major, deixei com ele as instruções para a equipe do Flores, repisei as linhas mestras do movimento que o BOPE faria e me mandei de volta. No caminho, passaria na firma de um amigo para, novamente, tomar emprestados oito visores noturnos. Ou a gente se vira ou nada acontece — e os riscos aumentam. Você acha que o Estado nos oferece os equipamentos técnicos necessários? Pode tirar o cavalinho da chuva. Aliás, pensei em chamar a operação Cavalo de Tróia, mas me soou muito óbvio. A idéia era, em resumo, a seguinte: oito homens do BOPE invadiriam a favela pelo alto, em silêncio, com os visores, surpreendendo os traficantes por trás —

eles nunca tinham sido abordados pela retaguarda, porque estavam protegidos por uma pedra alta. Somos bons de rapel e, com os visores, teríamos todas as condições para assaltar o QG dos traficantes. Limparíamos a área para a subida do grupo do coronel Flores. Na pior das hipóteses, os bandidos fugiriam para a parte baixa da favela. Se isso acontecesse, desceriam desorganizados e seriam vencidos pela tropa regular da PM, que já estaria preparada para o embate. Dificilmente daria errado. No fim da tarde, entreguei os visores e o plano ao capitão Técio, que me substituiria naquela noite. Ele comandaria a equipe do BOPE, encarregada da operação no morro do Cavalo. Passei todos os detalhes e saí

exausto, louco para curtir uma noite de sexta-feira bem romântica com minha mulher. Afinal, ninguém é de ferro.

Engraçado, alguma coisa não parecia certa. Eu tinha a sensação de que faltava algo. Revi, na memória, cada ponto do plano. Tudo parecia se encaixar perfeitamente. Mesmo assim, sentia um buraco no estômago, uma angústia, uma voz que me comunicava uma mensagem ininteligível. Não conseguia descansar, relaxar. Na cama, por mais que estivesse esgotado

fisicamente, o sono não vinha. Eu andava pela casa sem parar. Minha mulher tampouco conseguia pregar o olho, preocupada comigo, captando no ar minha ansiedade. Esse fenômeno não é raro. Quando eu participava do planejamento de uma operação e não integrava a equipe, era difícil desligar. Por motivos bons e maus: é horrível imaginar a derrota e é ruim não compartilhar uma vitória. Liguei o rádio, telefonei e acabei conseguindo falar com Técio:

— Uma merda, rapaz. Deu a maior merda. Não estou entendendo nada — ele disse.

— O que é que houve? A operação não deu certo? Algum

companheiro está ferido? Alguém morreu, Técio?

— Não, cara, a operação não poderia ter dado mais certo. O problema não foi esse. Um sargento morreu. Foi muito estranho. Porra, uma merda. Ele morreu na minha viatura. Um sargento lá do batalhão do Flores.

— Caralho. Um sargento? Qual era o nome dele?

— Não lembro.

— Onde você está? Vou te encontrar agora. Preciso esclarecer uma coisa.

Eu também não lembrava o nome que o Flores mencionara. Não lembrava porque não tinha levado a sério a ameaça que ele fizera. Não tinha levado a sério em termos, porque, no fundo, aquela angústia toda talvez fosse a presença perturbadora daquela ameaça, que ecoava na minha cabeça como uma espécie de maldição. Do mesmo jeito que passa mal quando come um alimento estragado, a gente sofre quando não digere bem uma informação, uma palavra. E um tipo de indigestão espiritual. O estômago e a mente ficam embrulhados. Eu me culpava por não ter contado ao Técio a tal história do sargento, para que ele ficasse atento. Merda total. E não conseguia lembrar o nome do cara. Talvez, ouvindo o nome de quem morreu, eu pudesse identificar se coincidia ou não com o nome que ouvira, no gabinete do Flores.

122

Coincidia. Múcio. O sargento morto se chamava Múcio. O nome era o mesmo. Não tive dúvida. Técio me contou o que aconteceu naquela longa noite, na favela do Cavalo.

— Nós entramos por cima, conforme o plano. Descemos de rapei, com visores. Foi mais fácil do que supúnhamos. Descemos até o primeiro nível de assalto, passamos ao segundo estágio. Tudo certo. Sem sustos. Descemos para a plataforma de ataque. Tudo conferia. Os vagabundos estavam por ali mesmo, em torno da casa, que era o paiol das armas. Bloqueamos o beco para onde eles teriam de recuar e fechamos as duas pontas do ataque, em pinça, exatamente na formação planejada. Eles mal tiveram tempo para se coçar. Eliminamos todos ou quase todos. Foram nove. Apreendemos um bom lote de armas e alguns quilos de cocaína e maconha. Os bandidos que sobraram desapareceram. Devem ter procurado refúgio nas casas e dificilmente sairiam tão cedo. Pelo contrário, acho que, dadas as condições, não vão ter como reorganizar o bando. A tendência é que abandonem a favela.

— Isso, a partir da meia-noite.

— Exato.

— E o Flores?

— Pois é, avisamos ao pessoal do Flores pelo rádio que desceríamos tranqüilamente, mas atentos a alguma emboscada. Determinei que eles nos aguardassem naquele ponto que você marcou no mapa, para o encontro.

— Houve algum problema na descida?

— Nenhum. Paz de cemitério. Só mesmo a cachorrada, mas era até

bom o alarme dos latidos pra ninguém se meter a besta e sair de casa. Do jeito que a gente estava ligado, sabe como é...

— E aí, lá embaixo, você passou a bola para o Flores.

— Passei. Estava tudo tranqüilo. A favela parecia um deserto. Todo mundo em casa. O maior silêncio. Ninguém se atreveria a nenhuma ousadia. De todo modo, indiquei a ele o caminho mais seguro para subir. Expliquei que tinha deixado os corpos lá em cima. Talvez ele viesse a ter problemas com as famílias. Essas coisas. Teve um detalhe que me deixou cabreiro.

— O quê?

— O grupo do Flores trazia dois sujeitos algemados e encapuzados. Ele me disse que eram alcagüetes e que era preciso fingir que eles estavam sendo presos e maltratados, para evitar futuros problemas para os rapazes.

— Entendo.

— Achei meio esquisito, mas tudo bem.

— E as armas que vocês apreenderam, também ficaram no alto da favela, com os corpos?

— Tá louco? As armas, não. Nos trouxemos todas.

— Ah! Bem.

— Tá pensando o quê? Não sou nenhuma virgem do Sion. Sabe-se lá

quem são esses policiais do Flores...

— Sei.

— Sei que você sabe, mas o que você não sabe, nem eu desconfiava, era que, uns vinte minutos depois que minha equipe tinha saído, o rádio anuncia emergência no morro do Cavalo. Porra, emergência no morro do Cavalo.

— Que merda!

— Exatamente. A gente já estava relaxando... a gente já se permitia sentir os efeitos da tensão, a fadiga... Bem, você sabe muito bem o que é

isso.

— Voltaram.

— Dali mesmo. Acho que chegamos lá em uns dez minutos, porque as nossas viaturas aumentaram a velocidade até o limite da irresponsabilidade, como diria o Fernando Henrique.

— E?

— Calma. Paramos um pouco antes da entrada da favela. Subimos a pé até o início da rua principal, que sobe o morro. O Flores estava sentado na calçada com um major. Tranqüilos. Não estavam com aquela cara travada que se carrega nos confrontos. Pareciam calmos. Ali na calçada, como se fossem jogar cartas.

— Lembra o nome do major?

— Não. Nem interessa. Eles se levantaram e me apontaram o policial caído.

— Onde?

— Logo ali adiante, bem no começo da rua que sobe a favela, ao lado de uma viatura.

— Era o tal sargento.

— Escuta. Apontaram o colega e com o ar mais resignado natural do mundo disseram que tinha morrido no tiroteio.

— Que tiroteio?

— Foi o que eu perguntei. Logo que a gente saiu, os traficantes começaram a atirar. A tropa do Flores respondeu com fogo cerrado e os bandidos recuaram. Nisso, enquanto o grupo do Flores subia, empurrando os vagabundos de volta para cima ou os dispersando, o policial foi atingido. Estava morto.

— Mas...

— Espera. Só que ele não estava morto. Puto com a pasmaceira do Flores, que não era capaz nem de resgatar o corpo do companheiro, jogado ali feito um animal, determinei que me cobrissem com fogo pesado e me arrastei até o homem. Cara, ele estava vivo. Sangrava muito, mas tinha pulso. Dei um grito, chamei o Dutra e puxamos o sujeito. Deixa eu te dizer uma coisa. Uma coisa muito estranha mesmo. Sabe que quando gritei que o homem estava vivo, olhando na lateral para o Flores e o major, sabe que eu tive a impressão de que os dois se assustaram? Eles não vibraram, nem se emocionaram. Eles se assustaram. Pareciam dois palermas, perplexos, sem ação. Porra, cara, que filhos da puta. O camarada logo ali, se esvaindo em sangue, e eles nem conferiram se ele tinha morrido ou não. Caralho. Nunca vi nada igual.

— A ambulância da PM já estava lá?

— Não e não dava tempo para esperar a ambulância. O cretino do Flores, provavelmente, demorou a chamar. Tivemos de jogar o homem em nossa viatura e correr feito loucos. Estávamos desesperados, cara. Foi

horrível. O colega morrendo na nossa frente, no nosso colo, vomitando sangue. Mas já era muito tarde. Não deu tempo. Uma merda, entende?

— Entendo perfeitamente. E faz todo sentido. Tudo se encaixa.

— Como, entende? O que é que se encaixa? Na verdade, nada se encaixa. Pensa comigo: nós saímos depois de limpar o terreno. Quando deixamos a favela, não havia o mais vago vestígio de capacidade de resposta do tráfico. Os vagabundos

que sobraram estavam dispersos, apavorados, provavelmente sem armas e sem noção do que tinha acontecido e do que aconteceria. Além do mais, tinham perdido um grande número de comparsas

— segundo nosso cálculo, executamos os mais experientes, os líderes, os organizadores. Como é que os putos saltariam da dizimação para a iniciativa, de uma hora para outra, sem mais nem menos?

— Eu sei como.

— Porra, cara. Impossível. Não teria dado tempo. Não haveria condições.

— Eu sei, estou te falando que eu sei como teria sido possível.

— Não fode, capitão. Além do mais, tem o seguinte... e isso foi para mim o sinal mais esquisito de todos: a chave não estava com o sargento que morreu. Quando vi que não vinha tiro nenhum em minha direção, fiquei mais tranqüilo e fui checar a viatura que estava ao lado do sargento. As chaves não estavam na ignição e não tinha marca de bala. O Flores me disse que ele tinha acabado de sair da viatura, quando foi alvejado. Mas como é

que houve o tal tiroteio, se a viatura está incólume? E as chaves, por que não estavam com o sargento, nem na ignição? Onde é que foram parar? Por quê? Porra, cara, nada faz sentido.

— Tudo faz sentido. Estou te dizendo. Tudo se encaixa. Eu não tinha te contado, mas ouvi o coronel Flores comentar com um major que eles aproveitariam a operação para se livrar de um sargento.

— Você está de sacanagem. — Verdade.

— Caralho, capitão, como é que você não me fala uma coisa dessas?

— Não sei. Acho que Não levei a sério, sei lá. Devia ter te contado. Claro. Pode ter certeza de que nunca vou me perdoar por isso.

— Mas por quê?

— Estou te dizendo: não sei, não pensei que fosse para valer.

— Não, estou perguntando por que queriam eliminar o sargento?

— Disseram que ele era um traidor, vendido ao tráfico.

— Será? A história que ouvi é bem diferente.

— Sobre o Flores?

— Pois é. O que sei é que ele teria umas ligações bem esquisitas.

— Também ouvi falar.

— Não sei, rapaz. Não sei mais nada.

Amanheceu com o céu fechado, um mormaço desgraçado. Minha cabeça parecia que ia estourar. Fiz questão de ir ao sepultamento do sargento, no fim da tarde. Notei que o Flores e o major estavam desconfortáveis. Coronel Ademar não saía de perto do caixão aberto. Era visível que estava profundamente mobilizado. Ele era um desses velhos oficiais, respeitados por toda a corporação. Quando surgiu a primeira oportunidade, me aproximei e lhe disse que precisava falar com ele, em particular.

— Outra hora, capitão. Me procura outro dia. Hoje, não tenho condições de conversar, não. Perdi um amigo. Múcio serviu comigo até há

poucos meses. Ele era um dos policiais mais honestos, leais e competentes que já conheci.

Confesso que fiquei sem palavras e senti minha perna tremer. Minha visão embaçar. Minha visão do mundo tremer.

No dia seguinte, o Flores voltou a pedir ajuda. Precisava da gente para resgatar uns corpos que tinham ficado em um platô elevado, numa alça de pedra. Avisou que era difícil subir até lá e, para o pessoal dele, impossível descer com os corpos. Explicou que alvejaram alguns traficantes remanescentes no morro do Cavalo. Os policiais foram ao alto da favela, por fora, mas não desceram porque não treinaram rapel. Atiraram de cima,

porque os vagabundos estariam no alto da pedra, mais abaixo. E os corpos ficaram por lá mesmo.

Realmente, não foi fácil chegar ao local. Muito mais difícil foi baixar os corpos. Mas esse nem foi o maior problema. O pior de tudo era o cheiro, os urubus e a imagem. Nunca tinha visto nada igual e acho que nunca mais vou ver nada parecido. A história tinha sido um pouco diferente da versão relatada pelo coronel Flores. Havia dois corpos despedaçados de um jeito, que só me restou uma explicação: os dois encapuzados vistos pelo Télio não eram alcagüetes; foram levados para o morro do Cavalo para serem executados. Só que os policiais perderam a chave das algemas e, para não deixar pistas, arrebentaram as mãos e os braços dos rapazes. Dias depois, fui recebido pelo coronel Ademar. Ouviu minha história em silêncio. A porrada foi muito violenta. Ele não conseguiu esconder totalmente a emoção, que parecia ser um misto de ódio, indignação, vergonha e desalento. Mas permaneceu calado. Quando lhe perguntei o que eu deveria fazer, respirou, pensou um pouco e disse:

— Capitão, você tem duas opções: denunciar à corregedoria, ser perseguido e acabar expulso da corporação; ou pedir desligamento e escrever um livro.

Despedimo-nos. Saí do gabinete. Cumprimentei os colegas que assessoravam o coronel. Quando me aproximava da escada, ele abriu a porta e completou o conselho:

— Capitão, se você escolher o livro, não se esqueça de manter o passaporte em dia.

Nós dois rimos e acenamos um para o outro. Os colegas não entenderam as palavras, o riso e os sinais. Eu mesmo levaria um tempo para entender um pouco melhor e de forma mais abrangente o sacrifício do sargento Múcio. As cores da vida foram ficando mais turvas, à medida que aquele episódio ia sendo metabolizado. As tonalidades mais sutis começaram a se embaralhar. Aos poucos, as fronteiras foram sendo apagadas pela seqüência das loucuras mais extravagantes. A realidade foi se tornando mais

grave, mais absurda e menos verossímil. A tal ponto que, poucos anos depois, o

testemunho verdadeiro não se distinguiria do delírio.

Dois Anos Depois:

A Cidade Beija a Lona

129

Santiago já aprontou poucas e boas. Aliás, muitas e péssimas. Ele excede a cota média de confusão e sacanagem. Abusa dos feitos, com empáfia. Meu avô diria que se trata de um boquirroto. Adora se vangloriar. Quem fala muito, fala o que deve e o que não deve. Uma hora dessas, o destino dá o troco. Sobretudo porque os relatos vão-se juntando a outros relatos, de outras fontes, tanto da polícia quanto da bandidagem — que é outro poço sem fundo de histórias, em que tudo se sabe e tudo se esquece, em benefício da própria sobrevivência. As histórias são varridas para o lixo. O problema é

quando o entulho se acumula e alguma coisa empaca na obstrução do esgoto. Mais dia, menos dia, um repórter colhe a flor rebelde que fura o estéreo e levanta a cabeça — mesmo nos domínios do pântano, há o risco da flor improvável. Pronto: aí, sim, a casa cai.

Dois anos depois do período em que ocorreram os episódios relatados no "Diário da Guerra", Santiago montou a ratoeira e enrolou o cacho de dinamites nos pilares da casa. Eis a oportunidade para que se perceba o protagonismo do BOPE de outra perspectiva.

Para que você não se perca na história vertiginosa que vai começar, a lista de personagens pode ser útil.

130

ADEMAR CAMINHA VIANA TORRES — Deputado federal pelo estado do Rio de Janeiro.

ALICE DE ANDRADE MELO — Namorada do policial do narrador do

"Diário da Guerra" e do "Epílogo".

AMARILDO HORTA — Deputado estadual, ligado ao governador.

AMÍLCAR — Coronel da Polícia Militar do estado do Rio de Janeiro, diretor do Serviço de Inteligência da Secretaria de Segurança Pública.

ANACLETO CHAVES DE MELO — Diretor da penitenciária de segurança máxima, Bangu I.

ANDERSON — Informante da Polícia Civil, ligado a Amarildo Horta.

BABY — Apelido de Carlos Augusto, amigo de Renata.

BARROS, CHICO SANTOS, VILMAR E ZARA — Policiais do BOPE, atuando em Bangu I.

BRITO — Sócio do bicheiro Saramago.

CARLOS MEIRELES — Ex-agente do SNI; oficial reformado do Exército.

CEZINHA — Chefe do tráfico no complexo do Alemão.

DINO — Chefe do tráfico na Rocinha.

DIVALDO SININHO — Principal assessor de Anacleto Chaves de Melo.

DORIS — Vizinha de Renata.

ELPÍDIO — Coronel PMRJ, chefe do Gabinete Militar do governo do estado do Rio de Janeiro.

ÉRICO, ITAMAR E JÚLIO — Amigos de Baby.

FÉLIX COUTINHO — Policial civil.

FRAGA — Comandante-geral da Polícia Militar do estado do Rio de Janeiro.

ÍNDIO — Chefe do tráfico na favela da Mineira.

JAIMINHO ONÇA — Apelido de Jaime Correia, braço direito de Polinices.

JARBAS — Síndico do prédio em que mora Renata.

JONAS — Auxiliar do chefe do tráfico na favela da Mineira.

JUVENAL — Recruta do Exército e ex-estudante de História.

LEONARDO — Traficante de ecstasy.

LÚCIO PÉ-DE-VALSA MORAES — Amigo de Luizão.

LUIZÃO FRANÇA — Delegado da Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro.

MARIA DO CARMO — Cabo da PMRJ, atuando como secretária no Palácio Guanabara, sede do governo do estado do Rio de Janeiro.

MARQUINHO — Diminutivo de Marcos Paiva de Souza Carneiro, chefe de gabinete da Secretaria de Segurança.

MAURO PEDREIRA — Delegado titular da Delegacia Anti-Seqüestro (DAS), da Polícia Civil do estado do Rio de Janeiro.

MICHELE — Esposa de Moisés.

MIRANDA — Policial militar; braço direito de Santiago.

MOISÉS — Líder do Comando Vermelho.

NAMORADO DE ALICE — Oficial do BOPE e estudante de Direito da PUC, é o narrador do "Diário da Guerra" e do "Epílogo".

NEREU — Chefe do tráfico na favela da Coréia.

NOCA — Chefe do tráfico no complexo da Maré.

NUNO CEDRO — Grande empresário e amigo do governador, cujas campanhas financia.

OTACÍLIO MALTA — Policial civil, principal auxiliar de Luizão França.

PEDRINHO — Filho de Santiago e Renata.

POLINICES VIEIRA DA SILVA — Superintendente da Polícia Rodoviária Federal no estado do Rio de Janeiro.

RAMIREZ — Oficial do BOPE; amigo do narrador.

133

RENATA FONTES — Ex-esposa de Santiago; mãe de Pedrinho; assistente social da penitenciária de segurança máxima, Bangu I.

RINALDO — Comparsa que ajuda Dino a fugir.

RITA, RODRIGUINHO E MARCINHA — Esposa e filhos de Índio

.

RIVALDO — Chefe do tráfico na favela do Borel; ex-pastor evangélico.

RUSSO — Traficante inimigo de Dino.

SALES, SANDER, JUREMIR, CRICIÚMA, BERNARDINHO E ADRIANO

— Policiais civis, auxiliares de Luizão França

.

SANTIAGO — Capitão da Polícia Militar do estado do Rio de Janeiro; ex-marido de Renata; pai de Pedrinho.

SARAMAGO — Banqueiro do jogo do bicho.

SAUL NOODLES — Repórter da TV Globo.

SUELY — Diarista que trabalha para Baby.

URUBU — Auxiliar de Cezinha.

VAZ — Delegado da Polícia Civil do estado do Rio de Janeiro e diretor do Serviço de Inteligência da Secretaria de Segurança Pública.

VIKIE — Auxiliar de índio.

VÍTOR GRAÇA — Chefe da Polícia Civil.

134

O secretário de Segurança e o governador são indicados por suas respectivas funções — sem nomes próprios, portanto. O Core é a Coordenadoria de Recursos Especiais da Polícia Civil, do Estado do Rio de Janeiro, unidade que, na prática, funciona como uma espécie de BOPE da Polícia Civil.

POSTO DE GASOLINA DA PETROBRAS, NA RODOVIA BR-101, INTERIOR DA PARAÍBA, DIA 11 DE JULHO, ÀS 13H50

Dino não sabe se a cabeça lateja por causa do calor que faz dentro do carro, ou da pressão que sente, por dentro, por fora, no corpo todo, moendo os ossos e mastigando os nervos. Se algum dia tivesse lido Nelson Rodrigues, se a sua vida tumultuada lhe tivesse permitido ler, se o diabo da escola que freqüentou tivesse ensinado a ler alguma coisa que valesse a pena, ele diria: sol que derrete catedrais.

Naquela tarde, o calor racha o asfalto e levanta uma névoa líquida, um vapor em que parecem boiar as coisas distantes. Dino não pode viajar à

noite. Questão de segurança. De dia é menos arriscado. Sente um grande alívio quando abre a porta e pisa o chão de pedra do posto de gasolina. Uma sombra àquela hora, um copo d'água gelada, é tudo que quer. Enche os pulmões com o ar da Paraíba, ar de sua infância, oxigênio da liberdade. Como faz bem estar longe. Como é bom se sentir bem, de novo. Mesmo assim, ele sente um frio estranho. Pensa na mãe e nos panos que ela costumava mergulhar n'água fria antes de pôr em sua cabeça, quando tinha febre. Pensa na mãe, na febre e no gelo, e percebe que a boca está seca. Tem sede. Uma corrente elétrica atravessa corpo e alma quando conta o tempo que falta para chegar à casa da mãe: três horas, só três horas, depois de três

dias de viagem, um deles com Rinaldo, naquele carrinho de merda. Depois de tantos anos. Ela não sabe que ele está chegando, muito menos que pretende ficar.

Respira fundo e faz a oração que a mãe-de-santo lhe recomendara, em Vitória da Conquista. Rinaldo deixa o frentista enchendo o tanque e vai ao banheiro, atrás do barzinho, no fundo do posto. Dino percebe que não há

nenhum caminhão e imagina como seria tornar-se motorista de caminhão, àquela altura da vida. Talvez fosse melhor do que virar agricultor, profissão que matou seu pai muito cedo. Profissão dura demais, dura feito o povo do Nordeste, e seu destino. O dele não é tão diferente, afinal de contas. A vida do nordestino é uma guerra. Diferente da sua, mas só até certo ponto. Dino vai em busca da água gelada. Se o estômago não estivesse tão apertado pela agonia de não chegar nunca, ele até que comeria alguma coisa. Respira fundo. É bom estar longe, bem longe, e respirar sem medo.

— E aí?

Dino se espanta com a voz tão próxima. — E aí, como é que vai?

Não tinha se dado conta da presença de alguém. De onde surgira aquela figura?

— Não está se lembrando de mim? Fulmina o sujeito com os olhos, de alto a baixo.

— Pois eu fui receber o arrego, várias vezes, das mãos de vossa senhoria.

Antes mesmo de ouvir essas palavras, sua inspeção profissional identifica uma arma sob a camisa larga do sujeito de voz melosa.

— Você não se lembra? Lá na Rocinha. Eu ia buscar a grana do Vitor Graça. Pois é, Vitor é meu chefe.

Dino tenta pensar rápido, agir rápido.

— Não olha pra trás ou você morre aqui mesmo. Eu vou desarmar você devagar. Você está na mira de meus parceiros. Um movimento e você

morre.

Dino deixa-se desarmar e continua tentando pensar em alguma coisa, rápido.

136

— Agora, entra em silêncio naquele carro marrom que você está

vendo bem na sua frente. Você vai encontrar dois homens no carro. Outro carro com mais dois parceiros vai nos seguir. Não vai te acontecer nada. Pode ficar tranqüilo. Morto, você não vale nada. Queremos você vivo. Vamos dar um jeito no seu motorista. Só um susto pra ele ficar três dias calado. Dino olha o sujeito nos olhos.

— O Dr. Vitor manda lembranças. Ele vai estar te esperando no Rio. Quer conversar com você.

Dino permanece congelado, imaginando o sentido daquelas palavras. Não entende nada. De onde aquele cara tinha saído? O posto parecia deserto. Quem era o traidor? Na Rocinha, ninguém sabia de nada. Mesmo que tivessem grampeado o seu celular, não haveria como desconfiarem de alguma coisa. Além disso, ele tomara o cuidado de trocar de celular várias vezes e só usar pré-pago, para evitar que o seguissem pelo sinal do celular.

— Vai andando e não olha pra trás.

Quem tinha armado o alçapão? Como haviam montado a armadilha?

Desde quando ele estava sendo seguido? Daria para escapar? Seria mesmo o pessoal do Vitor Graça? Vai ver o Russo fugiu da prisão para invadir a Rocinha e essa turma é da quadrilha.

— Já disse pra ir andando, porra.

BR 101, NO KM 666, DIA 11 DE JULHO, ÀS 15H25

Uma hora e meia de viagem. O carro marrom entra à esquerda, seguindo a seta com o nome da cidade. O segundo carro o acompanha como uma sombra. Mais uns 200 metros, faz o retorno na rotatória e passa veloz diante de um motel, um borracheiro, um campo de várzea, um punhado de moleques dentro da nuvem de

poeira. O motorista conhece o lugar. Acelera para dentro da cidade. Pára na frente de uma padaria. Não era padaria. Era uma rodoviária. Descem, compram água, bebem café. Oferecem água e café

a Dino. O segundo carro estaciona logo atrás. Ninguém desce. O homem que se identificou como subordinado de Vitor Graça vai até a janela do carro e

conversa com um sujeito de óculos escuros. Não dá para ver sua fisionomia. Percebe-se a silhueta: ele está falando ao celular.

Chega o ônibus, lavado e azul, o esmalte brilhando. Ônibus do interior não faz turismo, transporta gente para lugares e pára como peregrino nos templos de bênção e reza. Veículo de migração é o necessário; é o que se tem. Um mundo de gente, bolsas e malas, levanta-se dos bancos de madeira, na calçada. Dino não sabe se a angústia está na atmosfera que os viajantes exalam ou se é apenas sua. Bebe água até encharcar os ossos. Passa a mão na boca. Seus acompanhantes não lhe dizem nada; mal conversam entre si. Só lhe resta adivinhar o que o aguarda no Rio. O letreiro no ônibus informa o destino: Rio de Janeiro. Ás vezes fechar os olhos e morrer é preferível à longa espera. Espera de quê? O futuro era farto, uma fartura prodigiosa. Ele teria futuro suficiente para empanturrar-se na viagem de volta ao Rio. E uma realidade comprida para digerir, minuto a minuto, cheirando a poeira, urina e vômito, regada a choro de criança e leite derramado. Pensa em leite derramado e quase sorri. Melhor que sangue. Pega a folha de jornal largada sobre o balcão. Serviria para abanar-se. Não tem mais idéia, espírito, mente, massa encefálica. Tem só crânio, comprimido nas laterais. Os olhos latejam e parecem espumar, cozidos feito ovos ao sol. Quase sorri de novo. Sobe os degraus do ônibus com sua escolta.

BR-101, DIA 11 DE JULHO, ÀS 22H20

Três homens de Vitor Graça embarcam no ônibus, com Dino, na Paraíba. Serão 48 horas de viagem. A viagem de volta ao Rio será mais rápida do que o caminho de ida. O ônibus é econômico e direto, não precisa serpentear para despistar. Um senta-se a seu lado; dois, no banco de trás. Nas inúmeras paradas, levantam-se todos para esticar as pernas, comer um prato feito, morder um sanduíche e cumprir todos aqueles ritos próprios às viagens longas.

Aos poucos, calor e cansaço entorpecem os corpos, e a luz do sertão produz uma espécie de embriaguez. Lentamente, a noite apaga a larga planície, cortada pelos espetos de luz dos faróis.

Dino mergulha na nebulosa de suas lembranças, caçando o rosto do homem que o rendeu no posto de gasolina. Fecha os olhos, mas deixa uma fresta pela qual flagra seu perfil, agora sentado a seu lado, cão de guarda. Aperta os olhos e o fita de frente, no posto. Pode ainda ouvir a voz melosa. As lembranças brotam com cheiros e sons. Põe em marcha a máquina da imaginação. Roda filmes e filmes, revivendo noite após noite. "O filho da puta esteve comigo, sim. Ele não estava mentindo." Quando? Onde? "Talvez, sim, talvez tenha sido ele." Trinca os dentes. "Filho da puta." Pensa tão forte que teme ter dito filho da puta, mas não disse ou, se disse, seu ódio não chegou a despertar o cão, refestelado a seu lado, rosnando enquanto dorme. Dino captura a imagem do policial na treva de um beco da Rocinha, devolvendolhe as armas que lhe tomara na véspera e recebendo a grana prevista no arrego.

RIO DE JANEIRO, RODOVIÁRIA, DIA 13 DE JULHO, ÀS 5H05

Dino e os três homens são os últimos a sair do ônibus. Ele espera encontrar a fanfarra de sempre: desceria os dois degraus, seria algemado diante das câmeras de televisão e jogado na caçamba de uma viatura com o giroflex ligado, que partiria a toda velocidade, seguida pelo cortejo dos carros de reportagem, para a exibição, ao vivo e em cores, no zoológico da Secretaria de Segurança Pública. Mas não há nada, nada além do movimento de sempre, gente descendo e subindo, puxando crianças pela mão, sacos e malas. Dino pisa a plataforma, inala gasolina, engole a náusea, firma as pernas. Ninguém, nada. Isso não cheira bem. É melhor a prisão do que o seqüestro. Se ninguém fica sabendo de que ele está nas mãos da polícia, tudo é possível. Podem executá-lo e desaparecer com o corpo. Qual o registro de que ele fora capturado no interior da Paraíba? Ninguém soube, ninguém viu. "Se quisessem me matar, já teriam feito, lá mesmo. Para que

me trazer de volta ao Rio?" A experiência briga com o medo na arena turva de sua consciência.

— Nós vamos te levar pro hotel.

— Onde, que hotel?

— Aqui mesmo, na rodoviária. O chefe vai te ligar daqui a pouco. Relaxa, toma um banho, um café, e se prepara, porque o dia vai ser longo. Você vai voltar ao batente. Acabou a vida mansa. Fim das férias. O chefe tem de pagar as dívidas de campanha, meu camaradinha. Ele precisa de você.

HOTEL DA RODOVIÁRIA, DIA 13 DE JULHO, ÀS SETE E MEIA DA MANHÃ

Dino, depois do banho, do café amargo e do misto-quente meio frio, cai na cama. Repassa na imaginação os capítulos de sua vida: a chegada ao Rio com o irmão; a adolescência na casa de um tio, na Rocinha; o vício do irmão; a cocaína arruinando o irmão; o vício o levando à dívida e à ameaça; seu horror à droga e o desprezo pelos comparsas violentos; a necessidade de aderir ao tráfico para pagar a dívida do irmão; sua ascensão no crime; o sucesso e o gozo do poder; a descoberta de que aquela vitória era uma merda; a vontade de largar tudo e começar de novo; o sonho da fuga; o longo planejamento para a fuga; a saída da favela disfarçado; viagem a Vitória da Conquista; a visita à mãe-de-santo; o encontro com Rinaldo; a chegada à

Paraíba; a emoção na travessia da fronteira; o trecho final para a casa da mãe no carro de Rinaldo; o encontro com o diabo no posto de gasolina; o inferno; a volta ao Rio; o desastre, a derrota, a iminência da morte. O ventilador no teto faz um ruído incômodo mas regular, de efeito entorpecente. Tenta usar o telefone sem sucesso. Está bloqueado. Não há

janela. O basculante dá para uma área interna escura. Não seria fácil escapar. Os homens rondam a porta do quarto e farejariam qualquer movimento em falso. Despenca na vertigem do sono, rápido e fundo. Breu.

Silêncio. Vazio. Até que salta, ofegante. Pensa ter ouvido sirenes. O telefone está tocando. Leva alguns segundos até situar-se. Atende o telefone. Vitor Graça, em pessoa. Era ele mesmo, o chefe da Polícia Civil. Conhece sua voz e seu jeito de falar.

Quer 400 mil reais até o fim do dia e 10 mil por dia, a partir da semana seguinte. Dino teria de voltar à Rocinha e retomar seu posto no comando do tráfico. A

galinha dos ovos de ouro não pode suspender a produção. A Polícia Civil precisa desta fertilidade, conta com ela. "Não tenho 400 mil", chega a dizer. Use o telefone do hotel à vontade, você vai dar um jeito — é mais ou menos o que lhe diz Vitor Graça. Dino não ouve direito. Já

pensa em um jeito de pagar o resgate e cair fora daquele lugar. Depois pensaria em algum modo de se livrar dos 10 mil diários. Quem sabe fugindo do Rio, novamente. Imagina-se longe e uma onda de angústia o sufoca. Vitor parece uma hidra, um leviatã de mil olhos. De que jeito zerar tudo, fazer o tempo parar e cair fora? Seria possível começar a vida de novo?

DOIS MESES DEPOIS. COPA E COZINHA. CASA DE SANTIAGO NO ALTO DA TIJUCA, DIA 15 DE SETEMBRO, ÀS 20H15

Toca o interfone. O segurança da guarita avisa que a visita aguardada acaba de chegar. Santiago deposita talheres, copo e prato na bancada da pia. Caminha para a porta da sala. Recebe o visitante com saudação calorosa.

— Obrigado por ter vindo. Achei melhor conversar onde a gente pudesse ficar mais à vontade.

— Também prefiro.

Oferece bebida. O visitante agradece. Aceita café. O anfitrião vai à

cozinha buscar a garrafa térmica e xícaras, açúcar e adoçante. Serve ao convidado e troca amenidades, enquanto a voz testa os canais. Finalmente, palavras e vontade convergem para a mesma freqüência. Santiago começa a falar:

— Você sabe que o Vitor tem sido um bom amigo nosso.

— Verdade.

— Pois é, ele tem sido um cara fiel e é muito bom a gente ter, assim, do nosso lado, pessoas como ele. Você sabe. Ele é um sujeito de categoria. Eu acho, sinceramente, que ele vai longe.

— Tem tudo pra isso.

— Tirou a palavra daqui: tem tudo. É jeitoso, competente — Santiago insiste.

— Fala bem.

— Fala muito bem. Se comunica bem, o que é ainda mais importante, não é?

— Sem dúvida.

— Se comunica muito bem. Hoje em dia, ninguém pode chefiar uma polícia sem ter uma boa estampa, fotografar bem e mostrar desenvoltura na televisão.— Sem dúvida — admite o visitante.

— Sem isso, hoje em dia, não se chega a lugar nenhum.

— Lugar nenhum mesmo.

— E ele tem tudo isso e tem classe.

— Tem classe. Isso tem — reconhece o visitante.

— Eu diria que ele pode chefiar qualquer polícia do Brasil, e tem mais: pode ir mais longe.

— Ele pode, sim. O Vitor pode ir longe. Tem tudo pra isso. É muito habilidoso, sabe negociar, se entende bem com todo mundo.

— Não há quem não goste do Vitor — Santiago reitera.

— Todo mundo gosta dele.

— E se ele tem tudo pra ir mais longe, por que não dar um empurrãozinho? Se a gente der uma mãozinha, ninguém segura.

— Você acha que ele pode virar secretário? Secretário de Segurança?

— pergunta o visitante.

— Pode ir além. Olha, o Vitor pode crescer. Pode crescer muito. Pode ir além.

— Você acha?

— Tenho certeza. Olha, parece que ele andou fazendo umas pesquisas por aí. O nome dele aparece bem. Bem mesmo.

— Ele não teve muitos votos pra deputado estadual. Santiago explica:

— Foi uma infelicidade. Ele foi muito infeliz. Deu muito azar. As eleições aconteceram num momento ruim. Tinha muito candidato forte, com muito dinheiro. Você sabe que, hoje em dia, voto é dinheiro, eleição é grana.

— Isso é.

— Ele teve pouco dinheiro e gastou mal. O anfitrião vai ao ponto:

— Eu quis conversar com você, uma conversa séria, porque tenho certeza que o Vitor aprumou o barco e nas próximas eleições vai vir com tudo. Ele se elegendo, vai fazer o secretário, vai controlar a Polícia Civil, vai distribuir as delegacias e nós vamos poder trabalhar com tranqüilidade. Nós sabemos trabalhar, não é? É só não atrapalharem.

— Isso é verdade.

— Ele é parceiro de fé. Parceiro pra toda obra. É um irmão.

— E a PM. Qual é o plano pra PM? — indaga o visitante.

— Esse é o problema. Agora, você tocou no nosso problema. Esse é

um osso duro de roer. Mais café?

— Não, obrigado. A impressão que dá é que ninguém manda na PM, ninguém controla aquilo. É um acordinho aqui, outro ali, a gente correndo atrás, tendo de remendar aqui e acolá.

— Um tremendo varejão.

— Isso aí, varejão. Santiago arrisca:

— Pois é, a gente precisa de uma solução global. Mesmo que custe um pouco mais, acaba compensando. Esse varejo é um barato que sai caro.

— Sai muito caro.

— Eu tenho me dedicado bastante a esse problema... Tem certeza?

Nem café, nem chá? Não aceita um scotch? Se você não se importa, eu vou me servir. Preciso relaxar. Esses dias não têm sido brincadeira. Uma pauleira... Mas, como eu te dizia, tenho me dedicado bastante a esse problema e acho... belo scotch, uma delícia; você não sabe o que está

perdendo... acho que encontrei uma solução. A gente vai precisar negociar isso com muito carinho. O primeiro passo é destituir esse comandante-geral, que é ruim de roda. Já temos um candidato bem afinado com a gente. Vamos promover um grande debate, com muita mídia, e isso vai custar um pouco, vamos ter de conversar sobre isso também. O Vitor vai convidar policiais de fora do país, pesquisadores, ONGs, universidades, essa gente toda. O mote vai ser: diálogo entre as duas polícias. Vamos martelar muito essa tese. Nosso candidato a comandante-geral da PM vai crescer justamente porque vai aparecer na mídia como um defensor do diálogo, um amigo do chefe da Polícia Civil, um amigão pessoal do Vitor. Enquanto isso, vamos bater no atual comandante-geral. Vamos plantar notinha, essas coisas. A gente mata dois coelhos com uma cajadada só: rifa o Fraga e fortalece o Vitor.

— E se o Fraga se enquadrar e se transformar no campeão do diálogo entre as polícias? — pergunta o visitante.

— Não tem problema. Ele não cairia por falta de diálogo, por ser contra diálogo. Isso é conversa mole. Demagogia. É só pra dar ao governo uma bela justificativa. Tem uma armadilha pra ele, bonitinha. Um dossiê; belo dossiê. Tá quase pronto.

— Muito bom.

— Profissional, meu amigo. Com a gente só tem profissional.

— Isso é muito bom.

Santiago esclarece:

— Pois é. Nossa dificuldade, no momento, pra fazer andar tudo isso, é

desbloquear a conta do Vitor.

— Como assim?

— É um modo de dizer. O Vitor tem ótimas relações com o movimento na Rocinha. Um movimento, diga-se de passagem, bem-sucedido. Competente. Eficiente.

— É, eu sei.

— O pessoal é de primeira qualidade. O tráfico lá não tem criança, violência, tiro pra se exibir. É coisa madura, séria, pra ganhar dinheiro. Eles

ficam na deles, não aprontam confusão e fazem um bocado de dinheiro. Aquilo é uma senhora máquina.

— É verdade.

Santiago se levanta, vai à copa buscar gelo e, à distância, pontifica:

— Mas não há mal que não se acabe, nem bem que sempre dure.

— Vai acabar, a Rocinha? Volta à sala.

— Um vagabundo filho da puta fugiu da prisão, o Russo, urna jogada lá, com os agentes penitenciários...

— Aquele pessoal é de amargar.

— De amargar. Tudo petequeiro. Eles topam qualquer marreca.

— De lascar...

— O vagabundo fugiu e quer tomar a Rocinha.

— Pra quem? Tá a serviço de quem?

— Não tá muito claro, ainda. Tamos na cola dele pra descobrir.

— O dono do morro não tinha desaparecido, largado tudo?

— Já voltou. O Dino.

— Voltou?

Santiago põe os pingos nos is:

— Pois é, voltou. Vitor trouxe ele de volta, pra continuar produzindo. Tudo dependia da Rocinha. Os outros negócios do Vitor não dão nem pra saída. Ele tem a dívida de campanha, dívida com a caixinha dos delegados, dívida com a caixinha do governo, tem de investir na ampliação da rede. Tudo o que você pode imaginar. É muita responsabilidade. A Rocinha é

fundamental.

— Estratégica.

— Justamente. Só que com a confusão que esse tal vagabundo, o Russo, armou, o secretário deslocou o BOPE pra lá como medida permanente. Em outras palavras, meu amigo: o BOPE está ocupando a Rocinha.

— Eu vi na imprensa e soube da história, assim por cima, por que não é a minha área, você sabe... Puta, que problema, hein?

— Problemão. Tá tudo trancado. Com o BOPE não tem jogo. Você

sabe. Cheque bloqueado, meu amigo. Não tá dando pra negociar com o Dino. O próprio Dino mal está conseguindo manter o tráfico. Teve de fechar a boca, provisoriamente. Por enquanto, tô operando só com aviãozinho. Com o BOPE na Rocinha, o negócio caiu muito.

— E aí?

— Aí, que eu tive de agir.

— Convencer o secretário?... Mas ele não é meio duro de cintura?

É Santiago quem admite:

— Duro, muito ruim, roda presa. Não dá. Não é por aí. O único jeito é criar uma guerra em outro ponto da cidade e atrair os caveiras pra bem longe. É um artifício para forçar a saída do BOPE da Rocinha e liberar os negócios do Dino.

— Criar uma guerra?

— É. Atiçar pitbull contra pitbull. Jogar o Comando Vermelho contra o Terceiro Comando, num teatro de operações longe da Rocinha.

— Gostei do "teatro de operações". Mas de que jeito?

— Seqüestrando a mulher do líder do CV, por exemplo. A questão, meu caro, é que eu não tenho como fazer isso sem sua ajuda. Sem a ajuda de vocês.

— Poxa, mas você tá jogando muito pesado. Tá querendo muito. Isso não é brincadeira. É complicado.

Santiago abre o jogo:

— Complicado e arriscado. Mas dá pra fazer. Com profissionalismo, dá pra fazer. Vocês são profissionais, controlam as rodovias federais, têm uma puta estrutura de comunicação, um nível de organização invejável. Vocês têm bala na agulha. Se vocês entrarem no negócio, dá pra fazer. Não tenho nenhuma dúvida.

— Não sei. É complicado. E eu não posso me expor. Você sabe, na minha condição, pela posição que ocupo, com os compromissos que tenho... São compromissos muito sérios. Muita gente depende disso. É todo um

esquema pesado, você sabe... A política é complicada... A responsabilidade é

muito grande. Como é que você tava pensando a operação?

— A mulher tem de sumir e aparecer morta numa casa do Terceiro. É

só invadir uma reunião do pessoal do Terceiro Comando, eliminar os caras e

deixar o corpo da mulher de vela. Antes da manchete do dia seguinte, o CV

já vai saber. Mas é preciso escolher bem. Não dá pra eliminar a cúpula do Terceiro, porque aí não tem guerra. Pegar só bagrinho também não dá. Ê

uma questão de ajuste fino. Tem de acertar um ou outro fodão e tem de empurrar os caras pra um confronto em alguma praça de guerra bem distante da Rocinha.

— E você já combinou com os beques?

— Dá pra fazer. É complicado, mas dá pra fazer. O que tá em jogo é

muito importante. Não é à toa que te chamei pra conversar. Isso é coisa de vulto, coisa pra equipe de primeira. Pra seleção. Vitor estaria disposto a dividir com você e sua equipe o ganho líquido da Rocinha durante o verão. Não podemos é perder o timing. O verão é a estação dos grandes negócios.

15 DIAS DEPOIS. GALERIA CENTRAL, PENITENCIÁRIA DE SEGURANÇA MÁXIMA, BANGU I, DIA 30 DE SETEMBRO, À UMA E MEIA DA MANHÃ

Os homens de preto do BOPE apontam as mangueiras para as celas. Os presos continuam dormindo, tombados pela exaustão. O capitão Barros faz o sinal de comando. As torneiras são abertas. Os jatos d’água gelada esguicham para dentro das celas com força máxima, espirrando nas grades e nas quinas de aço, provocando um estrondo que amortece os gritos dos líderes do Comando Vermelho. Um minuto basta para encharcar corpo e alma. Os condenados terão mais trinta minutos de repouso. Os policiais farão um lanche rápido nesse intervalo.

REDAÇÃO DO JORNAL DE MAIOR CIRCULAÇÃO — E REPUTAÇÃO — DA CIDADE DO

RIO DE JANEIRO, DIA 30 DE SETEMBRO, À 1H34

147

O diretor da redação ao telefone com o secretário de Comunicação do governo do Estado.

— Não vou discutir. Eu só digo a você que nós não podemos retardar mais. A edição de amanhã tem de entrar no ar, na internet. E eu tenho de mandar o jornal pra gráfica, já. Não dá mais para esperar. Você me prometeu a confirmação do furo e sabe que uma notícia como essa não posso dar sem confirmação. Não vou dar sem confirmação. É meu cargo que está em jogo. Imagina se eu digo que o prefeito da capital suspendeu as aulas das escolas municipais, ontem, sem necessidade, só pra difundir o pânico e disseminar a impressão de que os traficantes tomaram conta da cidade? Só por razões políticas. Você já pensou se eu publico essa bomba de hidrogênio e isso não se confirma? Você acha que vou entrar na tua só por seus belos olhos, ou porque você está me garantindo? Diante de todo o material, fartíssimo, que nós reunimos sobre as ações dos traficantes, impondo o fechamento das lojas, em diversos bairros da cidade, por que é

que eu deveria privilegiar a sua interpretação? Claro que é interpretação. Até

agora é só isso. Até agora você não me deu uma prova concreta, objetiva, de que foi manipulação política do prefeito contra o governo do Estado. Quem me garante que não se trata do contrário? Como é que eu vou saber que não é o governo do Estado que está tentando lavar as mãos e jogar a culpa na prefeitura? Como não houve? Claro que houve. Está comprovado que houve. Traficantes desceram os morros e ordenaram o fechamento do comércio. Foi o que aconteceu. Ou você me dá algum dado que confirme o que está

dizendo, ou vou fechar o jornal. Não posso mais esperar. Se eu não mandar pra gráfica imediatamente, vou ter problemas graves com a distribuição. Você é do ramo, sabe disso.

SALA DA ENFERMARIA, DIA 30 DE SETEMBRO, À 1H45

Chegam as primeiras vítimas do tratamento de choque determinado pelo governo do Estado. Dois homens na casa dos 30 anos. São os veteranos da turma. Parada cardíaca e outras paradas. Tudo pára, menos os órgãos da

segurança, bravos braços do Estado na manutenção da ordem pública. Já

que não dá para garantir que o comércio abra as portas e as escolas voltem a funcionar, melhor prevenir, secando a fonte. Isto é, molhando a fonte. Regando a fonte até amolecer sua disposição de luta. A véspera foi o caos. Ruas desertas,

comércio fechado, portas cerradas, trânsito fluente, largos espaços vazios e silenciosos. A única voz que se ouvia, aos berros, era da mídia e da oposição: a cidade nas cordas; a cidade beijando a lona; knockdown; joguem a toalha; intervenção federal, pelo amor de Deus; uma idéia, pelo amor de Deus; uma bandeira branca ou um tiro de canhão, rápido; pano, rápido.

SALA DE REUNIÃO DOS TÉCNICOS PENITENCIÁRIOS, DIA 30 DE SETEMBRO, À 1H50

Dezesseis soldados e oficiais do BOPE sentados nas cadeiras, na beira da mesa e no chão. Tomam refrigerantes e copos de leite. Comentam a receptividade vip com que foram acolhidos. Lanche de madrugada era coisa rara. Mordem com pressa a mortadela. Têm mais dez minutos antes do próximo banho. Vilmar comenta com Zara, observado pelo Chico Santos:

— Por mim, o banho seria outro. Definitivo. Esse negócio de jato d'água parece um troço meio esquisito. Não parece um troço sério, de sujeito homem.

— Isso é porque tu não lá do lado de lá da mangueira.

— Pois é, mas esse negócio de mangueira, não sei não.

— Deixa de sacanagem.

— Eu, por mim, preferia levar logo uma azeitona na testa Passar um dia e uma noite sendo bombardeado com água gelada, cara fica maluco. Barros suspende o recreio. Hora de trabalhar.

PRÉDIO DA SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA, NONO ANDAR, DIA 30 DE

SETEMBRO, ÀS DUAS DA MANHÃ

149

O movimento permanece intenso. Assessores cruzam ante-salas. Secretárias atravessam corredores com garrafas térmicas. Motoristas cabeceiam, folheando revistas na recepção. Assessores de imprensa discutem, debruçados sobre os monitores, navegando na internet. Os auxiliares mais próximos dos dois chefes das polícias não se falam. Ninguém ousa entrar no gabinete do secretário. A luz

vermelha continua acesa.

GABINETE DO SECRETÁRIO, 30 DE SETEMBRO, ÀS 2H05

Paletó e gravata pendurados no cabide, atrás da porta do banheiro exclusivo. O chefe da Polícia Civil dá o último gole no resto do café frio. O

comandante da Polícia Militar franze a testa e lê as palavras miúdas impressas nas margens da planta da penitenciária de Bangu I, que cobre três quartos da mesa. Os três homens de confiança do secretário conversam baixo, no sofá. O telefone vermelho toca, emitindo o som inconfundível.

— Puta que o pariu. Não se pode nem mijar em paz. Que merda. Marquinho, atende aí pra mim. Diz ao governador que o secretário está

urinando. Pergunta se urinar pode, se urinar não afeta a imagem política do executivo. Marquinho, eu tô brincando, hein! Olha lá o que você vai falar.

FAVELA DA MINEIRA. SAI.A DA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES, DIA 30 DE

DEZEMBRO, AS 2H10

Índio tenta mais uma vez contato com Bangu I. Troca de celular com Jonas. Digita novamente. Espera ansioso uma resposta.

— Nenhum sinal. Mudo, mudo.

— Quando eu ligo, tá dando "fora da área de cobertura". Não dá nem caixa de mensagem.

— Claro que não, Jonas. Tu é burro paca. Como é que vai dar "caixa de mensagem", porra. Tá tudo bloqueado. Os porcos fecharam o espaço todo em volta de Bangu.

— Então, não vai ter jeito.

— Claro que não, sua anta. Vai chamar o pessoal. Acorda todo mundo. Traz

quem estiver na boca.

— Chamo os falcões também?

— Claro que não, babaca. O que é que tu tá querendo? Tá querendo nos foder. Tá querendo armar alguma armadilha? Virou X-9, seu puto? Cada falcão fica em seu posto. Mais atento do que nunca. Manda avisar que tô

determinando alerta total.

— Posso chamar o pessoal dizendo que é tu mesmo que tá

chamando?

— Claro, seu verme. Sabe dizer meu nome?

— Índio.

— Então, porra, qual é a dificuldade? O índio tá chamando. O índio mandou chamar. É difícil dizer isso?

— Não.

— Então não fode, porra. Vai, caralho. Corre.

GABINETE DO SECRETÁRIO DE SEGURANÇA, DIA 30 DE SETEMBRO, ÀS 2H15

O secretário olha a avenida Presidente Vargas deserta pelo vidro da janela, que reflete o movimento interno da sala. Fecha as mãos em concha para espiar a igreja da Candelária, ao fundo. Pensa em falar da chacina, mas desiste. As imagens da chacina enchem sua cabeça. Volta a se lembrar de Vigário Geral. Quando a memória de Carandiru é acionada, o fluxo do pensamento é interrompido pela campainha do interfone. Marquinho se apressa a atender:

— Secretário, o coronel Amílcar e o delegado Vaz estão aí. Precisam falar com o senhor com urgência. Trouxeram um relatório especial da Inteligência.

— Manda entrar.

Favela da Mineira, dia 30 de setembro, às 2H18 Índio fica de pé:

— Silêncio que eu vou falar. Todo mundo tá presente? Falta alguém?

Olha em volta, procurando Jonas.

151

— Jonas, caralho. Cadê você, porra?

Jonas abre uma fresta da porta do banheiro, que fica num joelho, atrás da coluna da sala:

— Tô ouvindo. Pode falar.

— Falta alguém, caralho?

Jonas responde pela fresta da porta:

— Não, tá todo mundo aqui. Os representantes dos irmãos presos e os amigos das comunidades mais importantes. Aqui só tem dono de morro e cidadão de responsabilidade. E o nosso pessoal aqui da Mineira, também, tá

todo aqui. Menos os falcões, que é pra não dar moleza prós homens, no caso de...

— Eu sei, cara, isso fui eu que disse.

Jonas quis cumprir seu papel de mestre-de-cerimônias, mesmo de dentro do banheiro. Por isso, elevou a voz e gritou, num tom empostado: Aí, rapaziada. Chegou a hora de fazer silêncio para ouvir o Índio. Índio, é com você.

Bateu a porta. Índio assumiu o comando:

— Eu chamei vocês, porque temos uma missão. Perdemos o contato com os irmãos, em Bangu I. A orientação foi executada, durante o dia todo de ontem. Fechamos o comércio em vários bairros e mandamos fechar as escolas. A missão de amanhã ia depender de um telefonema, por volta da meia-noite, que viria de Bangu. Não aconteceu. Os irmãos estão bloqueados. Estamos sem contato. A ordem para o caso de o contato não ser possível era repetir, amanhã, quer dizer, hoje, porque já passa de meia-noite, a ação de ontem e atirar em algum prédio público ou na portaria de algum hotel da Zona Sul. Por enquanto, não vamos

ferir ninguém. O plano é contar pra imprensa o que tá acontecendo. As mulheres dos irmãos presos têm que armar o maior barraco na frente de Bangu I, diante das câmeras das TVs, com faixa e o escambau. A gente tem que estar preparado para o caso da polícia resolver mostrar serviço e invadir alguma comunidade. Todos têm que estar ligados. Todo mundo vai ficar de plantão. A união é nossa força. Se tomarem a Mineira, o Noca organiza a resistência na Maré. Se fizerem

incursões na Maré, o Cezinha assume o comando no Alemão. Se o Cezinha cair ou se tomarem o Alemão, a direção passa pro Rivaldo, no Borel. Se pintar sujeira em todas as áreas, ao mesmo tempo, o Nereu vai assumir e comandar lá de Niterói, do morro da Coréia. Tá entendido? Alguma dúvida?

SALA DA DIREÇÃO DE BANGU I, DIA 30 DE SETEMBRO, ÀS 2H20

Batem à porta. O diretor, Anacleto Chaves de Melo, permanece sentado na poltrona, vendo TV, com as pernas apoiadas na mesinha de centro. Emite um som gutural ininteligível. Seu principal assistente, Divaldo Sininho, abre a porta devagar, põe a cabeça na fresta e avisa que a ordem foi cumprida. Pergunta a Anacleto se ele quer falar com o preso ali mesmo. Informa que o cara está à espera, na ante-sala.

— Leva o vagabundo até a sepultura. Abre, puxa a mesa, mete a cabeça dele no buraco, pra ele sentir mais de perto aquele aconchego uterino. Depois traz ele aqui.

Enrolado numa toalha, algemado, azulado, lábios roxos, olheiras profundas, cabelos ralos desgrenhados, olhar sem foco, Moisés é conduzido, aos tropeços, por três policiais militares até um compartimento obscuro, no fundo do almoxarifado, debaixo de uma escada. O assistente do diretor abre uma portinhola na parede, que parece uma lixeira ou uma pequena janela interna, de três palmos de altura por quatro de largura. Puxa uma alça prateada do interior da parede, presa a uma plataforma envernizada, de ferro ou latão. Uma espécie de maca escorrega para fora da parede, exalando um cheiro azedo e forte, que parece uma mistura de urina, vômito, formol e mofo.

— Dá uma olhada nisso, Moisés. Já ouviu falar na sepultura? Cova rasa, para os íntimos. Espia aí dentro. Dá pra ver alguma coisa? Mete a cabeça. Dá uma olhada.

Um dos policiais acende uma lanterna e aponta para o buraco na parede. Moisés se agacha para olhar, forçado por Divaldo. Resiste 1 à

pressão no pescoço e tira a cabeça, num movimento abrupto. Fica de pé

num salto e perde o equilíbrio. É amparado pelos vigilantes que o escoltam.

— Vamos falar com o Dr. Anacleto. Ele quer falar com você

Voltam à sala do diretor. Batem na porta, ouvem o grunhido, Divaldo repete a cena, mete a cara na fresta, sussurra alguma coisa, recua e ordena que os policiais entrem com Moisés. Anacleto os recebe sem se levantar. Tira os pés da mesa de centro, desliga a TV e ameaça a Moisés:

— Você escolhe. Alguns saem vivos de lá, outros não. Dizem que felizes são os que morrem logo. Eu não sei. Você pode fazer a experiência e depois contar, se sobreviver e se conseguir falar. Porque o mais engraçado é

que dificilmente o cara que sai vivo dali recupera a fala. Falar até fala, mas nunca mais diz coisa com coisa. Você é que sabe. Se, daqui a algumas horas, vocês fizerem a mesma baderna de ontem, fechando comércio e outras gracinhas, você vai repousar na gaveta, na cova rasa, Moisés. Hein?

Que tal?

Moisés mantém a cabeça baixa. Não olha para Anacleto.

— As regras da gaveta são as seguintes: uma refeição por dia e um copo d'água. O carcereiro puxa a plataforma só uns 30 centímetros, o suficiente para empurrar o prato de comida e o copo d'água. Lembre-se que você vai estar deitado, na horizontal, feito um defunto, todo o tempo. Ele empurra a refeição até a altura do seu joelho, pra que você possa se alimentar com as mãos. O copo talvez você consiga levá-lo até a altura da boca, já que você é magro. Recomendo que você não perca o controle. Quem fica histérico, se fode logo. Não adianta chorar. Quem entra na cova, só sai no terceiro dia, igual a Cristo. A ressurreição, lembra? Ninguém morre sem ar, porque a gaveta tem furos nos pés. Não entra luz, mas entra ar. Só morre sufocado quem fica histérico ou tem bronquite, asma, essas doenças do pulmão. Espero que não seja o seu caso, porque eu quero estar

presente quando desenterrarem você bem vivo, no terceiro dia.

Moisés permanece de cabeça baixa.

— Mas você pode evitar esse sofrimento inútil e salvar sua vida. Depende de você. Se você decidir se salvar, pode usar o telefone da diretoria

para dar as ordens necessárias. Nós vamos ouvir o que você vai dizer e vamos monitorar a conversa, é claro. Portanto, nada de truques. Uma tentativa sua de nos dar um golpe só vai piorar sua situação.

— Eu não tenho nada a ver com o que tá acontecendo — diz Moisés, gaguejando.

Divaldo intervém:

— Sem essa, malandro, nós sabemos muito bem que você é o cara. Não adianta negar.

Anacleto encerra o encontro. Dirigindo-se a Moisés:

Você tem poucas horas pra pensar e decidir. Falando com Divaldo:

— Deixa o cara longe dos outros. Deixa ele dormir um pouco Se ele não descansar, não vai conseguir pensar. Sem pensar, não vai conseguir nem pesar as coisas. Põe o Moisés no berço, Divaldo.

GABINETE DO SECRETÁRIO, DIA 30 DE SETEMBRO, ÀS 2H25

Amílcar e Vaz estão sentados à mesa, sobre a qual abriram uma pasta preta e conectaram dois minúsculos gravadores, ligados a um notebook, cujo monitor viraram para a cabeceira, onde está o secreta rio. Ao seu lado, sentam-se o chefe da Polícia Civil e o comandante da Polícia Militar. Atrás de ambos, acotovelam-se os poucos assessores que permanecem na sala. A tela de cristal líquido exibe a foto de uma mulher que devia ter os seus 30 anos.

Amílcar fala primeiro:

— Secretário, o senhor vai gostar de ver e ouvir umas bombas que trouxemos para o senhor.

O secretário faz um sinal com a mão, interrompendo a apresentação, e procura o assistente na penumbra da sala.

Marquinho, confere se está acesa a luz da porta e avisa pra suspenderem os telefonemas. Não atendo telefone, interfone, nada; não atendo mais ninguém, ouviu? Só atendo o vermelho ou algum chamado

urgente do comando do BOPE. Pode seguir, Amílcar. O coronel retoma a palavra:

— Essa mulher que o senhor está vendo no monitor é Renata. Vamos adiante, Vaz. Pode passar.

Vaz aperta uma tecla do notebook e a foto é substituída por outra.

— Agora, o senhor está vendo a Michele. Renata e Michele: o enredo desse nosso drama, secretário, gira em torno dessas duas personagens. Enquanto Amílcar fala, fotos diferentes das duas mulheres são projetadas, numa seqüência veloz. Ele prossegue:

— Renata é assistente social, tem 32 anos...

O comandante-geral da PM, coronel Fraga, interpela seu subalterno:

— Mas essa aí, essa Renata, não era aquela agitadora, do sindicato dos agentes penitenciários? Quando eu vi a foto, pensei que essa aí fosse aquela que pôs lenha na fogueira, durante a última rebelião. Lembra dela, Amílcar?

— Mas é ela mesma, coronel. É ela. Só que ela insuflou os agentes penitenciários porque é metida a líder política. Na verdade, ela não é agente coisa nenhuma. Ela é assistente social. Deve ser comunista.

— Dá no mesmo, Amílcar. Assistente social e comunista é tudo a mesma coisa — completou Vitor Graça, o chefe da Polícia Civil.

— Deixa de besteira, Vitor. Se vocês continuarem interrompendo o Amílcar, como é que o homem vai me contar o que veio contar? — perguntou o secretário. — Porra, gente, deixa o homem ir até o fim. Vamos lá, Amílcar, mais objetividade. Vai direto ao ponto. Marquinho, arranja um café pra mim. Quente. Fala, Amílcar, desembucha.

— Como eu dizia, secretário, Renata é assistente social, tem 32 anos, um cachorro bassê, um apartamento no Flamengo de dois quartos...

— Genial, Amílcar. Essa é genial — emendou o secretário. — Quer dizer que o cachorro da moça é um bassê. Isso é que é um Serviço de Inteligência arretado. Enquanto a cidade desmancha, a secretaria derrete, vocês conseguem essa proeza inacreditável. Descobriram a raça do diabo do

cachorro da moça. Eta, Inteligência boa que só a porra. Vai, Amílcar, vai, meu camarada.

— Renata tem um filho de 10 anos e um ex-marido muito especial, E

um pequeno detalhe, secretário: ela trabalha em Bangu I.

— Um detalhe interessante — disse o secretário. — Agora está

ficando quente. O que continua frio é o meu café. Ô Marquinho, pelo amor de Deus, levanta essa bunda da cadeira, meu filho. Faz alguma coisa decente. Toma uma providência, cacete. Já te disse que eu quero um café

quente. Será que nessa porra dessa secretaria não se sabe fazer café fresco?

Continua, Amílcar. Segue que está esquentando.

— Pois é, muito interessante. Sobretudo se o senhor souber quem é o ex-marido dela, da Renata. O Vaz trouxe a ficha do sujeito. Vou deixar pra ele o filé mignon.

— Eu pensei que o filé fosse a outra moça, que não é de se jogar fora. Como é o nome dela?

— Michele. É, um mulherão... Mas a Michele está mais pra boi de piranha do que pra filé mignon. Ela tem 27 anos, um casal de filhos e é

mulher do Moisés, que está preso em Bangu I. O Moisés do Comando Vermelho. O detalhe interessante sobre a Michele, secretário, é que ela foi seqüestrada.

— Ela está seqüestrada — o Vaz interveio, corrigindo seu parceiro.

— Isso mesmo: está seqüestrada. Agora, o senhor vai entender o que é que essas mulheres têm a ver com o caos na cidade. É melhor o senhor mesmo ouvir. Roda aí, Vaz.

— Secretário...

Vaz se ajeita na cadeira; se atrapalha com os movimentos do secretário, que se serve de café, parecendo desligado do espetáculo que os homens da Inteligência lhe estão proporcionando; e recomeça, quando as atenções voltam a se concentrar.

— Esse aqui é o tipo do serviço que enche a gente de orgulho. Quando a gente ouve o que as pessoas andam dizendo da polícia, quando a gente lê o que se escreve na imprensa, a gente fica ferido, secretário, a gente

fica mordido e a resposta a gente tem de dar no trabalho, na competência, porque...

— Vamos lá, Vaz, vamos ouvir o grampo de uma vez.

— Pois não, secretário, é o que eu ia dizer. Vamos então ouvir a fita. É um telefonema de Renata para um amigo. Ela diz que... Bem, o senhor vai entender.

Ouve-se a voz de Renata, trêmula, chorosa: "Eu não devia estar te dizendo isso por telefone, mas tô tão nervosa. É o seguinte: será que você me faria um grande favor? Um favor que só se pede a um irmão?" Uma voz de homem responde: "Renata, eu já estou ficando nervoso. Você está me pondo mais nervoso do que você. Fala o que é, criatura." Renata: "Antes me promete que você vai fazer o que eu te pedir. Promete?"

Homem: "Prometo. Puxa, Natinha, confia em mim. Eu sou ou não sou o seu melhor amigo?"

Renata: "Então promete que você vai fazer exatamente o que eu te pedir."

Homem: "Deus do céu, eu já prometi."

Renata: "Quero que você vá buscar o Pedrinho na escola, leve ele pra tua casa, diga que eu fui chamada pra fazer uma viagem a trabalho, de uma hora pra outra, e que a vó dele não vai poder ficar com ele essa noite. Ele adora você, Baby. E na escola, as professoras já te conhecem. Você já

buscou o Pedrinho outras vezes ou já foi comigo várias vezes à escola. Não vai ter problema. Aí, você cuida direitinho dele, essa noite, não deixa ele sozinho um momento sequer. Promete, Baby?"

Homem: "Ah, Natinha, logo hoje? Tem de ser hoje? Por que você me pede as coisas em cima da hora? Hoje, justamente essa noite, eu combinei de sair com o Érico. Justamente hoje, gata. Hoje. Depois de séculos. Você

sabe que ele está fugindo de mim há séculos. Ah, Natinha, hoje não. Pede outra coisa. Pede qualquer outra coisa. Olha, eu pego o Pedrinho amanhã e fico com ele até o fim de semana. Que tal? Você sabe que eu adoro o Pedrinho. Que tal?"

Renata: "Você não tá entendendo, Carlos Augusto." Homem: "Ih! Já vi que é coisa grave. Quando você chega ao ponto de me chamar de Carlos Augusto, é que a coisa é gravíssima." Renata: "E é mesmo, Baby. É gravíssima. Me meti na maior merda." Homem: "Pra variar, né, meu bem?" . Renata: "A maior merda." Homem: "Imagino que algum bofe te chamou pra sair e você tá com vergonha de me contar, porque teria de admitir que nunca me falou dele. Confessa."

Renata: "To falando sério. Por que é que você não me leva a sério: Homem: "E desde quando amor não é sério? Eu acho sério. Acho a coisa mais séria do mundo. Só que hoje, minha santa, justamente hoje não vai dar. Eu não posso ficar com Pedrinho. Não é só você, Natinha. Eu também tenho os meus problemas, os meus cachos." Renata: "O pai do Pedro seqüestrou a mulher do Moisés. Só isso, tá?

Tá satisfeito, agora?"

Homem: "Quem é Moisés? Deus do céu, quem é Moisés?" Renata:

"Vai me dizer que você não sabe..."

Homem: "Não sei. Não faço a menor idéia. Agora, há muito tempo eu sei e você sabe quem é o pai do teu filho. Aliás, nunca entendi como é que você foi se casar com aquele brutamontes. Eu já ouvi de tudo sobre ele. Seqüestro é novidade. Mas o que é que você tem a ver com isso?" Renata: "Puxa vida, Baby. Às vezes parece que você está em outro mundo."

Homem: "E estou mesmo. Eu não me dou com gente que seqüestra." Renata: "Acho que você não é desse planeta. Do planeta Terra, do planeta Brasil. Do planeta Rio. Rio de Janeiro. Cai na real, Baby. Cai. Moisés é o líder do CV. Sabe o que é CV ou também não sabe? Moisés tá preso lá

onde eu trabalho. Ele me trata super bem. Nós estabelecemos uma relação muito positiva. Como é que eu não vou contar isso pra ele? Mas se eu contar, o que é que o pai do Pedro e a gangue dele vão fazer comigo?" Homem: "Meu Deus do céu, virgem santíssima. Como é que você se mete numa coisa dessas?"

Renata: "Não fui eu que me meti, Baby. Será que você não está

entendendo?"

Homem: "Mas tem uma coisa que eu não entendi mesmo: se você

contar para o tal Moisés, como é que o pai do Pedro ficaria sabendo que foi você que contou? Aliás, eu também não entendi outra coisa: como é que você

ficou sabendo do seqüestro?"

Renata: "As duas coisas estão ligadas. Aí é que está o problema. Eu soube pelo Pedrinho. Ele foi passar o fim de semana com o pai e ouviu umas conversas estranhas, que ele mesmo não decifrou, mas eu decifrei na hora —

porque você sabe que, quando volta pra casa, ele conta tudo o que aconteceu na

casa do pai."

Homem: "Principalmente, quando o papai dele e os amiguinhos do papai dele atiram pra cima no final do churrasco, que é um manifestação muito saudável de júbilo coletivo, não é, Natinha?

Renata: "Eu tô falando sério, Baby. Será que você não leva nada a sério?"

Homem: "E você não acha sério dar tiros pra cima, na frente de uma criança, depois de um churrasco, só pra ostentar a macheza e seduzir as mulheres presentes? Eu acho muito sério."

Renata: "Eu também acho, Baby, só que não é disso que a gente tá

falando agora. Você parece que não consegue focalizar as coisas Presta atenção. Você tomou sua ritalina hoje? Baby, presta atenção Quando o Pedrinho me conta alguma coisa que me mobiliza — e tá n; cara que isso me mobilizou paca... Apesar de eu ter tentado disfarçar não pude deixar de fazer a ele um milhão de perguntas... Quando ele me conta alguma coisa que me toca, desconfio que ele conta pro pai depois. Quer dizer, Baby, ele conta o que me conta e como eu reajo ao que ele me conta. Essas coisas de criança. Baby, vou ter de desligar. Pega o Pedrinho. Leva pra tua casa. Cuida bem dele. Não larga ele. Você não tem escolha. Me desculpa, mas dessa vez não tem escolha. Faz isso. Vou passar a noite longe de casa. Ainda não sei pra onde vou. Enquanto essa história não se resolver, vou tomar chá de sumiço. Tá bom? Posso contar?"

Homem: "Que remédio? Que alternativa você me dá? O que é que eu vou dizer?"

Renata: "Um beijo, Baby. Você é maravilhoso. Não vai furar, pelo amor de Deus. Não liga pra mim. Vou mudar de telefone. Te ligo assim que der. Um beijo. Vou ter de desligar."

FAVELA DA MINEIRA. SALA DE REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES, DIA 30

DE SETEMBRO, ÀS DUAS E MEIA DA MANHÃ

Noca rompe o silêncio que se seguira ao discurso do Índio.

— Tô aqui, em meu canto, ouvindo. Vim da Maré com Murici e com os manos que estão por aí. Tô ouvindo, ouvindo o Índio, e remoendo o que ele disse. Quando ele acabou de falar, ouvi muita gente dizendo "é nós", "é

nós". Tudo bem, eu também tô junto na parada, só que tem coisa aqui que não tá certa. Eu não tô gostando. Tu tá posando de general da parada, Índio, mas essa parada não tem general. Se tiver algum, ele não tá aqui com a gente, pela vontade de Deus. Ele tá lá em Bangu, pagando os pecados dele. Talvez essa parada tenha general, até mais de um. Tudo bem. Mas eles não tão aqui. Aqui não tem cacique, viu, Índio? Tu não é cacique, eu não sou, o Cezinha não é, Rivaldo não é, nem o Nereu. Ninguém aqui é general, nem cacique, porque nessa parada, não tem general nem cacique. Tu tá

entendendo, Índio? Nossos irmãos presos, sim, alguns deles, se tivessem aqui, poderiam cantar de galo. O Moisés... Se o Moisés estivesse aqui com a gente. Mas Deus não quis, ele não está. Então, não tem general, nem cacique. Tá entendido? Vamos começar tudo de novo. Fala aí, Murici.

— Índio, tu não conseguiu falar com os amigos de Bangu, porque tu tá tentando falar com a ala norte, que tá bloqueada. Na ala sul, o Silvinho tá

fazendo contato, normalmente. Quer dizer, não é normalmente, porque eles tão debaixo de chuva. Mas de hora em hora, ele tá fazendo contato. E o que ele diz é bem diferente das idéias do Índio.

— Porra, eu não tô entendendo — o Índio interrompe Murici. — Tu vem aqui, Noca, com teu pessoal, pra me criar problema, na frente do meu pessoal e de todos os amigos do Rio, da Baixada, de São Gonçalo, do interior e de Niterói? Tu vem aqui pra questionar minha autoridade na frente de todos os amigos do Comando? Qual é a tua, cara? Será que não basta o seqüestro da Michele? Será que a gente vai ter mais problema?

Jonas aproveita a deixa:

— Quem é o Silvinho pra se meter a chefe? O que é que o Silvinho tá

pensando?

Índio:

— Não te mete, porra. Cala essa tua boca, Jonas. Eu mandei tu falar?

Não faz merda, porra.

Agora, é Cezinha que intervém:

— Ninguém aqui pode duvidar do Silvinho, porra. Que negócio é

esse? Ele é um parceirão e tá ligado no processo. Se ele falou com o Murici e mandou mensagem lá de dentro, a gente tem de saber qual é a mensagem, antes de decidir o que fazer. Vamos deixar de disse-me-disse e de veadagem. Ninguém é mais que ninguém aqui. Nem a gente tá aqui pra decidir quem manda em quem. A gente tá aqui pra cumprir as ordens dos amigos de Bangu, que tão ao lado do Moisés. Fala aí, Murici. O que é que o Silvinho disse?

— Ele disse que não é pra fazer mais nada, não. Que já tá de bom tamanho. Que o arrocho na penitenciária tá muito forte. Que é melhor esperar pra ver como é que fica. Basta mandar as mulheres fazerem a manifestação e denunciarem na imprensa os maus tratos. No mais, é

aguardar novas instruções.

Noca retoma a palavra:

— O mais importante é o seguinte. O Silvinho disse que ninguém entendeu direito por que a polícia seqüestrou a Michele. Grana não é. Por que é que os porcos fariam isso pra morder alguma grana? Eles tão no arrego das bocas, tão no acordo das armas, tão sempre aumentando o percentual deles, no máximo, pinta uma porradaria aqui e ali, uns tiros aqui

e ali, mas a gente acaba chegando a algum entendimento. Dinheiro, eles sabem que não tem mais por onde esticar. Eles também sabem que mexendo com a mulher do Moisés só iam arrumar sarna pra se coçar. Só iam arranjar confusão.

Rivaldo, que estivera calado todo o tempo, interrompe o raciocínio do Noca, com seu incomparável jeitão de pastor evangélico:

— Aí é que está, meus irmãos. Aí é que está o pomo da verdade. Jesus falou: eu sou o caminho, eu sou a luz; só por mim se chega ao pai. Isso significa o seguinte: só por Cristo é que se chega à verdade. E Jesus Cristo falou para nós e através de nós. O Espírito Santo iluminou o Silvinho e abençoou o Noca. Por meio deles, Jesus nos soprou a brisa vivificadora da verdade. Qual é a verdade, irmãos? Está aí, diante de todos nós. Graças a Deus, graças a Jesus e ao Santo Espírito, a verdade chegou até nós, fez a sua longa travessia e, depois de penosa jornada pelas sombras da ignorância, chegou até nós, aqui, nessa madrugada. Deus seja louvado, irmãos. A verdade cristalina está aí: os porcos sabiam que mexer com Michele provocaria a maior confusão, o maior tumulto, o caos. Não é? Noca não disse isso? Pois é, irmãos. É isso mesmo: os porcos queriam colher a confusão que semearam. Eles não estavam atrás de dinheiro. Estavam atrás de confusão. Compreenderam?

Cezinha não compreende:

— E daí, Rivaldo? O que é que tudo isso quer dizer? Por que é que os policiais iam querer confusão?

Índio é quem puxa o fio da meada:

— Eu entendi o que o Rivaldo quis dizer. Não sei se ele tá certo, mas entendi o que ele quis dizer. A polícia quer a confusão. Essa merda toda, por alguma razão, é o que eles querem. Os porcos é que estavam atrás dessa merda toda. A merda interessa a eles.

Cezinha: — Mas o que é que eles querem com isso? O que é que eles ganham com a merda na cidade? Isso é político? Será que querem derrubar o governo?

Rivaldo: — Ou o secretário? Noca: — Ou o chefe da polícia?

Índio: — Ou não querem derrubar ninguém. Quem sabe os porcos têm algum plano para promover alguém? Ou pode ser um outro esquema mais complicado, que a gente não tem como descobrir agora. Noca: — Tu não é cheio dos contatos políticos, Índio? Porque é que tu não tenta desvendar essa porra desse mistério?

Rivaldo: — É isso mesmo. Onde há mistério, há luz e escuridão. Vamos orar. Vamos orar por Michele, por Moisés, por nossos irmãos em Bangu, por todos os irmãos, por nossa união. Depois vamos em paz. Amanhã vai ser um dia difícil. Vamos repousar e vamos nos recolher. O

recolhimento não é um recuo. É um movimento tático que demonstra prudência e sabedoria. Enquanto isso, Índio vai fazer a sua pesquisa. Noca: — Amanhã, a reunião vai ser lá na Maré. Cezinha: — Depois de amanhã, no Alemão.

Índio: — Não vai ter depois de amanhã, porra. Vocês não perceberam que a coisa é grave? Ou vai ou racha. Só sei que isso não dura mais 48

horas. Tá tudo suspenso até amanhã à noite. Ninguém faz marola.

GABINETE DO SECRETÁRIO, DIA 30 DE SETEMBRO

O delegado Vaz conclui sua exposição:

— Michele desapareceu do morro da Providência, onde foi visitar a mãe, com o casal de filhos. Saiu pra rever umas amigas. Voltaria no final da tarde para buscar as crianças. Não voltou. Isso foi no domingo, há dois dias, quer dizer, três... hoje já é quarta-feira.

O comandante-geral da PM intervém:

— A mãe registrou a ocorrência? A DP foi informada?

— Não, coronel. Sabe como é. Mulher do líder do CV desaparece. A matéria é de estado-maior do crime. A sogra do Moisés jamais daria parte à

polícia.

— É, eu sei. Foi o que imaginei. Por isso, achei estranho vocês terem essa informação. Você disse que a Inteligência está monitorando a ocorrência desde a madrugada do domingo pra segunda?

Sendo assunto tão sério pra eles, achei estranha a rapidez com que os informantes agiram. De qualquer modo, parabéns.

— Parabéns, o escambau — era a vez do secretário. — Parabéns, coronel? Como, parabéns? Belo serviço, a Inteligência acompanha o caso e deixa essa merda explodir. De que é que adiantou a rapidez da informação, se só agora a gente está tendo acesso a ela, depois que a porra toda explodiu? Foi obra do Terceiro Comando ou desse tal ADA, o Amigos dos Amigos?

Vaz: — Do comando azul, secretário.

— Que porra é essa? Os vagabundos já criaram outra organização criminosa?

O chefe da Polícia Civil saboreia as palavras:

— Comando azul é a PM, secretário. Vaz: — É como o crime chama a PM.

Secretário: — E vocês da Inteligência, para mostrar coerência com o título, fidelidade ao título, passaram a usar o vocabulário do crime?

O comandante Fraga concorda com a cabeça:

— Isso não ajuda, delegado Vaz. Isso não é bom.

Vaz: — Desculpa. Não era minha intenção. Eu só estava citando o que ouvi dos criminosos.

Amílcar: — O Vaz não fez por mal, não. Taí um cara leal à nossa corporação militar, de coração. Às vezes eu até me esqueço que ele é civil. Realmente, nem parece.

Vitor Graça: — Por quê, coronel? Não entendi. Você foi consertar e só

piorou. Algum problema em ser policial civil?

Secretário: — Porra, vamos parar com essa veadagem toda. Vaz, daqui pra frente, quando quiser falar em PM, fala PM, entendeu? Já basta o vandalismo que tomou conta da cidade. Não sei até que dia eu vou ficar nessa cadeira. Isso vale pra vocês dois também (disse isso, olhando para Vitor e Fraga). Se vocês continuarem com essa frescura, nós não vamos a lugar nenhum. Vamos brigar e morrer juntos, no abraço do afogado. Continua, Vaz. A mulher foi seqüestrada pelo comando azul...

— É, exato, quer dizer, isso mesmo, secretário, a Michele foi seqüestrada pela PM.

Fraga: — Você quer dizer, por algum policial militar, não pela instituição policial militar...

Secretário: — Ah, cacete! Fraga, porra. Fraga! Você entendeu, não entendeu? Então, não fode. Segue, Vaz. E agora chega de interrupções. Vaz: — A mulher do Moisés desapareceu no domingo à tarde e, ao que tudo indica, foi seqüestrada por policiais militares. Fraga: — Desculpe, secretário, mas eu gostaria de fazer uma pergunta ao delegado Vaz.

O secretário permanece em silêncio, olhando para a mesa à sua frente. Respira fundo, depois movimenta a mão direita, levemente, como que passando a palavra ao comandante-geral da PM, numa coreografia irônica. Fraga: — O delegado Vaz mencionou policiais militares. De onde vem essa certeza? Não haveria policiais civis envolvidos?

Secretário: — De novo? Mas será possível?

Fraga: — Perdão, secretário, mas a pergunta é exclusivamente técnica.

Vaz hesita e olha para o secretário, que mantém o silêncio. Vaz: — Ainda não sabemos, coronel. Por enquanto, só sabemos dos policiais militares.

Secretário: — O ex-marido daquela moça que trabalha em Bangu I... Amílcar: — Renata.

Secretário: — É policial? Policial militar?

Vaz: — Exatamente, secretário. É o capitão Santiago.

BANHEIRO DA CASA DE SANTIAGO. ALTO DA TIJUCA, DIA 29 DE SETEMBRO, ÀS

19H18

O banho é interrompido pelo sinal do rádio. Santiago fecha a torneira, puxa a

toalha, estende o braço, atende o celular e escuta. Em seguida, responde:

166

— Repete com calma a história, Miranda. Não fica nervoso. Não adianta nada ficar nervoso. Por que sair de minha casa? Tenho toda a segurança aqui. Mas por quê? Como é que é? Onde é que você ouviu isso?

Como é que você ficou sabendo? Ele quem? Por quê? Mas ele mesmo te disse? Tá bem. Já entendi. Entendi. Agora, fica calmo, respira fundo, fica tranqüilo. Não, de jeito nenhum. De jeito nenhum, porra. Ficou maluco? Me encontra no abrigo anti-nuclear. Você sabe, cacete. Entendeu? Claro. Daqui a uma hora. Leva ele também. E mergulha, Miranda. Mergulha, copiou?

EDIFÍCIO DE QUATRO ANDARES, NA RUA DOIS DE DEZEMBRO, NO FLAMENGO, DIA 30 DE SETEMBRO, ÀS 2H50

O interfone do apartamento 202 toca sem parar. Depois de muita insistência, no pequeno jardim que separa a portaria da calçada, ouve-se uma voz feminina:

— Quem é? Quem é?

— Polícia. Precisamos que a senhora desça e abra a porta. Não é

nada com a senhora, não. Não se preocupe. Precisamos dar uma batida no apartamento de uma vizinha sua, que é receptadora de drogas. A senhora não mora na frente? Pode dar uma olhada pela janela. Temos de verificar uma denúncia. Temos mandado judicial.

— Trote, numa hora dessas? Você acorda uma senhora, mãe de família, uma hora dessas, pra fazer uma brincadeira? Tem cabimento?

— Não é brincadeira, minha senhora.

— Se não é trote, é assalto. Você assustou meu filho, sabia? Vai embora ou eu chamo a polícia.

— Mas eu sou a polícia... Alô, alô.

Depois de apertar muitas vezes o interfone, ouve-se a mesma voz feminina:

— Já disse, ou você pára ou chamo a polícia.

— E eu já disse, minha senhora, eu sou a polícia. Viemos verificar uma denúncia de receptação de drogas. Pode olhar pela janela. A senhora

verá a viatura com o "giroscópio ligado. Me diga o número do apartamento do síndico, senão vamos ter de arrombar a porta.

— Drogas, no prédio?

— É, drogas. Qual é o apartamento do síndico?

— É o 104. Seu Jarbas. Ele vai ficar furioso. Não diz que fui eu que dei o número, hein?

— Pode deixar.

Tratativas concluídas, caso bem explicado, seu Jarbas desce as escadas resmungando e pensando que, afinal de contas, a economia que se faz no condomínio talvez não valha tanto a pena assim. Quando sobe as escadas com os dois policiais, chega a cogitar a hipótese de se mudar para um prédio com elevador, contrariando suas teorias sobre a boa equação preço-qualidade.

— Segundo andar — anunciou como se fosse necessário, dando graças a Deus pelo fato de o traficante não morar no quarto andar. Ele precisaria tomar fôlego, antes de subir os outros dois andares. Segundo andar — repetiu, para evitar dúvidas. Ele preferia as coisas claras, sem ambigüidades. Por isso, detestava atrasos e indisciplina. Seu Jarbas se orgulhava da carta que escrevera para O Globo e que o jornal finalmente publicara, em 1988, sobre as mazelas que decorrem da confusão entre o público e o privado. Citava o exemplo que sempre lhe pareceu o mais revelador: as mães mal-educadas que deixam seus filhos brincarem nos corredores dos prédios. Ele sabia de cor a carta, porque sempre a relia em voz alta, nas efemérides familiares: "Pior as mães que os filhos. Tudo começa e termina na família. A indisciplina dos mais velhos é a escola da desordem urbana. A bala perdida é filha bastarda da mãe relapsa."

— Seu Jarbas, o senhor tem de ficar aqui e entrar conosco. Precisamos de testemunha. Onde é o apartamento 203?

— Nos fundos.

Um dos policiais toca a campainha do 202. Jarbas não se contém:

— Vocês estão atrás da dona Renata, do 203?

— Acho que é esse mesmo o nome — respondeu o policial, checando os documentos que folheava. — Renata Fontes, apartamento 203.

— Eu não devia dizer isso. Principalmente a vocês e num momento como esse, mas me parte o coração ver como essas jovens não ligam pra família, não conseguem manter uma vida familiar decente, e acabam se perdendo nas drogas. Essa moça é uma boa pessoa... parece, pelo menos. Ê

uma lástima que não tenha marido, uma vida equilibrada, normal. Vive sozinha com o filho. Essas moças divorciadas, vocês sabem. Elas recebem uns amigos que não recomendam muito. Vai ver foram as más companhias. Me parte o coração, mas não me surpreende: "Tudo começa e termina na família. A indisciplina dos mais velhos é a escola da desordem urbana. A bala perdida é filha bastarda da mãe relapsa."

— O senhor é professor?

— Em certo sentido, meu filho, em certo sentido devo admitir que sou, sim. Mas me formei em contabilidade. Aposentado, hoje em dia estou aposentado.

Jarbas cala-se e observa a preparação dos policiais para o arrombamento, depois de tocarem a campainha e esmurrarem a porta. Em seguida, volta à carga:

— Dona Renata parece uma moça boa. É uma pena. Tão simpática. A gente de vez em quando briga, por causa daquele pequeno terrorista que ela tem em casa, mas aprendi a gostar dela. Eu me afeiçôo às pessoas. Sou de uma outra época. Além do mais, a gente vai ficando velho e o coração vai ficando mole.

Um policial olha para o outro, enquanto aperta a campainha do 202. Pensam, os dois, em dizer alguma gracinha, mas consideram que seu Jarbas talvez não receba com fairplay a brincadeira.

— Vocês são do 2º Batalhão?

Um dos policiais pergunta sobre os demais moradores do andar. Jarbas apresenta seu relatório improvisado:

— No 202, mora dona Doris, amiga de Renata, mãe de um filho da idade do filho da dona Renata. Os meninos estudam e brincam juntos. A

diferença entre elas é que Doris é viúva, não é separada. No 204, mora uma senhora de idade. Dona Laura é surda feito uma porta. Vocês podem derrubar as paredes do prédio que ela não vai acordar. O 201 está vazio, desde que o morador morreu. Os filhos não se entendem. O apartamento está no inventário. Esse negócio de inventário... Por isso é que eu já escrevi meu testamento. Desde que fiquei viúvo, escrevi.

Doris abre a porta, com um roupão de piscina.

— Que baderna é essa? O que é que vocês querem? Seu Jarbas, o que é que está havendo?

— A dona Renata é traficante de drogas e os policiais vão revistar o apartamento.

— O quê?

Um dos policiais completa a informação prestada pelo síndico:

— Precisamos de duas testemunhas.

— Renata? Renata, traficante? Que absurdo! Seu Jarbas, o senhor não vê que é um absurdo? É calúnia. Só pode ser denúncia falsa. Como é

que a Renata ia ser traficante, seu Jarbas? Imagina? Morando aqui, em um apartamento de dois quartos de fundos, no Flamengo... Se ela fosse traficante devia estar melhor de vida, o senhor não acha?

— Dona Doris, nessas coisas a gente não deve achar nada. A gente deve ficar calado e deixar a polícia achar o que tem de ser achado.

— Aposto que foi o senhor que denunciou. Aposto que é vingança do senhor, porque o Pedrinho xingou o senhor e a Renata riu.

— Minha filha, falta de educação a gente cura com multa, não é com batida policial, não. A senhora já deveria ter-se convencido de que eu sou um legalista. A multa já foi expedida pelo condomínio. Doris dirige-se aos policiais, que estouram a moldura da porta:

— A dona da casa não está? Dona Renata não está em casa? Como é

que vocês sabem...?

Os policiais entram na pequena sala de estar de Renata e procuram pelo interruptor para acender a luz. Chamam as testemunhas e avançam

para o interior escuro da casa. Enquanto Jarbas e Doris discutem, um dos policiais vem do quarto com um saco:

— Pronto, missão cumprida. Tá aqui. Cocaína e maconha. Deve ter dois quilos de cada. Vamos ver se ela também guarda as armas em casa. Doris não conseguia conter a perplexidade, agora intensificada:

— Armas?

O policial é escolado em busca e apreensão:

— Quero que as duas testemunhas venham ver onde estava o saco encontrado.

GABINETE DO SECRETÁRIO, DIA 30 DE SETEMBRO, ÀS 2H59

Secretário: — Como é que vocês chegaram a esse Santiago? Vaz: —

Pela Renata, secretário.

Amílcar: — Nós temos seguido os passos do Moisés. Os passos é

modo de dizer, porque o homem tá preso. O senhor entende... Estamos acompanhando o camarada. Ele troca de celular a toda hora. Os traficantes da Mineira, da Providência, da Maré, do Alemão, do Jacarezinho, do Borel, da

Coréia, o pessoal do comando mais próximo ao Moisés, nós temos tentado monitorar, na medida do possível. É difícil, porque hoje em dia é difícil encontrar quem se disponha a cooperar. Ninguém quer ser X-9 e acabar torrado no microondas. Além disso, os chefes, os gerentes e os que fazem a ponte com Bangu se cuidam. Usam pré-pagos, Nextel, rádio, vão trocando e evitam falar muito. Numa das conversas que conseguimos grampear, surgiu o nome da Renata. Parece que ela fez amizade com alguns dos presos e já

andou ajudando a levar e trazer informações. Coisas menores, sem importância, fotos familiares, coisas assim. Mas foi suficiente pra conquistar a confiança do pessoal. Nós aproveitamos e transferimos o foco para a moça, que é muito mais fácil. Apostamos e ganhamos. Sabíamos que mais cedo ou mais tarde, ela nos levaria a alguma mina de ouro.

Vaz: — Santiago, nós levantamos que é um sujeito meio problemático. Na corporação, ele andou se metendo em alguns problemas. O

coronel Fraga vai poder nos ajudar a levantar melhor a ficha dele. Começou no interior, se meteu em confusão logo no começo da carreira, veio pra capital, era um policial muito certinho, um sujeito respeitado e até temido, de tão rigoroso que era. Inclusive o problema que ele teve no interior, parece que não foi por culpa dele. Casou-se, teve filho, tudo como manda o figurino. Um ótimo profissional. Aos poucos, parece que foi mudando e a conversa que corre sobre ele não recomenda muito não. Estamos investigando, mas já

chegamos a alguns sinais exteriores de riqueza, meio comprometedores. Carro importado, lancha, casa no Alto da Tijuca, casa na região dos Lagos, viagem de férias para Las Vegas, muita mulher bonita... Vitor Graça se inquieta:

— Por favor, Vaz. Não sou PM, mas agora sou eu quem vai chiar. Pelo amor de Deus. Por isso é que eu me pergunto se a nossa Inteligência não está muito solta, não está sem rumo. Isso me parece uma perseguição. O profissional não pode mais viajar, ter suas mulheres, comprar o carro que quiser e que puder comprar. Se ele ganha bem, quem me diz que não ganha, honradamente, no bico? Vai ver ele tá se dando bem na iniciativa privada. Atire a primeira pedra quem não tem nada a ver com segurança privada...

O secretário dá um salto na cadeira:

— Ei! Vamos devagar com o andor. Veja lá como fala, Vitor. É bom você saber que eu não tenho nada, nunca tive, nem pretendo ter nada com isso. Se você cuida dos supermercados, dos shoppings ou das redes de farmácias, é problema seu. Encher o saco de vocês nessas coisas não é

prioridade política do governo, nem da secretaria, por ordem expressa do governador. Já temos com o que nos preocupar. Além do mais, se formos nos meter com essa história, onde é que vamos parar? Vamos exonerar todos os oficiais superiores e delegados? Vamos jogar a tiragem contra nós? Os salários que forem perdidos vão ser cobrados de quem? Vamos ter de enfrentar greves por aumento salarial... Só me faltava essa. Por isso, contravenção e essas pequenas ilegalidades não nos interessam. Não vamos

falar sobre isso. Mas que fique muito claro. Telhado de vidro, aqui, eu não tenho.

— Não tive a intenção de ofender o senhor, secretário. Todo mundo sabe que o senhor não se mete com isso. Minha intenção era mostrar que a gente tem de ter cuidado com as acusações precipitadas. Esse capitão Santiago pode estar sendo vítima dos colegas que estão mordidos de inveja... A gente sabe quais são as fontes mais comuns dessas denúncias contra colegas. Alguém deve estar de olho-grande... E depois, não concordo com a linha de investigação que o pessoal da Inteligência está seguindo. Secretário: — Como assim, Vitor? Explica.

Vitor: — Não me parece correto seguir a pista dessa moça, a Renata. Uma pista muito frágil. Não há nenhuma evidência. Nenhuma. O trabalho tem pés de barro. Uma criança ouviu alguma conversa do pai, não se sabe com quem, onde, quando, como, em que termos. Uma conversa que bem poderia ser uma brincadeira. Ou que poderia, propositalmente, ter duplo sentido, porque o interlocutor poderia ser outro policial e os dois poderiam estar falando sobre algum seqüestro que teria acontecido ou que eles tivessem desvendado, não sobre terem seqüestrado. Como é que toda uma linha de investigação pode ser montada sobre uma conversa de amigos sobre outra conversa, ouvida por uma criança de 10 anos? Essa Renata pode muito bem ter-se enganado e ter passado ao Moisés uma notícia falsa. E

toda a reação do CV, essa selvageria toda que se abateu sobre a cidade, o vandalismo, o terrorismo, tudo isso pode ter como base um tremendo engano.

Acho que deveríamos entregar esse caso a quem de direito, que somos nós. Investigação é a nossa competência. Isso é constitucional, secretário. Se o senhor autorizar, convoco a Delegacia Anti-Seqüestro agora mesmo. Vamos analisar que criminosos poderiam ter interesse no seqüestro da mulher do Moisés. Isso deve ser lá briga entre eles. Se o senhor autorizar. Secretário: — Vaz, me diga uma coisa: qual poderia ser o interesse do Santiago num troço desses?

Vaz: — Não está claro, secretário. Nesse momento, não sei como responder ao senhor. Esse é justamente o ponto em que nenhuma hipótese

parece fazer sentido. Tenho discutido essa questão com o Amílcar, e nada que a gente imagina se sustenta, nenhuma hipótese resiste. Vitor: — Nisso eu discordo, secretário. Pra mim, não há evidência de que o policial seja o autor do seqüestro. Mas, caso isso seja verdade, caso o responsável seja mesmo esse Santiago, aí eu não teria dúvida nenhuma em afirmar que o interesse é econômico, secretário: dinheiro. Por que não seria dinheiro? É dinheiro, claro.

Secretário: — Por que não seria dinheiro, Vaz? Amílcar se interpõe:

— Porque quem receber o pagamento de um seqüestro como esse não sobrevive uma semana e qualquer policial carioca experiente sabe disso, secretário.

Secretário: — Tudo bem, só que isso não explica por que um policial que sabe disso seqüestra a mulher do cara. Afinal de contas, sendo por grana ou por outra razão, se você estiver certo, o sujeito está condenado à

morte. Por quê, sabendo disso, o sujeito arriscaria?

Vaz: — O Santiago poderia arriscar tudo o que tem própria vida —

por algum motivo muito forte, sobretudo se pudesse se proteger com um álibi muito poderoso. Dinheiro o Santiago pode sempre conseguir mais, da fonte em que se alimenta.

Vitor: — Não concordo. Realmente, não concordo. Secretário, reitero meu pedido. Gostaria de assumir o caso. A Polícia Civil gostaria de assumir o caso.

Secretário: — Vou pensar. Agora, vou deitar nesse sofá e tentar dormir, se me

deixarem. Quando acordar, eu decido. Reunião encerrada, senhores.

SALA DE ESTAR. APARTAMENTO DO DELEGADO LUIZÃO FRANÇA, NA LAGOA, DIA 30

DE SETEMBRO, ÀS 3H40

Luizão está de ceroulas. Liga o ar-refrigerado, antes de sentar se. Enfia os braços nas mangas curtas de uma camisa de pijama, que desce

como uma cortina sobre a barriga prodigiosa. Vitor Graça está sentado na poltrona de couro.

— Porra, Vitor, deve ser sério paca. Espero que seja seríssimo. Tô

exausto, parceiro. O corpo todo moído. Dormi depois de uma da manhã.

— É. O pior é que é sério pra caralho.

— Diz logo, porra. Quer me matar do coração? Olha a veia do meu pescoço. Começa a inchar e pulsar. Agora dei pra isso. Hipertensão. É foda. Vida de policial é foda. Não faz suspense, caralho. Diz logo.

— Vamos ter de agir rápido e eliminar o Santiago. Ele e o pessoal dele.

— Você tá louco, cara. Perdeu a razão?

— Tô falando sério. Temos de agir rápido. Tem de ser já. Não dá pra esperar um minuto.

— "Temos de agir"... eu sei o que significa isso, cacete. Isso significa que eu tenho de agir. Não é isso que você quer dizer? Você veio aqui pra me pedir pra apagar o Santiago? E mais o pessoal dele?

— Luizão, você acha que eu ia te pedir uma coisa dessas se não fosse necessário? Se não fosse absolutamente necessário?

— Mas qual foi a merda?

— Imagina que o puto do Santiago tem uma ex-mulher, e essa escrota dessa filha de uma puta deu com a língua nos dentes, porque ouviu do filhinho a história de que o papaizinho seqüestrou a Michele. Só isso, porra.

— Mas como é que o garoto descobriu?

— O menino ouviu uma conversa do pai.

— E como é que a piranha deu com a língua nos dentes?

— Ela trabalha em Bangu I, é assistente social.

— Essas putinhas são sempre assistentes sociais.

— A Inteligência tá monitorando a figura, porque identificou uma relação promíscua com os vagabundos.

— Já sei: a mulher teve a brilhante idéia de contar pra melhor amiga o que o rebento ouviu do papaizinho... E fez isso pelo telefone...

— Quase isso.

— Puta que o pariu.

— O pior é que a história chegou ao Moisés.

— A mulher contou...

— É.

— Filha de uma égua. Mas esse Santiago, isso é um merda. Que incompetente, cacete; que irresponsável. Não se pode confiar em mais ninguém. Só tem merda nessa PM.

— Eu fiz o seguinte, Luizão: em primeiro lugar, ganhei tempo. Embananei a reunião com o secretário. Reivindiquei o caso, citei a Constituição, essas merdas todas. Disse que não acreditava na teoria dos caras, que isso não me cheirava a coisa de policial. Em segundo lugar, empurrei a investigação pra linha do dinheiro. Joguei poeira nos olhos deles. Tentei provar que uma coisa dessas só se

faz por dinheiro. Mas não tá

colando.

— Como, não tá colando?

— O Amílcar e o Vaz, aqueles dois patetas, aqueles cretino acham que não é dinheiro. Que o seqüestro tem a ver com algum outra coisa.

— O quê, porra?

— Eles não sabem.

— Você quer me matar do coração? Por que não disse logo caralho?

Os putos estão perdidos. Ainda bem.

— Estão. Mas acho que por pouco tempo. Estão atrás de Santiago e acho que ele nem desconfia. Se não chegarmos a ele anta dos caras, tamos fodidos.

— Que caras? Os dois patetas ou o pessoal do CV?

— Os patetas, claro.

— Pois é. O negócio, então, não é mandar o Santiago pra vala com sua turma, é dar uma mãozinha à turma do Moisés, pra que ele façam o trabalho sujo por nós.

— Tudo bem, só falta combinar com os beques. Se fosse fácil já

estaria tudo resolvido. Só que eu não sei onde aquele merdinha si meteu com a Michele, nem tenho contato direto com a turma de Moisés. Eu teria que procurar o Índio.

— Não. Melhor você não se meter nisso. Melhor não sei envolver.

— Mas eu já tô metido nessa merda até a raiz dos cabelos.

— Por isso mesmo. Deixa que eu toco. Daqui em diante, eu assumo. Vai dormir.

— Mas espera um pouco, Luizão. Pensa. Vamos pensar melhor. Digamos que você localize o Santiago e a Michele, faça contato imediato com o pessoal do Comando e que eles cheguem logo ao local, antes dos patetas. Tudo bem. Agora, imagina se o Santiago resolve abrir o bico pra não morrer?

E se ele entregar o enredo todo, de fio a pavio? O que vai ser da gente, porra?

Pensa, Luizão. Pensa, rapaz. Não dá pra terceirizar essa tarefa, não. Somos nós que temos de resolver essa parada.

— "Somos nós" é modo de dizer, não é, Vitor? Na verdade, você quer que eu resolva essa parada.

Vitor tenta um sorriso, que brota enviesado.

QUARTO DE MOTEL NA AVENIDA BRASIL, DIA 30 DE SETEMBRO, ÀS QUATRO DA MANHÃ

Renata acorda ensopada de suor. Custa a se localizar, na penumbra do cenário árabe. Se ela despertasse num carro alegórico de uma escola de samba, a sensação não seria muito diferente. Pelo telefone do motel, liga para o seu próprio número de celular. Como o aparelho está desligado, ela tem acesso à caixa de mensagens. De hora em hora, ela checa. A preocupação com o filho é maior que o cansaço. Dessa vez, há registro de uma mensagem:

— Renata, quem fala é Doris. Olha, desculpa a hora, mas eu tinha de falar com você. Entraram em seu apartamento. Uns policiais. Disseram que receberam uma denúncia. Eu resisti o quanto pude. Disse que era calúnia.

Eles acharam alguma coisa lá. Parece que 4 quilos de cocaína e maconha. Quer dizer, 2 quilos de cada produto. Bom, quer dizer, produto... eu nem sei como chamar. Quando puder, me liga. Não se preocupe com Tábata. Ela tá

aqui em casa e tem se comportado com toda educação. Uma graça, ela. Só

faz xixi no jornal. Se adaptou muito bem. Você tem de mandar consertarem a porta amanhã de manhã. Se você quiser, eu...

Esgota-se o tempo do recado.

Renata disca novamente. Erra o número várias vezes. As mãos não obedecem.

— Baby?

— Quem?

— O Carlos Augusto está? Silêncio.

— Alô. Quem é?

— Baby, sou eu, Baby.

— Uma hora dessas, Renata. Você acordou o Érico. Esse seu trabalho tá deixando você histérica.

— Baby, não fala assim.

Pausa. Renata não se contém. A fortaleza desaba. Não consegue falar. Do outro lado da linha, Carlos Augusto se desespera. Um minuto de agonia. Renata se recompõe:

— Entraram lá em casa. Plantaram droga. Coisa do pai do Pedro. Agora, ele vai ganhar na Justiça a guarda do Pedro e, ainda por cima, vai desmoralizar qualquer denúncia que eu faça Baby qualquer denúncia. Entendeu, Baby? Olha, não deixa o Pedrinho ir a aula. Inventa uma desculpa. Fica com ele. Falta ao trabalho. Não sai de casa. Não deixa ele um minuto.

— Deixa comigo. Pode ficar tranqüila. Vou dar um jeito. Mas onde você está, mulher?

— Não posso dizer, Baby. Melhor você não saber. Vou ver o que faço e te mantenho informado. Melhor que eu te ligue. Não me liga. Nunca se sabe.

Um beijo. Obrigado por tudo. Não vou esquecer o que você tá fazendo por mim e pelo Pedro.

— Que é isso, Natinha. Te cuida.

PORTARIA DE BANGU I, DIA 30 DE SETEMBRO, ÀS SEIS E MEIA DA MANHÃ

Oito mulheres se ajoelham entre bolsas abertas no chão. Carros de reportagem montam equipamentos para transmissões ao vivo, ao lado de 12

viaturas policiais. Duas mulheres desenrolam uma faixa: "Carandiru Outra abre um cartaz: "Estão matando nossos maridos". As outras cinco desdobram a faixa maior: "Governo covarde! Polícia criminosa!" Alguns membros do conselho da comunidade e de ONGs chegam na mesma Kombi que traz alguns funcionários da penitenciária.

COZINHA DA CASA DE CARLOS AUGUSTO, DIA 30 DE SETEMBRO, ÀS 7h20

A mesa está posta para o café-da-manhã. Mamões papaya, geléia, pão de forma, ricota e iogurte. Baby ajeita os últimos detalhes. Érico saiu cedo. É melhor que Pedrinho durma até bem tarde. Quem sabe ele nem vai precisar contar a mentira que concebeu? Pode ser que o despertador não tenha funcionado. E que já seja muito tarde para ir à escola. Se Pedro acordar bem tarde, essa seria a melhor solução.

Baby escuta um som, baixinho e distante. Parece uma voz feminina. O som? Ele teria esquecido de desligar o som, na véspera? Não teria sido impossível: ele tinha bebido um pouco, com Érico, depois que pôs o menino para dormir. Ficaram ouvindo um pouco de música, na sala. Pode ter acontecido. Dá os primeiros passos em direção à sala e um raio atravessa

sua espinha. Avança. Na entrada da sala, no lado oposto à cozinha, Pedro está debruçado sobre a mesinha, falando ao telefone.

COZINHA CLARA E ESPAÇOSA. COBERTURA NA BARRA DA TIJUCA EM QUE SANTIAGO SE

ESCONDE, DIA 30 DE SETEMBRO, ÀS OITO DA MANHÃ

Ele acaba de fritar dois ovos com bacon. Dirige-se a um homem alto e musculoso, que veste uniforme de uma empresa de carros-fortes:

— Tem certeza que não quer? O homem acena com a cabeça:

— Não posso. Colesterol...

Santiago passa o bacon e os ovos para o prato, deixa a frigideira na pia e senta-se à mesa.

— Você entendeu tudo?

— Entendi, sim, capitão. Não é pra matar. É só assustar, aplicar um corretivo e transmitir a mensagem do senhor. Não preciso dizer nada. A pessoa vai entender, direitinho. É pra seguir a pessoa, escolhei um local público, em Copacabana, fazer o serviço e sair andando, tranqüilamente. A patrulha da área é gente do senhor. Não preciso me preocupar. É só sair andando. O Miranda vai entrar em contato pra me passar o endereço da residência, certo?

— Certíssimo. Profissional é outra coisa. Senta aí, toma pelo menos um café.

— Posso não, capitão. Tenho de me apressar pra organizar tudo. Se não correr, não vai dar tempo. É muita coisa. Vou montar a campana imediatamente. Assim que a missão for cumprida, aviso o senhor com aquela mensagem comercial da firma, pelo celular. Como sempre.

— Tá certo. Bom trabalho. Depois o Miranda te procura pra gente acertar.

— Não tem problema. Quando for melhor pro senhor. O senhor tem crédito.

GABINETE DO SECRETÁRIO, DIA 30 DE SETEMBRO, ÀS 8H06

180

— Estou quebrado, Marquinho.

— Eu me sinto como se tivesse sido atropelado por uma jamanta. Imagina o senhor, secretário.

— Como, "imagina o senhor"?

— Quer dizer, se eu estou como estou, imagino como o senhor deve estar se sentindo, já que o senhor é um pouco mais..., tem mais idade do que eu.

— Não amola. Algum informe recente?

— Negativo. Tudo na mesma. A paz reina na cidade, na avenida Brasil, na Baixada, em Niterói e São Gonçalo, nas favelas, em todo o estado.

— Menos mal. Parabéns.

— Por quê?

— Está tudo calmo. A cidade está tranqüila. Vitória da Segurança Pública.

— Não fala besteira, Marquinho. A pior coisa do mundo é assistente puxa-saco. A gente fica totalmente desamparado. Perde contato com a realidade. Você sabe que eu detesto isso.

— Tudo bem, secretário, o senhor tem razão.

— Lá vem você de novo?

— Desculpe. Não foi minha intenção. Pode deixar que eu agora vou caprichar.

— Caprichar em quê?

— Em falar a verdade, ué? O senhor não quer o máximo de sinceridade? Não é isso o que o senhor quer?

O secretário se cala.

— Posso ser mesmo sincero com o senhor?

— Mais ou menos, Marquinho. Mais ou menos.

GALERIA NORTE DE BANGU I. SILÊNCIO, DIA 30 DE SETEMBRO, ÀS 8H09

181

Os presos dormem. Receberam toalhas e panos para secar as celas. Os que tossiam mais foram encaminhados para a enfermaria.

PORTARIA DE BANGU I, DIA 30 DE SETEMBRO, ÀS 8H10

Cerca de trinta mulheres estão sentadas no meio-fio, à sombra de uma árvore frondosa. Conversam e descansam. Bebem o mal que trouxeram de casa e comem sanduíches. As faixas e cartazes esta empilhados no chão. Um carro de reportagem permanece no loca Quatro viaturas policiais continuam estacionadas em frente ao por tão principal. Ouvem-se latidos de cães à distância. Os personagens relaxam; o cenário repousa.

QUARTO DE CARLOS AUGUSTO, DIA 30 DE SETEMBRO, ÀS 8H11

— Natinha, sou eu, Baby. Meu coração vai saltar pela boca. Vou falar rapidinho pra dar tempo de gravar todo o recado. Olha, tá tudo bem. Eu tô

bem. Pedrinho tá bem. Mas o pai dele já sabe que ele está aqui. Dei a maior bobeira, Natinha. Esqueci de desligar o telefone fixo. Esqueci

completamente. Nunca imaginei que o Pedrinho fosse acordar antes de mim. Quando acordei, ele estava pendurado no telefone, falando baixinho com o pai. Não consegui saber exatamente d que ele falou. Mas tava com aquela carinha de quem está escondendo alguma coisa. Sabe quando ele apronta alguma coisa? Pois é, aquela carinha. Não sei o que ele pode ter dito. O Érico dormiu aqui, mas fomos super discretos. Você sabe como o Érico é discreto. E eu fiz tudo pra me conter, meu anjo, tudo. Mas você sabe como é. Sabe o que é cabecinha de criança. Ele fica me perguntando o que é que houve, por que você não conversou com ele, onde você está, por que ele está em minha casa. Eu disse o que a gente tinha combinado. Mas ele é muito esperto. É

um garoto muito esperto. Agora, não sei mais o que fazer. Vou esperar urna ligação sua, tá bom, meu amor? Me liga logo, por favor, antes que meu coração pule pra fora do corpo. Liga pro celular, porque já desliguei o fixo. Não vou deixar o Pedrinho sair, nem vou abrir a porta pra ninguém. Não vou

trabalhar. Já avisei no escritório. Disse que não estou me sentindo bem e que vou adiantar o serviço em casa mesmo. Não vai ter problema, porque eu tô com crédito. É a vantagem de ser caxias. Só vou ter de dar uma corridinha ao banco, mas a Suely vai ficar com Pedrinho. Dez minutinhos. Você sabe que ela é de toda confiança. Há muito tempo deixou de ser diarista e virou minha amiga, amiga mesmo. Fica tranqüila. Mas não deixa de ligar assim que puder. Um beijo.

SALA NO 15º ANDAR DE UM EDIFÍCIO COMERCIAL, NO CENTRO DA CIDADE, DIA 30 DE

SETEMBRO, ÀS 8H12

O delegado Luizão França manda todo mundo se calar pra ouvi-lo. Apóia-se na base do basculante que dá para o interior do prédio, com as duas mãos para trás. Encara a equipe, agora em silêncio.

— Desde as cinco horas da manhã eu tô aqui com o Otacílio, atrás de vocês. Porra, assim não é possível. Eu já disse que todo mundo tem direito a descanso. Até eu... Mas ninguém pode desligar o rádio. Que merda é essa, porra? A gente tá no meio de uma guerra ou tá de sacanagem? Se alguém prefere ficar de sacanagem, ir pra Night, pra balada, hein, seu Sander?, hein, seu Bernardinho? Não ri não, cacete, não é pra rir. Tô falando sério... Não é assim que vocês falam, bem aveadado, "vou pra night, vou pra balada..."? Ou se alguém prefere ir pra boate, comer a sua puta predileta, num motel de São Conrado, e encher a cara com Campari, hein, seu Adriano? Não é pra rir, não. Se alguém prefere ficar de sacanagem, mete o pé, vai com Deus. Mas quem ficar... eu já disse isso... atenção, porra, já

disse essa merda, quem ficar é pra valer. É ficar feito homem, caralho. Quem desligar rádio, tá fora; daqui pra frente, tá fora. Não quero nem saber. Ah!

acabou a bateria... Foda-se. Não pode. Não pode deixar acabar. Queria ver se vocês estivessem no Iraque, que gracinha que ia ser. Ou em Israel. O Félix já

foi lá, já viu o que é o Mossad. Viu ou não viu, Félix? Tinha alguém de frescura por lá? Viu alguém aprontando veadagem por lá? Em lugar civilizado, bobeou, passa o cerol. Eu devia é fazer isso, mas não faço, não

sou de fazer. Tô só dizendo que desligo o filho da puta do nosso grupo, mas vou desligar mesmo. O rádio tá desligado? Então, o veadinho também tá. Não vou passar cerol. Vou deixar o babaca ir embora. Mas acabou. Alguém não entendeu? Alguém tem alguma dúvida?

Luizão se aproxima da mesa, senta-se com as pernas abertas, de frente para as costas da cadeira, a barriga farta esbarrando nas trave, do encosto, e olha devagar

para seus comandados. Bebe um copo d'água, do início ao fim, sem parar, e prossegue:

— O negócio é o seguinte. O Lincoln vai com o Otacílio atrás do Anderson, aquele X-9 que o deputado Amaríldo Horta meteu goela abaixo do Vitor, e que tá lotado na delegacia de Botafogo. Ele tá grampeando tudo que é artista, mulher de secretário, filho de autoridade, jogador de futebol, pra ver se garimpa alguma coisa que renda uma graninha pra ele e, principalmente, que renda ao Amarildo um movimento pesado no xadrez político. Quem diz Amarildo diz, o governador, porque eles são unha e carne. Agora, não vou ensinar pai nosso a vigário. Todo mundo aqui sabe que, quando se grampeia, ouve-se o que se quer e o que não se quer, acha-se o que se procura e o que não se procura. Eu tenho informações de que o Anderson achou o que não queria. Parece que tem umas gravações interessantes da mulher do Nuno Cedro, aquele magnata que financia as campanhas do governador.

— Aquele cara dos bingos? — pergunta Otacílio.

— Não, o dos bingos é outro. O Nuno é empresário sério. Parece que tem umas conversas da mulher do sujeito com algum traficante, alguma coisa bem quente. Nitroglicerina pura. Nas mãos do governo, é sopa no mel, porque pode ficar arquivado, pro caso de vir a ser conveniente, no futuro. Mas hoje, isso, se chega à imprensa, implode tudo, arrebenta com o esquema do governador, mata na pista seus vôos mais ambiciosos... Vocês sabem... Joga o Nuno contra o governador. Afinal, como é que a polícia do governador faz uma coisa dessas com um aliado? Então, rapaziada, tarefa número um: segurar o Anderson e localizar as fitas comprometedoras da senhora Nuno Cedro. Objetivo: manter o governador em rédea curta; fungar

no cangote dele, pra ele saber que o Vitor é intocável. É só um seguro de cu. Política preventiva.

Luizão sua mais e mais, mesmo àquela hora da manhã e com o arrefrigerado cm potência máxima. Passa o lenço na testa larga e continua:

— Félix, você vai procurar o Índio. Vai fazer uma visita à favela da Mineira. Falar com o dono. Sondar. Sentir o que é que eles tão pensando. Nós temos boas relações com eles, lá, não temos? Vai lá. Faz perguntas como quem tá buscando

informações que ajudem a entender o que teria levado o Santiago a seqüestrar a mulher do cara. Mas o objetivo principal é passar pro Índio a impressão de que você e, portanto, eu, nós, a turma do Vitor, não estamos metidos nessa encrenca. A missão é transmitir pro CV, através do Índio, a mensagem de que nós não temos nada a ver com o seqüestro da mulher do Moisés. Entendido?

Outro copo cheio bebido num gole, Luizão França está pronto para a terceira cartada:

— Bernardinho e Adriano, vocês vão colar no pessoal da AntiSeqüestro. O objetivo é descobrir tudo o que eles já sabem e ir me passando tudo o que eles forem descobrindo sobre essa merda toda. Antes, os dois vão ligar pro Disque-Denúncia, com uma hora de intervalo, e vão contar histórias semelhantes. Eu disse semelhantes, não iguais. É uma espécie de vacina. Pode vir a ser necessário imobilizar o Mauro Pedreira ou até coisa pior. E a gente tem de estar preparado pra tudo. A história é a seguinte: o delegado titular da Delegacia Anti-Seqüestro está envolvido em um esquema do Terceiro Comando, que visa desmoralizar a liderança do Comando Vermelho através do seqüestro de Michele, mulher do Moisés. Ela será morta e nenhum resgate vai ser pedido. A prova do interesse em desmoralizar o CV

é o vazamento do seqüestro para a imprensa, que o delegado promoveu, usando alguns de seus asseclas que são fontes dos jornais. Entenderam?

— Mas a história é tão redonda — diz Adriano —, como é que vamos inventar diferenças para que não fique tudo igual, como o senhor determinou?

— Põe a cabeça pra funcionar, sua besta. O Bernardinho vai telefonar primeiro e não vai usar o verbo desmoralizar, não vai mencionar o CV, nem vai falar em delegado titular. Vai dizer que o Mauro Pedreira quer foder o Moisés, ponto. E você vai repetir o que eu disse, sem tirar nem pôr. Compreendeu, agora? Entendeu, Bernardinho?

Luizão se levanta para a última ordem:

— Os outros vêm comigo. Vamos atrás do Miranda. O objetivo é

eliminar o Santiago. Não importa onde e como. Ele não pode sobreviver às

próximas 24 horas. Vamos nos dividir: Criciúma vai atrás do nosso pessoal na PM, com cuidado, porque tem muito jogo duplo ali. Juremir vai atrás de nossos contatos na Inteligência. Eu tenho as minhas intuições e uma hipótese de trabalho, que não vou abrir pra não atrapalhar. Sander e Sales ficam comigo.

PALÁCIO GUANABARA. SALA DE RECEPÇÃO, DIA 30 DE SETEMBRO, ÀS 8H59

Cabo Maria do Carmo larga o telefone, afasta a cadeira e se levanta, batendo continência:

— Coronel Fraga, secretário, doutor Vitor... Vou avisar que os senhores chegaram. Podem passar para a ante-sala.

Aperta um botão sob a mesa e a porta que separa a recepção da antesala do gabinete do governador destrava, com um silvo estridente, seguido do som seco.

As três autoridades retribuem a gentileza com o "bom-dia" padrão. A ante-sala é vasta, repleta de espelhos, quadros, mesas e poltronas. As janelas amplas se abrem sobre o verde e a luz dos jardins.

— Secretário, o governador disse qual seria a pauta?

— Fraga, o governador convoca, não informa pauta, nem fica limitado a pauta. Mas é óbvio que, na atual conjuntura, o tema é o samba de uma nota só.

— Eu pergunto, secretário, porque, o senhor sabe, o governador é um político e, como todo político, pensa de uma maneira um pouco diferente da gente.

— O que é que você quer dizer, Fraga?

— Bem, não quero ser inoportuno e impertinente, mas, considerando que o seqüestro da Michele é um fato extremamente grave, com um potencial explosivo enorme, eu estaria tentado a admitir que talvez fosse melhor que ele não fosse divulgado pela mídia.

— Claro, não pode. Não pode, de jeito nenhum, Fraga. Nem pensar. Se um troço desses vaza, os caras que a gente conseguiu frear podem se ver obrigados a agir.

— É exatamente o que eu estava pensando. Eles têm lá os códigos de honra deles e a própria política deles. Se ficar público o seqüestro, o CV se desmoraliza se não fizer alguma coisa. Por enquanto, eles fizeram aquela baderna de ontem, mas o recado foi dado só pra bom entendedor. A população não entendeu. Enquanto o seqüestro não vier a público, eles podem recuar. Se vier, ninguém sabe o que pode acontecer.

— Claro. Tem toda razão, Fraga. Concorda, Vitor?

O chefe da Polícia Civil balança afirmativamente a cabeça. O

secretário volta-se para o comandante da PM:

— Fraga, não entendi aonde você quer chegar.

— É que a cabeça do governador sendo política, pode ser que ele avalie a situação apenas pelo ângulo da política. E quem nos diz qual poderia ser o resultado da avaliação, nesse caso? Quem nos diz que o governador não vai considerar politicamente conveniente a divulgação do seqüestro?

— Você está sugerindo que eu minta para o governador?

— De jeito nenhum, secretário. Seria muita irresponsabilidade. E

antiético, ainda por cima.

— Ah, bom.

— O senhor podia só omitir o fato.

— Fraga, isso não tem cabimento.

— Como o senhor decidir, secretário. Só estava pensando alto.

— Melhor pensar baixo, de agora em diante. — Sim, senhor. Os três permanecem calados. O secretário espreguiça duas vezes e reclama do ar refrigerado. Ele acha que o governador vive embutido numa geladeira. O palácio lhe parece um freezer.

— Entrar nesse frigorífico e sair para o calor senegalês do Rio me arrebenta os pulmões.

Ninguém diz nada. Vitor esboça um sorriso.

O tempo se retesa e estira, feito uma atiradeira. O secretário começa a sentir-se a vidraça — logo ele, que sempre foi crítico de tudo, que sempre cumpriu a função da pedra. Passa a imaginar quem faria, agora, o papel da pedra no estilingue.

É sempre assim, quando se senta naquela ante-sala. Tem a sensação de que a qualquer momento os enfermeiros virão buscá-lo para raspar-lhe os pêlos e serrar-lhe o crânio.

— Alguém tem uma Novalgina?

Os dois chefes das polícias não têm Novalgina. Vitor oferece pastilha Valda. Diet.

Ao fundo da sala, a mais de 20 metros de distância, com sua voz inaudível, suave e doce, a secretária particular do governador os convida a entrar. O governador está pronto para recebê-los.

O secretário ergue-se mais rápido que seus auxiliares e lhes dita a ordem, entre dentes:

— Fraga, Vitor, não vamos mencionar o seqüestro. Deixem que eu conduzo. Vocês apenas sigam a direção que eu for indicando. Avançam rumo ao gabinete.

O governador acena para que entrem. Conversa com o chefe de gabinete, em sua mesa de trabalho. Aponta com a mão a larga mesa para reuniões. Os três colaboradores sentam-se, como de hábito. A cabeceira é

cativa do governador. O secretário senta-se à sua direita. A direita do secretário, o comandante-geral da Polícia Militar, em frente do qual, na

segunda cadeira disponível à esquerda do governador, fica o delegado chefe da Polícia Civil. Aguardam alguns longos minutos.

Finalmente, o governador atravessa o gabinete com passadas curtas e ligeiras, inaugurando a reunião com a primeira pergunta:

— E então, secretário? Que história é essa de seqüestro da mulher do Moisés? Michele, não é? Já comprovaram que o capitão Santiago é o autor?

INTERIOR DE UM AUDI NEGRO COM PLACA FRIA, CRUZANDO A LLNHA AMARELA EM

ALTA VELOCIDADE, DIA 30 DE SETEMBRO, ÀS 9H35

Luizão, sentado no banco de trás, atende o rádio:

— Diz aí, Félix.

— Não consegui falar com o Índio, mas o Jonas confirma que eles tão na cola do Santiago.

— Eu vou acabar batendo de frente com eles. Sabe que pista eles têm?

— Negativo.

— O cara fez referência a algum bairro, algum local? Disse que grupo estaria incumbido da missão? Se é algum pessoal da Zona Sul, da Zona Oeste...?

— Nada.

— Mas eles tão atrás do Santiago ou do cativeiro de Michele?

— Dos dois. Pelo que entendi, dos dois.

— Eles acham que o Santiago é que tá cuidando do cativeiro?

— Duvido, eles não são tão ingênuos assim. Sabem que o Santiago é

um profissional.

— Alguma dica sobre o cativeiro, então?

— Nada.

—Além do Santiago, eles mencionaram mais alguém?

— O senhor quer dizer...

— Isso mesmo: eles acham que o Santiago tá sozinho nessa bosta?

Mencionaram o Vitor?

189

— Não. Não sei o que eles pensam sobre isso, mas o Jonas só falou no Santiago.

— Meu nome não apareceu?

— Não, de jeito nenhum.

— Tudo bem. Continua tentando obter alguma coisa. Fica por aí. Tenta falar com o homem diretamente.

—Copiado. Câmbio.

REDAÇÃO DO JORNAL DE MAIOR CIRCULAÇÃO NA CIDADE, DIA 30 DE SETEMBRO, ÀS 10H22

— Alguém, aí. Aumenta o volume da TV.

Em edição extraordinária, o noticiário Em Cima da Hora, da Globo News, informa o seqüestro de Michele. O secretário de Segurança aparece descendo as escadas do Palácio e se negando a fazer comentários. Os chefes das polícias o acompanham. Mudos.

LAJE DA QUAL SE DIVISA O IMENSO PLANETA QUE É O COMPLEXO DO ALEMÃO, DIA 30 DE SETEMBRO, ÀS 11h25

O dono da boca olha o horizonte, enquanto aguarda a resposta, sob o sol a pino.

— Nada, Cezinha. Ninguém sabe nada. Ninguém conseguiu fazer contato com Bangu. Nada. Falei com o Noca, com o Nereu, o Jonas, o Rivaldo, todo mundo. Ninguém tem notícia. O Noca também acha que ficou mal pra nós. A notícia já tá dando em tudo o que é lugar. Ele acha que agora a gente vai ter que dar uma resposta, nem que seja... peraí, o rádio tá

chamando...

190

Urubu se debruça sobre o rádio, um pouco mais pesado que o celular normal, diz alguma coisa e estende o braço para Cezinha.

— Fala aí, mano. Fala aí. É pra você.

— Cezinha falando, câmbio. Diz aí. É nós, é nós. Demorou, demorou. Fala e ouve, sobretudo ouve, dobrando levemente a cabeça para apurar a audição, afastando-se de Urubu, que se apóia em um suporte de ferro, bom para descansar e péssimo para o sinal do rádio.

— Era ele mesmo, cara? Diz aí, Cezinha. E aí? Alguém morreu? Os porcos mataram algum irmão?

— Não, mas quase. Se bem que tem dois desaparecidos. Foram pra enfermaria e ninguém sabe deles. O Moisés quase foi parar na gaveta. Se safou por pouco.

— O que mais?

— Convoca o pessoal. Vamos fazer o encontro agora mesmo. Tem tarefa urgente esperando por nós.

POSTO DE GASOLINA, NA ESTRADA AYRTON SENNA, DIA 30 DE SETEMBRO ÀS

11H26

Luizão toma um refrigerante numa pequena sala, nos fundos da loja de conveniência. Interrompe a conversa com seu velho parceiro Lúcio Pé-deValsa Moraes, para atender o rádio:

— Diz aí.

— É Adriano. — Sim.

— A Anti-Seqüestro tá pianinho. Não sabem e não querem saber do caso Michele. Têm mais o que fazer. Puseram as mãos pro céu quando o Vitor

mandou eles ficarem longe do caso.

— E o Disque-Denúncia?

— Não ligamos. — Por quê?

— Se a Delegacia Anti-Seqüestro tá longe do caso, pra que a gente ia precisar...

191

— Porra, Adriano. Vocês são uns merdas mesmo, hein? Não entenderam porra nenhuma, hein? Por isso que não adianta ficar explicando nada a vocês. A PM é que tá certa. Ordem dada, ordem cumprida, e foda-se o resto. Eu não falei que era preventivo? Não disse que a gente tem de estar preparado pra tudo, cacete? Que a gente pode ter de imobilizar o Mauro Pedreira? Ou coisa pior, não disse? Não usei essas palavras?

— Certo.

— Certo, não, porra. Errado. Agora faz logo o que eu mandei, caralho. Com uma hora de intervalo entre as ligações, ouviu? Quero vocês na cola do pessoal da Delegacia Anti-Seqüestro. Não dá pra confiar no que esses putos disseram pra vocês. Podem estar despistando. Continuem por aí, fuçando. Copiou?

PRÉDIO DA SECRETARIA DE SEGURANÇA, NO GABINETE DO SECRETÁRIO, DIA 30

DE SETEMBRO, ÀS 11H27

O secretário está de pé, próximo à cabeceira da mesa, e acaba de esmurrá-la, espalhando água, café e açúcar. Marquinho se esgueira entre os braços do secretário para passar um maço de guardanapos na sujeira e conter sua expansão.

— Deixa essa merda, Marquinho. Puta que o pariu. Puta que o pariu. Eu quero saber. Não me interessa de que forma vocês vão descobrir, nem o que vão fazer. Eu quero saber hoje. Ou eu fico sabendo ou me demito. Mas, antes, faço questão de ter o prazer de exonerar vocês dois. Estão entendendo? Preciso ser mais claro? Hoje, ainda hoje, na merda dessa mesa, eu quero a explicação: quem está levando informações classificadas ao governador? A Inteligência está subordinada a quem, Amílcar? Posso saber?

É a mim ou não é, porra? Quem é seu chefe, Vaz? Sou eu ou não sou eu, caralho? Agora, tem uma coisa: eu sei que o Fraga não tem nada a ver com isso. Tenho as minhas razões pra deduzir isso. Ele não sabia que o governador sabia do seqüestro. Nem queria que ele soubesse. Se bem que não custa checar também. Do jeito que tem filho da puta nessa merda de

Segurança Pública, tudo é possível. A gente tem de ser paranóico, doente mental, pra imaginar a galeria fantástica de pervertidos... Mesmo assim, mesmo pondo pra funcionar a mais patológica das fantasias, a gente não vai conceber o grau de degradação, sacanagem e traição dessa corja. Quem dera nossos inimigos fossem os bandidos. Quem dera. Isso aqui seria um paraíso. Portanto, pode ser o Fraga, sim. Investiguem o Fraga também. Tudo é

possível. Se essa porra de polícia existe, tudo é possível. De qualquer maneira, pra mim, o maior suspeito, além de vocês dois, é o Vitor, que tava muito quieto hoje. O secretário vai até a janela, encosta a testa no vidro, observa a avenida Presidente Vargas.

— Diminui essa merda desse ar-refrigerado, Marquinho. Manda abaixar essa porra. Será que nesse antro só tem pervertido? Será que ninguém sente frio nessa merda?

— Nem tanto. Sabe como é, Saramago, um dia os negócios melhoram, no outro pioram. Esse nosso país não é sério. Falta estabilidade, equilíbrio, previsibilidade.

— Isso é verdade. É difícil investir numa situação de incerteza.

— Pois é. Eu estava lendo um economista outro dia. O artigo falava justamente disso. Sem segurança jurídica as expectativas não se estabilizam e os investimentos caem.

— Claro, natural.

— É um fato, não é?

— Sem dúvida. Mas a política não ajuda, doutor França. Não ajuda.

— Um bando de salafrários, oportunistas.

— Não se pode confiar em mais ninguém. Especialmente em meu ramo, que, aliás, não anda muito bem. Sinto que há um certo esgotamento do velho jogo do bicho, meu caro doutor França. Por mais que eu tenha me prevenido e diversificado os investimentos para os bingos, as maquininhas caça-níqueis, o setor de transporte e coleta de lixo... O fato é que não vivemos mais aquele momento de exuberância. Mas, tudo bem. Não sou de me lamentar. Nem sou ingrato com o destino. Afinal, construí a minha vida; meus filhos estão bem encaminhados...

— É o que eu digo: a gente tem de dar graças a Deus, meu amigo. Apesar dos pesares... Você disse que tinha convidado o Brito pro nosso papo?

— Convidei. Ele deve estar chegando. Ele mora aqui perto. Não demora.

— Ótimo. Eu até lhe devo desculpas, porque, afinal, não se faz isso, não é? Marcar assim um encontro, em cima da hora.

— Que é isso, França? Entre nós esses constrangimentos não podem existir. A mão que lava a outra não tem hora.

— Obrigado, Saramago. Você é sempre muito gentil. E recebe com essa fartura prodigiosa, essa generosidade...

— Essas empadinhas são mesmo uma delícia, hein?

— Uma maravilha.

— Pra mim, são uma tortura, porque não posso comer...

— Não pode?

— Não, uns probleminhas de saúde. Natural na minha idade. Tenho mais de 70, França. Há muito tempo passei dos 70.

— Você tá muito bem. Ninguém diz sua idade.

A governanta volta, à varanda para introduzir o terceiro personagem.

— Taí o Brito — diz Saramago, dirigindo-se a Luizão França. Depois das saudações protocolares, Saramago pede a Luizão que explique os motivos daquela visita inesperada. Nesse momento, o rádio do delegado vibra em seu bolso e ele pede licença para atender. Levanta-se e caminha para a ponta extrema da varanda:

— Diz aí, Otacílio. Diz rápido, porque agora não posso falar.

— Missão abortada, delegado.

— Como assim?

— O Anderson sumiu. Passei a manhã toda com o Lincoln atrás do cara, mas ele sumiu. Desapareceu. Ninguém sabe dele.

— Na delegacia...

— Ninguém sabe.

— Desde quando?

— Desde ontem a noite, já tem umas 12 horas que ninguém sabe do paradeiro dele.

— E a família?

— Ele é do interior. Veio pro Rio quando aquele deputado foi eleito.

— Mas vocês tentaram contato com a família?

— Claro. Nenhum sinal.

— E o gabinete do deputado?

— Tentamos também.

— Nada?

— Nada.

— Bom, então é melhor mesmo não perder mais tempo. Alguém pensou o que nós pensamos antes de nós.

— O Santiago?

— Não é óbvio? Liga pro Sander ou pro Sales. Eles estão almoçando aqui perto. Combina com eles. Quero você e o Lincoln conosco. Precisamos reforçar nosso time. Nossa missão também tá um abacaxi.

— Tá bem, doutor. Câmbio.

Luizão volta para sua cadeira e retoma a conversa:

— Desculpem. Vida de policial...

— É como a de médico... — diz Brito.

— O senhor é médico? — pergunta Luizão.

— Brito foi um dos melhores em sua especialidade — responde Saramago.

— Fui. Hoje, estou aposentado. Na verdade, deixei a profissão nos anos 70.

— Outros negócios se tornaram mais atraentes... — diz Saramago, sorrindo e batendo com a mão direita na perna esquerda do amigo.

— Mas eu pedi esse encontro, meus amigos — Luizão retoma a palavra —, porque preciso da ajuda de ambos. Tenho de localizar com urgência uma pessoa que vocês conhecem, uma pessoa com a qual vocês mantêm relações comerciais.

— Vamos lá, vamos ver o que é possível fazer... — diz Saramago. —

Quem é?

— O Santiago.

AVENIDA NOSSA SENHORA DE COPACABANA, DIA 30 DE

SETEMBRO, ÀS 14H20

Carlos Augusto sai da agência do Banco do Brasil. Veste calça cáqui, estilo cargo, e camisa branca de algodão, quase uma bata. As sandálias de couro foram compradas na viagem de férias a Caruaru. Carrega mochila verde-musgo, pendurada no ombro direito. Caminha rumo à esquina e levanta os óculos escuros para olhar o relógio de pulso, mas não enxerga o marcador nem o pulso. Vê o desenho geométrico da calçada e rostos que giram nas paredes dos prédios, e o azul brilhante do céu que desaba em cheio na poça d'água e na lata de sol de amendoim, que se espalha na nesga de rua e desliza até a perna e quebra a vitrine, e rompe o fio negro de aço. Rodopiam mãos, braços, punhos. Baby sente o gosto viscoso e morno de sangue enquanto escurece.

Quando recobra a consciência, estendido na calçada, Carlos Augusto está cercado por populares e ouve as vozes que relatam a agressão. Fica sabendo que eram três, os homens que o atacaram; que pareciam profissionais de segurança privada, pelo porte e a destreza dos golpes. Descobre que não fugiram; caminharam para a esquina, dobraram à

esquerda, em direção à avenida Atlântica, tranqüilamente, como quaisquer pedestres. A mochila rasgada estava atirada a seu lado. Seus pertences espalharam-se. Alguns itens haviam sido esmagados, como o celular, o pente e as fotos.

Baby recusa a ambulância. Aceita um táxi. Pede que liguem para seu médico, mas não se lembra o telefone. Será eternamente grato àquelas pessoas tão gentis e delicadas, e preocupadas com ele, e atentas. Ele se emociona e agradece, e insiste, e volta a agradecer. No táxi, a caminho do hospital, ri quando se dá conta de que não está chorando pela dor, mas porque foi inundado pela gratidão. Nunca se sentira tão imerso num mar de

fraternidade. E pensou como era engraçado ser invadido por ondas calorosas de amor, enquanto cuspia fragmentos de dente.

QUINTAL AMPLO E DESERTO, GRAMA CRESCIDA, DUAS LARANJEIRAS, ALGUMAS

GALINHAS CISCANDO JUNTO AO CASEBRE DE TIJOLO

APARENTE, DIA 30 DE

SETEMBRO, ÀS 14H40

Dentro da sala, um homem de meia-idade espia entre as folhas da persiana, na janela da sala.

— Tranqüilo. São eles.

Rapaz com barba por fazer esconde a pistola debaixo da almofada. Santiago e Miranda batem à porta.

O homem mais velho os recebe com uma reclamação:

— Vocês demoraram a chegar, nós estávamos... Miranda fala com voz quase inaudível:

— Onde é que ela está?

O rapaz aponta para o corredor. Seu parceiro responde:

— No quarto dos fundos.

Miranda, sempre em voz baixa: —Tudo bem? Ela tá bem?

— Tudo bem — diz o primeiro. O segundo complementa:

— Tá meio histérica, mas a gente aplicou uma dose leve de Valíum, só pra ela sossegar.

Santiago fala pela primeira vez:

— Vamos lá, então. Vamos ver essa mulher.

O rapaz dirige-se para o corredor, mexendo no bolso. Santiago, que o acompanha, o interrompe:

— Me arranja um copo d'água?

O rapaz entra à direita, seguido por Santiago. A cozinha é comprida. A geladeira fica depois da pia, à direita. O rapaz tira a chave do bolso, deposita-a na bancada

da pia, abre a porta da geladeira e se abaixa para alcançar a garrafa d'água, que está na prateleira inferior da porta. Tomba com três tiros na cabeça. Os estampidos são secos, silenciosos. Santiago

nem precisa conferir. Trabalho concluído. Deixa o corpo ajoelhado ao pé da geladeira aberta, recolhe a chave e volta à sala.

Miranda pressiona o pescoço do homem com o polegar, para sentir a carótida. Usa luvas, como um profissional. Olha para Santiago, exibindo aquela sua expressão típica, que significa missão cumprida. O corpo, no chão, está inerte.

Caminham juntos rumo ao quarto dos fundos.

Abrem a porta devagar. Michele dorme, agarrada a dois travesseiros, sentada em um colchão fino, encaixado no encontro de duas paredes. O

quarto está vazio e escuro; a janela fechada com tábuas pregadas. Sacodem a mulher.

— Michele, acorda. Tá tudo bem. Você tá livre. Liquidamos os seqüestradores, mas ainda há riscos. Depois você vai entender. Agora, você

precisa confiar em nós. Vamos te dar um café e tirar você daqui.

FAVELA DA MINEIRA, PÁTIO DA PEQUENA ESCOLA DE SAMBA LOCAL, DIA 30 DE

SETEMBRO, ÀS QUATRO DA TARDE

Jonas reúne os soldados do tráfico. Quase todos estão sentados na mureta lateral, protegidos do sol pela extensão de zinco do teto da quadra. Ele ordena atenção total. Avisa que tempo de guerra se aproxima. Na pequena sala da direção da escola, Índio observa a reunião de seus comandados. Ligou para os amigos, em Bangu I, e pediu licença para uma consulta pessoal a Moisés. Está esperando a resposta. Jonas vocifera. Inflama o ânimo dos combatentes. Dá a palavra ao recruta Juvenal, o professor que trocou a faculdade de História pelo Exército, para prestar um serviço à sua comunidade, trazendo cultura e conhecimento prático para o movimento da Mineira. É o que diz Jonas, em sua introdução.

Juvenal ensina a diferença entre um bando e um pelotão, uma companhia, um batalhão, uma unidade de guerra, uma agência de inteligência. Insiste na importância da organização, da hierarquia e da disciplina. Juvenal fala sobre o poder da DAS, a Delegacia Anti-Seqüestro,

no Rio de Janeiro, e sua disputa com a DRE, a Delegacia de Repressão a Entorpecentes:

— A Anti-Seqüestro se fortaleceu muito, mas a Repressão a Entorpecentes voltou a crescer, graças aos negócios de importação de pasta de coca colombiana, via Angra dos Reis, que é a maior concentração de embarcações privadas do país, onde o PIB brasileiro passa férias, e que mantém conexões com o rico interior paulista, via pistas clandestinas.

— Professor, é melhor explicar o que é PIB, onde fica Angra dos Reis e falar um pouquinho mais devagar, porque o pessoal aqui não tá muito acostumado com esse tipo de coisa, não.

Índio não ouve direito o que falam lá embaixo. De qualquer jeito, mesmo que escutasse, não se ligaria. Sua cabeça está longe dali. O coração, aos solavancos. O aparelho ronca. Ele o agarra, num gesto veloz:

— Fala aí, brother.

— Índio?

— Eu.

— Como é que você está passando, meu amigo? Como vai a família?

Rodriguinho? Marcinha? Dona Rita?

— É nós, brother. Tudo beleza.

— Você precisava muito falar comigo. Tinha de ser comigo. É isso mesmo?

— Isso. Seguinte, chefe: o porco do Santiago fez contato.

— Falou com você?

— Não, que ele não é besta. Mandou recado.

— E?

— Quer um encontro comigo. Eu e ele, só nós dois.

— Pra quê?

— Diz que tá com a Michele. Que ela tá bem. Que ele resgatou ela.

— Quanto ele quer?

— Diz que não quer saber de grana.

— Quer em tóxico?

— Não, não quer nada, não.

— Arma?

— Negativo. Diz que não teve nada com o seqüestro. Que sabe que você tá pensando que foi ele, porque a ex-mulher dele entregou ele. Mas isso foi porque ela quer ficar com o filho do casal. É tudo uma porradaria pela guarda da criança. Ele diz que ela quer ver ele morto ou preso, ou perseguido e desmoralizado.

— Ele disse isso?

— Disse. E disse também que arriscou a vida pra salvar a Michele; que, inclusive, teve de matar dois seqüestradores, porque era o jeito dele salvar a vida

dele também.

— Ela está com ele, sã e salva? — É o que ele diz.

— Deus seja louvado!

— Amém, chefe.

— E ele denunciou alguém?

— Ele sabe, né? Tem de saber. Se não, como é que ele ia resgatar a Michele?

— É verdade. Será que ele está disposto a entregar esses porcos covardes? Confirmou, pelo menos, que são os porcos, mesmo?

— Não sei, chefe. Isso não sei. Mas tá com toda pinta de ser polícia. Claro. Como é que o Santiago ia trabalhar tão ligeiro assim, se não fosse algum esquema que ele conhecesse por dentro? Por mais que ele negocie com os caras do Terceiro Comando e do ADA, com eles o Santiago não ia se meter assim e com tanta facilidade.

— É. Faz sentido. Ele conversa com nossos inimigos como conversa com a gente. São negócios.

— Foi o que pensei.

— Devem ter sido os porcos, mesmo.

— Só pode ser.

— E o que é que ele quer agora, pra devolver a Michele? Só um encontro com você?

— É.

— Por quê?

— Não explicou. Eu não sei, chefe, será que é... algum lance?

— Uma arapuca? O que é que eu faço?

— Ele já marcou hora e local?

— Não. Disse que vai ligar pra mim. Pediu o número atual do meu rádio. Vai ligar às quatro e meia.

— Daqui a dez minutos.

— Então você diz que vai, que falou comigo, que eu autorizei, que o importante é a vida da Michele, que tá tudo bem.

— Só isso?

— Só. Quando souber onde e como vai ser o encontro, você prepara o melhor pessoal disponível pra te acompanhar. Pede ao Rivaldo pra fazer uma seleção entre os moleques dele... ele está educando e treinando uma garotada formidável. O plano vai ser o seguinte: o pessoal vai fazer um 360. Do jeito que o BOPE faz, quando invade favela. Só que, nesse caso, o círculo de proteção tem de ser grande pra caralho para que, do centro, ninguém seja visto, além de você, claro, porque você vai estar no centro, que é o ponto de seu encontro com o porco. E é óbvio que o círculo vai perder aquela forma bonitinha, certinha, porque vai ter de se colar nas coisas todas daquela área, as ruas, os prédios, tudo isso. E é também óbvio que o objetivo não será

defender a sua vida, mas capturar o Santiago quando ele liberar a Michele, ou resgatar a Michele, se ele tiver outras intenções e trair você. De qualquer maneira, aconteça o que acontecer, eu quero o Santiago vivo. Copiou?

— Copiado. Só tem uma coisa.

— O quê?

— Não vai dar tempo de falar com o Rivaldo, pedir o apoio, esperar o pessoal chegar... Pode ser que o Santiago queira um encontro daqui a uma hora. E aí?

— Então esquece o Rivaldo. Prepara a prata da casa, mesmo.

— Desculpe, chefe, não entendi. A prata o quê?

— Nada, esquece. Eu quis dizer pra você agir com seu pessoal, mesmo.

— Ah! Certo, chefe. Mas pode ficar tranqüilo. Tenho gente muito boa aqui comigo. Agora, tenho até um professor do Exército, que tá instruindo meus meninos.

— Cuidado com infiltração, Índio.

— Nós é que tamos infiltrando, chefe.

— Nunca se sabe, Índio. Veja lá isso com cuidado.

— Pode deixar, chefe. Vou tratar disso com carinho. E vou começar a organizar o pessoal imediatamente. O plano vai dar certo. Ainda hoje vamos estar com a Michele aqui, comemorando, chefe.

— Me mantenha informado. O outro plano já está em andamento?

— Tudo nos conformes, chefe.

— Ficou mesmo com o Cezinha?

— Cezinha, Urubu e a turma lá deles.

— Muito bem.

Índio ainda espera que Moisés se despeça, mas o líder do CV, preso em Bangu I, interrompe a ligação sem dizer mais nada. O chefe da Mineira abre a janela e convoca Jonas aos gritos. Alunos e professor olham pra cima, protegendo os olhos do sol, com a mão Juvenal não consegue disfarçar o sorriso quando percebe que aquela cena parece demonstrar a eficiência de seus ensinamentos. Quem registrasse aquela imagem numa foto deduziria que os comandados estavam batendo continência para o comandante. O

jovem recruta e historiador retoma a preleção, enquanto Jonas se abala na direção das escadas. Na salinha, Índio desenha alguma coisa:

— Quero os mapas que o piloto da Polícia Civil preparou pra nós. Quero tudo

aqui, correndo. Operação de guerra. É emergência, Jonas. Escolhe nossos 18 melhores soldados. Armas para curta, média e longa distância. Vamos precisar de seis motoristas e seis carros.

— Posso substituir alguns carros por vans, pra reduzir o número?

— Não. Vamos precisar de seis carros, seis unidades móveis, porque cada ponto precisa de agilidade máxima e total independência.

— Certo.

— E mais quatro rapazes experientes, para o trabalho de apoio Eles vão subir, dois a dois, em prédios de onde possam orientar a ação. Pra eles, quero binóculos e rádios especiais. Preciso daquele microfone oculto e do selo para acompanhamento pelo sistema GPS. Traz visor noturno também. Não sei ainda a hora da operação. Pega lá no arquivo as fotos que mandei juntar da Michele. Todo mundo conhece o Santiago?

— Isso eu não sei responder.

— Quero fotos do Santiago também.

— Do Santiago não temos.

— Manda a Vikie procurar na internet.

— Só isso?

— Quer mais?

— Não. Tá de bom tamanho. — Então, corre, porra, mete o pé.

QUARTO DE HOSPITAL, DIA 30 DE SETEMBRO, ÀS 19h25

Carlos Augusto abre os olhos devagar e, devagar, divisa o perfil de Renata. A silhueta embaçada da amiga o remete aos dias anteriores à

memória das últimas horas. Aos poucos, compreende que não seria Renata, não poderia ser. Aperta os olhos, volta a abri-los. É mesmo Renata. Ela saúda seu

retorno à consciência:

— Baby, tá tudo bem. O pior já passou — aperta-lhe a mão.

— O que... — uma dor lancinante interrompe a pergunta.

— Não fala agora, Baby. Melhor não falar. Foi ruim e vai doer um pouco, mas o pior já passou. Você perdeu dois dentes, quebrou o nariz, o antebraço esquerdo e duas costelas. Tem escoriações nas costas e nas pernas. Mas vai ficar tudo bem, Baby.

— Meus dentes... vou ficar sem os dentes? Da frente?

— Não fala agora, Baby. Vai ficar tudo bem. As próteses, hoje em dia, são mais perfeitas que os originais.

— Mas são — embola as palavras, porque a língua está inchada e a boca, anestesiada — artificiais... Vou ficar igual ao meu pai, que usa dentadura desde os 35 anos...

— Não tem nada de dentadura. Isso foi em Pernambuco, na década de 60. Esquece isso, Baby. Relaxa. Dorme. Vai ficar tudo bem.

— E você? E Pedrinho? Como é que você... — a dor vence a curiosidade.

— Tá tudo bem. A Suely me ligou. Como você não chegava e ela tinha de sair, ela me ligou. Lembra que eu tinha dado pra ela meu celular, uma vez que ela ficou com Pedrinho? Por sorte, eu ouvi o recado pouco depois.

— Mas não ligaram pra ela? Eu dei o número de casa. Me lembro que dei pra alguém, quando tava entrando no hospital...

— Vai ver tentaram e não conseguiram. Lembra que você

desconectou o telefone fixo, pra evitar que o Pedrinho falasse com o pai?

— O pai do Pedro...

— Natinha... — Baby começa a chorar.

— Não fica assim, Baby. Eu sei, eu sei. Mas agora você tá seguro. Já

chamei o Itamar e o Júlio. Eles estão aí fora. Achei que você não ia querer meter o Érico nessa história. Acho que é muito cedo pra ele mergulhar assim de cabeça no caldeirão...

— O caldeirão do Baby... — sorriu sem os dentes da frente e Renata disfarçou o susto. Continuou: — Natinha, não foi assalto?

— Olha, Baby. Sua carteira tá com dinheiro, talão de cheques, cartões de crédito, tudo. Assalto não foi.

— Você chamou a polícia?

—Disseram, na recepção do hospital, que você proibiu

terminantemente que se envolvesse a polícia.

— Eu disse?

— Mas é melhor mesmo. Imagina envolver a polícia nisso? Só faltava essa. Era capaz do pai do Pedro aparecer aqui com sua quadrilha... pra te proteger...

— Deus do céu! Bebê de Rosemary! Ah! pelo amor de Deus, não me assusta, Renata.

— Isso não vai acontecer. Ninguém chamou a polícia. Fica tranqüilo. Relaxa.

— Foi o pai do Pedro, não foi? Foi ele, não foi? O que ele quer, esse homem? Meu Deus do céu.

— Ele não quer nada com você, Baby. Você apanhou, mas o alvo era eu. Foi um recado, uma ameaça. Não é nada com você.

— E como é que você me localizou?

— Acharam um papel em seu bolso com o número de minha mãe.

— É, eu lembro disso. O seu número e o celular da Suely eu sei de cor, mas não

sabia o de sua mãe, e com essa história do Pedrinho, achei que podia precisar.

— Mamãe me deixou um recado com o endereço do hospital. Toda preocupada, coitada. Ela te adora. Aposto que se não fosse a osteoporose e o trauma por causa daquele tombo, ela já estaria aqui, grudada na sua cabeceira. Olha, Baby, eu tenho de ir. Não se preocupe comigo e com Pedro. Nós vamos ficar bem. Vamos pra um lugar bem seguro. Prometo dar notícia. Pra sua segurança, o melhor é você ficar longe de mim. Vou chamar os rapazes. Eles vão se revezar. Enquanto você estiver internado, um deles vai ficar com você. Você não vai ficar sozinho.

Renata se abaixa e beija a testa de Baby.

SALA DE RECEPÇÃO DO HOSPITAL, DIA 30 DE SETEMBRO, ÀS OITO DA NOITE

Renata checa a agenda e disca o número no telefone público:

— Alice? É Renata. Tudo bem, tudo bem, tudo ótimo. E você? Tá

podendo falar? É, já tem tempo. Essa corrida tremenda da vida da gente... Mas você tá bem? Legal. Que legal. E a PUC, quando termina? Já? É

mesmo? Esse ano? Que barato. Vai ter festa de formatura? Claro, conta comigo. Vou ficar esperando o convite. É, o endereço de sempre. O mesmo endereço e a mesma vidinha de sempre. Nada, que namorado nada. Você

acha que homem interessante e desimpedido vai querer se envolver com uma assistente social do complexo penitenciário de segurança máxima do estado do Rio de Janeiro? Um ou outro rolo, de vez em quando, que é pra espanar teia de aranha, minha amiga. Só isso. Que nada. Bondade sua. Quem dera fosse verdade. A vida não é assim, Licinha. Mas não é. Quem dera fosse. Não, amarga não. Pode ter certeza de que do alto-astral não abro mão. Mas eu garanto que vou estar na primeira fila, na sua formatura. Pedrinho tá

bem, tá ótimo, crescendo a toda velocidade. Você nem vai reconhecer. Já tem o quê, seis meses que você não vai lá em casa? Mais? Isso tudo? Caramba. Então, você não vai reconhecer ele mesmo. Mamãe tá mais ou menos. Levou um

tombo, quebrou o fêmur, um sufoco. Pois é. Foi mesmo. Coitada. Essa idade não é fácil. As mulheres vivem mais que os homens, mas, literalmente, aos trancos e barrancos, tombos e fraturas. Claro, né? Sobra pra gente. Mas a mamãe bem que merece ser bem tratada. Dei um bocado de trabalho. É, comigo também, apesar de sozinha, tá tudo bem, tudo em paz, quer dizer, na verdade, Licinha, mais ou menos. Não, não é nada de mais, mas acho que vou precisar da sua ajuda. Seria ótimo se a gente pudesse conversar pessoalmente. Você ainda tá namorando aquele rapaz simpático, bonitão? É, o policial? Que bom, que legal. Fico super feliz por você. Quem sabe depois da formatura vai pintar outra cerimônia? Ué, minha filha, quem sabe? Eu aposto que sim. Tomara. Bom, o importante é que esteja sendo legal, não é?

Então, podemos conversar um pouquinho? Quando você puder, quer dizer, se pudesse ser hoje seria o máximo? É, jura? Bem, pra mim, o ideal seria, pra te ser franca, completamente franca, o ideal seria agora, se for possível pra você. É mesmo? Daria pra chamar seu namorado? Não, depois eu te explico. Se desse, seria fantástico. Puxa, seria maravilhoso. Então tô indo praí voando, antes que ele saia. Beijo.

BAR DO ARNAUDO, RUA ALMIRANTE ALEXANDRINO, SANTA TERESA, DIA 30 DE

SETEMBRO, ÀS 20H05

206

Luizão mastiga sua carne-de-sol com feijão-de-corda, na manteiga de garrafa. Criciúma, Sander e Sales se aplicam com vigor na macaxeira. Bebericam suco de mangaba com acerola. O rádio de Luizão vibra com os talheres, enquanto ele repete a ladainha, "uma pena que esse bar não tenha ar-refrigerado".

— Diz aí, Félix.

— Não é o Félix, não.

— Quem é?

— O Félix não tá podendo falar agora, não. Ele tem outro compromisso. Ele e o X-9 que vocês meteram aqui tão muito ocupados agora. E pelo visto não vão poder conversar tão cedo com vocês. Só na outra encarnação. Se vocês gostarem

de churrasco, tão convidados. Vai ter churrasco essa noite.

A ligação é interrompida. A carótida de Luizão salta, injetando sangue nas orelhas, no nariz, na testa, nas bochechas, menos no cérebro do delegado, que parece bestializado com o que ouviu.

SALA DE ESTAR DO APARTAMENTO DE ALICE DE ANDRADE MELO, DIA 30 DE

SETEMBRO, ÀS 20H10

Na verdade, sala de estar do apartamento dos pais de Alice. Mais especificamente, da mãe de Alice, como a orgulhosa proprietária gosta de assinalar, para que não pairem dúvidas sobre a fatia que lhe coube, na disputa travada, em juízo, com o pai de Alice. No momento, entretanto, a casa é mesmo de Alice. Sua mãe avalia, in loco, a extensão de seus domínios na Península Ibérica.

— Você não vai se arrepender, meu amorzinho. É só mais um pouquinho. Deixa de ser cdf. Você tem o dia livre amanhã. Dá perfeitamente pra estudar pra prova amanhã. Você pode ficar mais um pouquinho, sem problema, tá? Aliás, pensando bem, pra ser bem franca, você poderia, se quisesse, se desse valor a certas coisas, você poderia perfeitamente passar a noite aqui.

— Licinha, eu já te expliquei. Não é falta de vontade.

— Não é bem de vontade que se trata, neném.

— Tá bem, não é falta de tesão, se você quer saber. É que eu sou um cara sério, um cara responsável e todas essas caretices.

— Legal, legal, tudo bem. Só não precisava exagerar.

— Deve ser difícil pra você entender, porque... quer dizer, Licinha, a vida é difícil pra todo mundo, por uma razão ou outra. Só que, pra mim, ela é difícil em todos os sentidos e, se eu não agarrar o tempo com as duas mãos, com toda força, e não morder pra tirar pedaço, eu danço. Só isso.

— Tudo bem, não vamos falar disso de novo.

— Eu também não quero. Foi você que provocou.

— Isso é provocação? Pra você, isso é provocação?

— Não, não foi nesse sentido que eu disse. Eu quis dizer que você é

que trouxe o assunto à baila.

— Ah! agora ficou melhor. Por falar em baile, que tal a festa da Juju, na sexta? Tá de pé? Não vai me deixar na mão novamente. Olha lá, neném. Você prometeu.

— Vou fazer o possível.

— O possível, não. O possível é pouco. Quero que você jure, agora. Põe a mão aqui na minha perna e jura.

— Sua perna agora é bíblia, é?

— E não é?

— Pô, não faz assim comigo. Isso é maldade. É sacanagem. Literalmente. Como é que eu vou me concentrar depois? Você sabe que tenho de ir embora. Tenho de estudar de verdade, senão vou me dar mal. Eu não posso me dar mal. Se eu me der mal, perco a bolsa. Será que você ainda não percebeu o que significa pra mim estudar na PUC? Puxa, era um sonho. Pra mim, é um sonho.

— Pra mim, é pesadelo. Principalmente, nessa época das provas. Se você, que é o maior cdf, uma das melhores médias tio curso de Direito... diz isso, imagina eu. O que é que vai ser de mim, neném? Então, faz uma coisa: fica pra estudar comigo.

— Você sabe que isso não dá certo. Não dá.

— Não dá?

— Dá, sim. Você entendeu, sua sacaninha. Dá outra coisa.

— Coisa que pelo visto não te interessa.

— Mas que coisa, Alice. Parece criança.

— Tá bem. Então conversa com a Renata e vai embora. Mas não vai ficar fazendo charme pra ela. Eu tô de olho, hein?

— Ela é bonita?

— Ué, você não se lembra dela? Nós estivemos várias vezes juntos.

— Eu acho que sim, vagamente, mas não tenho muita certeza.

— É bonita, sim. Do jeito dela. Não sei se é bonita, mas é atraente. É

uma pessoa superlegal. Por isso é que tô te pedindo pra conversar com ela.

— Tá bem. Tô aqui, esperando.

— Ela tá a caminho.

— Aumenta ali a televisão. Tá começando o Jornal Nacional. O volume da TV mergulha a sala na musiquinha que atravessa todas as salas do Leblon. A primeira notícia é alarmante: "Assassinado o diretor de Bangu I. Anacleto Chaves de Melo, de 54 anos, foi fuzilado no início desta noite, na porta de sua casa, no bairro da Penha. Ele havia dispensado os seguranças que o acompanhavam desde março, quando sofreu um atentado."

O locutor chama o repórter: "Saul Noodles está no local do crime. Já

há alguma pista, Saul? A polícia já tem algum suspeito?"

"Boa noite, William. Por enquanto, não há pistas dos assassinos. A Secretaria de Segurança informa que ainda não é possível estabelecer relações entre o crime e os atos de vandalismo que tumultuaram a cidade ontem. Mas afirma que as investigações estão sendo conduzidas por uma equipe especialmente selecionada pela Polícia Civil e que os culpados serão punidos com todo o rigor."

Corte para o secretário de Segurança, em close: "Pode haver e pode não haver relação entre esse homicídio brutal e as escaramuças de traficantes, esses

selvagens que ontem fizeram da cidade a sucursal do

inferno. Nenhuma hipótese pode ser descartada. Mas seria precipitado e leviano antecipar alguma conclusão. O que eu quero dizer à população do estado do Rio de Janeiro é que a investigação irá até o fim, doa a quem doer. A sociedade fluminense pode continuar confiando em suas polícias." Saul Noodles: "É com você, Fátima."

A locutora completa: "Antes do final desta edição, novas informações sobre o assassinato do diretor de Bangu I, no Rio de Janeiro, Anacleto Chaves de Melo.".

O namorado de Alice se aproxima da TV.

— Ele é seu parente?

— Era, né?

— Não.

— Que susto.

— Ué? Você só se importa se é meu parente. É assim que se comporta um herói da segurança pública?

O interfone anuncia a chegada de Renata.

RESTAURANTE ALCAPARRA, PRAIA DO FLAMENGO, DIA 30 DE SETEMBRO, AS 20H38

O secretário de Segurança janta com Marquinho.

— Não vou repetir que tô exausto pra não parecer que, além de cansado, tô ficando esclerosado.

— Eu também tô muito cansado, secretário.

— Meu filho, garçom, venha cá.

— Pois não, secretário.

— Escuta aqui, meu filho, dá pra diminuir um pouquinho esse arrefrigerado? Tá bem em cima de mim. Esse restaurante tá uma geladeira. Diz ao gerente que nós não somos esquimós. Chama ele aqui.

— Vou dar um jeitinho, secretário. Pode deixar. O senhor manda.

— Obrigado, meu filho. Obrigado.

O garçom se afasta.

210

— Marquinho, detesto essas coisas. Você ouviu o que ele disse?

— É o quê, Marquinho. Ouviu ou não ouviu?

— Ouvi.

— Então fala direito, homem. Que coisa. Viu como ele me trata?

— Ele foi educado, secretário. Achei ele educado.

— Que educado, Marquinho. Será que você não distingue uma pessoa educada de um puxa-saco?

O celular-rádio que o secretário usa, exclusivamente para falar com o governador, treme em seu bolso.

— Ai, meu Deus do céu. Será que nem jantar em paz eu posso? A criatura não me dá uma trégua...

Aperta uma tecla no aparelho e atende:

— Governador... Diga, mestre. Ah! É você, Paulinho? Tô jantando, mas não faz mal. Pode falar. Não, fala, pode falar.

Vira-se para Marquinho, tampa o bocal do aparelho e sussurra:

— É o secretário de Comunicação, aquele idiota. Continua a conversar com

Paulinho:

— Sei. Ah! é? O Jornal Nacional? Ah! Sei. Pois é, eu já tinha feito o relato ao governador. É, eu sei. Muito chato. Horrível. Pois é, isso é que é o pior. Exato. Essa coincidência... Claro, pode não ser coincidência. Não deve ser, aliás. Eu quis dizer: essa seqüência de fatos desagradáveis. Horrível, Paulinho, horrível mesmo. Nossa mãe, pra imagem, então, é péssimo. Ih!

Que chato. Essa imprensa estrangeira também só noticia desgraça. Igual à

nossa. São todos iguais. Uns abutres. O governador vai ao sepultamento?

Bom, não sei; é verdade, se ele for, chama atenção pro fato, que é negativo. Nisso você tem razão. Mas se não for, será que não passa uma certa, digamos, indiferença? É verdade. Sei, sei. Compreendo. Tá bom, eu vou e represento o governador. Melhor assim. Tá certo. Ah! quanto à entrevista... não sei... Compreendo. Sei. O que eu quis dizer é que... Não, não foi bem isso. Eu não disse inferno, eu disse que o Rio até parecia uma sucursal do inferno, o que é diferente, Paulinho, muito diferente. Mas foi mesmo, não foi?

Claro, a nós compete tranqüilizar, passar confiança. Claro, é a tese que eu sempre defendi. Eu inclusive conclamei a sociedade a manter a confiança nas polícias, você viu essa parte? O que é que você achou dessa parte? Mas eu... nisso aí eu discordo de você, porque não acho que existe exagero quando a gente apenas reconhece a realidade. É a realidade, Paulinho. Se a gente não diz alguma coisa que se assemelhe à verdade, como é que vai querer que confiem na gente? Se passarmos essa mensagem... vão perder a confiança... Certo, sei, tá bem, admito que inferno foi um pouco forte. Entendo. Não, isso não. Agora você já tá indo longe demais, Paulinho. Não vamos nos iludir. Não, peraí, não foi a prefeitura que provocou o caos. Não. Fechar as escolas atrapalhou, claro, ajudou a difundir o medo, eu sei, é

verdade, mas não foi isso que causou todo o tumulto. Claro, claro que o prefeito fez jogo sujo. Ele se aproveitou pra desgastar a gente. É uma puta sacanagem, mas daí a dizer que... tá, ok. Tudo bem. Não, eu também. Claro, estamos de acordo. Claro. Ah! ele viu? Ele também achou? Diga ao governador que eu tive a mesma impressão que ele, quando vi o resultado na TV. Também não gostei. Ele tem razão. Vou, sim, sem dúvida, vou procurar ser um pouco mais

cuidadoso. Diga a ele pra ficar tranqüilo. Ótimo. Ótimo. Pra você também.

O secretário desliga o aparelho. Volta-se para Marquinho.

— Tô por aqui com esse cara. Quem ele pensa que é pra me criticar, me corrigir, me dar lições? Ele que vá se foder. Aposto que o canalha tá

ligando, nesse momento, pro Ancelmo Gois, pra plantar uma notinha bem amigável, cheia de amor e lealdade: "Secretário de Segurança nega que tenha colocado seu cargo à disposição do governador. Garante que o boato não tem fundamento, até porque, como diria o presidente Geisel, o cargo sempre esteve à disposição do governador." O que é que você vai comer, Marquinho?

Vamos pedir logo, antes que eu perca a fome. A gente tem uma hora pra comer. A reunião tá marcada pras dez. Quero só ver o prato que a Inteligência vai me servir. Quero só ver o que é que aqueles dois (Mitos vão me dizer.

O rádio do secretário para contatos com as chefias das polícias entoa, dentro da pasta de Marquinho, um som de festa rave.

— Que diabo é isso? indaga o secretário.

— Seu celular. Na minha pasta. Deixa eu achar ele aqui.

— Foi você que escolheu essa campainha?

— Foi.

— Que coisa horrível, Marquinho. Vê se muda isso. Imagina eu ao lado de uma autoridade, um jornalista... Imagina eu atendendo essa coisa ao lado do governador...

Enquanto ouvia o sermão, Marquinho atendia o telefone. Tapando a boca do celular, cochicha:

— É o doutor Vitor Graça. Eu avisei que o senhor está jantando, mas ele disse que é urgente.

O secretário faz uma careta e atende:

— Doutor Vitor.

— Secretário. Más notícias.

— E quando foi que você me ligou pra dar uma boa notícia, Vitor?

— Mas essa é ruim mesmo. O inspetor Félix Coutinho, homem de confiança do delegado Luizão França, foi brutalmente assassinado na Mineira.

— Os traficantes?

— Os vagabundos ligados ao Índio.

— Tem relação com o seqüestro?

— Não, nenhuma.

— Ele tava fazendo o quê, lá?

— Foi encontrar um colaborador nosso, infiltrado.

— Sozinho?

— Pra esse tipo de encontro, é mais seguro ir sozinho. Chama menos atenção.

— Mas como é que o colaborador vai colaborar na área em que atua infiltrado?

— Quando o cara não tem como sair, é o jeito, secretário. Por isso é

que nosso ofício é tão perigoso, apesar de tão desvalorizado pelas autoridades.

— Não é hora para lamúrias, Vitor. O X-9 caiu também?

— Também. E os corpos ainda estão lá. Tudo indica que foram para o microondas.

— Que horror, Vitor. Que horror. Temos de resgatar os cadáveres.

— Era exatamente o que ia sugerir ao senhor. Pensei em mandar o Core, da Polícia Civil, pra lá, pra não envolver a PM, que está tão concentrada lá na Rocinha, naquela missão que o senhor considera prioritária, mas... pensei melhor e concluí que talvez o senhor recomendasse um tratamento de choque mais completo, de maior impacto, o que só o BOPE poderia fazer.

— Prioridades mudam, Vitor, de acordo com as circunstâncias. Ontem, era a Rocinha; hoje, é a Mineira. Vou deslocar o BOPE, imediatamente.

— Mas isso pode demorar, secretário. Pode exigir uma ocupação prolongada. Os traficantes vão reagir, vão convocar reforços de outras áreas, isso pode atravessar o mês...

— Que seja, Vitor. O Core não é pra isso. Vou ligar pro Fraga agora mesmo. A partir desse momento, o BOPE tem outra prioridade. Dê um apoio lá na Rocinha aos convencionais. A Polícia Civil vai ser útil lá na Rocinha. Qualquer novidade me liga.

O secretário desliga o rádio e desabafa:

— Sou macaco velho, Marquinho. Esse pessoal me trata como se eu fosse marinheiro de primeira viagem. Pelo visto, me tomam por um perfeito idiota. O Vitor veio pra cima de mim fazendo um jogo esperto. Malandro... Pra malandro, malandro e meio, Marquinho. Veio propor que o BOPE

assumisse determinada responsabilidade na Mineira. Tão generoso, tão bonzinho..., repassando atribuições à PM, entregando de mão beijada responsabilidades importantes à PM, valorizando o BOPE, logo o BOPE, o arqui-rival. No fundo, ele gostaria que eu julgasse a atitude dele muito

louvável e generosa, mas recusasse a proposta e determinasse que o Core tomasse a Mineira. Era isso que ele queria, o safado. Assim, mataria dois coelhos. Ia ter o que queria, ao mesmo tempo que passaria uma imagem de grandeza... Vitor, o estadista... Esse cretino... Mas não sou nenhuma besta, não, tá ouvindo, Marquinho? Quebrou a cara. Liga aí pro Fraga. Põe ele na linha. Quero o BOPE na Mineira, já.

TÁXI AÉREO SOBREVOA PISTA CLANDESTINA NAS

PROXIMIDADES DE ANGRA DOS

REIS. LUZES ESPARSAS PONTUAM O RELEVO IRREGULAR DAS MIL ILHAS, DIA 30 DE

SETEMBRO, ÀS 22H05

Santiago não vê o rosário de estrelas marinhas. Dorme profundamente, a cabeça tombada sobre o encosto do assento vizinho, que está vazio. No bolso interno do paletó estão o escapulário e a fita com as conversas comprometedoras da senhora Nuno Cedro. O abismo inconsciente traga seu espírito para despenhadeiros profundos e escarpados. Mais tarde vai relatar seu pesadelo ao amigo que o aguarda:

— Lá de baixo, ao pé da altíssima estrutura metálica, o grupo apupa, chama seu nome aos berros, assovia, atira latas vazias. Os gozadores da turma abanam lenços e gritam: "Olha pra baixo, Santiago. Eeeeeaaaaaa. Agora, vai; agora vem... Eeeaaa." Ao seu lado, na quina da estrutura elevada, 20 metros acima do solo, o instrutor lê a sentença: "O aluno zero-meia terá

de caminhar sobre a estreita trilha de aço suspensa, de 15 centímetros de largura." Apenas 20 metros separam sucesso e fracasso. Se for reprovado nesta sua terceira tentativa de ingressar no BOPE, terá de cavar a própria sepultura, deitar-se nela e submeter-se ao escárnio coletivo. A suprema humilhação será consagrada pelo retorno irreversível do candidato à polícia convencional.

O pavor tanto quanto a vergonha destravam suas mãos, que largam o poste em que se agarravam e o lançam no estribo fino, sobre o vazio. Olha para o céu, o vazio superior; olha para a frente, a estria de aço vai se estreitando até reduzir-se a um fio imperceptível e intransitável,

prenunciando a impossibilidade de percorrê-lo. Olha para baixo, os colegas aos brados, apupando, o vazio. Sente as pernas fugirem-lhe. Despenca. Aterrissa docemente sobre a cadeira do dragão, à qual seu corpo é

atado pelos colegas, supervisionados pelo mesmo instrutor, que o informa:

"Charlie-Charlie, aluno zero-meia. Campo de Concentração. Você passou no

teste de altura. Venceu a vertigem. Só lhe falta, agora, derrotar a dor." Estranha o que lhe é dito, porque sabe que já está morto. Os colegas de negro tomam cerveja, cantam em coro as cantigas do BOPE e erguem os punhos. O instrutor abaixa a alavanca e a descarga elétrica torra seu cérebro. Suas narinas exalam um perfume dulcíssimo de cadáver embrulhado em rosas.

Acorda num sobressalto, quando o co-piloto toca seu braço. É preciso preparar-se para a aterrissagem. Aperta o cinto de segurança e inspira o ar que lhe falta.

SAIDA DO APARTAMENTO DE ALICE, DIA 30 DE SETEMBRO, ÀS 22H09

Renata resiste ao convite para passar a noite com a amiga:

— Não quero expor vocês. Não quero envolver vocês.

— Nós já estamos envolvidos — insiste o namorado de Alice. — Não tem mais jeito. Já somos pane dessa trama. O que é que você queria?

Primeiro, somos seres humanos, não somos máquinas. Depois, Licinha é sua amiga. Por tabela, também sou. Além disso, puxa vida, você se esqueceu o que eu sou? O que eu faço na vida, além de estudar na PUC? Sou policial. Como é que um policial poderia dormir com um barulho desses? Ouvir a história que você contou e dizer, tudo bem, boa noite, até amanhã, vou tratar da minha vida, vou pra casa, vou dormir?

— Tem policial que não só dorme com um barulho desses, como faz um barulho desses. Meu ex-marido... não se esqueça...

— Você teve azar, Natinha — diz Alice.

— Você é que teve sorte, Alice. O namorado retoma o raciocínio:

— Não dá, Renata. Não vou deixar você sair daqui sem que a gente tenha encaminhado uma boa solução. Você tem certeza que seu filho vai ficar bem com sua mãe?

— Eu tentei o quanto pude não meter minha mãe nesse melê, mas... que fazer?

Ela tem uma boa estrutura de apoio e, pelo menos, o Pedrinho vai ficar vigiado e protegido 24 horas por dia. Não sei se o pai dele seria maluco a ponto de ir até lá ou mandar alguém. Acho que não. Acho que agora ele já

me meteu numa enrascada tão grande que deve estar achando que a disputa judicial pela guarda do Pedro são favas contadas. Pra que ele iria provocar uma situação que gerasse uma denúncia por parte de minha mãe e complicasse as coisas?

O namorado de Alice concorda:

— Acho que você tá certa, Renata. Então, vamos tratar de você. Vamos esquecer o Pedrinho por alguns minutos. Licinha, que tal se eu dormir aqui também?

— Tudo bem. Vai ser melhor mesmo — concorda Alice.

— Olha, eu não quero criar problemas pra vocês, mudar os planos de vocês... — diz Renata.

— Não enche, Nati. Pára com isso. Que coisa mais chata. Parece que não somos amigas... — responde Alice.

— Então, combinado. Eu volto pra dormir aqui — conclui o namorado.

— Como assim? — pergunta Alice. — Você vai sair?

— Vou. O caso vai se agravar se eu não tomar uma providência. Mas eu volto.

GABINETE DO SECRETÁRIO DE SEGURANÇA, DIA 30 DE SETEMBRO, ÀS 22H12

O secretário tira a gravata, o paletó, manda desligarem o arrefrigerado, senta-se em seu lugar, certifica-se de que o suprimento de café

fresquinho é suficiente, manda ligar o sinal que bloqueia a entrada, estende

os braços sobre a mesa, puxa para si um maço de folhas em branco e declara aberta a reunião:

— Amílcar, Vaz, a palavra está com vocês.

Amílcar se ajeita na cadeira, mexe, aflito, na caneta e no caderno à

sua frente, olha para o secretário e volta a baixar os olhos. Vaz mantém a cabeça baixa e olha a mesa à sua frente, fixamente.

— Não vou mandar o Marquinho sair. Confio mais nele do que em vocês dois. Podem começar — determina o secretário.

— Em primeiro lugar — diz Amílcar —, um breve relatório do que fizemos, se o senhor não se opõe, secretário.

— Me oponho. Vamos direto às conclusões.

— Pois não, secretário. Se o senhor acha melhor, vamos direto às conclusões: seus celulares estão grampeados. Os telefones fixos também, os daqui e os de sua casa. Encontramos cinco pontos de captação de áudio, aqui no gabinete, e um no elevador exclusivo. Os quatro motoristas que se revezam no seu carro trabalham para a P2 e apresentam relatório diário ao tomando geral da PM.

— Um bom começo, Amílcar. Estou gostando. Estou gostando muito. Pode seguir.

— O delegado Vitor Graça mandou um investigador de sua estrita confiança ao Paraná, pra levantar a situação de seus negócios por lá.

— Meus negócios no Paraná? Que negócios?

— Não sei, secretário, só sei que um investigador está lá apurando alguma coisa e tem conversado muito com seus antigos sócios.

— A família de minha mulher é que é do Paraná.

— Não sei, secretário, mas que tem um sujeito lá xeretando, fuxicando, tem.

— Que filho da puta... Será que é alguma coisa lá com as terras?

Minha mulher é herdeira de umas propriedades, com os irmãos dela.

— Não sei, secretário. Mas alguma coisa tem interesse pro Vitor, senão ele não

mandaria o sujeito pra lá.

— Pode ser alguma coisa ligada ao conflito de terras. Eles têm tido uns problemas com os sem-terra.

— Quem sabe? É provável que seja isso, secretário. Já pensou?

Apresentarem o senhor como latifundiário, grileiro, explorador de trabalho escravo, cúmplice de violências contra os sem-terra?

— Puta que o pariu. Só faltava essa.

— Mas isso é só o início, secretário. Infelizmente, tem muito mais.

— Então, fala.

— Os telefones do Marquinho estão grampeados também, o celular, o da sala dele, aqui ao lado do gabinete, e o de casa.

— Viu, Marquinho? Pensou que era só comigo? Tava aí bem relaxado, se divertindo com meu calvário... Viu? Pimenta no olho alheio é colírio... Tá

vendo só, rapaz, você também é importante. E o que mais, Amílcar? A namorada do Marquinho também é herdeira de terras no Paraná?

— Não, mas o namorado vende ecstasy na boate Le Boy.

— O quê? Vai devagar, vai devagar. Repete o que você disse.

— Não precisa, secretário, eu posso explicar. O Leonardo não é meu namorado. Não é isso. Nós somos só bons amigos. Não tenho namorado. Isso é calúnia, secretário. Na polícia, a gente tem de demonstrar virilidade toda hora. Ninguém confia em ninguém. I uma coisa horrível. Isso é insegurança de quem acusa.

— Marquinho, eu não estou nem um pouco preocupado com quem que você copula... se diz isso, entre gays?

— Nunca ouvi — responde Marquinho.

— Então, deixa eu dizer isso de outra forma: não me importa se você

é homossexual ou heterossexual, se é ativo ou passivo, se gosta de mulher gorda ou magra, homem alto ou baixo, se tem tara por grávidas ou anões. Eu quero que você me explique é o seu envolvimento com o narcotráfico.

— Ecstasy não é narcótico, secretário.

— Não interessa, Marquinho. Tráfico de entorpecente. — Também não é entorpecente.

— Barbitúrico, não interessa, porra.

— Também não é.

— Foda-se, Marquinho. Não interessa. Quero que você me explique seu envolvimento com o tráfico. Que escândalo! Só me faltava essa. Logo você, recomendado pela Cibele, filho da minha afilhada mais querida. Que decepção.

— Secretário, por favor, o Amílcar não falou em tráfico— pondera Marquinho.

— Quadrilha. Que diferença faz?

— Mas que quadrilha, secretário? O Amílcar se referiu a um indivíduo.

— Um indivíduo que você, por acaso, conhece...

— Tá certo, conheço.

— Com quem, por acaso, você tem algum grau de interação, digamos, íntima...

— Próxima, secretário. Tenho uma interação próxima. Nada mais que isso.

— E próximo pra você não tem problema...? Próximo é tranqüilo?

Próximo é bacana? Próximo de um bandido que trafica ecstasy?

— Não. O que eu quis dizer é que eu sou só um...

— Um parceiro, um chapa, um camaradinha, um amigo de fé do traficante.

— Nem isso, secretário. Muito menos. Sou apenas um interlocutor do rapaz, entre tantos outros, provavelmente. E eu nunca soube, nunca sequer desconfiei que ele vendesse ecstasy. Os investigadores da Inteligência são muito preconceituosos. São profissionais sem qualificação. Não tô falando do Vaz e do Amílcar. Mas eles mesmos hão de reconhecer que os seus subordinados deixam muito a desejar. Aposto que me viram conversando na praia ou no calçadão com o Leonardo e já deduziram que temos um caso. Como ele freqüenta boate gay, é logo taxado de gay. Nem sei se é ou não é. Pra mim, seria surpresa. Se trafica ou não trafica, como é que eu vou saber?

— O problema são as conversas telefônicas entre vocês — agora é o Amílcar que intervém.

— Tinha mais essa, Marquinho — o secretário aperta o cerco. — Você

se precipitou. Deveria ter esperado um pouco mais antes de se defender. Imprudência da juventude, meu caro. O que tem nas conversas, Amílcar?

— Os dois conversam sobre o flagrante que o pessoal da 13ª DP deu lá na Le Boy.

— Por que é que os policiais do estado do Rio de Janeiro não empregam nunca o numeral ordinal? É uma promessa? Um juramento que se faz para a admissão na carreira? Você se referia aos seus colegas da 13a Delegacia Distrital, que fica lá em Copacabana.

— É, secretário. Uma das duas que ficam em Copacabana.

— E então...

— Na conversa registrada, o Leonardo relata ao interlocutor...

— Ao Marquinho...

— Ao Marquinho, que houve um flagrante, na véspera. Ele, esse cidadão, o Leonardo, cujo nome completo é... deixa ver... Nesse momento, o delegado Vaz

ajuda seu colega:

—Queiroz, Leonardo Queiroz.

— Exatamente. Esse cidadão menciona o fato de ter sido detido em flagrante delito por detetives que o viram vendendo ecstasy para freqüentadores daquele estabelecimento, inclusive para menores de idade, lamentando que a liberação tenha lhe custado todo o estoque da droga que mantinha em casa.

Vaz intervém:

— Se o secretário me permite, gostaria de aduzir ao que o coronel Amílcar expôs um elemento deveras significativo.

Vaz — diz o secretário —, depois de nosso encontro, hoje de manhã, observei uma mudança em seu estilo. Pode relaxar, viu?

Aquilo tudo que eu disse foi uma explosão de momento. Não tinha a intenção de agredir nem você, nem o Amílcar, que são meus melhores homens. Mas, diga lá.

— O elemento novo que ajuda a esclarecer o episódio, secretário, é a referência explícita que o cidadão citado faz à droga, referência que não provoca nenhum sinal de surpresa ou de reprimenda do outro lado da linha.

— Quer dizer, do lado da linha em que está o Marquinho — diz o secretário, voltando-se para o filho da afilhada mais estimada. Marquinho abaixa a cabeça e permanece mudo. Vaz prossegue:

— Além disso, secretário, o mencionado cidadão...

— Marquinho?

— Não, Leonardo. Este cidadão faz pilhéria com o fato de os detetives terem ido à sua casa buscar o estoque de ecstasy, perguntando ao Marquinho o que aconteceria se ele estivesse lá, naquele momento. O secretário abaixa a cabeça. Vaz continua:

— Nesse ponto do telefonema, secretário, os dois riem juntos.

— Vaz, escuta aqui. Quantas pessoas ouviram essa fita? Quem grampeou o Marquinho? Houve autorização judicial?

É Amílcar quem responde:

— Nesse caso específico, houve, sim, secretário, porque esse Leonardo estava na mira da DRE. Já havia muita coisa contra ele.

— Mas você disse que os detetives que o prenderam eram da 13ª DP, não da DRE?

— É verdade. Alguém da especializada deve ter passado informação classificada para os coleguinhas da DP, visando, justamente, à extorsão, cujo fruto seria compartilhado. O pessoal da DRE é mesmo muito complicado. Aquilo lá costuma funcionar mais como um condomínio de interesses privados. Pequenos grupos assaltam o banco de dados e alimentam operadores na ponta, nas DPs, porque nas DPs se tem muito mais autonomia de vôo, sem qualquer controle.

— Sei — sussurra o secretário. — Olha, se esse grampo foi feito legalmente e já está formalmente registrado, paciência. Marquinho começa a soluçar.

O silêncio destaca o choro, que aos poucos vai-se tornando convulsivo.

— Mas pra tudo tem jeito, secretário — intercede o coronel Amílcar. O secretário olha para ele com expressão deprimida. É o Vaz, entretanto, quem avança:

— Só a morte é irreparável. Há sempre uma saída, havendo boa vontade, foi o que meu colega quis dizer. Nós sabemos que a família do rapaz é decente. A mãe dele é, inclusive, afilhada do senhor e não é uma afilhada qualquer, é uma afilhada querida, como o senhor fez questão de sublinhar. Por outro lado, não há nenhum indício, muito menos qualquer evidência que comprove cumplicidade ativa do Marcos nos negócios de seu conhecido. Se ele tivesse um cargo na polícia ou na secretaria que lhe impusesse responsabilidades repressivas, diante de irregularidades, poder-se-ia acusálo de prevaricação, numa situação como essa. No mínimo, ele estaria prevaricando. Mas sua função aqui é subalterna. Ele desempenha papel...

— Secundário, coadjuvante — acrescenta Amílcar.

— Sendo assim, não se lhe pode imputar prevaricação. Portanto, secretário, removendo essa fita dos arquivos da DRE, o que já está feito, a conversa comprometedora deixa de existir.

— Isso me repugna, Vaz, me entristece e envergonha. Mas vendo esse menino chorar e imaginando o pranto da mãe dele, que é o que me corta o coração...

— Vamos eliminar essa fita. Pronto, ela não existe mais. Vaz a entrega ao secretário, teatralmente. Com dificuldade, o secretário a recolhe e guarda-a no bolso. Marquinho corre para a porta, cobrindo o rosto, mas é

interceptado pela voz do secretário:

— Que é isso, menino? Sair assim... Onde já se viu? Os impulsos é

que te estragam, Marquinho. Você pensou nas conseqüências de ser visto saindo assim do gabinete? Senta aí e se comporta feito homem. O passado está apagado. Pronto. Está esquecido. Quero ver você se emendar, daqui pra frente. Vamos olhar pra frente.

A tensão dá ao silêncio um status de nobreza.

— Fim do capítulo Marcos Paiva de Souza Carneiro, doutor Vaz. Vamos em frente.

223

Marquinho se recompõe e joga na lata de lixo, atrás da cadeira do secretário, a pilha de lenços de papel usados, que guardara nos bolsos.

— Pois não, secretário. Se o senhor não se opõe, tomo a liberdade de passar a palavra ao coronel Amílcar.

O secretário anui com um gesto largo e lento, espalmando as duas mãos, como se entregasse um embrulho, uma criança ou uma bomba, ao coronel, que tira e põe os óculos, lê as anotações, volta a tirar os óculos, até

que, finalmente, se empertiga, deposita os óculos na mesa, e retoma a exposição:

— A principal pergunta que o senhor nos fez, hoje de manhã, dizia respeito ao vazamento de informações para o governador. O caso em pauta era o do seqüestro, mas certamente interessa ao senhor saber se o canal permanece aberto e se já estava aberto, antes do episódio dessa manhã.

— Esse é o ponto, coronel. Esse é precisamente o ponto. — Nós não sabemos, secretário.

— Não têm nenhuma hipótese? Nada? Nenhuma pista?

— Bem, alguma pista nós temos. Eu e o Vaz gostaríamos que o senhor desse uma espiada num vídeo, que nos chegou de uma maneira muito estranha e suspeita. Por isso, não dá pra confiar. Pode ser encenação, sei lá. Já checamos a autenticidade material, física. A fita não foi editada. Quer dizer, o que o senhor vai ver não é uma montagem cinematográfica, mas pode ter sido uma montagem teatral. Ou seja, que aconteceu, aconteceu. Só não dá pra ter certeza de que não foi encenação. Mas, se não for pedir demais, eu e o Vaz consideramos que o conteúdo talvez exigisse uma cautela adicional, o que, nesse caso... Quer dizer, dado o contexto, secretário, dos problemas que estamos enfrentando, que são graves, até para proteger a pessoa em causa de qualquer futura suspeita infundada, quanto a eventual vazamento, talvez fosse conveniente, se o senhor não se opusesse...

— Dá licença, Marquinho. Eu, o doutor Vaz e o coronel Amílcar precisamos ficar a sós. Precisamos de privacidade.

— O senhor quer que eu saia, secretário?

— Preciso falar mais claro, Marquinho? Que coisa...

Marquinho recolhe seu material, pastas, livros, documentos, um notebook, e se retira:

— Com licença. Boa noite.

— Boa noite, não, Marquinho. Você não está dispensado. Ainda quero falar com você. E preste muita atenção: você está proibido de falar ao telefone qualquer coisa que não seja absolutamente trivial. E não atenda, nem ligue para ninguém

que não seja de máxima confiança. Não quero você

batendo papo com ninguém em sua sala. Até prova em contrário, todos são suspeitos. Inclusive você, ouviu?

Marquinho balançou a cabeça afirmativamente, enquanto saía. O

secretário mal espera que a porta se feche:

— Pode passar o vídeo.

Vaz levanta-se e se dirige à TV. Mete uma fita cassete no vídeo. Prepara-se para ligar a TV, mas a porta do gabinete se abre num estrondo para a entrada espalhafatosa de Marquinho, que lê folhas de papel com notícias da internet:

— Secretário, desculpe, mas é urgente. O pessoal tava aqui na antesala louco pra que o senhor autorizasse algum contato. Olha só: "Michele foi libertada." "Os morros do CV estão em festa." "Bebida grátis para o povo."

"Carnaval fora de época em alguns bairros da cidade." "Bangu I comemora."

"Pichada com palavrões a sede da Ebony, a empresa de segurança da viúva de Anacleto, o diretor de Bangu I que foi assassinado no início da noite, na Penha." Ah! ainda tem mais uma, que é meio chata: "Polícia não se pronuncia e secretário é o último a saber."

QUARTEL-GENERAL DO BOPE, DIA 30 DE SETEMBRO, ÀS 11 DA NOITE

O namorado de Alice tenta um contato com Ramirez, o amigo do BOPE que ele considera o mais maduro, correto, equilibrado e inteligente, e que tem o vício de ser um legalista inveterado; é aquele cara que está sempre resistindo a tudo que embrulha o estômago do estudante de Direito da PUC.

O namorado de Alice tem-se descoberto, aliás, a cada dia, mais estudante de Direito e menos caveira, menos caveira cega. O policial caveira, quer dizer, do BOPE, em geral acredita que faz justiça pelas próprias mãos e tende a separar a justiça das leis. Na PUC e no mundo do Direito, a visão é

outra, bem diferente. Por isso, ele tem se aproximado cada vez mais do Ramirez, que antes ele via com certo desdém, complacente mas crítico, quando não sarcástico. O oficial do BOPE, estudante de Direito da PUC, não se reconhece no espelho do "Diário da Guerra", que escreveu há dois anos. Ele hesitou muito até autorizar sua publicação como primeira parte deste livro. Só se convenceu de que valia a pena autorizar, quando, mergulhando na história de Renata e Santiago, caiu em si e descobriu quão ingênuos ele e os companheiros do BOPE eram. Por mais durões e violentos que fossem, não faziam idéia do que era o mundo da Segurança Pública do Rio de Janeiro. Não tinham a menor idéia do que era a política do Rio, de como ela penetrava as polícias e o crime. Não sabiam que o crime transbordara seus limites e empastelara as instituições. Nunca, ele e seus parceiros do BOPE

se imaginaram peças de um jogo. De muitos jogos.

O namorado de Alice, oficial do BOPE, estudante de Direito da PUC, narrador do "Diário da Guerra", agora envolvido até a raiz dos cabelos com o drama de Renata, insiste, novamente, com ansiedade crescente, em buscar um contato com Ramirez. Insiste. Liga de novo. Não consegue. Tenta, então, contactar o comandante do Batalhão de Operações Policiais Especiais, para lhe contar a versão de Renata. Para pedir ajuda e intervir. Para soltar os cães de guerra nos calcanhares dos filhos da puta. Para salvar a amiga de Alice ou talvez para se salvar daquele puta quadro aterrador que desabara sobre sua cabeça, com o relato de Renata.

Quando consegue falar com o ajudante-de-ordem do comandante, fica sabendo que está sendo procurado. Todos os oficiais do BOPE — mesmo os de folga — estão sendo convocados. A razão é a seguinte: "Possível missão emergencial a ser desencadeada a qualquer momento."

226

SALA DE REUNIÕES DA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DA FAVELA DA MINEIRA, DIA 30 DE SETEMBRO, ÀS 23H05

Jonas passa o rádio a Índio, que encontra um caminho entre as pernas dos companheiros e derruba duas garrafas de cerveja quando passa.

— É nós, brother, é nós.

— Já falei com Michele. Ela não parece bem.

— Tá bem, sim, chefe. Tá bem. É que andaram dando muito remédio pra ela. Mas ela tá legal.

— Pegou o porco?

— Não, chefe. Não deu. Ele não foi. Disse que ia, mas não foi.

— Você pegou a pessoa que ele mandou no lugar dele?

— Achei que não valia a pena, chefe. Era uma senhora bem velhinha, da igreja do alto da Tijuca, onde o Santiago mora, que aceitou levar a Michele pra fazer uma caridade.

— E a velha foi sozinha com a Michele? Por que a Michele não fugiu?

— A equipe do Santiago levou as duas até o local e mandou que elas ficassem ali, esperando por eles. Pouco depois, nós chegamos.

— Vocês não cruzaram com eles?

— Não.

— Ninguém do nosso grupo identificou, a equipe do Santiago?

— Não.

— Qual era o local?

— Um centro espírita. Falei com o diretor, um médium lá, um senhor de idade. Mas o sujeito não tinha nada a ver com nada. Era tanta gente na sala de espera... Eu falei com ele e anotei os dados dele, mas...

—Tá bem. A gente ainda pega o porco, mais dia, menos dia.

— E se ele não estiver mentindo?

— Vamos ver. No interrogatório, nós vamos descobrir se ele está

mentindo ou não. Vamos aplicar nele os métodos que ele nos ensinou.

GABINETE DO SECRETÁRIO, DIA 30 DE SETEMBRO, ÀS 23H59

227

Depois do frenesi provocado pela entrada intempestiva de Marquinho, a poeira começa a baixar.

O secretário ainda está com o coronel Fraga na linha, depois de ter conversado com o governador pelo telefone vermelho.

— Coronel, notícias sobre comemorações na Mineira e em várias favelas estão correndo na internet. Eu tinha determinado o imediato deslocamento da força máxima do BOPE, da Rocinha para a Mineira. Não estou entendendo. As notícias estão erradas? Ou minha ordem não foi cumprida?

— Secretário, com todo respeito, suas ordens não se discutem, mas eu não posso tirar o BOPE da Rocinha, por enquanto.

— Como? Eu não aceito isso, Fraga. Não aceito. Isso é

insubordinação.

— Não se trata disso, secretário. É que há alguns problemas que precisam ser equacionados... Eu inclusive convoquei todos os oficiais do BOPE que estavam de folga. Todos já estão aqui, no nosso QG. Só não repassei ainda sua determinação, secretário, por conta do que lhe disse.

— Quais problemas? E por que você não me disse isso quando dei a ordem? Quer dizer que nós temos o corpo de um policial sendo trucidado e uma celebração de traficantes, que vão se arrogar a heróica libertação de uma mulher seqüestrada, enquanto a polícia assiste a tudo isso, passivamente?

— Não, secretário. De modo algum, já dei ordem ao batalhão da área da Mineira para incursionar, o que estará acontecendo a qualquer momento, secretário.

— E qual é esse diabo desse problema que precisa ser equacionado?

— Não poderia falar por telefone, secretário.

— Então, venha já para cá. Marquinho interrompe novamente:

— Com licença, secretário. Sei que o senhor quer retomar a reunião, mas como o sinal vermelho ainda não está ligado, achei que eu estaria autorizado a lhe trazer um recado urgente.

— Qual?

— O diretor de redação, que falou mais cedo com o senhor, diz que está com uma bomba nas mãos e não quer detonar sem ouvir o senhor.

— Ah! Jesus. Mais uma bomba? Será que tem lugar pra mais alguma merda? Ele tá na linha? Passa, pode passar. Alô, sim, claro, como vai? Ok. Não, tudo bem. Estamos trabalhando, não é verdade? Você, aí; eu, aqui. Fronts diferentes da mesma guerra, meu caro. Diga.

O secretário puxa a cadeira para sentar-se. O olhar se perde, vago. Ouve, mudo, por um longo tempo. Amílcar e Vaz se entreolham, preocupados e curiosos. Até que o secretário volta a se levantar:

— Entendi. Entendi sua posição. Publique, meu caro. O que fazer?

Sei que você não pediu, nem precisa de minha autorização, mas se você quer saber o que eu penso, eu, cidadão, eu, secretário, eu lhe afirmo: põe na rua, publica. Não tenho nenhum elemento que refute, *in limine*, as acusações que você recolheu. É uma pena. Claro que é uma pena, porque sempre tive o Fraga por um homem da maior integridade. Mas a vida é assim. A vida pública, sobretudo, é assim. Não basta ser honesto, meu caro, é preciso parecer. É o caso da mulher de César. Está bem. Claro, compreendo. Eu é

que agradeço. Outro.

O secretário desliga o telefone. Avisa a Marquinho, pelo interfone, que acenda a luz vermelha e que não mais ouse interrompê-lo. Ordena que faça o comandante-geral da PM esperar, quando chegar.

Volta-se para Amilcar e Vaz:

— Isso aqui é um vulcão. Um vulcão, que lança merda pra tudo que é

lado. É quase inviável sobreviver, sentado na boca do vulcão. Não sei como eu ainda estou resistindo. Vocês devem ter ouvido o telefonema. Vão implodir o Fraga. Sai amanhã, com destaque, em manchete, um dossiê

apócrifo com denúncias cabeludas. Cabeludíssimas. Parece que o Fraga empregou a cunhada na entidade gestora do fundo de assistência dos policiais militares reformados, uma coisa assim.

— Mas o fundo não está subordinado ao comandante-geral... —

pondera Amílcar.

— Sei lá. Vá você explicar depois que a acusação tá na rua... Quem se explica, fica sempre na defensiva. Quem não se explica, admite a culpa. Se correr o bicho pega; se ficar, o bicho come.

— É terrível, secretário — concordou Amílcar. — No que o sujeito se defendeu, virou culpado. Vem a carga dos editoriais: onde há fumaça, há

fogo. Essas tolices.

— Tem mais — prosseguiu o secretário —, o Fraga teria contratado um serviço de conservação mecânica das viaturas, sem licitação. E

descobriram que a empresa que fornece o tal serviço é de um vizinho dele, na casa de praia que ele tem. Parece que eles são íntimos, se tratam como compadres. Esse negócio de dossiê apócrifo é uma merda. Puro fascismo. Como eu sofri com essas coisas na época da ditadura. Isso deve ser o valetudo da disputa interna à PM. Eles se comem uns aos outros. Acabam inviabilizando a instituição. Olhem o estado de nossa Polícia Militar.

— Mas, secretário — Amílcar não desiste —, diante das fontes pesadas de corrupção, como o tráfico de drogas e armas, o contrabando, a pirataria, a adulteração de combustível, a receptação de carga roubada e furtada, a segurança privada clandestina, o transporte ilegal, as maquininhas caça-níqueis, o bicho, diante de Sodoma e Gomorra, a munição contra o coronel Fraga é essa? Só essa? Isso não é meio ridículo?

— É, mas parece que tem mais umas coisas: favorecimento de colegas que se reformam por invalidez, alegando falsa surdez ou grave dano auditivo...

— Com o perdão do chiste, secretário — Vaz intrometeu-se —, até

que não seria mal se a turma do grampo fosse afastada por surdez.

— Nesse caso, como é que vocês dois ficariam? — perguntou o secretário, sorrindo pela primeira vez. — De qualquer maneira — continuou

—, devo confessar a vocês que não fico triste, não. O Fraga não foi nada leal comigo. Não tem sido. Nem como companheiro, nem como subordinado. Esse negócio de colar motorista em mim... E vocês ainda não me disseram a quem devo os grampos em meus telefones e os receptores de áudio no

gabinete. Nem me contaram quem vazou a história do seqüestro da Michele para o governador.

Pára um instante e olha para os dois, que abaixam a cabeça. Prossegue:

— Os motoristas e a petulância em postergar as minhas ordens já são suficientes. Por mim, ele sai. Vou ter de comunicar ao governador que essa bomba explode amanhã. Vou propor a ele que publique a exoneração do Fraga do comando geral, já no Diário Oficial de amanhã, quer dizer, de hoje, dia 1º de outubro. Já estamos no dia 1º, não é? Assim, quando a imprensa pensa que está indo, o governo já está voltando. Seria uma baita demonstração de agilidade política e administrativa, competência de gestão, eficiência, eficácia, efetividade, toda essa merda de que o governador gosta tanto. O processo todo vai acabar me fortalecendo, porque eu vou vazar que a iniciativa partiu daqui, deste gabinete.

Amílcar e Vaz falam ao mesmo tempo. Pedem que o secretário pense mais um pouco e assista ao vídeo antes de decidir o que fazer. Enquanto falam, o telefone vermelho toca. O secretário se levanta, vai até a mesa pessoal e atende.

— O senhor prefere que a gente saia? — interroga o coronel Amílcar. O secretário faz um sinal negativo com o braço, largo e enfático, enquanto aguarda que o secretário particular do governador transfira a ligação.

Dirige-se aos dois, enquanto espera:

— Só tem uma coisa pior do que ser secretário de Segurança Pública do estado do Rio de Janeiro: ser governador. Salve, governador, não, não. Estava comentando, aqui... Sei, perfeitamente. Sei. Sei. Ele ligou, é? Ah!

então o senhor já sabe? Era isso o que eu... Pois é, uma tristeza. Claro, não se faz, não se faz. Um horror. Inteiramente, inteiramente antidemocrático. Umas bobagens, umas bobagens. Pois é. Isso é. Nisso, o senhor tem razão, governador. Ah! O senhor já decidiu? Bem, o senhor é quem manda. Não me compete dizer nada, governador. Eu aqui cumpro ordens. Nessa matéria política o senhor é que tem toda a experiência. Quem sou eu, governador,

pra avaliar uma decisão sua? Sim, sim, de pleno acordo. Também acho. É, exatamente. É brilhante, um lance brilhante. Rápido. Foi muito rápido. Rapidíssimo. Mostra sim. Justamente. Mostra muita capacidade. Em matéria de administração, o senhor é craque mesmo. Como líder e como gerente. Ê isso mesmo.

"Parabéns, governador. É claro, bom substituto não vai faltar. Tem muita gente boa entre os coronéis da PM. O senhor já decidiu? Está certo. Bem cedinho. Pode deixar. Boa noite."

Deposita no gancho o telefone vermelho e se dirige a Amílcar e Vaz:

— Ele já sabia e já tinha decidido publicar a exoneração no Diário Oficial. Viram como ele é? Mais rápido no gatilho do que a gente. Me pegou desprevenido, mesmo eu concordando... Ê um avião, o governador. Depois quero analisar com vocês, do ponto de vista da Inteligência, os nomes alternativos ao Fraga, na PM. Mas, enfim, meus amigos, vamos lá. Ao vídeo, finalmente.

Vêem-se imagens esmaecidas de um prédio comercial. Foco precário. Vê-se a portaria. No canto superior direito, a data está registrada, 30 de setembro, e o horário vai correndo, a começar pelos segundos que giram, celeremente. Cinco horas e dois minutos. Está escuro. Da esquerda para a direita surgem dois vultos que caminham juntos. Fazem sinal para o porteiro que lhes abre a porta. Corte. Nova cena: dia claro. Imagem nítida. Movimento intenso de automóveis e pedestres. São oito horas da manhã. A data é a mesma. Várias pessoas entram e

saem do prédio. A seqüência interrompe-se. Um zoom destaca o rosto de um homem que entra no prédio. Corte. Oito horas e dois minutos. A cena parece a mesma. Novo zoom. Agora são duas, as pessoas destacadas. O processo se repete. Ao todo, nove pessoas foram objeto da atenção especial de quem filmava. Nesse momento, Vaz se ergue, pede licença para explicar e diz:

— Secretário, o que o senhor acaba de ver foi um trabalho feito hoje de manhã. A equipe da Inteligência está fazendo campana diante desse prédio, porque há cerca de um mês descobrimos que um de nossos suspeitos freqüenta com regularidade uma sala, no 15º andar desse prédio, que fica no

Centro do Rio. A sala foi alugada, originalmente, há três anos e meio, por uma pessoa jurídica, que atendia pelo nome de "Movimento Vitor Graça pela Segurança com Justiça Social".

— Como é que é? — pergunta o secretário. Amílcar é quem responde:

— Era o nome fantasia da entidade que bancou a campanha do Vitor a deputado estadual, na eleição passada.

Autorizado pelo secretário, Vaz retoma a exposição:

— Os dois homens que aparecem primeiro são Luizão França e Otacílio Malta. O delegado Luizão e seu fiel escudeiro, o inspetor Otacílio. Os outros são detetives e inspetores da Polícia Civil. Depois eu leio os nomes pro senhor. Félix Coutinho é o terceiro a chegar. Aquele que chega sozinho. Supomos que tenham ido participar de uma reunião, até porque parte desse pessoal já foi visto entrando nesse prédio, quando Félix esteve lá. Além disso, saem mais ou menos na mesma hora. Em duplas ou grupos. Félix é o único que sai sozinho.

— Por que é que vocês têm seguido esse cara? — indaga o secretário.

— É uma longa história, secretário. Acho que vai ficar mais fácil entender quando eu tiver contado tudo, mas, por ora, já posso lhe antecipar que esse cara tem ligações, digamos, próximas com Índio, o dono da boca na Mineira.

— Tá bem, Vaz. Pode continuar. Epa, espera aí. Esse Félix não é o que foi assassinado pelos traficantes hoje, justamente na Mineira?

— Sim e não, secretário.

— Como é que pode ser sim e não? Ou sim, ou não. — O senhor vai entender.

— Tudo bem. Vá em frente.

— Veja, agora, secretário essas outras imagens.

A cena parece ser a mesma. O ângulo é o mesmo. Oito e 55, e dez, e 11, e 12 segundos. Pessoas entram e saem do prédio. Uma delas é destacada com um halo, quando a imagem congela.

— Félix saindo, secretário.

233

A seqüência volta a correr. Os segundos voam à direita do vídeo. Mal se distingue Félix da multidão que transita. As imagens são captadas de uma altura relativamente baixa, provavelmente do prédio em frente: sobreloja, primeiro andar, não mais alto que isso. O personagem caminha entre as pessoas, atravessa duas ruas, seguindo sempre em linha reta, cruza a avenida em que se situa o prédio, caminhando para o lado em que está

instalada a câmera que o vigia. Dirige-se a um orelhão. Estanca, olha em redor e fala ao telefone. Corte.

— Estranho — diz o secretário. — Um policial em atividade não tem um celular? Um rádio?

— Essa é a questão, secretário. Por que ele ligaria de um telefone público? E por que andaria tanto para fazê-lo, se havia um par de orelhões exatamente na frente do prédio de onde saiu? O senhor reparou nesse detalhe, que aparece bem nas primeiras imagens? Será que nosso personagem só se lembrou de ligar depois de ter caminhado 300 metros? A hipótese não se sustenta, porque, depois de falar, ele voltou. Seu carro estava em um estacionamento que fica a uns 100 metros do prédio, na direção oposta à do orelhão que ele usou. Portanto, ele andou propositalmente 300 metros. O que significa que havia algo que não podia esperar.

— E que não podia ser dito pelo rádio que ele usa — complementa Amílcar. —

Ele não estava sem o rádio, secretário, porque eles trabalham com o aparelho o tempo todo. Tenho tanta certeza de que ele estava com o rádio, quanto de que ele estava armado. Descobrimos que os freqüentadores da sala 1.509 usam um sistema exclusivo de rádio, com misturador de voz. Só eles têm o código. Não há como grampear. Continua, Vaz.

— Isso significa o seguinte, secretário: o Félix não temia grampo, mas não podia permitir que seu próprio grupo soubesse que ele ligou ou ouvisse o que ele diria. E, talvez ainda mais importante, para quem ele diria. O secretário nem deixou Vaz respirar: — Pra quem ele telefonou?

— Foi o que fomos averiguar, logo depois que nosso homem na campana relatou o que viu. Félix ligou para Vitor Graça.

— Então esse grupo é inimigo do Vitor, e o Félix é agente do Vitor, infiltrado? Mas como é que inimigos do Vitor se reúnem na sala dele?

— Boas perguntas, secretário. Os policiais que freqüentam a sala do Vitor não são inimigos dele. Pelo contrário. Todos sabem que Luizão França é o principal aliado de Vitor na Polícia Civil. Por isso é que achamos muito esquisito esse movimento do Félix. Mas ele não ligou só pro Vitor. Ligou, em seguida, para a 10ª DP, em Botafogo, perguntando por Anderson, como viemos a saber depois, quando interrogamos o detetive de plantão que o atendeu. Ele não se identificou como policial para o detetive.

— Anderson...

— Pois é, secretário, essa é uma figura típica da polícia carioca. É um X-9, trazido do interior do estado para a capital por Amarildo Horta, aquele deputado estadual ligado ao governador. Vive na DP, atua como policial, usa e abusa de todas as prerrogativas de um policial e recorre a expedientes escusos para cumprir outras missões, de natureza não policial. Por exemplo, grampeia telefones. Sobretudo de personalidades.

— A serviço do Vitor? Foi ele quem me grampeou?

— Não, secretário. A coisa é bem mais enrolada. Vitor fez tudo o que pôde pra evitar que o Anderson se metesse na 10a DP. Ele sabia o risco que correria, com

aquele cara plantado numa DP, com costas quentes, operando na retaguarda, nos bastidores, chantageando, manipulando, extorquindo. Por outro lado, sabia que o Amarildo é homem do governador e que não podia bater de frente com ele. Chegou a suspeitar que a jogada tivesse o dedo do governador, visando justamente controlar a polícia. Mas não parece ser esse exatamente o caso, porque... corre à boca pequena... veja, nem tivemos de investigar, esse boato está correndo pelos corredores... que o Anderson gravou conversas comprometedoras de uma grã-fina, esposa de um industrial, peso pesado da economia e amigo pessoal do governador.

— E aí? O Félix telefona para Vitor e para a DP, pergunta pelo Anderson e...

— E logo em seguida, secretário, enquanto um homem nosso estava apurando o telefonema na DP, chegam o inspetor Otacílio e o detetive

Lincoln, que também estiveram na reunião, mais cedo. Otacílio é o braço direito de Luizão. É o que chega primeiro, com ele, às cinco da manhã, no prédio que aparece no vídeo. E o que é que eles querem naquela DP? Falar com Anderson.

Amílcar intervém:

— Não é interessante, secretário? Estavam todos juntos. Supostamente, discutiram alguma coisa com efeitos práticos, ou não estariam ali, naquele horário, em pleno dia útil, num local de trabalho.

— Eu chamo isso conspiração.

— Conspiração. É isso mesmo, secretário. Se houve uma reunião com efeitos práticos, decisões foram tomadas. O grupo se divide. Deduz-se que vão cumprir deliberações. Por que é, então, que um membro do grupo se antecipa a seus parceiros e o faz de modo tão suspeito? Veja bem, secretário: o Félix omite sua identidade para o colega que atende sua ligação, na DP; e anda 300 metros para evitar o uso do rádio, que poderia identificar seus telefonemas, para seu próprio grupo. Vá em frente, Vaz.

— Nosso homem na campana do prédio recebeu nossa ordem para seguir o Félix. O senhor pode imaginar, secretário, para onde ele foi. O

apartamento de Anderson, no Catumbi. Entrou sem carregar nada e saiu, meia hora depois, com uma sacola de supermercado. Dali, foi a uma *delicatéssen*, na Cobal, em Botafogo. Deixou a sacola de supermercado com o balconista e saiu. A *delicatéssen* é de Vitor. Está registrada no nome da mulher. Mandamos um investigador nosso ao apartamento de Anderson. Ele não atendia o interfone, mas não teria saído de casa, segundo o porteiro. O

prédio não tem câmeras de vigilância. Seu telefone não atendia. Não aparecera na DP. Nosso homem confirmou no local: Anderson foi morto com um tiro na boca.

— Já tinha imaginado uma coisa assim — disse o secretário.

— Continuamos seguindo o Félix. Da Cobal, ele foi à Tijuca. Estacionou o carro nos arredores da praça Saenz Pena, caminhou menos de 100 metros e entrou em outro carro, de placa fria. Entrou sem arrombar. Com a própria chave. Dali, seguiu para a avenida Brasil, de onde tomou o

rumo da via Dutra. Não chegou a ir muito longe. Foi parado numa blitz da Polícia Rodoviária Federal. Foi conduzido a uma caminhonete da PRF e desapareceu. A blitz bloqueou a passagem de todos os veículos durante o tempo suficiente para que a caminhonete sumisse. Um homem, talvez um policial à paisana, se apossou do carro do Félix. Esse carro seguiu a caminhonete e desapareceu com ela. Não há registro da placa nas polícias do Rio.

— E o que é que a PRF diz?

— Oficialmente, nada — Amílcar intervém.

— Como, oficialmente nada?

— Eles negam que tenham feito essa blitz ou essa operação.

— E o seu investigador não tem os dados das viaturas da PRF

envolvidas?

— Claro, mas a PRF diz que elas não existem.

— E não havia outros carros, assistindo a tudo?

— Havia mais de vinte carros. Temos as placas de seis e estamos tentando contato.

— Não temos as imagens dessa operação?

— Não, infelizmente. Nosso serviço é ainda muito deficiente, secretário.

— Mas isso então quer dizer que a PRF está envolvida alguma coisa. O quê?

— Já vamos mostrar ao senhor um outro vídeo muito interessante, gravado há cerca de um mês — diz o Vaz. — Mas antes, permita que lhe chame a atenção, secretário, para uma outra questão bastante significativa. Por volta das 20h15, Vitor liga do gabinete da chefia da Polícia Civil para o gabinete do comando geral da Polícia Militar. Pede para falar com o coronel Fraga e lhe diz que Félix Coutinho foi assassinado por traficantes na Mineira e que seu corpo está sendo queimado na fogueira de pneus, que os bandidos chamam microondas. Diz a Fraga que é urgente que o BOPE ocupe a Mineira.

237

— Mas... No fundo ele queria é que o Core agisse na Mineira. Por quê...? — O secretário está perplexo. — E por que custou a falar comigo? Por que não falou primeiro comigo?

— Nossa hipótese é a seguinte — diz o delegado Vaz. — Vitor foi informado de que Félix entregou, a um grupo da PRF, uma cópia da fita mais preciosa, aquela com a gravação da tal grã-fina, que provavelmente derrubaria Vitor, se divulgada. Ele pode ter dado a cópia da fita por duas razões: grana ou coação.

— Primeiro, Vaz, é melhor explicar ao secretário por que Félix teria feito cópia da tal fita, antes de tirá-la do apartamento do Anderson e levá-la para Vitor.

— Certo. Eu e Amílcar achamos plausível supor, secretário, que o inspetor Félix tenha feito cópia para ter consigo um trunfo, uma carta na manga, em qualquer eventualidade. Ele sabia do risco que corria, atuando como agente duplo, porque ajudava Luizão, como membro de seu grupo clandestino, mas também servia a Vitor — afinal, secretário, o fato de Luizão e Vitor serem aliados não elimina a necessidade de cuidados e vigilância. Isso vale em ambas as direções. O Félix

poderia acabar prensado feito sanduíche, como acabou acontecendo.

— Mas ele poderia estar interessado em jogar um contra o outro, por alguma razão — diz o secretário.

— Poderia, ainda que eu, pessoalmente, não acredite que ele tivesse autonomia de vôo para atiçar, por sua conta e risco, a onça com vara curta

— diz Vaz.

— Talvez ele estivesse a serviço de mais alguém — insiste o secretário.

— Não parece razoável, secretário. Não vemos nada nesse sentido, no horizonte.

— Mas ele poderia estar atrás de dinheiro, de algum negócio com a fita — o secretário não se rende.

— Sem dúvida, secretário, ainda que a gente não considere provável. Pelo mesmo motivo: ele não era do tipo autônomo; não era um sujeito que

corresse em pista própria. O mais provável é que o Félix estivesse não apenas na nossa mira, mas na mira de mais alguém. De outro... organismo, digamos assim. Nossa hipótese é essa: Félix viu, na reunião com Luizão, dois companheiros do grupo serem incumbidos de procurar o Anderson, provavelmente em busca de algum acordo ou algum negócio para o grupo, mesmo que Luizão tenha apresentado a operação como um serviço para beneficiar Vitor, porque ele sempre faz questão de enfatizar sua lealdade a Vitor. Félix, que vinha mantendo encontros reservados e sigilosos com Vitor, provavelmente por precaução do chefe da polícia, que não confiava suficientemente na lealdade de Luizão...

— Vitor desconfia de todos os que podem competir com ele —

espicaça Amílcar.

— Então, Félix, que trabalhava para Vitor, infiltrado no grupo de Luizão...

— Sendo que o grupo do Luizão defendia o Vitor... — o secretário proclama seu incômodo.

— Sim, secretário, mas nesse meio... O senhor mesmo disse que é um vulcão...

— Pior, Vaz. Eu estava sendo bonzinho. Isso é uma selva aquecida a napalm...

— Pois é. O fato é que, quando Félix viu que o grupo ia se apossar da fita, o que daria ao Luizão poder de vida e morte política sobre o Vitor, apressou-se a avisar o chefe. Vitor, na dúvida, determinou que o Félix agisse antes, com todos os riscos que isso implicaria pra carreira dele, porque bater de frente com o Anderson é bater de frente com o Amarildo e, portanto, com o governador. Mas ele não tinha escolha. Provavelmente, deu a ordem para que Félix eliminasse o Anderson, se apropriasse da fita, lhe deixasse como uma encomenda inocente, na delicatéssen, e se retirasse para um local seguro, que eles já deviam ter definido há bastante tempo. Amílcar faz um sinal para Vaz e intervém:

— Nesse ponto é que entra o tal... outro organismo, que também acompanha os passos desse pessoal todo. Eles devem ter visto o que nós

vimos. Imaginaram a possibilidade de que o Félix tivesse mantido consigo uma cópia, o raptaram, se apossaram da cópia da fita e eliminaram o Félix. Provavelmente, acabaram com ele.

— Mas Amílcar, como é que o Vitor teria ficado sabendo do assassinato do Félix? — pergunta o secretário.

— Ele atendeu uma ligação do Luizão, usando o telefone do gabinete da chefia da polícia.

— E daí?

— Ele sabe que nós grampeamos esse telefone. Nós descobrimos que ele sabe e que mantém as coisas assim, pra tentar nos manipular. Ele só

fala naquele telefone o que deseja que a gente ouça. A gravação que nós fizemos, agora à noite, por volta das oito horas, está aqui. Amílcar aperta um botão no pequeno aparelho. Ouvem-se as vozes: Voz não identificada — Doutor Vitor, o delegado Luizão na linha dois. Vitor: — Alô.

Luizão: — Porra, por que é que você desligou o rádio?

Vitor: — Pode falar, Luizão. O que é que houve?

Luizão: — O que houve é que mataram o Félix.

Vitor: — O quê?

Luizão: — Ê isso mesmo que você ouviu.

Vitor: — Quem?

Luizão: — Os traficantes da Mineira. O pessoal do Índio. Vitor: — Que tragédia. Que covardia. Como é que você ficou sabendo?

Luizão: — Ligaram pra mim do rádio dele. Tomaram o rádio dele e ainda me sacanearam.

Vitor: — Meu Deus!

Luizão: — Disseram que vão ferver ele no microondas. Vitor: — Lá na Mineira? Luizão: — Positivo.

Vitor: — Companheiro, agüenta firme o tranco. Nós vamos dar uma resposta a essa humilhação. Vou tomar providências e já te ligo. Luizão: — E o...?

Vitor: — Já te ligo.

Amílcar retoma seu relato:

— Secretário, dois mais dois são quatro. Se o Félix morreu mesmo, não podemos ter absoluta certeza, mas podemos ter certeza de que não morreu na Mineira. Se a conversa que o senhor acabou de ouvir não foi uma representação, um grande teatro...

— Duvido. Só se o Luizão fosse um grande ator — diz o secretário.

— Também duvido. E se não foi teatro, o Luizão foi mesmo informado do assassinato do Félix pelo rádio do próprio, e isso ele tinha como atestar pelo bina do rádio dele. Portanto, provavelmente, alguém da PRF ligou para Luizão, se passando por traficante da Mineira.

— Mas por quê? A quem, na PRF, interessaria incriminar os traficantes da Mineira?

Agora, é Vaz quem fala:

— Se Vitor fez questão de desligar o rádio e impor a Luizão uma conversa para nosso grampo, é porque, por alguma razão, interessa a ele que essa conversa que eles tiveram seja ouvida pelo senhor, por nós. O que se diz nessa conversa? Que uma pessoa morreu. Que essa pessoa morreu num certo local e pela ação de traficantes.

— Todos ficariam sabendo de tudo isso, de qualquer jeito, ora bolas

— contesta o secretário.

— Será? O corpo, onde está? Microondas destrói o corpo. Sim, sempre é possível um exame de DNA, mas quanto tempo pode levar até que se achem as cinzas? Há tantos cemitérios clandestinos nas favelas e tantos outros na Baixada Fluminense. Mas talvez o foco da atenção não sejam a morte e o corpo, mas o local e as circunstâncias. Talvez a grande questão seja essa.

— Eles querem incriminar a favela, determinados traficantes? Isso tudo se relaciona com o seqüestro da Michele?

— Sim, claro. Veja, secretário: o seqüestro se frustrou. O Santiago montou e provavelmente teve de desmontar, pra sobreviver. Se a intenção do seqüestro não era grana...

— Não era? Ainda não estou convencido — diz o secretário.

— Digamos, por hipótese, secretário, apenas por hipótese, que não tenha sido por dinheiro. Por que teria sido, então? Vamos voltar ao Félix. Vitor ligou para o coronel Fraga, pedindo o BOPE. Ligou para o senhor. O

que é que ele queria?

— Tenho certeza de que ele não queria o BOPE, queria o Core lá na Mineira — responde o secretário.

— Mas o que é que ele obteve, como a decisão do senhor? O BOPE na Mineira, não foi?

— Foi. Mas não creio que fosse o que ele, de fato, quisesse...

— Mas foi o que acabou acontecendo, não foi? E a sua decisão, provocada pela conversa com ele, coincide com o que ele pediu ao coronel Fraga.

— E daí? O que é que tem a ver essa decisão com os dois crimes, o seqüestro e o possível assassinato? — interroga o secretário.

— Os dois crimes apontam para o mesmo ponto — diz Vaz.

— O BOPE — completa Amílcar.

— O BOPE?

— Claro, secretário.

— Como claro? Vocês querem incriminar o BOPE?

— Não, ao contrário — Vaz retoma a explicação. — O coronel Fraga não parece muito disposto a abrir mão do controle da Rocinha, onde o BOPE

está totalmente empenhado, certo? Um dossiê apócrifo contra o Fraga cai como uma bomba, por acaso, por coincidência, na redação do mais importante jornal do estado. O seqüestro falha, não é? Outra morte é

providenciada. Morte que empurra o BOPE pra Mineira. Pra onde se desejava empurrar o caso Michele? Talvez para a necessidade de um deslocamento do BOPE.

— Em direção à Mineira? — pergunta o secretário.

— Não sei, mas provavelmente para bem longe da Rocinha.

— Confesso que ainda estou meio confuso.

— É natural, secretário — diz Amílcar. — Nós também estaríamos, se não

tivéssemos visto as imagens que vamos lhe mostrar agora. Vaz levanta-se, troca as fitas no aparelho e diz:

— Essas são imagens do seu carro, tomadas no dia 29 de agosto. Repare. Atrás de seu carro está o carro com sua segurança. Observe o carro que vai atrás do carro da segurança, mantendo uma certa distância. É um Passat branco, chapa fria, com dois homens. Esse carro seguiu o senhor durante um mês. Olhe bem, agora, secretário.

Nesse momento, a imagem congela num close. No halo, vê-se o rosto do acompanhante do motorista, no Passat branco. Vaz prossegue:

— Está vendo este homem, secretário? Nós o acompanhamos. Descobrimos quem ele é. É Jaime Correia, o Jaiminho Onça, braço direito para assuntos menos recomendáveis, e extra-oficiais, do superintendente da Polícia Rodoviária Federal, no estado do Rio de Janeiro, Polinices Vieira da Silva. Silva, para os íntimos. Amílcar vai até a televisão, avança a fita e diz:

— Veja, agora, essas imagens, secretário. Um supermercado pacífico, tranqüilo, ameno, ingênuo. Repare naquele carrinho no canto. Ele acaba de ser deixado ali pelo mesmo homem que estava no Passat branco. Vou recuar um pouco a fita para o senhor ver. Passei além do ponto. Aqui. Agora, sim. Perceba, secretário: Jaiminho Onça fazendo suas compras frugais, tranqüilamente, como um bom chefe de família, solidário com as lides domésticas da esposa. Ele se afasta. Observe que, nesse momento, outro homem entra no campo de visão. Pronto, assumiu o carrinho. Mas nenhum dos dois fará nenhuma compra. O carrinho ficará abandonado, em algum canto. Esse pessoal acredita tanto na impunidade, que nem se importa de fazer o escambo em pleno supermercado, onde há câmeras por todo lado.

— Eles não estão nem aí — sublinha Vaz.

— Secretário, nós passamos a acompanhar o tal Jaiminho, desde que o identificamos no carro que seguia o senhor. Acabamos nos deparando com esse escambo: um leva um embrulho, deixa no carrinho; outro pega o embrulho e deixa o carrinho.

— Se eles não temem a punição, por que não trocam embrulhos sem essa

encenação toda?

— Porque os que trocam o embrulho não se conhecem, secretário, não são sempre os mesmos e não devem se ver. Não é proibido que se olhem, mas devem evitá-lo, para sua própria segurança. Um dia, colamos uma mulher no Jaiminho e, assim que ele saiu de perto do carrinho, ela deixou o dela com um embrulho e ficou com o dele. Como os personagens não ficam se olhando, conferindo as encomendas ou olhando pra trás, não foi difícil. Veja a operação.

Amílcar volta a levantar-se e avança mais um pouco a fita, que mostra ao secretário o movimento que lhe fora descrito.

— E vocês têm o embrulho?

— Claro, secretário. Está aqui —Amílcar responde, enquanto Vaz abre uma maleta, tira um grande envelope e o entrega ao secretário, que não consegue abri-lo.

— Está colado? Vocês não abriram?

— Abrimos, secretário. Puxe a fitinha azul, ali no canto. Deixe que eu abro pro senhor,

As fotos e as fotocópias dos documentos bancários, em inglês, são dispostas sobre a mesa.

— Meu Deus!

— O pior não são as fotos, secretário. Dê uma espiada nos documentos bancários.

— Amílcar, isso é o quê, lavagem de dinheiro? Onde fica esse banco?

Em algum paraíso fiscal... E essas senhas, seriam dessa conta? Essa conta seria mesmo do governador? Vaz, é impressionante. Esse pessoal tem o governador nas mãos. As fotos já bastariam para acabar com ele. E eu que pensei que tudo chegava a ele, sem meu conhecimento, porque ele era super poderoso. Já está na hora de juntar as peças do quebra-cabeça. O que é que vocês me dizem? Como é que tudo isso se relaciona com os grampos em meu telefone e os receptores em meu gabinete? Quem fazia a troca de embrulhos

com o tal Jaiminho? A PRF está com Vitor ou contra ele? Se está com ele, por que matou ou negociou com o Félix? Se está contra ele, por que ligou ao Luizão do rádio do Félix, dizendo a Luizão o que o Vitor queria que fosse dito, ou seja, dizendo ao Luizão que Félix foi assassinado na Mineira?

Vaz se levanta e puxa o quadro móvel para perto da mesa, voltando-o para o secretário. Pilot na mão, apresenta a conclusão de sua hipótese:

— Minha convicção e a do Amílcar, secretário, é a seguinte. Por alguma razão, o Vitor não quer o BOPE na Rocinha. Se não quer, é porque o BOPE está dificultando alguma coisa que interessa a ele. A gente sabe que o BOPE é violento, tem um treinamento duro para operações de guerra, não poupa ninguém, trata as favelas como territórios inimigos e as comunidades como populações inimigas. Em compensação, não corrompe, nem se deixa corromper. Não admite os "arregos", as transações com os traficantes que estão acabando com a PM. Hoje, secretário, não dá pra pensar o crime no Rio sem pensar no tráfico. E não dá pra pensar no tráfico sem pensar nas polícias. Um não existe sem o outro. Não só a PM. A exceção é o BOPE. Até

quando ele será exceção, não sabemos. Parece inevitável que se contamine também. Ê impossível mantê-lo como uma ilha, cercada de corrupção por todos os lados. Mas hoje, o BOPE ainda é uma ilha. Fraga não é corrupto. Transige aqui e ali com uns e outros, porque sabe que não sobreviveria, politicamente, se enfrentasse os focos dentro da polícia, em todas as frentes. Quem tentar fazer isso, secretário, cai ou morre.

— Essa imagem do Fraga tá dourada demais pro meu gosto, Vaz. Vigiar o secretário com motoristas você acha que é norma aceitável, é parte do programa de trabalho de um comandante-geral, correto?

— Não, secretário. Não é aceitável. É que, nessa guerra, cada um se agarra ao poder como pode. Se ele tivesse de se livrar do senhor e pudesse, ele faria isso, tranqüilamente. Sem nenhum peso na consciência. O que ele fez com o Amílcar não foi diferente. Ele tentou de todas as maneiras fritar e rifar o coronel Amílcar, porque sempre temeu nossa proximidade com o senhor. A mim ele não alcança, porque não sou PM. Se alcançasse, me atingiria também.

— Continue o raciocínio, Vaz. Você montou o quadro, pegou o Pilot. Parecia um professor. Volte à aula. Vamos deixar as especulações de lado.

— Exato. O ponto é: a presença do BOPE na Rocinha não interessa ao Vitor.

— Ele quer minha posição? É isso que o Vitor quer? Ser secretário de Segurança?

— Não creio, secretário. Seu cargo não é tão cobiçado, porque é uma posição de alto risco. O cargo lhe dá visibilidade máxima e, portanto, lhe confere um tremendo potencial político. Por outro lado, é uma posição que expõe muito a desgaste. É muito difícil passar pelo cargo sem pagar um preço muito alto. É pancada todo dia. O desgaste político e pessoal é imenso. É mais cômodo e mais útil permanecer na chefia da Polícia Civil, desde que o secretário não interfira muito. É lá que se decide a distribuição das titularidades das delegacias, e essa é a operação-chave, porque cada delegacia vale uma determinada importância, na bolsa paralela da polícia. Todo mês, o titular indicado e sua equipe pagam o tributo devido à caixinha da chefia, caixinha que não é do chefe apenas, ela beneficia o grupo que está

no poder. O pagamento é uma espécie de taxa pelo lucro que cada delegacia proporciona. Na PM, é bem diferente. O esquema é muito mais disperso, muito mais fragmentário, justamente porque a hierarquia organiza a instituição muito mais do que na Civil, que, a rigor, nem disciplina tem, quanto mais hierarquia.

— Quer dizer o seguinte, secretário — Amílcar troca em miúdos a aula de Vaz —, quanto mais organizada a instituição, mais varejista a corrupção; quanto menos organizada a instituição, mais centralizada e organizada a corrupção. Essa é a tese.

— Faz sentido, faz sentido — concorda o secretário.

— Desculpe, Vaz. Pode continuar. É que você começou a enrolar um pouco.

— Ok. Vou ser mais direto. Acho que fica mais fácil começar pelo negativo, pelo que não sabemos com certeza. Não sabemos se o Santiago está ou não ligado ao Vitor — Vaz escreve o número um e resume o

enunciado. — Não temos certeza de que o seqüestro da Michele tenha tido motivações não econômicas — anota o número dois e sintetiza a afirmação.

— Não sabemos se Vitor está ou não envolvido no caso Michele — registra o número três e abrevia a frase.

— Também não sabemos se a PRF agiu ou não a serviço de Vitor, no caso do desaparecimento ou da estranha negociação com Félix — assinalou o número quatro e subdividiu o enunciado em duas partes, que receberam as letras A e B.

— E o que é que vocês sabem? — pergunta o secretário.

— Nós sabemos que a PRF e Vitor se entenderam, estando ou não no mesmo esquema, e que a mentira de que Félix foi morto na Mineira interessa ao Vitor.

— Não entendi — confessa o secretário. — Por que vocês têm certeza de que Vitor e a PRF se entenderam?

O próprio Vaz responde, dando seqüência ao argumento:

— Porque a falsa notícia do assassinato do Félix na Mineira foi dada através do rádio dele mesmo, depois que ele foi capturado ou depois que se encontrou com a PRF. Se essa mentira interessa ao Vitor, como vimos... o senhor se lembra que o Vitor fez questão, de atender o Luizão no telefone de seu gabinete, que ele sabia que nós controlamos? Pois então, se a mentira interessa ao Vitor e foi transmitida ao Luizão pela PRF, é porque se entenderam, antes ou depois do sumiço do Félix e qualquer que tenha sido a participação de Vitor nesse sumiço, se é que houve alguma participação.

— Está mais claro. Para mim, agora, está claro. E o tal organismo de que vocês falaram? Esse organismo é que trocava embrulhos com a PRF?

Esse troço está ligado ao Vitor e aos grampos nos meus telefones? E o vazamento do seqüestro para o governador?

— Calma, secretário — Vaz tenta retomar o comando da

apresentação. — Vamos chegar lá devagar. Passo a passo.

QUARTO DE HÓSPEDE DO APARTAMENTO DE ALICE, 1º DE

OUTUBRO, À 1H15

247

Alice ajeita o lençol, dobra a ponta, bate no travesseiro fofo e farto, puxa a luminária mais para perto da cabeceira. As toalhas de banho e de rosto estão dobradas aos pés da cama. Renata está sentada no braço da poltrona com a foto de Pedrinho na mão e os pés descalços se deliciando no tapete felpudo. As amigas haviam dedicado os últimos quarenta minutos a falar sobre ter filhos, sobre como Pedrinho estava crescido e encantador, e sobre um pressuposto da maternidade que tornava o projeto tão complicado: a paternidade. Falaram também sobre amigos comuns e sobre a cadelinha de Renata, Tábata, um bassê que estava provisoriamente abrigado pela generosidade da vizinha, Doris. Agora, preparam-se para dormir. O dia seguinte se aproxima com toneladas de problemas e tarefas. Uma pena que o reencontro entre duas amigas não possa ocorrer em um tom alto-astral. A dor de Renata é um travo permanente. E contagia Alice, atravessando todos os temas, por mais leves que sejam.

— Puxa, Licinha. Eu fico até encabulada. Tanta atenção e carinho. Tanto trabalho eu tô te dando.

— Que é isso, menina? Vê se minha camisola te serve. Olha, presta atenção: você regula o ar-refrigerado aqui. Ele é central, mas você pode ajustar a temperatura de acordo com sua preferência. Pode até desligar, se quiser.

Alice fazia tudo para afastar a sombra do drama de Renata. Como se isso fosse possível. Como se falar de coisas práticas e de trivialidades bastasse para exorcizar os fantasmas.

— Acho que vou preferir, sim. Gosto de dormir com a janela aberta. Ar refrigerado me deixa ressecada. Não me faz bem.

— Eu era assim, antes desse namoro. Mas acabei me acostumando.

— A gente se acostuma com tudo.

— Hoje, eu ligo mesmo quando tô sozinha. Não é incrível?

— É pra se sentir mais perto dele?

— Não, passei a sentir calor mesmo. Muito mais do que sentia. Parece que a sensibilidade da gente vai se ajustando, se adaptando. Até a sensibilidade física. Não é incrível, isso?

248

— É, sim.

— Meu professor de estética diz que os casais vão ficando parecidos. Parecidos mesmo. Fisicamente. Acho que foi o Bergman que inventou essa tese.

— Quem?

— O Ingmar Bergman.

— Não sei quem é.

— Puxa, Natinha. O Bergman. Não conhece o Bergman? O grande diretor sueco.

— Não me lembro desse nome, não.

— Ele fez tanta coisa: Morangos Silvestres, Gritos e Sussurros, A Hora do Lobo, Cenas de um Casamento...

— Tem tanto tempo que eu não vou ao cinema, Licinha... Você

falando assim, me dá uma certa angústia. De repente, eu me dou conta de que tô ficando pra trás. A vida tá passando e eu tô arrastando o passo. Me sinto tão ignorante. Meio vazia, sabe? As pessoas falam de cinema, teatro, literatura, política. Até de política tô por fora. Logo eu, que já fui ligada nisso.

— Eu sei. Então não sei? Eu te conheci no diretório. Você era do movimento estudantil.

— Agora, tô longe de tudo isso. Parece que tô no exílio. Me sinto num outro mundo. Distante do mundo que eu freqüentava, dos meus amigos, das minhas coisas. Parece que eu perdi o bonde.

— Puxa, Natinha. Que besteira. Você acaba de me mostrar a foto dessa criança linda, maravilhosa e, agora, vem me dizer que perdeu o bonde, que se sente

vazia?

— É verdade. Tem o Pedrinho. Se não fosse ele...

— Só que ele não é um detalhe. Ele é um mundo inteiro. Você não tem idéia, mas não tem a mínima idéia de como eu adoraria ter um filho, como eu daria tudo o que tenho pra ter um filho como o Pedrinho...

— Desde que o pai do Pedro não viesse no pacote...

As amigas riem, dão-se as mãos e se abraçam. Renata chora copiosamente. Lava o pavor dos últimos dias, dos últimos anos. O abraço fica mais apertado. Renata soluça. Aos poucos, retoma a calma. Alice lhe oferece um remédio, um remedinho leve, que ela costuma tomar quando está

nervosa. Só pra relaxar. Renata recusa.

— E um chá? Que tal? Um chá de camomila?

— Um chazinho eu aceito.

Renata agradece. As duas andam até a cozinha. Quando passam no corredor, luzes indiretas e discretas vão se acendendo, automaticamente.

— Uauu — diz Renata. — Que máximo. Chiquérrimo, Licinha. Sua casa não é o máximo? Nunca tinha visto isso.

— Isso é frescura de minha mãe, que tem complexo de novo-rico.

— Eu sou muito diferente dela. Acho que sou nova-pobre. As duas riem e esquentam água no fogão elétrico. É Renata quem fala:

— Licinha, tá na hora de eu começar a repensar a minha vida, sabe?

Acho que essa confusão horrorosa pelo menos vai me forçar a parar um pouco, olhar pra trás, olhar pra frente. Repensar tudo.

— Isso é tão importante, não é? Eu acho. Acho que a gente deve fazer sempre isso.

— Você ainda faz análise?

— Claro. Como é que você acha que eu consigo agüentar a louca da minha mãe e o maluco do meu pai?

— Eu adoraria fazer análise. Sei lá, uma terapia qualquer.

— Você ainda freqüenta o Ravi?

— Quem?

— O nosso tarólogo. Foi você que me apresentou a ele.

— Nunca mais.

— Eu vou lá sempre que posso. Pelo menos, de três em três meses.

— Análise e tarólogo?

— Fora o centro que eu freqüento, lá na estrada Rio-Manilha.

— Não acredito. Você? — Sim, senhora.

250

— Não acredito, Licinha. Você vai até o outro lado da ponte Rio - Niterói, entra pela Rio-Manilha... Olha que é uma viagem, hein?

— Viagem maior é a que eu faço numa outra esfera, Natinha. Na esfera espiritual.

— Tudo bem. Não sou contra. Quem sou eu. Imagina. Acho o maior barato. Só que eu nunca pensei que você... Aliás, pra falar a verdade, talvez seja preconceito. No fundo, no fundo, eu achava é que rico não precisa dessas coisas...

— Umbanda é coisa de pobre...

— É, eu sei que é bobagem, sei que é preconceito. Mas confesso que, no fundo... Odeio preconceito, você sabe. Qualquer tipo de preconceito. Mesmo assim, de vez em quando, me pego agarrada a algum.

— Acontece com todo mundo. Mesmo com gente que tem cabeça aberta. Eu também admito que, lá no fundo de mim, não entendo muito bem como é que uma pessoa como você pode passar os dias, durante anos, metida com criminosos, dentro de uma penitenciária. Deve ser preconceito meu, sei lá.

— Não, eu entendo. Eu também pensava assim. Quando fiz o concurso e fui aprovada, há três anos, quase desisti. Eu tinha acabado de me formar na PUC e você estava terminando o primeiro ano. Você tinha feito o ciclo básico e estava entrando no curso de Comunicação, lembra? Eu estava louca por um emprego. Já estava separada; o Pedrinho já grande. Não agüentava mais morar com minha mãe, não ter o meu canto. Por outro lado, não conseguia nem me imaginar tendo de ir a Bangu, todo dia. Começa por aí, né? Um calvário. Sacudindo num ônibus. Quer dizer, em vários ônibus. Ou dirigindo o carrinho que a merreca do salário me permitiria comprar e manter. Depois, o mergulho no inferno.

— Mas, aqui entre nós, você tem uma puta coragem. Vendo uma mulher como você, eu sinto ainda mais desprezo quando penso nos machistas babacas, que sacaneiam a gente, que vêem a gente como bibelôs, cretinas e medrosas.

— Não é bem uma questão de coragem. Sei lá.

— Na verdade, Renata, você sempre padeceu do complexo de madre Teresa de Calcutá. Pelo menos um pouquinho... Confessa. Saiu da Psicologia e eu pensei que você fosse fazer Comunicação, porque você sempre teve o maior talento pra jornalismo, essas coisas, mas você foi fazer o quê? Serviço Social. Olhe, aqui, madre Teresa. O chá está servido.

— Obrigada, Licinha. É verdade. Tenho um pouco disso, sim. Talvez tenha a ver com minha família. Perdi o pai cedo, minha mãe sempre trabalhou, tudo pra gente era difícil.

— Quer adoçante?

— Não, tomo sem nada mesmo.

— Mas você tá segurando a onda, lá em Bangu, apesar de tudo...

— Mais ou menos. Aprendi a ver aquilo lá com outros olhos. Não é

que aquilo não seja um inferno, mas quando a gente só vê esse lado, tende a colocar mais um tijolinho nessa imagem, sendo que essa imagem também é

um tijolinho que ajuda a fazer daquilo lá um inferno. Não sei explicar muito bem. Pena e nojo não são os melhores sentimentos. Não ajudam a mudar coisa nenhuma. Só reforçam tudo o que é ruim. Só servem pra manter os críticos bem protegidos, bem longe daquela nojeira, daquele lixo, daquele inferno. Só servem pra expiar as culpas da gente, Licinha. Na prática, nojo e piedade acabam empurrando aquela realidade pro fundo do poço, onde ela não possa ser vista. Assim, ela fica bem longe e o fedor que ela exala não contamina a nossa vida, Licinha, os nossos valores, a nossa superioridade. Talvez um dia eu escreva sobre isso.

— Você já pensou em fazer mestrado? Com sua cabeça, você não devia parar de estudar.

— Eu sei. Penso muito nisso. Meu sonho, sabe qual é? Encontrar um parceiro bem legal e sair do Brasil por um tempo. Estudar fora, sei lá. Sair um tempo. Pular fora desse dia-a-dia sufocante. Olhar isso tudo com alguma distância. Pensar sobre tudo o que vivi. Sabe que reuni muita documentação interessante, durante esses anos?

— Ter outro filho...

— Pode até ser. Pedrinho precisa mesmo de um irmão.

— Ficar bem longe dos bandidos.

— Mais ou menos. Isso eu não diria. Não diria assim, desse jeito. Não gosto muito de falar assim, dizer que são bandidos, fechar a tampa e puxar a descarga.

— Não tô dizendo isso, Renata.

— Em certo sentido, tá sim. Mas tudo bem. Pra que dourar a pílula?

É assim que a gente pensa mesmo. É assim que a sociedade pensa. Eu também pensava e sentia assim, no início. Mas, com o tempo, fui mudando. Renata puxa para si uma lata de biscoitos que Alice lhe oferecera mais cedo, quando ela

recusou o jantar. Alice se cala e desenha formas aleatórias com o dedo, na tampa da mesa da cozinha, enquanto a amiga mastiga com voracidade. A anfitriã rompe o silêncio:

— Aos poucos, você passou a vê-los como seres humanos...

— É, mas... Isso não diz muito, né? Nossa obrigação é essa, ver as pessoas como seres humanos. Isso vale pra tudo e pra todos. Acaba não valendo muito. Não sei. Ando meio intolerante pro discurso politicamente correto dos direitos humanos, da religião. Pra falar a verdade, acho uma xaropada demagógica meio nojenta.

— Mas você militou naquela ONG de direitos humanos, o Viva Rio. Não foi no Viva Rio? Eu me lembro de você, nos pilotis, convocando pra manifestação pela paz.

— Foi. Eu também me lembro. Até com saudade. Aliás, devo muito ao Rubem César e ao Viva Rio. Se não fossem eles, você acha que eu teria conseguido a bolsa na PUC? Só pelos meus belos olhos? Devo muitas outras coisas também. Foi muito legal aquele tempo. Mas enchi o saco do discurso, dos símbolos, da lengalenga bonitinha, todo mundo vestidinho de branco. "O

dia do carinho." Não dá, Licinha. Não dá mais. Chega a ser ridículo. Meu coração deu uma volta. Às vezes, sinto até raiva disso tudo. De boas intenções o inferno tá cheio. Tudo isso é muito distante da realidade, Licinha. A realidade do Brasil é outra, minha amiga. Quer saber? A realidade é foda. Foda. Ê tiro, sangue, bosta, massa encefálica espalhada, misturada com feto que desce o esgoto a céu aberto. Estado, política, polícia, justiça, é

tudo ficção, Licinha. História da carochinha. Chamar os presos de criminosos é correto, claro; mas também não é. Eu aceito chamá-los assim, se a gente combinar que também vai chamar o Estado de criminoso. E a justiça, a polícia, a política, toda essa bosta. Se não valer pra todos, eu não concordo, porque os bandidos de Bangu I não são piores que os bandidos que os prenderam. E a sociedade em que eles cresceram fez deles o que são. Essa bosta de sociedade em que a gente vive, Licinha.

— Então não tem livre-arbítrio? Ninguém escolhe nada? É tudo culpa da

sociedade? Se fosse assim, todo miserável seria criminoso.

— Sei lá. Só sei que aqueles homens que estão naquela jaula de segurança máxima e que são humilhados e torturados ali, naquela jaula, não são piores que o pai do Pedro.

— Aí é que está, Natinha. Agora você tocou o ponto mais profundo. Eu tava sentindo justamente isso: que você tava falando de você. Não da sociedade ou das instituições, mas de você. Você teve uma experiência horrorosa com um policial, traumática, mas nem todo policial é como seu exmarido.

— Só os que conheci até hoje...

— Todos?

— Todos.

— Meu namorado também?

— Não. Claro que não, Licinha. Ele é diferente.

— Então, não são todos.

— Tá certo. Mas ele é uma exceção.

— Natinha, quando ele sai de manhã, às vezes sai dizendo que talvez não volte. Que acha que vai morrer. Natinha, tem dias que ele sai pensando na morte. Ele pega três ônibus todos os dias, pra ir e pra voltar. Passa as noites na guerra e as manhãs na PUC. Sustenta o padrasto aposentado, que é cardíaco e não pode trabalhar, e a mãe. Paga o aluguel, o condomínio, a alimentação. Mal sobra pra ele. Não compra roupa, nada. Não bebe, nem fuma. E não faz isso por religião, não. Acha que é o dever dele. Não aceita que eu pague nada. Evita vir aqui, comer aqui, dormir aqui. Não gosta nem

de andar no meu carro. Só saímos no Fiat Uno dele, Uno Mille. É o carro dele, Natinha. Como não tem dinheiro pro combustível, só tira da garagem no fim de semana. Pra gente passear, Nati. Você não imagina como dói nele, e em mim, quando ouvimos nossos colegas e professores falando da polícia como se fosse

uma corja de bandidos, a escória da sociedade. Alice faz uma pausa. Vai à geladeira, abre uma cerveja. Servem-se. É

ela quem volta a falar:

— Não sei se você sabe o que eles passam pra entrar no BOPE. Tem idéia?

— Mais ou menos.

— Sofrem todo tipo de desafio. Os limites do corpo e da mente são estendidos até o máximo. Você não calcula o sofrimento. Tem gente que tem vertigem, tem medo de altura, mas eles não poupam ninguém. Pra ser aprovado, tem de se equilibrar sobre uma espécie de trilho, suspenso a uns 10 metros de altura, sem rede de proteção. Sabia que os candidatos passam por sessões de tortura?

— Não, mas não me surpreende.

— Passam por tortura: pau-de-arara, cadeira do dragão, afogamento, surras. Mesmo assim, nada é pior do que a dor provocada pelo desprezo das pessoas. Chamam de Charlie-Charlie, essa parte dos testes.

— Charlie-Charlie?

— É o jeito policial de dizer CC.

— O que é CC?

—Campo de concentração.

— Deus me livre. E você acha isso saudável? —Não, claro que não.

— Acha saudável seu namorado ter-se submetido a isso? Acha bom ele ser membro de um grupo que se forma com esses métodos? Já se perguntou como é que agem os que são treinados pelo terror? Será que não agem aplicando os mesmos métodos?

— Renata, não sei se existe outro jeito de preparar uma pessoa pra enfrentar o que esses homens enfrentam. Você não pode esquecer que a loucura do treinamento tem um outro lado: quanto mais bem treinado for

um policial, menos ele vai colocar em risco a vida dele e da população; mais responsável e eficiente ele vai ser. Não adianta demonizar o treinamento. Isso é feito em todas as partes do mundo, independentemente dos regimes políticos. Eu sei que é uma loucura. Mas nosso mundo é louco.

— Não aceito isso, não posso aceitar. Não sei que eficiência é essa de que você fala.

— Renata, eu tenho certeza de uma coisa: eles abominam a corrupção. Arriscam a vida pra cumprir o dever e não admitem corrupção de nenhum tipo, em nenhuma circunstância.

— E você acredita que uma ilha pode resistir à força do oceano?

— Como assim?

— Você acha que o BOPE vai permanecer imune à corrupção por muito tempo, sendo parte de uma corporação que está tão profundamente degradada?

— Mas não é só o BOPE, não, Natinha. Tem gente muito boa nas polícias. Fico sabendo de histórias lindas, todos os dias.

— E a violência policial, Alice? O problema da polícia não é só

corrupção. É a brutalidade, também. O que você acha do extermínio? Da tortura?

— Você mesma criticou seus ex-companheiros dos direitos humanos e agora tá falando igualzinho a eles. E o extermínio de policiais, Renata? E a crueldade dos traficantes? Eles podem, porque são pobres?

— Alice, olha só que horas são. Tenho de acordar amanhã antes das sete. Como é que eu faço pra sair sem te acordar?

— Renata, você prometeu que não ia sair desse apartamento, enquanto seu caso não se resolvesse.

— Pra que o caso se resolva, eu tenho de ajudar. Não vou conseguir ficar aqui, esperando. Fica tranqüila. Pode ter certeza de que eu sei me cuidar.

— Promete dar notícias? Pelo menos isso?

—Prometo.

256

GABINETE DO SECRETARIO, 1º DE OUTUBRO, À 1H45

Amílcar toma a palavra, se ergue e vai à televisão, enquanto Vaz volta a sentar-se. Liga o vídeo e recua a fita até a imagem do escambo no supermercado. Paralisa a seqüência quando, depois que Jaiminho encosta seu carrinho numa gôndola, surge, de perfil, no canto direito do vídeo, a imagem de um homem maduro, farta cabeleira grisalha.

— Observe bem o rosto desse homem, secretário.

Vai à mesa, abre uma pasta de papelão amarela e entrega uma foto três por quatro, preto-e-branca, ao secretário.

— O homem da foto, secretário, é o mesmo que aparece no vídeo. O

nome dele é Carlos Meireles, ex-agente do SNI, oficial reformado do Exército. Nenhum cargo reconhecido. Esteve na Agência Brasileira de Inteligência (Abin) há alguns anos. Voltou ao Rio, supostamente para aproveitar a aposentadoria. Reúne-se com freqüência com alguns ex-colegas. Colegas que têm a mesma origem, mas nem todos têm a mesma idade e nem todos se envolveram na repressão, durante o regime militar. Eles não se misturam com gente das polícias. Esse é um ponto importante, secretário. Outra informação importante: nossas fontes nas polícias, que têm-se mostrado bastante confiáveis, garantem que a P2 e o Serviço de Inteligência da Polícia Civil não têm nada a ver com os grampos em seus telefones ou com os receptores de áudio em seu gabinete, e no elevador exclusivo. O Serviço de Inteligência da Polícia Civil, aliás, nem merece esse nome. É precaríssimo e tem sido mantido a pão e água, porque não interessa a nenhum chefe reforçar uma unidade que pode assumir alguma independência e lhe causar dificuldades, de uma maneira ou de outra, obstando suas ações ou criando problemas. A PM venceu a disputa que travou com a Polícia Civil pelo privilégio de dirigir o seu carro e lhe oferecer segurança pessoal. Para eles, isso já constituía controle suficiente sobre sua movimentação e sua intimidade. Eles não ousariam mais do que isso, nem teriam condições operacionais de ir além.

— Nenhuma dessas forças tentou cooptar vocês dois ou um de vocês?

Aliás, devo confessar que estou impressionado com a competência de ambos. Minha impressão não era essa. Vou falar francamente: pensava que vocês eram mais dois patetas.

— Pro senhor ver, secretário — é Vaz quem responde. polícia, é

preciso cuidado. Ninguém abre o jogo e todo mundo é muito cioso das hierarquias. A gente só revela a competência que cabe em cada momento. Esperteza demais come o dono. Na polícia então, mais ainda. Por incrível que pareça, a capacidade do sujeito. pode ser fatal pra carreira. Melhor parecer idiota do que arriscar ser considerado um risco para os superiores. E quanto à cooptação, secretário, a resposta é não. Nossa história, minha e do Amílcar é conhecida. Já aprontamos confusão suficiente nas corporações pra alguém se arriscar a uma abordagem que poderia significar, e significaria — um tiro no pé. O Amílcar já comandou o BOPE, Comandou a P2. Fez contrainteligência. Sabe tudo o que acontece na PM. Teve todas as oportunidades do mundo e nunca vacilou. Todo mundo sabe que ele é sério. Até os políticos sabem disso e não se metem com ele. Mas todo mundo sabe que ele é

prudente e que não morde, se não provocarem. O risco que ele corre não é

que tentem cooptá-lo; é que o matem. Mas ele é cuidadoso. Vaz sorri e é interrompido por Amílcar.

— Já que ele falou de mim, secretário, tenho de falar dele. Vamos parar com essa bajulação mútua e vamos em frente — adverte o secretário.

Amílcar volta à exposição:

— Eu lhe dizia que nem a PM, nem a Civil estariam em condições de operar a escuta, nem se arriscariam tanto. E, segundo os relatórios dos nossos informantes, nas duas polícias ninguém fez isso. Assim como ninguém, nas polícias, teria acesso ao governador. Vamos agora examinar a hipótese de que os grampos tenham tido origem no Gabinete Militar. O

Gabinete Militar, secretário, não tem estrutura própria para agir e seus vínculos

com as corporações são sobretudo institucionais. Claro que todo chefe do Gabinete Militar faz tudo para credenciar-se a substituir o

comandante-geral da PM ou o secretário de Segurança. Usa os contatos pessoais, enfim, faz o que pode para obter informações classificadas. Mas, em nosso caso, dificilmente alguma coisa se faria à margem do controle do coronel Fraga, porque ele e o coronel Elpídio têm uma relação muito antiga e profunda. São velhos parceiros desde os tempos de academia.

— O Elpídio não parece mesmo o tipo de pessoa que fizesse isso. Por acaso, conheci o Elpídio numa missão fora do Brasil, há bastante tempo. Sempre tivemos ótimas relações — diz o secretário.

— Portanto, secretário, excluindo as polícias e o Gabinete Militar, sobra mesmo a hipótese de que o grampo e, quem sabe?, o vazamento, sejam obra desse grupo, desse, sei lá, organismo clandestino.

— E o tal Santiago, nessa história toda? Amílcar está sentado. Vaz é

quem responde:

— Não sabemos onde está o Santiago. Sabemos que ele não está

sendo procurado só por nós. Há mais gente atrás dele. Mas não temos a mínima idéia sobre o seu destino. Lembre-se, secretário, que, se a nossa hipótese estiver certa, a hipótese sobre o curioso interesse do Vitor pela Rocinha, ele e o Santiago seriam parceiros.

— Ele, o Santiago, o Luizão... — acrescenta o secretário.

— Não necessariamente. Nem sempre é taticamente adequado trabalhar com grupos coesos, cujos integrantes se conheçam uns aos outros e compartilhem informações estratégicas. Em geral, secretário, é melhor trabalhar em rede, como as organizações de esquerda costumavam fazer, durante o regime autoritário.

— Durante a ditadura, Vaz. Vamos falar português claro.

— Nas redes, secretário, só um membro de cada segmento estabelece conexão

com um elemento de outro segmento. As redes não são compostas por agentes que se conhecem. O conhecimento é restrito àquele âmbito de cada segmento.

— Eu sei, Vaz. Conheço isso.

— Claro que o senhor conhece, secretário, estou só reiterando para que o senhor entenda nossa análise do caso. Nas redes, nem os líderes

conhecem todos os liderados. É mais seguro assim. As redes são eficientes e ágeis, e seguras, justamente porque são opacas, nos eixos vertical e horizontal. Como o senhor sabe muito bem. Portanto, não podemos saber se Luizão sabe que Santiago está ligado ao Vitor, nessa história do seqüestro. Pode ser que sim, como pode ser que não. Como também não sabemos se o Santiago sabe alguma coisa sobre o envolvimento da PRF. E muito menos se o Santiago ou mesmo o Vitor sabem do esquema desse tal organismo.

— E o governador, Vaz, até que ponto ele conhece tudo isso? —

Também não sabemos, secretário.

— Será que ele já viu o dossiê que estão montando contra ele?

— Provavelmente — diz Amílcar. — Quem chantageia só tem poder, na medida em que o chantageado conheça o poder de fogo do chantagista.

— Mas diante das fotos e dos dados bancários, a fita da mulher do empresário é secundária — avalia o secretário.

— Claro.

— Tudo é munição preciosa — pondera Vaz.

— A quem serve esse, esse tal organismo, esse grupo? Se eles trocam tanto com a PRF, isso significaria que eles ainda manteriam contato com a Abin ou com o Governo Federal de alguma maneira? — pergunta o secretário.

Amílcar responde:

— Não parece que o pessoal desse clube, desse grupo, mantenha contato com a Abin ou, pelo menos, que esteja vinculado à Abin. E digo isso não apesar dos contatos do grupo com a PRF, mas justamente por conta desses contatos.

— Não entendi — admite o secretário.

— É que a PRF está totalmente fora do controle do governo federal. A superintendência foi entregue, num acordo político firmado lá atrás, a um deputado que vende caro seu apoio ao governo federal. Um sujeito muito independente e muito poderoso no estado, o Ademar Caminha Viana Torres.

— Ele tem laços com esse tal grupo?

— Aparentemente, não, secretário. Mas nunca se sabe.

— De qualquer modo, se a PRF tem cópia desses documentos que comprometem o governador, o deputado Viana Torres também tem —

calcula o secretário.

— Provavelmente, sim. Digo, provavelmente, porque nesse ambiente de golpes e armadilhas, não se pode ter certeza, porque o superintendente pode precisar de alguma forte carta na manga para negociar futuros passos na carreira ou para prevenir-se contra surpresas desagradáveis futuras.

— Eu sei — concorda o secretário. — E comum que os políticos guardem munição uns contra os outros, sem nunca usá-las. Parece a lógica da guerra fria. Você vai se armando pra dissuadir o inimigo. Se todos lançassem merda no ventilador, uns contra os outros, não sobraria ninguém. Ou quase ninguém.

— Eles precisam pensar na sobrevivência coletiva, na preservação da espécie — Vaz acrescenta.

— Isso produz um certo equilíbrio — diz o secretário.

— Um equilíbrio sob tensão — complementa Amílcar.

— Enquanto a corda não arrebentar, eu sobrevivo, me mantenho secretário. Mas,

falando francamente, depois dessa noite está muito claro: em que é que eu mando? São bandos e grupos e gangues e barões feudais e políticos... Que secretaria é essa, Vaz? Que polícias são essas? Não são instituições. São campos de batalha. São mercados persas. São tribos em luta. Ninguém comanda nada. Essas polícias não existem. Esse Estado não é

governável, Amílcar.

— Não sei, secretário. Não sei. Talvez seja, sim, mas por alguém que não caia na malha das chantagens.

— Alguém que não tenha o rabo preso — diz o secretário.

— Vamos falar português claro. Existe pessoa assim? Se existir, uma pessoa assim chegaria ao governo? E se chegasse, não teria de deixar de ser a pessoa que é? Não teria de pagar um preço? Não teria de prender o rabo?

E, depois, não basta uma pessoa. As coisas não são assim. Teria de ser bem mais que isso.

261

— Não sei se tem saída, secretário. Ouço as pessoas mais experientes na política ridicularizando o moralismo, mas elas não entendem que, no Rio, moralismo não é virtude espiritual, é condição mínima — e bastante prática

— para que o governo não vire refém.

— Será que as pessoas um dia vão entender isso, Amílcar? O que é

que você acha, Vaz?

— Acho que a gente foi muito longe, que o senhor foi muito longe, e que agora não dá mais pra recuar.

— Mas avançar seria voluntarismo ingênuo, Vaz, seria suicídio. Que apoio nós temos pra isso? Estamos com os pés na areia movediça.

262

Epílogo

Não sei bem por que fiz isso. Não entendi o impulso. Mas o fato é que fui visitar o comandante-geral da Polícia Militar. Pedi uma audiência; ele aceitou me receber. Talvez o fato mais estranho não tenha sido meu impulso, mas a receptividade do coronel. A PM exerce uma curiosa atração sobre os seus membros. Até sobre os que saíram, como eu. Não paro de pensar na corporação, nos colegas, nas operações. Depois que entrou em minha vida, a polícia nunca mais saiu. Acho que nunca vai sair. Este livro é prova disso. Ainda que também seja prova do contrário. Quer dizer, de minha vontade de me livrar do passado. Talvez eu ainda alimente a ilusão de que minha história tenha se tornado parte da história da corporação; de que eu esteja cravado na polícia como ela está em mim. Dizendo isso, não pude deixar de pensar na faca enterrada na caveira, o escudo do BOPE. Vai ver esse tipo de simbiose só acontece com quem passou por todas as provas e se tornou oficial da tropa de elite: cada prova, uma cicatriz, ou várias. Por isso, o resultado é uma espécie de tatuagem. Fica gravado no corpo e grudado na alma. Não tem como lavar. Como não se lavam as culpas, nem se apaga o orgulho.

— Tudo bem com o senhor? Obrigado por me receber, coronel. Eu vim trocar umas palavrinhas com o senhor sobre o livro que estou escrevendo. E, o livro sobre a polícia, sobre o BOPE. Na verdade, o livro é

sobre mim mesmo ou sobre minha experiência no BOPE, e na polícia, de um modo geral. De qualquer maneira, obrigado por se dispor a me ouvir. Nem todos os que antecederam o senhor e se sentaram nessa cadeira estiveram dispostos a me receber, muito menos a me escutar. Mesmo quando eu

estava na polícia. Aliás, é engraçado isso, se outros tivessem manifestado essa generosidade, talvez eu ainda estivesse vestindo a nossa farda. Deixa pra lá, coronel, vou deixar essa conversa sentimental de lado, senão eu acabo me emocionando e fazendo um papelão. Mas o senhor há de entender. Não é fácil voltar aqui, entrar no comando geral, rever velhos colegas, encarar a garotada nova, subir essas escadas à paisana, olhar as fotos históricas, as bandeiras, sentir o cheiro da madeira envernizada das escadas. Certo, vou logo voltar ao ponto. Sei que o senhor está em pleno expediente, no meio do fogo cruzado, com um milhão de problemas pra resolver, pressão de todo lado, governador chamando,

secretário na linha, imprensa na cola, denúncia pra todo lado, bala perdida, comunidades queimando ônibus, bandidos queimando ônibus. Pois é, vou direto ao motivo de minha visita: eu vim aqui justamente porque não quero queimar o seu filme, coronel, nem o da instituição. Já chega de fogo, inclusive de fogo amigo. Se é que o senhor me entende.

E expliquei o sentido e as intenções do livro. Disse ao comandante que a verdade liberta. Ele até sorriu nesse momento, provavelmente pensando que eu era mais um convertido.

— Não, coronel, não virei crente. Acredito mesmo nisso. Não me refiro à verdade religiosa, metafísica, que se revela aos fiéis e exige a fé. Falo daquela verdade mais modesta que distingue as pessoas entre mentirosos e honestos, falsos e sinceros, hipócritas e autênticos. Ou que divide os companheiros entre a impostura e a lealdade, entre a empulhação e a dignidade, entre a traição e a fidelidade.

Eu ia continuar, mudando de tom e falando da verdade que separa as instituições entre a infâmia e a legitimidade, o abuso e a lei, mas me contive. Achei que ficaria exagerado, meio empolado, meio metido a besta. Ia parecer que eu queria dar uma lição de moral ou me mostrar. Logo eu, que detesto esse tipo de coisa. O coronel também não gosta nada disso. É um sujeito simples, como eu. Um cara inteligente, mas simples. Além disso, se prosseguisse nesse caminho, acabaria me perdendo ou, o que seria ainda

pior, acabaria chegando aonde eu não queria chegar. Até porque, se chegasse aonde não queria, o tiro sairia pela culatra. Quer dizer, todo aquele esforço de marcar hora, conseguir vaga na agenda do comandante, ser recebido, preparar o terreno, criar um clima legal, tudo se perderia. Eu não estava ali para abrir as baterias contra a polícia, como a casa da hipocrisia, o antro das mentiras mais deslavadas. Pelo contrário. Estava ali para tranqüilizar o comandante. Minha intenção era mesmo contar a verdade. Só isso. Claro que isso não é pouco. Claro que as conseqüências poderiam ser graves. Ê óbvio que a verdade seria chocante para quem não a conhecesse. Mas o sacrifício seria terapêutico. Depois da tempestade, viria a bonança.

Em outras palavras, a polícia tem sido uma grande mentira, que afeta, em

primeiro lugar, os próprios policiais. Para rasgar as cortinas e tirar as máscaras, nada como a verdade. Santo remédio. E não me venham com a velha história: a dose pode matar o paciente. Se matar, paciência. Quanta gente já morreu nessa brincadeira. O que não aceito é que continuemos o joguinho, a farsa, em silêncio, fingindo que não está acontecendo nada. Claro que eu não disse isso. Quer dizer, até disse, mas com jeitinho, sem que o coronel percebesse a carga explosiva do que lhe dizia. Tudo é uma questão de jeito. Acho que cumpri meu papel. Tanto que saí revigorado, com a alma lavada, uma sensação de alívio. Ele me agradeceu a atenção e pediu que eu tivesse cuidado com cada palavra e com o que ia contar. Mencionou as responsabilidades, a imagem pública da instituição e tudo o mais.

— Muito bem, meu caro. Então, tenha juízo e boa sorte. Levantei, agradeci de novo a oportunidade daquele encontro, toquei a testa com o dorso da mão direita, mecanicamente. Nem pensei no que estava fazendo. Mas, tudo bem. Algumas coisas que eram da polícia hoje são minhas também. Rodopiei e bati em retirada.

Na ante-sala do gabinete, ainda estava fechando a porta atrás de mim, quando Laerte me viu e abriu os braços. O major Laerte era um velho camarada, de muitos carnavais. Foi do BOPE mais ou menos na minha

época. Não fazia muito tempo, fiquei sabendo que ele tinha sido promovido a assessor jurídico do comando geral. Coisa fina.

— Rapaz, mas você está muito bem... Quando é que vem a nova promoção? Quero te ver tenente-coronel ainda esse ano, hein?

Eu estava sendo sincero. Sempre gostei do Laerte. Ele era um sujeito muito decente.

— Ah! Que bom te encontrar aqui. O que é que você veio fazer no gabinete do comandante-geral? Não vai me dizer que vai pedir baixa da baixa?

— Não, Laerte, nem se fosse possível eu faria uma coisa dessas. A melhor decisão que tomei foi sair da PM.

— Porra, não vai me dizer que deu pra cuspir no prato que comeu?

Você sempre foi o mais empolgado de toda a turma. Ninguém levava a polícia tão a sério quanto você. E agora vem me dizer que sair foi o melhor negócio?

— Mas o pior é que foi isso mesmo, Laerte. O que é que vou fazer?

Não vou mentir pra você.

— Tudo bem, está certo. Não querer voltar eu entendo. Estava só

brincando pra te provocar. Mas, por falar nisso e já que te encontrei, queria bater um papinho com você. Coisa rápida. Você tem aí uns minutinhos?

— Porra, Laerte, qualé? Parece até que não me conhece. Não é porque saí da PM que deixei de ser quem eu sou, cara. Quando foi que você precisou marcar hora pra falar comigo, porra?

— Legal. Então vamos sentar ali no sofá. Bobeia, o ajudante-deordem do comandante ou o chefe de gabinete nos servem um cafezinho. Segui o Laerte até o sofá, desabotoei o paletó e sentei ao seu lado. A ante-sala do gabinete estava na penumbra, uma temperatura agradável —

privilégios do comando. Naquele momento, estava vazia, o que, aliás, era raríssimo. Meu amigo engrenou uma segunda e começou a ladainha:

— Porra, cara, o que eu queria te falar é o seguinte: andam dizendo por aí que você está escrevendo um livro sobre a polícia. Ele parou, me olhou, continuei olhando pra ele, calado.

— Pois é — prosseguiu. — Ê o que ouvi dizer. Ele me olhava; eu olhava de volta, em silêncio.

— É verdade, cara?

— É, Laerte, é verdade.

— Dizem que você vai jogar merda no ventilador... Silêncio lá, silêncio cá. Olho no olho.

— É verdade?

Continuei calado, olhando meu amigo bem nos olhos.

— Diga, Laerte, vamos lá. Não enrola, cara. Diga o que veio me dizer. Ou você acha que eu acho que nosso encontro foi casual, que você estava por acaso passeando na ante-sala do gabinete justa mente quando eu ia saindo da audiência... Porra, Laerte, não sou criança. Renunciei à farda, não à capacidade de raciocinar. Então, qual é o recado?

— Tudo bem, cara, não tenho nada a ver com tua vida. Quem sou eu pra te dizer o que fazer. Além do mais, você já é bem grandinho. Mas não custa compartilhar contigo algumas preocupações. Te incomoda se eu fizer algumas considerações sobre isso?

— Diga logo o que você quer dizer, Laerte. Deixe de embromação. Você vai falar de qualquer jeito. Pensa que não te conheço?

— Tudo bem. É o seguinte, cara: pensa bem. Porra, cara, pensa bem. Entende o que estou te dizendo? Estou te pedindo pra pensar bem no que você vai fazer.

Ele olhava pra mim e pra porta de entrada. A qualquer momento alguém ia entrar. Pelo visto, ele não queria ser interrompido. Talvez por isso, falava baixo, como se estivesse conspirando. Eu torcia pra alguém entrar logo. Já estava ficando nervoso com aquele papo.

— Compreendo que você deu baixa de um modo complicado; sei que a polícia não te tratou bem; claro que sei o que você passou aqui dentro, cara. Mas, porra, pensa bem. De que vai te adiantar uma vingança? Pra que escrever com o fígado? Você só vai fortalecer a imagem de ressentido e, ainda por cima, vai dar de bandeja um gostinho a quem te perseguiu. Eles vão dizer: viu? Foi tudo merecido. Ele não valia nada mesmo. Está provado. Você

só vai confirmar que os filhos da puta tinham razão quando te perseguiam dentro da polícia.

Continuei ouvindo, com os olhos fixos na mesinha à nossa frente. Fazia um esforço pra não ficar irritado e pra entender que, afinal de contas, talvez Laerte

estivesse falando mesmo como um amigo preocupado, legitimamente preocupado. Era engraçado. Eu tinha ido ao comando geral justamente pra conversar sobre aquele tema. Tudo tinha ido às mil maravilhas na conversa com o comandante-geral, pra minha surpresa. E aos 45 do segundo tempo, quando já estava de saída, quando menos esperava, veio de um velho amigo o papo do qual pensei que já tivesse me livrado. Laerte parecia mais acelerado. Pegou o embalo:

— Então, cara, pra que escrever um livro? Você tem tantas coisas mais interessantes pra fazer. E depois, pensa nos seus amigos, nos seus velhos companheiros. Porra, cara, se você vai contar tudo, como estão falando pelos corredores, o que será da gente? Como é que eu vou encarar meu pai, minha mulher, meu filho? Eles vão ler o teu livro e vão me questionar. Meu filho um dia vai me perguntar: "Pai, como é que você pode trabalhar numa instituição assim?" O que é que eu vou dizer pra minha família, pro meu filho, cara? E o que é que vai acontecer com a imagem da corporação, que já vem sofrendo tanto desgaste? Você vai jogar a pá de cal. Não vai sobrar pedra sobre pedra. O que vai ser de nós? Estou falando dos seus amigos, cara, dos seus companheiros.

Nesse momento, a porta finalmente abriu e o coronel Ariosto, com sua voz de barítono, entrou como se estivesse desembarcando na Normandia. Esse era seu estilo — que, aliás, tinha virado folclore na PM. Parecia uma ambulância atravessando a procissão. Ele chegou acompanhado do ajudante-de-ordem do comandante-geral, que lhe pediu que aguardasse um minutinho — o comandante o receberia em um instante

—, e saiu novamente.

— Coronel, há quanto tempo. Eu me levantei antes do Laerte.

— Como vai o senhor?

Eu e Laerte perguntamos formalmente, sem esperar pela resposta.

Ariosto era simpático. Um sujeito expansivo. Amigo dos amigos. Era querido por todo mundo. Ou quase todo mundo, porque na polícia não existe unanimidade. Ele fez uma festa ao me ver. Eu trabalhara com ele, durante uns bons anos. Sempre nos demos bem. Ele tinha vindo do interior do estado, onde comandava um batalhão, para uma audiência com o comandante-geral.

— Vocês sabem que estou aqui rindo, brincando, mas meu coração está apertado. Uma situação muito chata.

Interrompeu para enxugar o suor na testa com a mão de jogador de basquete, que mais parecia uma raquete de tênis.

— O coração, lá no fundo, está apertado. Uma situação realmente muito desagradável. Eu, inclusive, vim aqui cumprimentar o comandantegeral. Agradecer. Ele sempre foi muito correto comigo. Sempre. Mesmo agora, ele fez o que pôde... Perdi o comando do batalhão. Apertou os lábios e sacudiu a cabeça, confirmando o que acabara de declarar.

— Perdi o comando. Que se há de fazer? É assim a vida, meus caros. Nossa polícia é assim.

Pôs a mão em meu ombro. Pensei que ele fosse mudar de assunto e fazer uma pergunta sobre minha vida. Mas ele estava concentrado em seu comando perdido.

— Pois é, major — olhou firme para o Laerte —, capitão — olhou pra mim e continuou: —, anteontem, o coronel José Henrique foi me visitar. Queria meu apoio. Vai ser candidato a deputado. Eu fui franco. Vocês sabem que sou franco. Disse que não podia. Até gostaria, mas não podia. Já tinha compromisso com o prefeito, que tinha arranjado o comando pra mim e já

tinha me avisado que também seria candidato. O que é que eu poderia fazer?

Não poderia fazer nada. Compromisso é compromisso, não é? Dívida é

dívida. Pensei que o Zé Henrique tinha entendido. Mas no dia seguinte fui informado de que o governo... a secretaria precisava do meu cargo. Me deram uma semana pra sair da cidade e preparar o lugar para o substituto. Uma semana. O comandante-geral fez tudo o que podia pra evitar. Eu sei

que fez. O possível e o impossível. Não adiantou. Sabe como é. Vocês sabem o que é a política, meus amigos. Política é uma merda. Ariosto apertou meu ombro e deu um tapinha nas costas. Logo em seguida, emendou:

— A gente se sente, sei lá.... vocês sabem. Respirou fundo:

— A gente se sente traído. Afinal, você é testemunha, não é Laerte?, eu sempre fui leal, sempre fui fiel. Nunca atrasei. Todo santo mês eu trouxe aqui pro gabinete os 7 mil reais. Nunca falhei. Falhei, Laerte? Nunca falhei. Quer dizer, teve aquele problema em abril. Só trouxe 4. Precisei de 3 pra uma obra lá em casa. Mas foi só naquele mês. Nunca faltei. Sou um sujeito que honra os compromissos que assume. Sou um cara fiel, leal. Ao Zé

Henrique, também. A grana dele eu levava em mãos todo mês, religiosamente. Vinha aqui, passava por lá. É verdade ou mentira, Laerte?

Laerte mantinha a cabeça baixa. Olhava o tapete puído. O ajudantede-ordem entrou novamente na sala e chamou Ariosto:

— Coronel, o comandante-geral vai recebê-lo agora. Pode vir, por favor.

— Gente, foi bom ver vocês. Boa sorte.

Ariosto se despediu com apertos de mão e avançou num movimento súbito que parecia uma estocada de infantaria.

Laerte me pegou pelo braço e me puxou para o canto oposto à porta. Quase no meu ouvido, depois de conferir que a sala estava vazia, sussurrou:

— Porra, cara, escreve logo essa merda desse livro. Publica logo essa porra.

Agradecimentos

Sou grato a Isa Pessoa e José Padilha, parceiros desde a concepção do projeto que gerou este livro. Lições fundamentais devo a Domingos de Oliveira, Denise Bandeira e Gideon Bolting. Procurei aplicá-las no livro. Agradeço a permanente solidariedade de meus familiares e amigos, em especial a Candido Mendes, Eugênio Davidovich, Gildo Marçal Brandão, André Corrêa, Antônio Carlos Carballo Blanco, Carlos Alberto D'Oliveira, Carlos Furtado, Carlos Henrique de Souza, Renato Lessa, Ricardo Benzaquen, Luiz Jorge Werneck Vianna, José Eisenberg, Maria Alice Resende Carvalho, Leilah Landim, Helio R. Santos Silva, Eduardo Martins, Otavio Velho, Marcos Cavalcanti, Roberto DaMatta e

Sonia Giacomini. A Maria Isabel Mendes de Almeida, uma nota muito especial de gratidão e afeto.

Aos parceiros Celso Athayde e MV Bill devo a lealdade fraterna e o exemplo de compromisso, coragem e liderança.

Meu reconhecimento a Miriam Guindani, por tantas leituras críticas e sugestões inspiradoras, ao longo de todo o processo de redação, e pela confiança persistente, mesmo quando não era razoável confiar.

Luiz Eduardo Soares

Agradeço antes de tudo a Deus por estar vivo pra contar; à tropa que nunca recuou; às minhas três razões (inspirações) pra voltar pra casa —

minha mãe, minha mulher e minha afilhada —, e a todos os que reconhecem a importância das operações especiais e compreendem seu papel constitucional na promoção da segurança pública.

André Batista

Minha mais sincera gratidão a toda minha família.

Rodrigo Pimentel

